This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NBULL, JUN,
OKSELLER.
ozier's Court,
enham Ct. Rd.,
ONDON, W.

276 d 2

H. 127

M
1895

Portuguese
R/S

L. M. Martins

AMOR E MELANCOLIA

AMOR E MELANCOLIA

OU

A NOVISSIMA HELOISA

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

NOVA EDIÇÃO

CORRECTA E ACRESCENTADA

LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1861

INSTITUTION
OXFORD
LIBRARY

A'quella que já não sente, pendura com mão tremula num ramo do seu cipreste esta pequena corôa

O Autor.

ADVERTENCIA

DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Compuz este livro sem cuidar no publico. Não pensei nem em modelos, nem em meios de produzir effeito; prohibi-me todo o trabalho, porque não forcejava pela gloria. Escrevi uma epoca dos meus sentimentos e idéas; procurei pintar o que encontrei num universo onde ninguem entrou comigo. Aquelles que lerem esta obra, desejar-lhe-hão talvez um commentario; não lh'o posso fazer. Demais, que importa ao publico se eu cobri de geroglificos um monumento que eu só levantei para mim? Convencido de que as recordações são os unicos bellos astros que adornam a noite da velhice, fundei aos vinte e seis annos da minha idade este padrão, onde virei um dia encostar-me, e pensar com saudade nos tempos que passaram.

CARTA A***

REPRODUZIDA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Ente unico! Mulher incomparavel, a quem dou com a maior effusão de ternura o nome de *minha Julia*, posto aborreça este nome, como a mascara, que occulta um semblante angelico. ¿Tal como te conheço, és tu obra da imaginação? ou da natureza? ¿Um sonho? ou uma realidade? ¿Um desejo? ou uma profecia? Condemnado a ignorar se existes, sinto entretanto que só eu e tu existimos. Estás em toda a parte; fallo-te como ao Espirito Universal; mas nunca te encontro. Algumas vezes tenho julgado ouvir-te palavras, passos, alguns suspiros, e o rugido dos teus vestidos ligeiros. Ou uma illusão teimosa me persegue, ou tu és um Genio incomprehensivel, que me acompanha eternamente, para compôr o meu destino da inexplicavel mistura de felicidade e des-

graça. Uma união mysteriosa, um hymeneu todo puro nos ligou com uma cadeia leve e impossivel de quebrar; cadeia forjada no céo, para a qual os homens não tem ainda inventado nome; se eu não sou o teu, tu és irrevogavelmente a minha esposa.

Divina Julia, se o amor é o unico genero de gloria permittido ás mulheres, gloría-te: nunca mulher alguma foi, ou ha de ser, amada como tu: a esfera dos teus meritos é infinita, a do meu amor tem igual diametro. ¿Queres tu conhecer o meu amor, e o meu estado? A natureza tem uma só imagem que os possa representar; são os desertos africanos: o circulo do seu horisonte se desfaz na immensidade; um céo de ferro em braza pésa sôbre areiaes estereis, estereis como a desesperação, e mudos como o sepulcro; tempestades de fogo agitam os arès; o viajante, queimado da sede, julga ver muitas vezes lagos abundantes, que desapparecem logo á sua approximação, por que só eram formados pelos raios do sol reflectidos nas areias. Se tornares mais raros nestes desertos os pequenos oásis de verdura que os interrompem de longe em longe, tens o estado perpetuo do meu coração.

Perdoa-me, Julia: eu tenho cem vezes derrubado do altar o idolo; tenho-me dito «a mulher perfeita não existe». Então tu te aniquilas, e eu gózo da mais horrivel liberdade. Acordando de um sonho luminoso, acho-me opprimido das trevas: mas a Phe-

nix renasce das suas cinzas, e o mar agitado produz segunda Venus.

¿Este amor, que nasceu sem semente, cresceu sem esforços, enlaçou com as suas raizes toda a minha essencia, e que tantas vezes se tem coberto de flores, Julia, este amor regado pelas minhas lagrimas, não produzirá jámais um fructo?...

Se este livro, que eu compuz para ti, chégar ás tuas mãos, serás a unica pessoa, depois de mim, que o entenda; porque o espirito que saiu da minha boca, passará invisivel e mudo por entre os homens, e só irá fallar aos teus ouvidos. Mas se tu não existes fóra da minha imaginação, filha da minha ternura, sê ao menos uma chimera eterna.

ADVERTENCIA

D'ESTA NOVA EDIÇÃO

Porque será que tão apoucada obrinha, como esta é, se tornou tão acceita, que esgotada para logo a primeira edição, seguida de outra e outras no Brasil, ainda não deixou de ser pedida? e porque será, que, ha tantos annos pedida, nunca até hoje o autor poude acabar comsigo que a republicasse?

Eu, ao certo ao certo, não o sei; mas suspeito que entrevejo uma e outra causa.

Agradou este livrinho, porque era uma flôr de annos verdes, nativa e inculta; e essas taes agradam sempre. Quizeram-lhe tambem, por suspeitarem que algures no coração lhe estavam as raizes, e sob a fabula palpitava realidade; e era assim.

Ora, por isso mesmo que assim era, é que o autor sentia uma repugnancia instinctiva a revolver

magoas que já não era pouco terem-se uma vez experimentado, e resuscitar para si penas que elle não repartira com os seus leitores, mas que lá estavam por baixo de toda aquella florescencia poetica.

Agora... são passados trinta e tres annos! Posso já render-me a instancias tão obsequiosas. O tempo, incessante metamorphoseador de tudo, converteu os espinhos em saudades; nestas já o coração consente em se reclinar.

Talvez que lá ao diante eu revele esse meu antigo segredo.

Então se reconhecerá, que trinta e tres annos de espera não foram de mais.

Se relêr o *Amor e Melancolia* me repugnava ao sentimento, confesso que tambem pouco me apetecia ao gosto poetico. Os trinta e tres annos ultimos tinham cambiado extraordinariamente a litteratura poetica geral, a portugueza, e a minha tambem. Este livro, que saíra á moda do seu tempo, desdizia pois, na maxima parte, das idéas e estilo de hoje em dia. Fôra uma das minhas primeiras excursões no campo da revolução litteraria d'este seculo; mas a revolução, obedecendo á lei geral, progredira de ruinas em fundações, e de fundações em ruinas, até perder de vista o seu primeiro horisonte; em quanto o meu poema ficára expressando uma hora d'essa mesma revolução, já passada, já esquecida por ventura, e não certamente a mais brilhante.

Nascido, creado, ajuramentado, na escola classica,

devendo só a ella o primeiro favor que achei no publico, fanatisado pelos bellos genios da antiguidade, não cheguei senão tarde a fazer justiça a este livre e creador movimento da nossa era. Rendi-me, fascinado pelos seus prestigios, arrastado pelo caudaloso do exemplo, inspirado pelos dictames da propria razão.

D'aqui, uma especie de eclecticismo, incalculado, involuntario, irreflectido, que vem ressumbrando por todas as minhas paginas d'esse tempo. Fazem lembrar, ao menos a mim, os oratorios dos pagãos neophitos no primeiro seculo da egreja, nos quaes se adoravam, alumiados e inflorados a par, Jesus, Esculapio, os deuses Lares, e o Anjo da Guarda.

Hoje sou tambem eclectico, mas com mais tino, mais discernimento, e melhor gosto, cuido eu; todo me confranjo ao contemplar aquellas amalgamações incongruentes e absurdas, que eu então fazia sem as perceber.

O sabel-as eu neste livro era uma sobre-razão para o desvio em que me andava d'elle.

Lembrou-me refundil-o para o afinar todo harmonicamente. Parecia-me que refazendo-o por parte da poesia, grande beneficiação lhe podia ao mesmo tempo introduzir tambem por parte do estilo, da linguagem, da metrificação; e da rima. Amigos cuja opinião é para mim decisiva, e de grande peso de certo para todo o publico, me conjuraram para que respeitasse a obra tal como o gosto geral, juiz supre-

mo, a havia consagrado. Um d'elles é nada menos que Pontifice da religião litteraria: é Latino Coelho. Obrigou-me a prometter-lh'o. Que poderia eu recusar a quem me deu a immortalidade?!

A. F. DE CASTILHO.

AMOR E MELANCOLIA

OU

A NOVISSIMA HELOISA.

PARTE PRIMEIRA.

INTRODUCÇÃO

A MUSA MELANCOLICA

> Secca é la vena de l'usato ingegno,
> E la cetera mia rivolta in pianto.
>
> PETRARCA.

Doce filha do Parnaso,
na c'roa que tu me deste,
não ha de loiro um só ramo;
é toda murta e cipreste!

Porque não guias meus passos
por entre honrosos espinhos,
da tua montanha aos cumes,
do etereo assento visinhos?

Ou, pelo menos, aos prados
que rega a Castalia fonte,
onde rosas, que não murcham,
colhe alegre Anacreonte,

onde Ovidio a amar ensina,
onde folga o bom Catullo,
onde se abraza Propercio,
onde suspira Tibullo?

Casta Deusa do Permesso,
por tua amorosa mão
vejo-me sempre guiado
ao fundo da solidão!

Ali me sorris ás vezes;
mas sempre no teu sorriso...
não sei que tristeza occulta,
não sei que pesar diviso!

Nem trazes rosas no seio,
nem a fronte engrinaldada;
aos favonios dás a trança,
livremente desatada.

Escarlate ou niveo trajo,
ou mimoso azul celeste,
nunca a meus olhos presentas;
só negra, funérea veste!

Levás-me sempre a assentar-me
nalguma gruta sombria,
templo deserto e selvagem
da fiel Melancolia!

Tudo ali resoa triste:
aura geme na espessura,
as aves cantam saudades,
magoas a fonte murmura!

Dás-me o licor de Aganippe
numa taça enfeitiçada,
aonde de Amor chorando
a imagem se vê gravada;

pões-m'a aos labios sequiosos;
eu bebo, suspiro, córo,
vou, passeio, volto, paro,
medito, abraço-te, chóro.

Que doce embriaguez me agita!
não é tumulto e alegria,
sinto correr com meu sangue,
respiro melancolia!

Minh'alma se abraza em éstro,
bate as azas, vôa, gira;
eis, para ajustar-m'a aos cantos,
afinas a eburnea lira;

mas de repente uma corda
lhe rebenta com fragor!
era a corda consagrada
aos hymnos de alegre amor;

a que de Eurídice em vida
mais vezes pulsava o Thracio,
que o Theio Velho usou sempre,
que usou quasi sempre Horacio.

Em logar d'este aureo fio
de som festivo e jocundo,
pões ferrea corda, que vibra
das campas o tom profundo.

Todo o instrumento é mudado.
Prazeres de amor, não mais;
tremei de girar-lhe em tôrno,
de ouvir-lhe os funéreos ais.

Outros cantem seus prazeres,
suas esp'ranças c'roadas,
e dias deliciosos,
e noites afortunadas.

De saudades e desejos
os meus cantos só componho.
Se algumas horas me riem,
são curtas horas de um sonho.

Vós, não ouseis os meus versos
tocar com profana mão,
vós, que ignorais as delicias
que habitam na solidão.

Os felizes não me leiam;
mas tu, vem chorar comigo,
vem deleitar-te em meus versos,
vem ser meu fiel amigo,

tu, mancebo, em cujo peito
uma paixão desgraçada
de pensamentos saudosos,
de vãos delirios se agrada.

Leia-me aquelle, a que a morte
roubou com braço cruel,
e cobriu de eterna pedra,
a sua amiga fiel.

Leia-me a virgem, que á tarde,
á hora em que baixa o sol,
no jardim passeia; e pára
quando escuta o rouxinol;

que pensativa suspira,
e mal distingue o porquê;
com seu coração conversa
quando sósinha se vê;

que é sempre triste de dia,
e córa, e sorri de pejo,
quando a amiga lhe protesta
que adivinha o seu desejo.

Leia-me a esposa inda nova,
em seu quarto silencioso,
á meia noite, sósinha,
em quanto não vem o esposo.

Vós sois a minha familia,
vós que em lagrimas amais;
carpí comigo; do mundo
não busco nem quero mais.

A VISÃO

Deh! dove senza me, dolce mia vita,
Rimasa sei sì giovane e sì bella.

ARIOSTO.

Ao longo de uma ribeira
eu passeava sósinho;
e um passaro ouvi cantando
sobre um ramo ao pé do ninho.

A espôsa guardava os filhos
co'as azas agasalhados;
todo o valle era em silencio;
e elles ambos sem cuidados.

De sua vida amorosa
concebi toda a doçura;
e achei-me sósinho á beira
da corrente que murmura.

Afastei-me tristemente;
e um zephyro de passagem
me trouxe um cheiro de flores
d'entre a proxima folhagem.

E eu disse: «Este halito doce
«do seio de esposos vem;
«mais de uma florinha virgem
«agora se torna mãi.»

Vi que estava solitario;
e d'este aroma o prazer
junto á beira da corrente
mais me veio entristecer.

O sol ia quasi a pôr-se;
e a frouxa luz que espargia,
as aguas, e o campo, e o bosque,
tudo em purpura tingia.

Ao longe ouvia as pastoras,
que os seus rebanhos levavam;
elles balavam contentes,
ellas de amores cantavam.

O sol se escondeu de todo;
e d'aldêa sobre a ermida,
ao longe, o sino saudoso
deu ao dia a despedida.

Os campos ficaram tristes.
Só de momento em momento
se ouvia um cão em distancia,
ou brando agitar-se o vento.

E eu me achei só, assentado
ao pé d'agua que fugia;
e os sons da tarde em minh'alma
dobraram melancolia.

Já tinha nascido a lua
no ceo formoso de estrellas;
quando boiava agua abaixo
barco sem remo nem velas.

E o barqueiro ía cantando
não sei que saudosas mágoas...
assentado sobre a pôpa,
debrùçado sobre as aguas;

e quando elle interrompia
seu cantar, e assobiava,
mulher que vinha com elle,
em voz mui doce cantava.

A noite, as auras, a lua,
rouxinoes a gorgear,
me inspiraram sentimentos,
que não tive a quem narrar.

Então co'o pranto nos olhos,
no coração a tristeza,
«Que faz a flôr no deserto?»
perguntei á natureza,

«que faz um astro brilhando
«a paiz deshabitado?
«que presta um cabeço fertil
«no meio do mar salgado?

«Porque me fazes num vago
«inutil fogo abrazar,
«se não acho neste mundo
«uma só que eu deva amar?!»

E eu voei c'o pensamento,
qual relampago ligeiro,
aos muros silenciosos
de solitario mosteiro.

Melancolico e silvestre
era todo esse logar:
de um lado, montanhas ermas!
do outro, pinhaes, e o mar!

E eu entrei ao mesmo tempo
no fundo do sanctuario!
das câmpas o surdo estrondo
movi com pé temerario!

Por toda a parte achei noite
e o silencio mais profundo:
nenhuma voz! nenhum passo!
nenhum dos filhos do mundo!

Só do môcho sobre o tecto
o triste piar se ouvia,
que pela abobada extensa
se alongava, e se perdia.

Logo o relogio da torre
meia noite fez ouvir;
do templo os ecos acordam,
e tornam logo a dormir.

Depois um sino, tocado
por forte invisivel mão,
chamou triste os pensamentos
para a nocturna oração.

Do côro, até'li deserto,
foram cheios os logares;
no ar, até'li calado,
reinaram ternos cantares.

A hora, o logar, as trevas,
e aquellas vozes suaves,
reuniram na minh'alma
á ternura idéas graves.

Ao tronco de uma columna
pensativo me encostei.
Muito mais triste que d'antes,
e muito mais só me achei.

Emmudeceu todo o côro;
eis as luzes se retiram;
bateu a porta ao fechar-se;
as santas irmãs sairam.

Da alampada veladora
o lume, já quasi extincto,
de mil tremulos fantasmas
encheu do templo o recinto.

Logo o relogio da torre
uma hora fez ouvir;
do templo os ecos acordam,
e tornam logo a dormir.

Afastei-me horrorisado,
e veloz nesse momento
ao dormitorio tranquillo
me arrojei co'o pensamento.

Mão na face, e olhos na lua,
vi dentro de escura cella
chorosa virgem, sentada
ás grades d'alta janella.

Conheci por seus cabellos,
e seus trajos seculares,
que não era das votadas
eternamente aos altares.

Conheci que um pensamento
nutria triste, e profundo;
e eu disse: «Qual eu me vejo,
«se vê sósinha no mundo!»

E todos quantos affectos
su'alma encerrados tinha,
num profetico delirio
foram presentes á minha.

Apertei-lhe a mão com força,
e chegando-a ao coração:
«Ambos achámos» — lhe disse —
«o que buscámos em vão.

«Por este céo me protesta,
«que eu juro por este céo,
«tu, ser minha eternamente;
«eu, ser para sempre teu.»

O céo ouviu nossos votos;
viu-nos a lua abraçar;
e ambos juntos assentados
ficámos a conversar.

Logo o relogio da torre
duas horas fez ouvir;
os ecos de novo acordam,
e tornam logo a dormir.

Mas esta virgem quem era
porque entrou na solidão?
d'onde o seu ar pensativo?
d'onde a interna agitação?

Alta noite!.. ella sósinha!..
porque razão não tremeu?
ao mortal desconhecido
como subito se deu!

Onde existe esse mosteiro,
esse encantado logar?
de um lado, montanhas ermas!
do outro, pinhaes, e o mar!

Homens, deixai meu segredo;
Baste saber que eu sou d'ella,
seja onde fôr seu retiro,
seja quem fôr esta bella.

Mulheres, este fantasma
vos excede nos encantos.
Serão d'elle eternamente
o meu amor e os meus cantos.

A VISITA IMAGINARIA

J'ai cru voir sa vertu, son malheur et ses charmes;
Et ce doux souvenir a fait couler mes larmes.

ROUCHER.

Noite umbrosa envolve a terra;
succede o repouso á lida,
grato repouso que os homens
para os prazeres convida.

Cada qual isento agora
d'enfadonha occupação,
se dá todo aos passatempos
que mais acceitos lhe são.

Nos aureos salões se ajuntam
numerosas sociedades;
o povo inunda os theatros;
vaga o rumor nas cidades.

A visitar quem adoro
eu quero voar ligeiro.
Esta noite que me envolve,
cérca tambem seu mosteiro.

Fantasia, é noite; acorda;
á nossa deidade vamos;
de amor ao facho divino
teu facho accende; partamos.

Como os caminhos se encurtam
á tua luz feiticeira!
a longa estrada nos foge
com despedida carreira.

Debaixo do nosso vôo
fazes de sorte passar
montes, prados, bosques, rios,
que os não chego a divisar.

Aos portões eis-nos chegados;
suspende... porém que vejo!
de par em par se arrombaram!
vai triunfar meu desejo.

Detem-te; reflecte um pouco...
olha a mudez e o terror...
retrocedamos; teu facho
foi acceso á luz de amor!

Não deves.... ouve o silencio...
olha a santa escuridade...
não entremos; calca o facho,
extingue-lhe a claridade.

Em vão te conjuro, ó louca
indomavel fantasia!
bem! tu me obrigas, me arrojas,
cobremos pois ousadia.

Debaixo das plantas minhas
estas marmóreas escadas
de horror tremer me parecem,
de horror de ser profanadas!

A abobada que nos cobre,
do nosso valor se assombra;
em seculos de existencia
não deu a um só homem sombra.

Eis seu quarto! Entremos... Numes!
está sombrio e deserto!
voltemos os nossos passos,
vou encontral-a de certo.

Nesta larga e tenebrosa,
veneranda e muda arcada,
ha um sitio... Oh ceos! E' ella!..
eis o sitio... eil-a sentada!

Sôbre a mão reclina o rosto
tristemente pensativa;
só brilha na vasta casa
alampada semiviva,

cujo clarão palpitante
ondêa sombras escuras
no pavimento alastrado
de marmoreas sepulturas.

E' sonho! é possivel!... ¡nesta
medonha casa da morte
a mais bella entre as mais bellas
muda! e triste!... e d'esta sorte!

Desconsolada e sósinha,
de seus annos no verdôr
languece, qual no deserto
mimosa, isolada flor!

Sua paz não perturbemos;
respeite-se o seu retiro;
contemplemol-a em silencio...
lá sólta um longo suspiro...

lá dirige á luz seus olhos...
lá chora... lá se levanta...
passeia; as campas resoam
debaixo da airosa planta.

Pára um momento, e medita...
torna agora a suspirar...
suas palavras sumidas
não deixemos escapar.

Se eu a adoro!... Oh Deos! se a adoro!
se creio em seu coração!...
ah! que dúvida amargosa!
mas que suave expressão!

Dessa funesta incerteza
corramos a libertal-a:
eis-me aqui; vôa a meus braços:
ah! deixa abraçar-te... ah! falla!

falla, dize, inda duvidas?
teu amor inda receia
que eu não arda eternamente?
que em teus protestos não creia?

Mas... fujamos d'este sitio,
d'estas moradas tristonhas!
a amor solidões aprazem,
mas hão de ser mais risonhas.

Esta alampada da morte
lança-lhe n'alma o terror;
de Hymeneu por entre os fachos
só verás sorrir-se Amor.

Acompanha-me, voemos;
em logar de sepulturas,
Elysio real nos chama,
e não sonhadas venturas.

Fantasia!... ah deshumana!
porque me illudes assim?!
porque apagas teu archote?!
porque te afastas de mim?!

A IMAGINAÇÃO E A RAZÃO

... absens absentem auditque, videtque.

VIRGILIO.

Mêio disco do astro d'oiro
ja se escondeu no occidente;
clarão purpureo, da selva
as copas tinge sómente.

Agora, que a noite cresce,
e vai desfazer-se o dia,
quero gozar da saudade,
do amor, da melancolia.

Que longo intervallo immenso
vai d'este bosque aos seus lares!
os ares que ella respira,
quão longe são d'estes arès!

Entre nós se estendem valles,
densas matas, altos montes;
horisontes se encadeiam
entre os nossos horisontes.

Quando aqui nos ceos retumba
o fragor da tempestade,
quem sabe se os ceos que a toldam,
não gozam serenidade!

Quando os euros lá bravejam,
e duro estala o trovão,
talvez os meus ceos no emtanto
em calma azulados são.

Nós fallâmos um do outro,
um pelo outro suspirâmos,
mas nunca as palavras nossas,
nossos ais nunca escutâmos.

Ignoro quando passeia,
dorme ou lê, medita ou chora,
e quanto igualmente eu faço,
tudo, oh ceos! tudo ella ignora!

Vivam longe os que se odeiam,
mas separados não sejam
entes que attrae sympathia,
e só por se unir forcejam.

Mas, graças á natureza,
que a dor previu dos amantes,
e lhes deu na fantasia
com que doirar seus instantes:

do mundo real se escapa
amoroso pensamento,
e no seio de quem ama
vôa a esquecer seu tormento.

Nestes instantes o corpo
fica de todo olvidado;
embora Jove o fulmine,
ou cáia o ceo despenhado;

nada teme e nada sente
o espirito venturoso;
triunfa em sagrado asilo;
um Nume o tornou ditoso.

É d'esta sorte que eu vivo
sempre co'a minha Deidade;
amor me deu suas azas;
cruzaría a immensidade.

Pela manhã, quando acorda,
vou encontral-a em seu leito,
escuto-lhe a voz primeira
que sólta do terno peito;

acompanho-a todo o dia,
oiço-a a lêr, oiço-a a cantar,
pelos jardins do mosteiro
sigo-a attento a passear;

entre ella e as amigas suas
vou-me assentar ao serão,
a gozar da sua livre
e facil conversação.

Eu sou d'ella, estou com ella,
ninguem ali me perturba;
em vão de mil importunos
me persegue odiosa turba;

deixo-os fallar a seu gôsto,
nada lhes oiço nem digo,
elles me julgam presente;
e eu, querida, estou comtigo!

Se o homem todo enthusiasmo
não tivesse esta razão,
que inimiga dos prazeres
o retem na escravidão,

nem de amor entre os martirios
se acharia desgraçado;
de imaginarias delicias
faria um risonho estado.

Que vezes a fantasia
compassiva, e sábia, e destra,
um quadro para a ternura
nos compõe com mão de mestra!

Quer com elle eternamente
recrear o coração;
eis negra esponja por cima
lhe vem correr a razão;

desapparece o brilhante
colorido encantador,
e ás faces que enchia o riso,
volvem lagrimas de dor.

Se os sonhos, em que eu te vejo,
em que eu te fallo, durassem,
talvez que illusões tão vivas
sem outros bens me bastassem.

Mas a razão inimiga
mil vezes co'o sôpro seu
me apaga o facho luzente,
com que eu girava no ceo.

Então baqueio, e me abismo;
e com teu lume divino,
razão, nada mais descubro...
que o terror do meu destino.

Razão, razão importuna,
não bebas meu pranto ardente,
procura quem te procura,
deixa em paz o amante ausente.

Do teu Laplace e teu Newton
não te peço os nobres loiros,
os meus delirios me bastam,
são meus unicos thesoiros.

Quando eu fallar-lhe supponho,
não me venha a tua voz
gritar: «Insensato, observa...
que longo espaço entre vós!»

Quando eu julgo estar ouvindo
mil expressões de ternura,
não brades: «Quem sabe, insano,
se a bella não é perjura?»

Valem mil duras verdades
uma agradavel mentira?
oh! quanto a loucura é sábia!
oh! quanto a razão delira!

O PENSAMENTO TEMERARIO

Il pensamento in sogno trasmutai.

DANTE.

Que fresca risonha e leda
desponta nos ceos a aurora!
como brinca entre as ramadas
aura sutil creadora!

Como do rio apressado
molles ondas murmurantes
co'a luz nova se apresentam
cristalinas, scintillantes!

Repousar me apraz á sombra
d'este arqueado chorão,
que os longos ramos ondea
á mais tenue viração.

Que fresco e suave abrigo!
passe embora quem quizer,
um véo frondoso me occulta;
ninguem me aqui póde vêr.

Do mundo estou separado:
que prazer! que paz tão bella!
agora sou meu, sou livre,
quero occupar-me só d'ella.

Como é formosa e engraçada!
que doce ternura tem!
que de virtudes a animam!
e quanto as exprime bem!

Se eu podesse agora mesmo,
agora... neste momento...
ir ter com ella, encontral-a,
qual me está no pensamento!...

com que prazer abriria
a porta do quarto seu!
porta que aos olhos profanos
esconde o interior do ceo!

Inda agora é madrugada;
havia de a achar dormindo;
chegára ao leito, onde poisa
de meus ais o objecto lindo;

junto d'elle achára as vestes
de fórma e côr engraçada,
e as flores que ind'hontem mesmo
se ornaram co'a minha amada.

Sobre a mêza, e junto á penna,
veria deixada em meio
branda carta, amavel cofre
de rara ternura cheio.

Então, mais audaz ainda,
porém não mais abrazado,
erguêra manso as cortinas
de seu leito perfumado.

Eil-a! é Venus que repousa
entre os braços de Morpheu!
ou a risonha innocencia
que tranquilla adormeceu!

Candido linho lhe encobre
sua angelica figura;
dir-se-hia que sente inveja
de tão extremada alvura!

Mas o rosto, o collo, e um pouco
do seio se vê patente,
e numa das mãos repousa
sua face brandamente;

a outra talvez se aninha
entre dois globos de neve...
Volta, ousado pensamento;
onde o teu vôo se atreve!

Mas devo esperar que acorde?
ou, fartando os meus desejos,
roubál-a ao seio do nada
com mil diluvios de beijos?...

Sim: quero beijar-lhe a face,
depois a bocca entre-aberta,
e depois... do seio incauto
essa porção descoberta.

Mas que é isto? Que tiranno
destroe a minha illusão?
Quem me desperta? Ah! das auras
foi ligeira viração.

Alguns dos pendentes ramos
dar-me no rosto vieram,
e, destruindo o aposento,
no campo me repozeram.

Vai-te, ó zephyro importuno,
e na sombria caverna
entre os austros procellosos
possas ter morada eterna.

Nunca mais ternos afagos
desfrutes da rubra Flora,
nem gozes da primavera,
nem annuncies a aurora;

e nunca mais quando Julia
em seu jardim passear,
com seus vestidos lhe possas,
com suas tranças brincar.

A SÉSTA

Il men di sua bellezza è il bel sembiante.

ZAPPI.

Co' os olhos meio fechados,
sobre um sofá voluptuoso,
recostada e negligente
ella se entrega ao repouso.

Nevado, aéreo vestido
lhe cobre os membros gentis;
um musulmano a tomára
pela melhor das huris.

Almofada côr de rosa
lhe serve ao braço de encosto;
um leque attraindo as auras,
lh'as faz voar ante o rosto,

em tôrno do collo eburneo,
e sobre o encalmado seio,
que palpita descoberto,
e patente até ao meio.

A janella, está cerrada;
a camara, quasi escura;
o ceo e a terra se abrazam!
aqui se abriga a frescura.

Ninguem entra a perturbal-a;
toma um livro, e lê chorando;
os olhos ao ceo dirige,
suspira de quando em quando.

E' tua gloria este pranto,
piedosa Cottin divina;
este pranto é dado aos males
de Mathilde, ou de Malvina.

Se eu podesse... ah! se eu podesse
a doce voz que innamora
escutar d'esta sensivel
e consternada leitora!..

ouvir-lhe pintar as noites
de Malvina desgraçada,
em que ella a morte esperava,
ao vão tumulo escostada!...

Que inuteis desejos formo!
quasi, quasi me esquecia,
que esta scena era só fructo
da amorosa fantasia.

A REGA DOS POMARES

Où les rayons des cieux tombent avec amour.

STAEL

Baixa o sol, refresca o valle;
respirem-se os livres ares;
vai dar-se principio á rega
d'estes floridos pomares.

Sôa a nora, enche-se o tanque,
abrem-se as grossas torneiras;
saltam, descem, correm, giram
mil trepidantes ribeiras.

Uma rede, um laberinto
de buliçoso cristal,
retalha toda a planicie
d'este espesso laranjal.

Bebem frescura as raizes;
exhalam mais cheiro as flores;
o viço alegra a folhagem
crestada pelos calores.

Como tudo está contente!
como bello é tudo aqui!
o ar é doce, o ceo de leite,
a natureza se ri!

Em quanto as águas dirigem,
desvelados pomareiros
cantam seus rusticos versos,
que se alongam nos oiteiros.

Que estação! que sitio! que hora!
prazer, tristeza e ternura,
nestas auras dissolvidos
se respiram com doçura.

Não sei que esp'rança e desejo,
não sei que amor e saudade
confusamente se encontram
agora na soledade!

Sereis vós presentimentos
de um fado e vida melhor?
sereis vós os precursores
de bellos dias de amor?

Uma secreta alliança
me prende á terra florída,
aos ares, aos céos, ao bosque;
tudo a gozos me convida.

Natureza chama o homem,
o homem buscal-a vem,
nutrir affectos de filho
ao pé da mais terna mãi.

Doce commercio ineffavel!
encontro de alma surpreza!
a natureza com o homêm,
o homem com a natureza!

Nasce, ó lua; é tempo, nasce,
enche o ceo co'a luz de prata;
do vasto arvoredo as copas
inteiras no chão retrata.

Eil-a rompendo se eleva!
tinge a noite alvo luar:
correi, Driades, agora,
vagae no vosso pomar.

O ar é doce, o ceo de leite,
a natureza se ri;
estas auras vos convidam;
d'entre as arvores saí.

Vinde em circulos formosos
unidas dançar ligeiras,
engrinaldadas as tranças
da alva flor das larangeiras.

Mas não, não saiáes por ora;
qual de vós ha que se affoite
a descer do tronco ao valle
antes que seja alta noite?

Só vos juntais na floresta
quando o silencio é profundo,
quando um só lume não brilha,
nem véla um mortal no mundo.

Dos dias ao mais formoso
succede a noite mais bella;
porque não vens, minha Julia,
porque não vens gozar d'ella?

O rouxinol solitario,
este zéfiro cheiroso,
este murmurio das folhas,
d'este logar o repouso,

tudo parece chamar-te;
oh! se agora aqui viesses...
se da flor das larangeiras
a alva fronte guarnecesses...

se em torno aos braços despidos
solto o cabello ondulasse...
se te encostasses a um tronco,
contemplando a lua em face...

até zéfiro te havia
uma Driade julgar,
uma Driade, a mais bella
que houvesse neste pomar.

Poderias ser tomada
pela rubra e casta Flora,
pela fagueira Pomona,
ou pela joven Aurora,

ou pela filha de Céres
no Etna colhendo flores,
ou pela mais linda Graça,
ou pela mãe dos amores.

Não; tu parecêras Julia.
Mas então este pomar
se tornaria do Elysio
o mais formoso logar.

A NOITE DO CEMITERIO

Un cimetière aux champs! Quel tableau! Quel trésor!

LEGOUVÉ

Neste logar solitario,
que faz mais saudosa a noite,
quero que ao mundo fugido
o meu coração se acoite.

Em quanto o silencio umbroso
envolve o nosso hemisferio,
venho sentar-me sósinho
da morte no ermo imperio.

Habitação dos espectros!
dos mortos fria morada!
jardim do perpetuo somno!
terra aos tumulos sagrada!

eu te saúdo tremendo;
e á sombra dos teus ciprestes,
de pacifica ternura
procuro instantes celestes.

A noite reina, já tudo
dorme na proxima aldêa;
a immensidade do espaço
se acclara co'a lua cheia.

Soltos véos de etherea prata
fluctuando no horisonte
de quando em quando lhe encobrem
a saudosa, a bella fronte;

então se augmenta a tristeza,
as sombras se espessam mais,
suspiram auras e plantas,
redobra o môcho os seus ais.

Mas eis um vento que sopra;
eis de novo a luz accesa;
eis se ergue outra vez o pano
á scena da natureza.

Eis no tácito recinto
entrando de novo a luz;
outra vez entre os ciprestes
alveja a marmórea cruz.

Já na terra se descrevem
os vastos, fendidos muros;
já pelo chão se retratam
longos ciprestes escuros.

Emquanto aos esguios troncos
altos espectros se abraçam,
ou com mil fórmas terriveis
ante mim calados passam,

em quanto larvas aéreas
ao luar sentar-se vão,
alem, d'escalvados craneos
sôbre terrivel montão;

nestas hervas recostado,
neste deserto profundo,
conversarei co'os finados,
filhos outr'ora do mundo.

Aqui onde ha pouco a terra
parece que foi volvida,
que humano dorme? que humano
saiu ha pouco da vida?

Em nome dos céos, responde;
abre a terra; a pouco e pouco
te levanta; a voz desprende
do peito gelado e rouco.

Quem és? não temo; declára:
avança, tudo aqui dorme.
Olha em tôrno, é tudo noite;
avança, fantasma enorme.

Vem-te assentar ao meu lado,
augmenta-me o meu terror;
de tuas compridas roupas
que importa o medonho alvor?

nem teu olhar agoireiro?
nem teus vagarosos pés?
nem tuas mãos descarnadas?
nem a tua palidez?

Mas que som se escuta ao longe!
os gallos cantam na aldêa;
os gallos? vai pois a noite
apenas correndo em meia.

E' nesta hora que a morte
costuma ás portas abrir,
e pelas fendas das campas
todos os mortos sair.

Por que pois de mim te afastas,
fantasma? por que te esváes?
deixou-me; sómente escuto
ao longe seus frouxos ais.

Tornou-se ao perpetuo leito,
dorme no seio do nada,
ante meus pés, nesta terra
recentemente cavada.

Mas quem é?.. Não, não me engano:
a ultima que aqui veiu
foi tenra, innocente virgem,
trança escura e branco seio.

Por pouco que a minha dextra
este terreno escavasse,
daria co'as mãos unidas,
tocaria a fria face.

Outr'ora nynpha entre os homens,
outr'ora os passos movia,
era das festas a glória,
dançava, cantava e ria;

de amadores lisongeiros
vivia sempre cercada,
com descantes amorosos
era á noite acalentada.

Agora dorme esquecida,
agora já não é bella,
ninguem celebra o seu nome,
ninguem suspira por ella.

Nada conserva do mundo
alem da c'roa de rosas,
alem do virgineo ramo
que aperta entre as mãos formosas.

Tudo mais vai longe d'ella,
tudo mais lhe desertou:
quanto era buscada outr'ora!
agora quão só ficou!

O pensador solitario
vagando neste logar,
lhe imprime o pé sôbre a fronte,
e passa sem a saudar.

Os encantos, as virtudes,
a mocidade, a innocencia,
nada pois sôbre ésta terra
goza segura existencia!

Desde a humilde flor dos valles
té ao cedro alto e frondoso,
desde o verme que rasteja
té ao monarcha orgulhoso,

tudo nasce, e vive, e morre;
e dias de duração
são precedidos do nada,
do nada seguidos são.

Quaes em náo que sulca as ondas
mil viajantes reunidos
o mesmo porto demandam
diversamente entretidos;

este conversa, outro bebe,
este dorme, outro olha o mar,
qual joga, qual toca a flauta,
qual se diverte a cantar;

mas todos o mesmo vento
vai levando á mesma praia,
onde um após outro é força
que a multidão toda sáia;

taes nós corremos na vida
diversamente occupados.
O vento é um; eis o porto;
esses tumulos gelados!

mas ao cançado viajanto
quanto este porto é jocundo!
aqui não chega a violencia
das tempestades do mundo.

Aqui, as paixões se acabam;
aqui, perece a vaidade;
aqui, não entra a discordia;
aqui, não reina a maldade.

D'aqui, vão longe os cuidados;
não soam chôro nem ais.
Reis ou pastores no mundo,
aqui são todos iguaes.

Mora entre os mudos ciprestes
a doce fraternidade,
a terna melancolia,
a voluptuosa saudade.

Tudo o que é bello entre os homens
aqui recebe a impressão
de affectos tristes, mas doces,
bem doces ao coração.

Tudo o que é bello entre os homens,
aqui é bello, mas triste;
todo o prazer neste sitio
todo em lagrimas consiste.

Não é nos campos florídos,
é nestes ermos, que a aurora,
em quanto os zephyros gemem,
dos ceos sôbre a terra chora.

E' neste sitio que as noites
geram graves pensamentos,
dictam verdades sublimes,
afrouxam nossos tormentos.

Inspira-se ar de ternura,
e de virtude e de paz.
O coração, não sei como,
mais doce, melhor se faz.

D'estes logares olhados,
esses abysmos profundos,
esses oceanos celestes,
onde giram tantos mundos,

são maiores, mais brilhantes,
mais caros á fantasia;
o luar é mais suave,
que as lapidas alumia.

Vós, prados da primavera,
vós, jardins, não valeis mais
que o musgo, as heras dos mortos,
e os ciprestes funeráes.

Tenham mil aves os bosques;
aqui o mocho se aninha,
e nestes muros se encontra
a cabana da andorinha.

Nos braços d'aquella cruz
algumas tardes poisada
tenho ouvido suspirosa
rolinha desconsolada.

Tenho ouvido Filomella
aos longos écos saudosos
mandar nas noites de maio
seus trinos melodiosos.

Toda ao quieto retiro
se prende a minh'alma inteira:
Não, não: a terra dos mortos
Não me é jámais estrangeira.

Mas já na visinha torre
do vasto sino a pancada
grita da noite e da vida
mais uma hora é passada.

Que som profundo e solemne!
os écos levando vão
aos campos dos arredores
nesta sombria lição.

Mais uma hora é passada
repete o bosque defronte;
repete-o a collina, e corre
igual voz de monte a monte.

Mais uma hora é passada!
já falta uma hora menos,
para que eu venha dormir
nestes retiros serenos.

Como a existencia nos foge!
a morte, a morte caminha,
não se retarda um momento,
cada instante é mais visinha.

Ao tenebroso futuro
debalde os olhos alçâmos,
para escutar os seus passos
nosso ouvido em vão fitâmos;

corre calada e invisivel
ao longo da eternidade,
e imprevista, e de repente,
vai ferindo a humanidade.

Quem sabe se no principio,
se no fim meu fio está!
Se o tumulo em cãs me espera,
ou se o golpe se ergue já!

Mas que importa? Ou curto, ou longo,
fiem-no as Parcas annosas;
é meu dever, longo ou curto,
il-o cingindo de rosas.

Ha de levar menos flores
se breve me for cortado,
mas nem por isso consinto
que seja menos ornado.

Em vão se compara a vida
ao globo d'espuma leve,
que um pouco gira nos ares,
e que o vento apaga em breve:

ao menos em quanto dura,
seja d'espuma brilhante,
reflicta os ceos azulados,
a planicie verdejante;

retrate jardins e fontes,
cabanas, grutas e flores,
da luz embeba alternadas
as vivas, cambiantes cores.

São fugitivas as horas?
convem que ledas se passem,
gozando os puros prazeres,
que da virtude só nascem.

Se eu da magica sciencia
os segredos conhecesse,
se todo dos meus desejos
o meu destino pendesse,

no meio de algum deserto
aos homens inaccessivel
fundaria de repente
o meu retiro aprazivel.

Seria um valle fecundo
rodeado de arvoredo,
e no meio uma collina
que gozasse o sol mais cedo.

Pelas relvosas encostas,
ciprestes, cedros teria,
retiro sagrado á morte,
sagrado á melancolia.

As urnas dos meus amigos
sempre de ramos compostas,
sempre de pranto banhadas,
ali veria dispostas.

Ouvíra cantar as aves,
balar as minhas ovelhas,
arrolar as brancas pombas,
zumbir as aureas abelhas.

Uma cabana pequena,
sempre d'auras visitada,
no cimo do santo oiteiro
seria a minha morada.

Suas paredes vestindo
fragrantes roseiras bellas,
mandaram nuvens de aromas
pelas humildes janellas.

Na farta, mas simples mesa
nunca haviam de faltar
bom vinho em copos de barro,
bons fructos do meu pomar.

Eu seria o bom Filémon;
mas tendo Julia a meu lado,
seria mais que Filémon,
mais que Jove afortunado.

Formar-me-hiam da existencia
o p'riodo encantador
dias de paz e trabalho,
noite de sonhos e amor.

Amor!.. Que voz o repete
ao longe triste e sombria?
e imprime a tão doce nome
solemne melancolia!

O eco dos cemiterios!
Ah! perdoa o meu transporte;
perdoa se amor profiro,
devendo fallar da morte.

DESEJO INUTIL

Hujus ero vivus, mortuus hujus ero.

PROPERCIO.

Solitario!... ¿Eu solitario
no meio da noite escura?
não; que os ceos, e o ar, e o rio,
tudo me falla ternura.

O rio que aos pés me corre
vai depois juntar-se ao mar;
do seu quarto ás vezes Julia
o oceano costuma olhar.

Este vento de lá chega;
talvez não haja uma hora
que passou pelo retiro,
que ali vio a encantadora;

que lhe saiu abrasado
por entre os labios de rosa,
ou convertido em suspiro,
ou numa phraze amorosa.

Esta lua, estas estrellas
nos ceos d'ambos nós estão;
nossos astros, nossa lua,
nossos ceos os mesmos são.

Porém que distancia immensa!
natureza, impia madrasta,
dá-me azas, ou com teu rio,
com teu vento e ceo te afasta.

Azas! azas como ao cisne!
quero arrojar-me aos seus lares!
azas tambem para Julia!
giremos ambos nos ares.

Acima do terreo globo,
libertos das leis dos povos,
de um mundo aereo habitantes,
gozemos destinos novos.

Sejamos aves; ah! Julia,
nossa vida correria
toda paz, toda innocencia,
toda amor, toda harmonia.

Se um menino te soubesse
com seus laços attrair,
tu não irías sósinha
dentro da rede cair.

Se um tiro me despenhasse
moribundo sobre a relva,
do mesmo tiro morreras,
morreras na mesma selva.

CONVITE PARA A FELICIDADE

O vitœ tuta facultas
Pauperis, angustique lares! o munera nondum
Intellecta Deum!...

LUCANO.

Ditoso, Julia, ditoso,
quem livre de inquietação
come os fructos que semeia,
e dorme no seu torrão;

que desconhece das côrtes
intriga, esp'rança, e receios,
que julga acabar-se o mundo,
onde acabam seus passeios.

Penuria, e riqueza ignora,
dois escolhos da virtude,
e tira do seu trabalho
bens, prazer, vigor, saude.

De iguaes rodeado vive,
e só tem por sup'rior
seu Creador no outro mundo,
na parochia o seu pastor.

As aras jámais incensa
de Astréa, Minerva, ou Marte,
mas Baccho, e Pomona, e Céres
lhe riem de toda a parte.

Mais apertado não vive
na avita cabana herdada,
que o rico em salões d'estuque,
d'alta, soberba faxada.

Em vez de jardins estereis,
faz consistir seu prazer
em lhe á porta verdejarem
as côves que fez nascer.

Dorme em colmo um somno inteiro,
em quanto em doirado leito
o nobre se volve, e geme,
de afflicções ralado o peito.

Ao lado lhe dorme a esposa,
fiel, innocente, e bella;
o filhinho, imagem sua,
dorme em paz ao seio d'ella.

Se ella lhe diz, eu te adoro,
eu te amarei toda a vida,
de ser verdade o que escuta
nem um momento duvída.

Sabe que a fé, que a virtude,
virtude pura, illibada,
dons mais bellos que a belleza,
são numes da sua amada.

Ella não vive no meio
de corrupta mocidade,
que adorna, envenena, empesta,
das côrtes a sociedade.

Não quer brilhar nos passeios,
nem de mil adoradores
vai disputar nos theatros
os suspiros e os louvores.

Passa a noite ao pé do esposo,
entre os filhos passa o dia,
o trabalho a occupa sempre;
ser infiel poderia?

Da sua familia é toda,
nella concentra a affeição,
que as damas á intriga, ás festas,
ao jôgo, aos enfeites dão.

Quer-se ornar nos santos dias?
não se assenta ao toucador;
em vez de joias brilhantes
procura singela flor.

Para arranjar seus cabellos
nem corre ao cristal da fonte;
não carece de outro espelho,
tem seu consorte defronte.

Elle lhe ensina a maneira
porque lhe ficam melhor;
elle lhe diz em que sitio,
e o como lhe ajusta a flor.

Se lhe agrada, está contente;
e vai de innocencia cheia
entrar com elle nas festas,
nas festas simples da aldêa.

Ah Julia! Que sorte a d'ambos!
sem longas philosophias
sabem melhor do que os sabios
desfructar serenos dias.

Os principios, os systemas,
sonhos de esteril vaidade,
jámais tornaram ditosa
a mesquinha humanidade.

Se existe o bem sobre a terra,
se queres, Julia, este bem,
Uma aldêa... uma cabana...
ternura... innocencia... ah vem.

O AMOR PERFEITO

Le ciel n'est pas plus pur que le fond de mon cœur.

RACINE.

Roxa florinha engraçada,
que tens o nome de amor,
que da mimosa ternura
és o emblema encantador;

quão longe da tenra planta,
da tua extremosa mãe,
duro a ti, a mim propicio,
o fado trazer-te vem!

Orfãsinha abandonada,
não mais teu jardim verás,
co'as auras amigas tuas
a brincar não tornarás;

do clarão da argentea lua,
do pranto da madrugada,
do sol benigno, de tudo,
de tudo foste privada.

A formosa, a terna Julia,
(Venus minha, e tua Flora,
seus extremosos desvelos
não te dará como outr'ora.

Nunca mais verás seus olhos
fitar-se no seio teu;
para sempre estás banida
longe de tudo o que é seu.

Mas não: tu vives comigo,
e sempre assim viverás;
morando sobre o meu peito,
junto ao que é d'ella inda estás.

Não, não só junto ao que é d'ella,
tens maior satisfação,
porque ella vive aqui mesmo,
dentro do meu coração.

Desterrada innocentinha,
és tão feliz como bella,
junto d'ella te creaste,
e has de morrer junto d'ella.

Bem que cinja a fronte ás graças,
e a Venus, a Idalia rosa,
tanto te cede em ventura
como te cede em formosa.

Linda flor, que no meu seio
vais ter continua morada,
amorosa mensageira
do affecto da minh'amada,

quando a mão do tempo avaro
de todo te desfizer,
a tua gloria em meus versos
eterna farei viver.

A' sombra de Pafios mirtos
entrelaçados com arte
um tumulo pequenino
de alvo jaspe irei sagrar-te.

Sobre elle em urna apertada
teus restos esconderei,
e um choroso Cupidinho
a abraçal-a juntarei.

Para saber-se quem foste,
ha de a minha gratidão
no monumento da morte
gravar saudosa inscripção:

COMO AQUELLES QUE EU SERVIA
RESPEITAM A FÉ JURADA,
POBRE FLOR EU VIM TRANQUILLA
DORMIR NO SEIO DO NADA.

O BARQUINHO DO LAGO ENCANTADO

Ah nimium volui! tantum patiatur amari!

OVIDIO.

Ha no meio de arvoredo
um valle todo encantado,
de flores sempre cheiroso,
de rouxinóes regalado.

Verdes montanhas o guardam,
cujos seios cavernosos
são habitados de noite
por longos ecos saudosos.

Arroios que ao longe nascem
de caseatas escumosas,
correndo á sombra de acacias,
por entre alfazema e rosas,

num lago vasto e profundo,
no meio d'este logar,
vem por diversos caminhos
immensas ondas juntar.

Quanto é bello o ver de emtorno
estas águas transparentes
saír de opaco arvoredo
por mil arcadas frondentes!

D'este lago ermo e brilhante
no meio se eleva ufana
sobre uma ilha pequena
uma pequena cabana.

Serradas murtas florídas
suas paredes vestindo
ao int'rior lhe estão sempre
doce aroma transmittindo.

O seu portico cingido
de eternos festões de rosas
dá sobre o pégo, e se pinta
nestas águas buliçosas.

Corresponde-lhe outro ao fundo,
que off'rece risonha entrada
num jardimsinho pequeno,
terra ás Graças consagrada.

Assentos de viva rocha
a ilha toda rodeam,
a hera e musgo os revestem,
as magnólias os sombream.

Todo verde e florescente
este logar entre linfas
parece o ditoso alvergue
que habitam do lago as Ninfas.

A cabana, o lago, o sitio,
sempre desertos estão;
seria o templo silvestre
dos Numes da solidão?

Nenhum mortal os visita
desde as idades guerreiras
dos cortezes paladinos,
das formosas feiticeiras.

Talvez que todo este sitio,
outr'ora fosse a morada
onde vivesse escondida
alguma propicia fada;

mas hoje é só povoado
por aves, favonios, flores;
parece o Elysio sem manes,
ou Cithéra sem amores.

Uma tarde eu só com Julia,
objecto dos meus suspiros,
fui o ditoso habitante
d'estes fagueiros retiros.

Ambos á porta sentados
do campestre ameno lar,
á porta que é sempre aberta
sobre este não vasto mar,

ao som das águas movidas
por auras que esvoaçavam,
e com fremito suave
todo o cristal encrespavam,

conversavamos de amores,
e sem pejo nem temor
frases nuas de artificio
exprimiam nosso ardor.

Livres de ouvidos estranhos,
longe de vistas curiosas,
do coração nos saíam
mil confissões amorosas.

Os sentimentos profundos
a que palavras faltavam,
por silencios, por suspiros,
por mil beijos se explicavam.

Os mesmos votos já feitos,
mil vezes se repetiam,
e cada vez mais suaves,
mais novos nos pareciam.

De nossas almas em fogo
a reciproca attracção
nos lançava na mais viva,
mais violenta agitação.

Forcejavam por tocar-se,
por ver-se uma á outra unida,
confundir seus sentimentos,
seu ardor, essencia e vida.

Torrente, effusões de affectos,
a quinta essencia do ceo,
que por mil modos rompiam
e do seu peito e do meu,

tudo era pouco, era nada;
os nossos votos mais ternos
só se encheriam, podendo
um no outro converter-nos.

Oh! como as horas fugiam!
como o tempo se apressava!
como ante nós o universo
todo todo se annullava!

Foi-se a tarde, e só podémos
conhecer a ausencia sua,
quando co'os raios de prata
nos veio ferir a lua.

Esta luz esbranquiçada,
estes pallidos clarões,
inspiram n'alma saudosa
tranquillas, doces paixões.

«Julia, é noite, é noite,—exclamo—
«vê como a lua vai alta!
«vê como de argenteas luzes
«tremendo o pégo se esmalta!»

«Sim, é noite,—a bella torna;—
«como fugiu este Sol!
«é tarde; escuta... não ouves
«os cantos do rouxinol?

«Olha, é do bosque da margem
«que se eleva a sua voz;
«parece que a amada chama;
«é menos feliz que nós.

«A lagôa está serena,
«o ceo puro, o ar calmoso,
«as selvas dos arredores
«no mais tranquillo repouso;

«Viajemos?» «Viajemos,»
lhe respondo. Ambos entrámos
numa barquinha, que prêsa
estava á porta, e viajámos.

Viração quasi insensivel
nos levava a seu sabor;
dir-se-hia que entôrno a Chypre
navegava a Mãi de Amor.

A's vezes da ilha em roda,
ás vezes das margens perto,
ás vezes nas largas águas
vogava o barquinho incerto.

Sem direcção sôbre o lago
que a lua em tôrno alumia,
das ondas que vem tocal-o
os movimentos seguia.

Passar nos fazia agora
á sombra de selva antiga,
onde proxima soava
do rouxinol a cantiga;

ora a lua nos olhava,
ora travêssa fugia,
ou por traz dos arvoredos
como brincando sorria;

depois com mais brilho e pompa
se tornava a levantar;
defronte de um éco ás vezes
passavamos a cantar;

logo um valle apparecia,
e nos enviava o mimo
do perfume das violetas,
da mangerona, e do timo.

Fronte de cedros c'roada
depois erguia um oiteiro,
e co'a sombra de um só ramo
nos tingia o barco inteiro.

D'esta paz, d'este silencio,
d'estas scenas o valor,
quanto é grande a um par que as goza,
e falla, e goza de amor!

De amor fallavamos sempre,
e sempre, e a qualquer objecto
novos discursos nasciam,
motivos novos de affecto.

ia a noite em mais de meia;
«Já vou de abraços cançada;
«quero dormir», — diz sorrindo
a minha ninfa adorada.

Cortam-se ramos na margem,
e logo os cortados ramos
a formar um brando leito
no barquinho accumulâmos.

Mollemente se reclina,
no alvo braço encosta a fronte,
corre com placida vista
o illuminado horisonte;

suspira e guarda o silencio;
pouco a pouco os olhos fecha,
ou finge que dorme, ou antes
do somno vencer-se deixa.

«Dormes? dormes? — lhe pergunto
com voz medrosa e sumida; —
«repousas?.. em paz repousa,
«encanto da minha vida.

«Calai-vos, auras; vós plantas,
«murmurai com som mais baixo;
«barquinho, não mais te agites;
«Diana, enfraquece o faxo.

«Filhos de amor e da noite,
«ligeiros sonhos, voai,
«e o que se passa em minh'alma,
«á su'alma apresentai;

«fazei-lhe ver meus desejos
«tão longo tempo escondidos;
«fazei que em seu casto peito
«sejam tambem accendidos;

«uma vez... ao menos uma,
«por vós a innocente bella
«sonhe comigo as doçuras
«que eu sonho sempre com ella.»

Eu dizia, e suspirava,
depois pensava um momento,
depois arder me sentia
em fogo ainda mais violento.

Aproximava-me um pouco,
chegava-lhe a dextra minha,
depois immovel ficava,
não sei que deus me retinha.

Ia acordal-a com beijos,
ia tornar-me ditoso,
ia... e timido, e prudente,
respeitava o seu repouso.

Aura leve agita e move
o sôlto cabello seu;
descobre-lhe o niveo seio,
e faz-lhe esvoaçar o veo.

A lua lhe fere o rosto,
e a veste nevada e pura;
geme! sonha... ¿acaso sonha,
geme acaso de ternura?

«Julia, acorda, acorda, — exclamo —
«não sonhes fingido amor;
«é noite, no ermo estamos,
«vê teu ardente amador».

Ella abre os olhos sorrindo,
depois os torna a fechar,
nada responde, suspira,
parece não me escutar.

Eu me queimava calado
sem nada lhe ousar dizer;
o barquinho que a embalava
a tornava a adormecer.

Chegámos de um bosque á sombra,
o barco parou suspenso;
de escura noite nos cobre
frondeo toldo, espesso, immenso.

«Bem,—digo eu;—neste arvoredo
«a lua não póde ver-nos;
«salve, amiga escuridade,
«mãi dos favores mais ternos!

«Philomella que além sólta
«o brilhante canto seu,
«de amor celebra os triunfos,
«os prazeres de hymeneu.

«Toda é minha!... é meu tudo isto!...»
digo, e louco, e delirante
procuro arrancar ao somno
a minha formosa amante.

Mas em vão trabalho e lido;
debalde a faço agitar;
ou não acorda, ou travessa
se finge dormindo estar.

Quem poderá de tal scena
prevêr o termo funesto?
prazeres pintado tenho,
mal posso pintar o resto.

De dor, não sei como o conte!
toda a celeste visão
não era mais do que um sonho;
despertei na solidão.

Estava só no meu leito,
mui longe da minh'amada;
ella tambem dormiria,
pois mal vinha a madrugada.

A MASCARADA

Tutto spiegar non oso,
Tutto non só tacer.

MATASTASIO.

Venceram-me instancias tuas,
meu terno, meu caro amigo;
saio da minha ermitagem,
ao mundo, volto comtigo.

Adeus, mas por poucas horas,
solitarias larangeiras,
de meus passeios abrigo,
de meus dias companheiras;

voltarei depressa a ver-vos,
a achar a minha saudade,
meu amor, meus pensamentos,
entre a vossa sociedade.

Eis vastos salões pomposos
de oiro e seda ataviados!
eis jardins rasgando a noite
vastamente illuminados!

Que immensa turba os povôa
trajada com ar de festa!
a musica alegre sôa,
um baile geral se apresta.

Que novo prodigio é este!
deliro?... este sitio encerra
os seculos, os paizes,
os cultos de toda a terra!

Eis o queimado africano,
que alem da equorea extensão
fertiliza com seu sangue
a terra da escravidão.

Eis da frígida Laponia
o pequeno morador,
que illude, trajando pelles,
dos invernos o rigor.

O turco, senhor e escravo,
co'o turbante e marcha ufana,
fuma em comprido cachimbo
a sêca folha da Havana.

Baço chim de olhos pequenos
vem com seu leque na mão
entre a formosa Minerva
e o soberbo Tamerlão.

Amazona bellicosa
de aljava pendente ao lado,
aponta com o arco invicto
o lindo peito cortado.

Passam Náiades, pastores,
bellas ninfas da espessura,
e Diana, a caçadora,
e Venus d'aurea cintura.

Um serio milord britano
corre a encontrar as deidades,
e expõem-lhe, em vez de ternuras,
politicas novidades.

Um *polido*, um *petit-maitre*
ri pintando os seus tormentos,
segue a sultana do Cairo,
e a cança de comprimentos;

depois faz a côrte a Flora,
de uma ninfa aos pés suspira,
beija a mão da viscondeça,
zomba d'ella com Themira,

diz um segredo a Climene,
e *doces bilhetes* vai
mostrar á amada de Orlando,
á princeza do Catai.

Roto e pallido um poeta
pede mote a uma vestal,
que o despede e abaixa os olhos
com modestia virginal.

Eis o bravo D. Quixote!
eis um Galeno profundo,
que vai varrendo co'a penna
a superficie do mundo!

Eis um Cujacio; um mendigo;
um alcaide; um novellista;
um italiano que vende
bons pós de aclarar a vista;

mathematico sublime
num vidro mettendo o ceo,
e explicando altos misterios
do *apogeo* e *perigeo*.

Um philosopho argumenta;
judeu esperto e importuno
vende uns oculos a Jove,
e falsos coraes a Juno.

Que novo prodigio é este?
deliro?... Este sitio encerra
as profissões, as loucuras,
as crenças de toda a terra.

Vai dar-se principio ao baile;
que, meu amigo, é verdade
que entre esta chusma de loucos
se encontre a tua deidade?

Mas como hás de conhecel-a?
tudo aqui jaz confundido
pela máscara impostora;
por trajo e fallar fingido.

Aqui se encontra em resumo
o que vai na sociedade;
descobrem-se as apparencias
para esconder-se a verdade.

Como has de pois conhecêl-a?
vem disfarçada em Pastora?
será talvez essa ninfa?
ou Venus? ou Cinthia? ou Flora?

em vão consultas a todas;
procuras, mas sempre em vão;
illudem-te horrivelmente
o instincto do coração.

Essa vestal pudibunda...
não é este o seu andar;
esta amazona... é mui alta,
e mui diff'rente o seu ar;

esta joven italiana,
que tanta vez te procura,
é mui baixa; esta hespanhola,
tem nimia desenvoltura.

Mas que busca este Silvano
que te persegue teimoso,
affecta um fallar grossseiro,
caminha com passo airoso?

Escuta-lhe o seu segredo...
que voz doce! ah! foge, foge,
vai conversar com Silvano,
e deixa as deusas por hoje.

Adeus, tumultuosas salas,
adeus, jardins estrondosos,
eu não tenho a quem procure
em vossos grupos vistosos.

A minha Julia não entra
nestes logares fataes;
se aqui a visse um momento,
não quizera vel-a mais.

Ah! voltemos a encontral-a,
(ao menos a imagem sua)
entre vós, arvores minhas,
ante os teus raios, ó lua.

A ERMITAGEM DA MONTANHA

Pur mi consola che languir per lei
Meglio é que gioir d'altra.

PETRARCA.

Fortuna, escuta os meus rogos,
torna em verdades meus sonhos,
ambiciosos, mas simples,
austeros, porém risonhos.

O que te peço é bem pouco;
mas se este pouco me dás,
nunca mais uma só queixa,
nem um rogo me ouvirás.

Altas montanhas desertas
nessa deserta paragem,
visinhas do ermo d'ella,
me acolham numa ermitagem.

Seja caverna espaçosa
no seio de alto rochedo,
vestido de musgo e silvas,
e c'roado de arvoredo.

Pelles me sirvam de leito,
dê-me água visinha fonte,
meu sustento em fructos e hervas
liberal me off'reça o monte.

Grosseira lã me revista,
more comigo a innocencia,
reine o silencio na gruta,
corra em paz minha existencia.

Voz humana jámais sôe
em meu asilo selvagem,
oiçam-se os ventos e as águas
e o susurro da folhagem.

Oiçam-se as pombas sem dono
rolar na mata visinha,
zumbir no silvado a abelha,
cantar-me á porta a andorinha.

Branca vacca ande no monte
que ao sol pôsto á cóva traga
o seu leite de presente
á mão que fiel a affaga.

Ó destino afortunado!
é possivel?.. num deserto?..
tão longe de todo o mundo?
da minha Julia tão perto?

Ah! gosemos d'esta imagem;
nutramos o coração;
tenho pois ao pé de Julia
minha humilde habitação!

Ella a conhece de longe,
e se não vê meu rochedo,
vê meu lume toda a noite,
de dia o meu arvoredo.

Que palacio do Oriente
iguala a escura caverna
de uma montanha, onde os olhos
vagam da amante mais terna?

Apenas do leito salta,
ainda meia despida
corre á janella, e contente
saúda a remota ermida.

Passa o dia trabalhando
sempre em logar d'onde a veja,
olha-a quando um raio extremo
do occaso o sol lhe dardeja;

e quando a tinta da noite
vem o universo alagar,
inda á janella sentada
encara o mesmo logar.

Se o rouxinol canta ao longe,
assim se exprime comsigo:
«onde canta esta avesinha?
«será junto ao meu amigo?»

Se vê renascer meu lume,
diz saudosa: «A mão que eu amo
«agora naquelles montes
«poz no fogo um novo ramo.»

Se alta noite o vê mais frouxo,
se o vê de todo extinguir,
diz: «num leito solitario,
«pobre ermita vais dormir.»

Branqueja a manhã celeste;
por diante da vidraça
madrugadora andorinha
cantando fugaz lhe passa.

«Bons dias, bella andorinha,
«vens tu dos montes d'alem?
«dorme acaso, ou vens trazer-me
«a saudação do meu bem?

«Inda ficava deitado
«no momento em que saíste?
«dize-lhe, quando voltares,
«que eu te fallei, que me viste.»

Ao florir da primavera
no meu asilo campestre,
levarei á minha Julia
a primeira flor silvestre.

Levar-lhe-hei no sêco estio
águas, que o frio invernal
tiver no seio das rochas
mudado em puro cristal.

No outono os fructos silvestres
os mais doces e os melhores;
no inverno meus bons desejos,
meus versos e os meus amores.

Ah! no inverno... quantas vezes
durante as noites sombrias
ha de passar á janella
as horas longas e frias!

O rijo vento das serras,
mugindo, negro, alagado,
lhe açoitará co'os cabellos
o lindo collo gelado.

A véla ao tufão se apaga;
fica em trevas o aposento;
Julia soffre... ah! que doçura
acho no seu soffrimento!

É por mim que ella padece,
que ella affronta a tempestade,
co'o peito encostado á pedra,
o semblante unido á grade.

Tigre! que barbaro gosto!
que horrendo amor! que delirio!
é só porque Julia te ama,
que folgas co'o seu martirio!

Lê, lê antes em sua alma;
não sabes neste momento,
quaes seus unicos desejos?
seu continuo pensamento?

«Como a noite vai medonha!
«a chuva se precipita!
«róla o trovão! brilha o raio!
«quem ha de salvar o ermita?

«Não vejo a sua fogueira;
«uma caverna selvagem...
«este frio... ah pobre amigo!
«porque estás só na ermitagem!

«Se eu podesse ir ter comtigo,
«voaria sem receio;
«tuas mãos estão geladas,
«aquecêra-as em meu seio;

«dar-te-hia dos meus vestidos,
«accenderia a fogueira,
«e ficariamos juntos
«conversando a noite inteira.

«Não oiço ao longe latidos?
«sim; é talvez o seu cão;
«os lobos giram na serra
«pelo horror da escuridão.

«Já bateram duas horas!
«que flauta doce e queixosa
«soa aos muros do mosteiro
«nesta noite procellosa!

«Um relampago diurno
«tingiu instantaneo o ceo;
«vi um homem, não me engano,
«era escuro o manto seu.

«Um homem... ás duas horas...
«parado... e neste logar
«quando toda a natureza
« se parece anniquilar!

«o seu ar misterioso...
«sua longa roupa escura...
«num deserto... alguns fantasmas
«não sáem da sepultura?!

«o raio cae na montanha,
«enche os ceos clarão brilhante,
«reconheço á luz terrivel;
«é este o meu terno amante.

«Sem temor ao frio, á neve,
«á chuva, aos trovões, aos ventos,
«quiz vir juntar aos meus sonhos
«da flauta os meigos accentos.»

Sim, Julia, querida Julia;
ah! podesse o meu amor
dar-te da sua violencia
uma prova inda maior!

atravessar por desertos
a extensão da immensidade;
passar mil seculos juntos
no meio da tempestade;

fender todo inteiro a nado
de fogo um mar infinito;
«Julia, eu te amo, eu te amo, ó Julia,»
ninguem me ouvíra outro grito.

O SÃO JOÃO

S' assied, croise les bras, baisse la tête, et pleure.

DELILLE.

Que alegria a d'esta noite!
que noite doce e calmosa!
esta do anno a mais curta,
é do anno a mais formosa.

Do São João as cantigas,
e as bellas danças ligeiras,
da aldêa os filhos e as filhas
reunem junto ás fogueiras.

Eu, que não tenho pastora,
eu, que não amo na aldêa,
porque haviam demorar-me
os sons de uma festa alheia?

Nos porticos d'esta selva,
á borda da erma estrada,
oh! recebe-me em teu seio
saudosa noite encantada.

Debaixo d'este carvalho
no chão que a verdura veste,
que estofado assento encontro!
que docel soberbo e agreste!

As estrellas me scintillam
por entre a espessa folhagem;
no ar tépido e amoroso
não bole nem leve aragem.

Atravez dos arvoredos,
no ceo de mil povoações,
derramam-se, afrouxam, crescem,
das fogueiras os clarões.

O mesmo por toda a parte;
de festa igualmente cheias
as mais soberbas cidades
as mais pequenas aldêas.

A fogueira envia aos lares
torrentes de claridade;
ninguem fica em seu alvergue
numa frouxa ociosidade.

Inquietos moços giram,
e com palmas e alaridos
vôam saltando entre as chamas
cada vez mais atrevidos.

Riem contentes os velhos;
a flauta, a viola sôa;
rebenta a bomba estrondosa,
o foguete aos ares vôa.

No passeio os ranchos vagam;
alva turba ao longe nada
dos rios na veia doce,
do mar na extensão salgada.

Um, cresta azul alcaxofra,
que os matutinos humores
vão tornar de flor inculta
em profetisa de amores;

para saber sua sorte,
outro entorna em cristal puro,
ovo, em que a mão do destino
de noite estampa o futuro;

em duas urnas de vidro
qual derrama n'agua aos centos
nomes de bellas e moços,
para formar casamentos;

qual com o bochecho na bocca
applicando attento ouvido,
espera que á meia noite
seja um nome proferido;

qual no monte as plantas colhe
nesta noite abençoadas;
um, vai buscar agua santa;
outro, espera as orvalhadas.

Que alegria a d'esta noite!
que noite doce e calmosa!
eis a mais curta das noites,
das noites a mais formosa!

Atravez dos arvoredos,
no ceo de mil povoações
derramam-se, afrouxam, crescem
das fogueiras os clarões.

Pelo ermo, sidereo espaço
minha alma saudosa gira;
a festa de todo o mundo
int'resse nenhum lhe inspira.

Eis scintilla entre desertos
um lume brilhante e forte;
ella o vê, triunfa, e vôa;
esta luz marcou seu norte.

Eis o sitio conhecido!
eis o retiro piedoso!
de um lado, as altas montanhas;
de outro lado, o mar undoso;

no meio, o mosteiro antigo...
salve, soberbo zimborio,
nobres torres, templo augusto,
pacifico dormitorio!

E vós, primeiro que tudo,
muralhas que o musgo veste,
barreira eterna e invencivel
d'esta morada celeste.

Que immenso clarão se estampa
sobre estas nocturnas massas,
tinge a cúpula, e scintilla
nas mais erguidas vidraças!

Que alegria sôlta em vozes
acorda e fatiga os ecos!
arde o pinheiro gigante,
estalam seus ramos secos.

Partem milhões de sentelhas
ao ceo dirigindo o rumo;
parece um volcão aéreo
envolto de espesso fumo.

Centos de virgens o cercam;
os porticos venerandos
pasmam de ver os seus bailes,
de escutar seus versos brandos,

de sua viva alegria,
de sua expressão de amor
á meia noite, na estancia
da mudez e do terror.

Estas plantas tão ligeiras
das danças no movimento,
calcam nomes meio gastos
nas campas do pavimento.

Das santas irmãs já mortas
giram sobre as cinzas frias;
e um surdo trovão lhes formam
nas cavidades sombrias.

Esta abobada que alegram
mil cantigas namoradas,
só conhecia da morte
as despedidas sagradas.

Folgai esta noite ao menos,
piedosas filhas celestes;
mas que tristes são as rosas
que nascem junto aos ciprestes!

Inda em pé brilha o pinheiro
de lavaredas toucado;
prolongai vossa alegria
té que baqueie abrasado.

Então que os astros se afrouxam
e alvo o dia entra a raiar,
voareis aos rociados
fructos do vosso pomar.

Ali achareis aquella,
que triste, e pensando em mim,
longe de vós toda a noite
vagou no vosso jardim;

vós a vereis d'entre os fructos
andar colhendo os mais bellos;
os abrunhos côr de cera;
os damascos amarellos;

os figos de rota casca;
a ginja; as peras melhores;
e as sumarentas amoras,
que tem o nome de amores.

Vós a vereis num cestinho
arranjar co'a mão formosa
estas fructas, entre ramas
de loiro e murta cheirosa.

Para quem destina Julia
este mimo rico e ledo?
podeis pensar toda a vida,
não dareis com o seu segredo.

Aquelle a que é destinado
não lh'o póde receber;
ella o sabe, e nem por isso
deixou de lh' as ir colher.

E' um brinde imaginario...
mas vós rides? desditosas!
desconheceis as suaves
superstições amorosas.

AS DUAS PALMEIRAS

Arrêtez-vous ici, cœurs tendres,
Mortels indefferens, passez.

MILLEVOYE.

Soberba filha do Ganges,
rainha da selva inteira,
abriga-me á sombra tua,
frondosa, excelsa palmeira.

Por teus densos longos ramos
não deixes o sol passar;
mas das auras as caricias
faze ao meu rosto chegar.

Solitario em meu passeio
ia sentindo a fadiga;
eis tu me chamas do bosque,
eis tua sombra me abriga.

Eu me sento nesta rocha
que visinha ao tronco teu
de antigo musgo vestida
no retiro envelheceu.

Aqui respiro a ternura,
porque a paz e a solidão
e os quadros da natureza,
fallam doce ao coração.

O teu cume, que domina
neste deserto profundo,
não vê por todo elle agora
outro habitante do mundo.

Só de remota cascata
se ouve o sombrio rumor,
e não sei se ao longe escuto
o canto de algum pastor.

Rôla fiel e amorosa
entre os ramos teus suspira;
que ave celeste! que doce
melancolia me inspira!

Eu sinto que neste sitio
passaria a vida inteira;
abriga-me á sombra tua,
frondosa, excelsa palmeira.

Sósinhos estamos ambos
neste retiro jocundo;
tu, longe das mais palmeiras,
eu, livre de todo o mundo.

Conversemos se te agrada,
conversemos bem de perto,
como dois homens perdidos
que se encontram no deserto.

Quão longe nascer vieste,
encantadora estrangeira,
soberba filha do Ganges,
rainha da selva inteira!

Os teus ceos, teu ar, teus campos
não são estes, outros são;
as tuas irmãs lá vivem
nessa feliz região.

Em caladas longas selvas
dispostas extensamente,
se espelham no claro Ganges,
cobrem do Indo a corrrente;

diversas aves lhes poisam,
outras auras as meneiam,
outros humanos as gozam,
outras flores as rodeiam;

novo azul celeste as nutre,
e nuvens talvez mais bellas,
gozam de nm dia diverso,
tem de noite outras estrellas.

Pelos seios africanos
os teus bosques derramados
defendem do sol ardente
os povos do sol queimados.

Com fresca abobada occultam
no retiro das florestas
suas cabanas e deuses,
trabalhos, amor e festas.

Liberaes lhe off'recem tudo:
nos fructos a nutrição,
o prazer no grato vinho,
nas folhas a habitação.

Tu, entretanto affastada,
gemes em terra estrangeira,
soberba filha do Ganges,
frondosa, excelsa Palmeira.

Aqui ninguem te procura,
ninguem vem ao teu abrigo
recordações de ternura
em paz revolver comtigo.

Passam de longe sem ver-te,
ou vendo-te sem buscar-te;
ninguem voa a estar comtigo
como eu fiz para gozar-te.

Mas dize-me, ó bella planta,
se é verdade o que se diz,
se amor tambem fere as plantas,
¿tu sósinha, és tu feliz?

Aqui se encontram ciprestes,
mirtos, cedros e aveleiras;
todas de amor aqui gemem,
mas aqui não ha palmeiras.

¿Vives tu pois condemnada
a consumir na tristeza
longa existencia, perdida
aos olhos da natureza?

¿Murchar-se-hão as flores tuas
sem dar o fructo esperado?
Quando algum pastor ao longe
á tarde levando o gado,

dér com os olhos no teu cume,
que erguido e curvo nos ares
retem os ultimos raios
do sol, que já desce aos mares;

quando, parando um momento,
e co'o cajado apontando,
te mostrar á pastorinha
que ao lado lhe vai fiando,

«Eis a arvore das palmas!
«eil-a ali, — dirá com dor! —
«como não tem um marido,
«não tem mais que esteril flor!

«Nasceu no meio do valle;
«a vêl-a não vai ninguem;
«não int'ressa aos passageiros;
«sabes porque? não é mãi.»

Mas, que prazer! que surpreza!
eis de alma doçura cheio
um dos teus fructos, que o vento
te furtou, me cae no seio.

Tu gozas pois da ternura,
tu suspiras co'os amores,
eis-te mãi! não se perderam
tuas graças, tuas flores.

Mas teu esposo onde habita?
longe, mui longe por certo;
da tua especie outra planta
não vive neste deserto.

Longe, mui longe? que importa;
se qual suspiras, suspira;
se te conduz seus afagos
favonio que incerto gira.

A natureza benigna,
a vós, ó plantas, o é mais;
a ausencia nada vos custa,
na ausencia tambem gozais.

No meio das tempestades,
quando solto, irado vento
varre a terra, açoita os bosques,
turba o mar e o firmamento,

em quanto o universo enluctam
tristeza, susto e pavor,
vós, afastadas palmeiras,
então conversais de amor.

Os ventos vos communicam,
e ao som do trovão no ceo,
dos relampagos á luz
baixa entre vós o hymenêu.

Ah! quanto invejo os teus fados!
eu longe d'aquella que amo
suspiro, sem que ella o sinta,
sem que ella o veja, me inflamo.

Nem um só dia, uma hora,
nem um, nem um só momento,
da sua imagem querida
se me afasta o pensamento.

Longa, contínua saudade,
ora doce, ora cruel,
opprime co'a mão de fogo
o meu coração fiel.

Que farei? ¿Nesta amargura
consumir a vida inteira?
inspira-me por piedade,
frondosa, excelsa Palmeira.

Oh! sim; teu murmurio intendo,
o teu murmurio me diz,
que debalde em sua ausencia
trabalho por ser feliz;

que de illusões de ternura
só me devo sustentar,
que esta sombra, que esta rocha,
que este valle as sabem dar.

Eu abraço o teu conselho;
e esta mão de agradecida
vai gravar-te o lindo nome
da minha doce Querida.

Serás chamada entre os homens
nos seculos mais distantes
a Amiga do Vate ausente,
a Palmeira dos Amantes.

Phebo aqui me verá sempre,
aqui sempre a clara lua;
formosa filha do Ganges,
abriga-me á sombra tua.

Vou ser teu de hoje em diante,
frondosa, excelsa Palmeira,
do Ganges amavel filha,
rainha da selva inteira.

UMA NOITE DO ESTIO

Undique surgunt ex te deliciæ!

GALLO.

Salve, ó noite socegada,
fagueira noite do estio;
quanto és bella entre estes cedros
sobre a margem deste rio!

Nestas águas que murmuram
se reflectem tremulantes
de teus ceos os numerosos,
os estrellados diamantes.

Dentre as sombras do oriente
vem crescendo incerta aurora,
lá rompem raios de prata...
a lua lá nasce agora.

Côr de pérola derrama
sobre os campos seu clarão;
melancolica ternura
me embriaga o coração.

Correi lagrimas suaves,
correi lagrimas em fio;
salve, ó lua, salve, ó noite,
fagueira noite do estio!

o teu ar sombrio e puro,
amoroso e perfumado,
este silencio, que envolve
rio e monte e bosque e prado,

estas auras, este leve
rumor que de quando em quando
se ouve apenas pela relva
e pelas folhas girando,

tudo convida á ternura,
tudo alimenta a saudade;
agora o velho suspira
os tempos da mocidade.

De sua cabana á porta,
sentado entre os filhos seus,
os olhos fita na esposa,
e da esposa os volve aos ceos.

Lembram-lhe os tempos antigos,
os seus antigos cuidados,
e os logares por mil bellas
recordações consagrados.

Vem-lhe á mente os seus amores,
suas noites não dormidas,
e as juras nascidas d'alma
e dentro d'alma acolhidas,

e a hora d'oiro e solemne,
que inda o faz reverdecer,
em que amor lhe franqueára
todo o arcano do prazer.

Tu da tenra mocidade,
bem como a aurora abre as flores,
abres ó noite do estio
o coração aos amores.

Tu dás lagrimas á Virgem,
cuja alma innocente e pura
é já da ternura escrava
sem saber o que é ternura.

Tu lhe imprimes no semblante
languidez e turbação;
tu lhe arrancas os primeiros
suspiros do coração.

Tu lhe pões em torno ao leito
com mil fórmas graciosas
os sonhos que vem de Paphos
engrinaldados de rosas.

Por ti o mancebo ingenuo
de virgineo imberbe rosto
nos loucos jogos da infancia
principia a achar desgosto.

Do seu estado se indigna,
nem bem sabe o que deseja,
dos amantes, dos esposos,
de todos a sorte inveja.

Dentro d'alma a natureza
lhe principia a fallar;
seu coração lhe adivinha
uma lei que obriga a amar.

Os seus iguaes lhe aborrecem,
já procura a soledade,
chora entrevendo misterios
negados á sua idade.

Secreto fogo o devora,
que em mil suspiros se exhala;
ou emmudece co'as bellas,
ou córa quando lhes falla.

Escravo do amavel sexo
por toda a parte o procura;
a dança, o fallar, o canto,
tudo o lança na loucura.

Candidos braços despidos,
alvo e nú formoso seio,
lhe accendem fogo e desejos,
prazer, ciume e receio.

«Eu te amo» repete a todas,
e esta doce confissão,
até sem que elle o persinta,
lhe escapa do coração.

Fagueira noite do estio,
é tua paz, tua calma
quem primeiro estes desejos
do mancebo esperta n'alma.

Noite amorosa do estio,
tua doce escuridade
derrama por toda a terra
amor, prazer, e saudade.

Pelas ruas, pelas praças
toda a cidade vaguêa,
cobre os cáes, ou sulca as ondas
que a branca lua pratêa.

Ouvem-se os cantos ao longe,
ao longe as flautas soar;
quem nunca amou, ame agora,
quem amou, torne hoje a amar.

Amor nasceu esta noite,
esta noite é toda sua,
para elle entre as estrellas
de alva luz se adorna a lua.

E' por elle que estes cedros
mansamente aqui suspiram,
por elle as águas murmuram,
por elle os favonios giram.

Por elle os ares povoam
as tepidas virações,
e reina a melancolia
que enfeitiça os corações.

O' filho da Cypria Deusa,
foi o teu facho invisivel
nas solidões, ante a lua,
do estio em noite aprazivel,

quem fez outr'ora que os vates
vissem as Ninfas das fontes,
as Driades das florestas,
as Oréades dos montes.

Como o que em torno faltava
o coração lhes pedia,
abriram sobre os desertos
os cofres da fantasia;

quaes brotam co'a primavera
num jardim mil várias flores,
quaes de longe ás selvas tornam
os implumados cantores,

taes á voz, á voz sagrada
do enthusiasmo omnipotente,
virginea, adoravel turba
veio ás selvas de repente.

Regatos, bosques e grutas,
não foram mais solidão;
off'receu qualquer retiro
delicias ao coração.

Salve, ó Noite amiga ao genio,
noite amorosa do estio,
quanto és bellla entre estes cedros,
sobre a margem deste rio!

Se podesse o teu reinado
no universo eterno ser,
se nunca mais do oriente
tornasse o dia a romper,

se esta doce escuridade,
se este estado encantador
de não sei que interno gosto
e melancolico amor,

ah! se estas horas durassem,
sem nunca, nunca findar,
neste mundo de quimeras
quão bello fôra habitar!

Mas logo a brilhante lua,
correndo o ceo brandamente,
irá do extremo horisonte
arrojar-se no occidente.

As estrellas em cardumes
silenciosas vão passando,
ir-se-hão no celeste occeano
á nova luz desmaiandó.

O clarão da madrugada
virá despertar bem cedo
as auras, as virgens flores,
e as aves d'este arvoredo.

Deus de amor, vem por piedade
no meio desta floresta
doirar-me com teus delirios
o pouco que á noite resta.

Da minha Julia fallemos:
a minha Julia que faz?
repousa neste momento?
goza do somno e da paz?

¿O luar pela janella
entrando-lhe no aposento
de candidos ternos sonhos
povoa-lhe o pensamento?

sonha? sonha? ¿e por ventura
em sonhos algum instante
pensa ouvir, supõe, que abraça
o seu desvelado amante?

Vê por ventura sonhando
estas lagrimas que chóro?
ouve os suspiros que exhalo?
conhece o mal que devoro?

Deus de amor, ah! corre, voa,
voa, e em quanto aqui suspiro,
transpõe a distancia enorme,
chega ao placido retiro;

no solitario deserto
busca a ditosa morada,
onde, entre as virgens que dormem,
dorme agora a minha amada.

Sem fazer rumor co'as azas
entra no alvergue ditoso,
chega ao leito, ordena aos sonhos
que me façam venturoso,

que lhe apresentem num campo
em bella noite de estio
esta paz, este silencio,
e bosque, e luar e rio.

Que de alvergue humilde e grato
a representem na entrada,
junto d'aquelle que a adora,
sobre murtas assentada.

Eu tornado o seu consorte...
Deus de amor, ouve-me bem,
(pelos teus fachos t'o peço,
t'o peço por tua mãi.)

Eu de amador extremoso
tornado já seu consorte,
lhe beije as faces e a bocca
no mais férvido transporte;

torne a beijal-a cem vezes,
ella me busque afastar,
e ceda emfim aos meus rogos
por já não poder luctar.

Deus de amor, ah! corre, vôa,
leva ao thoro virginal
estas scenas encantadas,
este sonho divinal.

E se ella já minha um dia,
rindo e córando me diz,
que tu lhe levaste ao leito
este sonho aureo e feliz,

tres aras erguer prometto:
uma, á Noite socegada,
a outra, ao Filho de Venus,
a terceira... á Minha Amada.

AMOR E MELANCOLIA

OU

A NOVISSIMA HELOISA.

PARTE SEGUNDA.

O TRAVESSEIRO

.....ó luce magis dilecta sorori,
Solane perpetua mœrens carpere juventa!

VIRGILIO.

Já meia noite é passada;
nenhum som perturba os ares;
nenhuma luz veladora
aclara os quietos lares.

Deserto parece o mundo,
jaz no somno a humanidade;
que doces horas são estas!
baixou dos ceos a igualdade.

O tyranno está sem forças,
o fraco sem oppressão,
não ha quem sustente um sceptro,
não ha quem soffra um grilhão.

o opulento é sem thesoiros,
o pobre a pobreza esquece,
e o raio da prepotencia
no horror da noite fenece.

Os paços como as cabanas
em sombras estão submersos;
nada humilha os miseraveis,
nada entumece os perversos.

Triúmviros homicidas
não lavram cruento edíto,
dorme o algoz, o réo descança,
descança em paz o proscripto.

Os homens iguaes e livres!...
ceos, que rapido prodigio!
ó noite! como eu te adoro
por este feliz prestigio!

Tu és na augusta presença
da austera philosophia,
apezar de teus horrores,
mais bella, melhor que o dia.

Mas quanto, quanto mais doce
não és aos olhos do amante
que sonha sempre co'a bella
de quem suspira distante!

o silencio, a escuridade,
vos concentram mais e mais,
idéas encantadoras
que n'alma lhe esvoaçais.

O incendio interior se augmenta,
recresce a imaginação,
é mais fecunda em prodigios,
seus quadros mais vivos são.

Ternas memorias saudosas
e desejos seductores
abrem nas horas sombrias,
em que abrem mimosas flores.

De noite se diz que as fadas
em seus encantos se empregam;
de noite os magos amores
a seus misterios se entregam.

No leito do solitario
entre as caladas cortinas
vem brincar chusma risonha
de mil quimeras divinas.

Acolhe-me a lassa fronte,
ó meu Travesseiro amigo;
só tu sabes quem é Julia,
conversar me apraz comtigo.

Confidente mais amavel
não acho no mundo inteiro;
quem te ensinou tantas coisas?
acaso és tu feiticeiro?

As alvas plumas que te enchem
foram das pombas de Gnido,
tu foste feito por Venus,
bemfadado por Cupido;

foi pela mão dos prazeres
teu cheiro furtado ás rosas,
e teus laços purpurinos
obra das graças mimosas;

o cinto da paphia deusa
jaz escondidoem teu seio;
tu só exhalas ternura,
de amores sómente és cheio.

Em quanto Morpheu não chega,
tu me escutas, me respondes;
senhor dos segredos d'ella,
nenhum segredo me escondes.

Meu fogo applaudes e augmentas,
e a cada instante me dizes:
«Se Julia mudar não deve,
«invejem-te os mais felizes.»

Depois que o somno me envolve,
tu fazes sair risonhos
a girar ante o meu rosto
os mais agradaveis sonhos.

Alguns delles de repente
de seu leito a vão furtar,
e a trazem como em triunfo
e m'a dão sem a acordar.

Illusões não são tão vivas,
senti-lhe a respiração,
aqui palpitou seu peito
debaixo da minha mão;

é neste sitio que tóco
e imprimo co'a fronte minha,
era aqui mesmo que a bella
seu rosto encostado tinha.

Não percamos nosso tempo:
que faz ella neste instante?
responde; sim!... Não te creio,
tu queres zombar do amante.

Não vês quanto agora é tarde?
se olhasses o ethéreo plaustro
verias que te enganavas:
alta noite... e só num claustro!...

Abraçando o altar deserto,
das sombras velando em meio
de seu amante occupada!?
não, amigo, eu não te creio.

Mas o teu quadro é tão vivo
que me não póde mentir!
bem vejo sobre o alvo lenço
uma lagrima cair...

Levantou-se!... um rumor surdo
só faz có'a planta apressada,
atravessa os corredores,
desce por lúgubre escada.

Abre uma porta estrondosa,
e o cemiterio cruzando
chega aos jardins, onde a amiga
por ella estava esperando.

Por entre os muros erguidos
de longo buxo cerrado
caminham juntas á sombra
de um ceo immenso e estrellado.

O ruido da cascata
que tu pratêas, ó lua,
com branda voz as convida
ao fundo de umbrosa rua.

Lá vão na relva sentar-se
que cercam rosaes florídos;
que sons de melancolia
vem ferir os meus ouvidos!

A guitarra suspirando
ao toque de niveos dedos
parece estar-se queixando
aos proximos arvoredos.

Sobre que peito repousa
este instrumento de dôr?
sobre o teu, formosa amiga
do objecto do meu amor.

Findo o choroso preludio,
que meiga voz se alevanta?
ouçamos... silencio! é Julia,
a minha Julia que canta.

Acompanhai meu vão lamento,
auras ligeiras que passais;
tu, caro a amor, doce instrumento,
casa com os meus teus frouxos ais.

Repouza em paz o mundo inteiro.
e eu vélo entregue á minha dor.
Na mudez santa do mosteiro
dormi, ó Virgens do Senhor.

Virgens, dormi; eu vi a flor
dormindo ao pé do seu ribeiro.

Acompanhai meu vão lamento,
auras ligeiras que passais;
tu, caro a amor, doce instrumento,
casa com os meus teus frouxos ais,

Quanto eu dormia descançada
entre as irmãs filhas do ceo!
e quanto a noite é prolongada
depois que o somno me esqueceu!
a nutrir sempre o fogo meu
triste vestal sou condemnada.

Acompanhai meu vão lamento,
auras ligeiras que passais;
tu, caro a amor, doce instrumento,
casa com os meus teus frouxos ais.

Cantor da noite e dos amores,
oh! vai mais longe modular;
cruel, não venhas minhas dores
com teus prazeres augmentar;
eu canto aflicta o meu penar,
e tu contente os teus amores.

Acompanhai meu vão lamento,
auras ligeiras que passais;
tu, caro a amor, doce instrumento,
casa com os meus teus frouxos ais.

Das noites o fresco orvalho
cáe nas folhas que estremecem;

expira o canto, e das cordas
os molles sons desfalecem.

Entram ambas na alameda
que leva aos portões sagrados;
affastam-se. Adeus, amavel
origem dos meus cuidados.

O' meu caro Travesseiro,
em premio de tal visão,
toma um só beijo d'aquelles
que a Julia guardos são.

Mas prosegue nos meus sonhos
tuas mentiras formosas,
e ámanhã juro c'roar-te
de uma grinalda de rosas.

O SOBRESALTO

..... ingeminant curæ, rursusque resurgens
Sœvit amor, magnoque irarum fluctuat æstu.

VIRGILIO.

Quem és? não fujas, cobarde,
não salvas teu crime horrendo;
entre as matas do mosteiro
porque te somes correndo?

Pára... morre... mais não ouses
com tua mão profanar
a flor que os anjos cultivam
em paz á sombra do altar.

Julia! Julia! que fizestes?
ah perfida! meus suspiros,
teus votos, os sacros muros,
o terror d'estes retiros,

a santa mudez da noite,
as imagens consagradas,
os melancolicos ecos
d'essas marmóreas escadas,

os pios do mocho infesto,
os gritos da consciencia,
nada susteve em seu curso
tua funesta imprudencia?

Ai flores da minha esp'rança
com tanto amor cultivadas!
súbito raio vos fere
eis-vos em cinzas tornadas.

Fé, virtude, amor, doçura,
tudo, tudo era fingido,
caíu a máscara á furia,
desfez-se o jardim de Gnido.

E eu te amei!... mas com quem fallo?
onde estou? Que escuridão!
que é da lua? Onde está Julia?
onde esses bosques estão?...

Graças aos ceos, foi um sonho;
sinto o sangue alvorotado,
qual depois da tempestade
freme o mar inda agitado.

Mas quantas vezes co'os sonhos
se misturam profecias!
quem sabe que horrores podem
nascer co'os futuros dias!

Sei eu o que sou eu mesmo?
sei porque força divina
o genio que em mim se alberga
recorda, pensa, imagina?

Sei do universo os misterios?
de algum dos entes a essencia?
que serei depois da vida?
que fui antes da existencia?

O philosopho, orgulhoso
porque analisa uma flor,
e compõe sobre o universo
systemas a seu sabor,

zombe da minha incerteza;
mas eu, vérme de um só dia,
ignoro o mundo passado,
e o mundo que principia;

eternidades me envolvem,
vivo entre mundos submerso,
não vejo as molas occultas
que movem todo o universo.

Talvez fantastico mundo
encha este mundo visivel,
e do que fado chamâmos
componha o poder terrivel.

Dos sonhos quem sabe a causa?
e então, Julia, se este sonho
de um futuro inevitavel
fôr o preludio medonho!...

Da minha vingança treme,
treme das raivas de amor;
em mim não acha limites
nem ternura, nem furor.

Se é verdade que transmigrem
as nossas almas errantes,
a minha animou já corpos
de furiosos e amantes.

Já fui despiedado tigre,
já fui rôla melindrosa;
leão rugi nos desertos,
borboleta amei a rosa;

fui esse moiro soberbo,
gloria, horror da natureza,
que assassinei Hidalmóne
co'a mente de amor accesa;

eu fui o que ardi por Záira,
e vendo-a co'o meu rival,
«*Morre perfida*» lhe disse,
e lhe enterrei o punhal.

Venturoso o musulmano
que em seu harem avarento
guarda a esposa, qual se guarda
um secreto pensamento.

De amor não ousa fial-a;
amor co'as azas cortadas
vive escravo entre cadeias
nessas defezas moradas.

O que elle adora é só d'elle,
não deixa vel-o a ninguem,
eunuchos de alfange armados
noite e dia em paz o tem.

Adora as proprias escravas,
e no palacio onde as fecha,
afóra traição, perfidia,
os mais prazeres lhes deixa.

Vós que ao sabio musulmano
ousais barbaro chamar,
cidadãos da culta Europa,
vós antes deveis córar.

O amor, a virtude, o pêjo
são palavras entre vós;
quem vos prohibe ser homens?
igualar nossos avós?

Levai o fogo aos theatros,
aos vastos salões doirados,
aos perfidos toucadores,
aos livros envenenados.

Tornai á terra o seu oiro,
os seus infestos diamantes;
escolhei: vossos costumes,
ou ternas, fieis amantes.

O' Julia, pois é preciso
que tu me conheças bem,
ouve: eu te amo na minh'alma
qual nunca se amou ninguem.

Desejaria sumir-te,
sumir-te no coração;
mas ternura sem limites
quer igual retribuição.

Chores, rias, penses, falles,
dormindo ou velando estejas,
eu quero que em tudo minha,
e toda, e por tudo sejas.

Se tu mãi te abraçasse
eu seria descontente;
se beijasses tua amiga,
sentiria o zêlo ardente;

sentil-o-hia se em segredo
com tua irmã conversasses;
ou tenro, innocente infante
inda no berço afagasses.

Não perdoára esses crimes;
mas se um mancebo qualquer...
basta que falles, que escutes,
então, juro, has de morrer.

A FEITICEIRA

Huye, teme, sospecha, inquiere, zela.

LOPE DE VEGA.

«Que mão de estrangeiro bate
«á hora da lua nova?
«quem perturba em seus misterios
«a feiticeira da cova?»

«O espirito solitario,
«e a paz habite comtigo;
«abre ao choroso estrangeiro,
«filha do seculo antigo.

«A chuva em torrentes desce,
«ferem-me os ventos gelados,
«trago offerendas á caverna,
«quero saber os meus fados.

«Houve um tempo em que eu fui livre;
«agora aborreço e adoro,
«vivo nos ceos e no inferno,
«de raiva e ternura chóro.

«Um turvo sonho me disse
«que a virgem da solidão
«soffrêra tocar-lhe o seio
«estranha, nocturna mão.

«Desta visão agitado
«tremendo consulto as flores,
«mas quantas, quantas desfolho
«vem redobrar meus terrores.

«Do mosteiro solitario
«entre as montanhas e o mar
«mulher incognita e negra
«acaba emfim de chegar.

«Conhece as irmãs piedosas,
«viu todo o retiro antigo,
«fallou com ella, e confirma
o que raivando te digo.

«Acabei; Filha da noite,
«mulher das passadas eras,
«responde, aclara este enigma;
«responde; ¿que mais esperas?»

Disse, e calei-me. A Sibilla
colhe um pombo fugitivo,
beija-o mil vezes, mil vezes,
e ao fogo o arremessa vivo;

abraça-me, e de repente
gritando «desgraça eterna»
me impelle, vôa ululando,
e se perde na caverna.

O BERÇO E O PUNHAL

Fuissem tamquam non essem: de utero translatus ad tumulum.

JOB.

Um lustro! sómente um lustro!...
como o teu somno é profundo!
sem temores, nem remorsos,
nem vãs lembranças do mundo!

E' quasi passada a noite,
inda a aurora não se ergueu;
luminosa a estrella d'alva
já surge no fresco ceo.

Desta alcôva o mudo espaço
fraca alampada alumia,
cujo clarão palpitante
vai cedendo ao novo dia.

Alveja a nua parede
co'a frouxa luz matinal;
e tu prolongas a noite
em teu berço virginal.

Salve, imagem da innocencia,
amavel, gentil menina;
que idade! não mais que um lustro!
que estado! que paz divina!

Sobre teu peito inclinado
respiro o ar que respiras;
mas eu vélo, eu gemo, eu ardo,
e tu dormes, não deliras.

Bebes o nectar da vida
por taça doirada e pura;
na rósea, pequena bocca
brilha o sorrir da ventura.

Se aos teus unindo os meus lábios
podesse beber-te a vida,
trazer a tua innocencia
á minha alma destruida,

com que encanto me sentíra
reverdecer, e florir,
qual planta dos sóes queimada
onde o orvalho vem cair.

Tornaria a achar a infancia,
quadra alegre, mas esquiva,
bella como a borboleta,
bem como ella fugitiva.

Vão desejo, inuteis sonhos!
nunca, nunca voltarão
os aureos dias passados
de tão formosa estação.

Tu mesma que hoje os desfructas,
tu mesma... o lirio florece,
desbota, e murcha, e se enrola,
e depois desapparece.

Joven arbusto innocente,
os teus dias vão formosos,
porém se arvore te fazes,
darás fructos venenosos.

Não conviria cortar-te?
sim, cortar-te; ¿e por que não?
donde nasce o horror á morte?
donde ao sangue esta aversão?

Se de uma só punhalada
eu te fizesse morrer,
findára comtigo os males
que has de causar e soffrer.

Não é doce a paz do somno?
e se ella fosse mais certa?
mais duravel?... bem! se a mato,
não mais do somno desperta;

ou se acordar, será noutro
eterno, ameno paiz,
onde num dia sem noite
viverá sempre feliz.

Não receio a natureza,
não temo reprehensões,
não sigo a vingança, a raiva,
cedo a nobres impressões.

O tempo lhe voa em roda,
o tempo a fará crescer;
hoje, arbusto; ámanhã, cedro;
dentro em pouco... eil-a mulher!

Na vida os primeiros passos
por ora tens dado apenas,
só tens visto floreos prados,
ceos azues, alegres scenas.

Se fores um pouco ávante
na estrada que te seduz,
entrarás horriveis bosques,
onde a custo rompe a luz.

Calcarás duro terreno
arripiado de abrolhos,
a buscar outro caminho
cançarás em vão teus olhos.

Um labirintho medonho
só de monstros povoado!
desertos! depois... deserto!
e um ceo de bronze forrado.

Pedirás em altos gritos
ao deserto silencioso,
ora as rosas dos prazeres,
ora a fonte do repouso.

Mas o repouso não sabe
a entrada deste logar,
se o prazer ali traz rosas,
costumam logo murchar.

que Nume salvar-te póde?
qual terás seguro abrigo?
lá corre a morte, lá fere,
lá se abre a terra comtigo;

cáes soltando um grito agudo;
tua alma vai... não sei onde!
teu corpo murcho e gelado
lage eterna ao mundo esconde.

Tens feito na vida o bello
passeio da madrugada;
olho os ceos, descubro nelles
a borrasca annunciada.

O dia será tão negro,
que a noite a par será bella;
anticipemos a noite,
da aurora se passa a ella.

Morre pois, illude a raiva
com que já te espera a sorte;
bebe, ignorando o que bebes,
o doce calis da morte.

Não te exponhas dos remorsos
a supportar os dragões,
o infortunio dos humanos,
a guerra atroz das paixões.

Morre pois; mas se acordares
no instante em que o ferro cravo...
alma innocente, perdoa
o pranto com que eu te lavo.

Não chóro o teu fim, que a turba
dos anjos todos festeja;
chóro sobre os meus tormentos,
verto lagrimas de inveja.

Morre, e eu fico neste cáhos!
de ethéreas rosas c'roada
tua sombra ha de appar'cer-me
nos sonhos da madrugada.

Virá co'um sorrir celeste
agradecer-me o que fiz...
eil-a se volve em seu berço...
porque acordas, infeliz?

porque encaras com ternura
o teu piedoso assassino?
da dextra me escapa o ferro;
triunfou teu mau destino.

Vês pela aberta janella
romper o sol do oriente?
ouves os cantos das aves?
vês todo o valle contente?

Sim, tudo isto ia roubar-te;
mas em troca de tudo isto
que portas d'oiro te abria!
que universo inda não visto!

Acordaste? bem; pois vive,
escrava soffre entre escravos
da fortuna a tirania,
da natureza os aggravos.

Teu astro nascente vibra
por ora um clarão doirado,
mas de férreo, torvo lume
depois rolará cercado.

Espessas nuvens o esperam
no occidente amontoadas,
referverão a engolil-o
as ondas amotinadas.

Cresce, vive, encanta os olhos,
torna-te a inveja das bellas,
sê detestada e querida,
terna e perjura como ellas.

Embriaga-te de pranto,
adormece ao som dos ais;
mas a belleza é caduca,
mas as graças são mortaes;

a vida é mais longa que ellas,
e as roseiras espinhosas
tem duros troncos agrestes,
que sobrevivem ás rosas.

Julia, Julia, ah! se eu podesse
recuar tua existencia,
achar-te a dormir no berço
toda ornada de innocencia...

se nesse momento, aberto
do fado o cruel volume,
eu lesse futuros dias,
eu previsse este ciume...

não, não teria hesitado;
o ferro por minha mão
te voaria sem custo
ao fundo do coração.

AS RUINAS DO MOSTEIRO

... forsan et hœc olim meminisse juvabit.

VIRGILIO.

«Boa tarde, honrado velho!
«onde leva este caminho?»
«Ao fundo do Valle Escuro,
«por traz do oiteiro visinho.

«Querieis lá ir?» «E quero.»
«Deixai hoje esse passeio,
«é quasi sol posto.» «Embora.»
«A noite...» «Nada receio.»

«Esperai o novo dia.»
«Que temor!» «Eu vos conjuro.»
«Explicai-vos sem rodeios;
«¿que ha pois nesse Valle Escuro?»

«Ciprestes, aves de agoiro,
«mil fantasmas horrorosas,
«e as ruinas de um mosteiro
«de antigas religiosas.

«Ninguem de noite ousaria
«entrar em taes solidões;
«poderia referir-vos
«horrorosas tradições.»

«Eu te agradeço o teu zêlo,
«bom velho, mas vou seguro...»
«Onde?» «Ao meio das ruinas.»
«Onde?!» «Adeus, ao Valle Escuro.»

Como a tarde está suave!
quero ao lugubre retiro
chegar, antes que findado
tenha o sol o ethéreo giro.

Ciprestes, aves de agoiro,
e de um claustro antigos restos
devem aos olhos do povo
conter espectros funestos.

Eu acharei as saudades,
e as doces recordações,
onde o vulgo só encontra
terrores e apparições.

Eis um cipreste isolado!
ah! saudemos com transporte
a sentinella perdida
d'esse exercito da morte.

Lá embaixo outro se avista,
lá se descobre terceiro;
eis o bosque tenebroso;
não fica longe o mosteiro.

Atravez d'esta alameda
se off'rece ao longe uma torre;
de manto escarlate a veste
o sol que já quasi morre.

Entremos por esta parte;
de um muro os restos diviso;
era um jardim noutro tempo
a terra inculta que piso.

Nenhuma flor delicada!
as jardineiras... morreram!
ás anémonas, aos cravos
bravas silvas succederam.

As rosas estão silvestres;
murtas, buxos elegantes
desmentindo a antiga fórma
surgem arvores gigantes.

Herva e musgo enche os passeios,
e densa informe espessura
succedeu ás alamedas,
ás cabanas de verdura.

Desta cascata soberba
os cisnes estão quebrados,
cheios de bisso os brutescos,
os ornatos mutilados.

Marmoreo, redondo tanque
que undoso cristal enchia,
que habitavam róseos peixes,
e onde um repuxo fervia,

apenas d'água das chuvas
no fundo um resto conserva;
da garganta do repuxo
nasce impune esteril herva.

Quantos trabalhos perdidos!
que de oiro lançado em vão!
um sôpro da natureza
prostra as obras da ambição.

Antes que o dia feneça
entremos no templo antigo.
Que solidão! que silencio!
só me oiço, estou só comigo!

Assentemo-nos um pouco
nesta columna quebrada;
assim pois se acaba tudo!
quanta grandeza! e que nada!

A abobada, que devia
soffrer dos tempos a guerra,
eil-a! os seculos voaram,
quasi toda está por terra.

Uma alampada contínua
ali brilhava pendente;
o tecto já não existe;
vê-se agora o ceo patente.

Em roda d'estas pilastras,
d'estes altares sem culto
verdeja a grosseira ortiga,
arraiga-se o cardo inculto.

Nesse coro magestoso,
onde a musica soava,
goza do sol e da lua
em paz a figueira brava.

Do alto pulpito as escadas
o pé do tempo estalou,
fendeu as altas paredes,
as arcadas inclinou.

Como tudo está mudado!
aqui vinha um povo immenso;
illuminavam-se as aras;
subiam nuvens de incenso;

a seda ornava as paredes;
retiniam santos hymnos;
a oração aos ceos voava;
ouviam-se alegres sinos.

A infancia trazia flores,
preces a idade madura,
remorsos o criminoso,
suspiros a formosura.

Agora... silencio e morte!...
saiamos deste logar;
vamos; antes que anoiteça
quero o resto examinar.

Salve columnas musgosas,
arcadas longas e escuras,
claustro immenso, altas capellas,
religiosas sepulturas.

Anda-se aqui sobre a morte,
calco antigas gerações,
de que apenas restam lettras
nas sumidas inscripções.

Adivinhemos alguma.
Aqui jaz... perdeu-se o nome;
assim dos frageis humanos
o tempo as memorias some!

Esta lage Emilia cobre;
só quatro lustros viveu.
Trocou seu borel grosseiro
pelas delicias do ceo.

Cheia de annos e de bençãos
Sophia aqui dorme agora,
de um virtuoso rebanho
mais virtuosa pastora.

Vinte e duas primaveras
só vio a innocente Ignez;
morreu no dia em que os votos
aos pés dos altares fez.

Julia! que nome diviso!...
Julia nesta sepultura!
que novo terror me assalta!
que idéa para a ternura!

Ah! vôe dos ceos o raio,
ah! pereça a malfadada
pedra atroz, que ousou lembrar-me
ser mortal a Minha Amada.

Julia! Julia! a minha Julia!
a que eu chamava immortal,
não será exceptuada
d'esta lei universal?

A sua viçosa idade,
essas faces, esse riso,
essa graça, essa innocencia
inveja do paraiso,

esse espirito brilhante,
essa voz e meiga e viva,
esse composto celeste,
que me encanta e me captiva,

tudo isto será desfeito
como um sonho? uma illusão?
como um iris luminoso
ao cair da escuridão?

O tempo lhe deu encantos,
e o tempo furtar lh'os deve?
rugas no róseo semblante!
as tranças da côr da neve!

Desbotado e murcho o seio,
tardo o passo, a voz sumida,
curva, tremula, sem forças!
e logo depois... sem vida!

Verdade, cruel verdade,
a tua luz me importuna;
mas este amor que me abraza
despreza o tempo e a fortuna.

Ou da existencia no occaso,
ou na flor dos annos verdes,
ou na vida, ou no sepulchro
não, Julia, tu não me perdes.

Se mais longos que os teus dias
meus dias contados são,
pelo pó que antes foi Julia
baterá meu coração.

Desviemos esta idéa,
paz ao sepulchro fatal;
que brilhante a lua nasce!
que socego universal!

quero errar, quero perder-me
nestas ruinas extensas;
que soberbas galerias!
que escadarias immensas!

Por esta janella aberta;
se descobre a lua em frente;
nas lageas se estampa a grade,
que adorna um festão pendente.

Lá embaixo o antigo pateo,
onde um eco apenas mora,
brilha com as águas do inverno,
num lago tornado agora.

Era aqui... um dormitorio;
agora jaz descoberto;
d'estas cellas o recinto
acha-se mudo e deserto.

Nesta as paredes se adornam
de virentes cortinados,
só pela brisa da noite
ligeiramente agitados.

Nesta as heras trepadoras
formam tufos de folhagem;
naquella dorme apinhado
de pombas bando selvagem.

Torne a entrar da vida o sopro
da morte no imperio triste;
retrocedei, leves tempos,
terra, entrega o que engoliste.

Reappareça de repente
o mosteiro, o movimento,
os sons, os passos, as vozes,
o virgineo ajuntamento.

Em vão conjuro as idades
e a tremenda natureza;
nada acorda; nada muda;
igual somno! igual tristeza!

Vou descer de novo ao templo;
quero a fronte repousar:
servi-me de cabeceira,
marmóreos degraos do altar.

Que objecto feri co'a dextra?
um craneo!.. ¿por toda a parte
devo pois, terrivel morte,
continuamente encontrar-te?

Tomemos esta caveira;
eis o fim da humanidade!
eis o escolho, onde naufragam
riqueza, saber, vaidade!

eis a meta impreterivel
dos prazeres, e dos ais!
o monumento onde a morte
gravou «*Até-qui; não mais.*»

Quem me dirá se esta fronte
cingiu da conquista o loiro?
se encheu de suor os sulcos?
se trouxe um diadema d'oiro?

Ninguem, ninguem no universo!
que misterio impenetravel!
mas viveria aqui dentro
de outra Julia o genio amavel?

Esses olhos, essas faces,
esses cabellos compridos,
esses labios cor de rosa,
hoje em terra convertidos,

seriam como os de Julia?
como a de Julia seria
insinuante e suave
a voz, que d'aqni saía?

Idéas, que esvoaçaveis
no interior d'esta caverna,
ereis idéas de Juiia?
de uma alma sensivel, e terna?

Se assim foi, se houve no mundo
o ente puro e perfeito,
cujo aéreo simulacro
adoro dentro do peito,

se Julia tal como a vejo
nos sonhos da fantasia
não existe em parte alguma,
mas existiu algum dia,

baixa dos ceos estrellados
mulher, ou anjo, ou deidade;
apparece-me vestida
de celeste claridade;

faze-me ouvir que morreste,
que os meus suspiros são vãos;
abrirei da morte as portas
pelas minhas proprias mãos,

e meu fantasma raiando
de eterno clarão sidereo
irá respirar comtigo
no teu venturoso imperio.

Debalde te peço ás nuvens;
tu não vens! tu não morreste!
tu vives pois sobre a terra,
ente divino e celeste!

Mas tu, craneo, de quem eras?
consultemos-lhe a figura;
propensões, caracter, genio
se adivinham na estructura.

Aspereza e fronte larga...
elevações eminentes...
olhos fundos... foste um homem;
vejo signaes evidentes.

Se este indicio não me engana,
aqui, aqui dentro ardia
o estro audaz que abarca os mundos,
o volcão da poesia.

Tinhas nascido um Virgilio;
talvez te opprimisse o fado,
e em vez de pulsar a lira
seguisses humilde arado.

Da suave *bonomia*
cá vejo o feliz signal.
Eis o orgão da ternura;
eis o do amor paternal.

E tu morreste! e eu não pude
jámais achar-me comtigo!
bom pai, bom vate, bom homem,
bom amante, e bom amigo!

Praza aos ceos que no futuro
se entre ruinas achado
por mão d'outro solitario
for o meu craneo escalvado,

praza aos ceos que suspirando,
como eu suspiro com este,
diga tambem: «eu te amára,
«homem bom porque morreste?»

Esta idéa!.. eu morto?.. morto!
gelado!.. insensivel!.. só!..
coberto de escura terra!..
desfeito!.. mudado em pó!..

Eu, que vivo... e penso... e fallo...
eu? eu mesmo? A chamma interna
que me aquece, que me anima,
não póde durar eterna?

«*Não.*» Mas... «*Não.*» que voz terrivel!
quanto esta idéa é sombria!
as trevas me estão pezando...
se agora nascesse o dia!

Mas que é da lua? sumiu-se
no ceo de nuvens coberto;
violentos mugem no espaço
os aquilões do deserto.

Volve o ar as sêccas folhas!
ao longo da escadaria,
atravez dos corredores
que rijo o vento assovia!..

Nem portas! nem mão que as feche
na noite da tempestade!
de instante a instante recresce
a espantosa escuridade.

Relampagos successivos
rompem de todos os lados,
momentos do meio dia
á meia noite emprestados;

de ceo em ceo se despenha
o trovão que abala os ares,
os ecos o multiplicam
no seio d'estes logares.

O coro em silencio fica,
ficam as aras sem luz,
nenhumas virgens chorando
vem orar aos pés da cruz.

Noutro tempo... e agora todas,
todas dormem sem temor,
em vão lhes fulmina os muros
a tempestade em furor.

Parece que os ceos desfeitos
dos ventos co'a insana guerra
em ruinas se despenham
sobre as ruinas da terra.

Que noite! que horrivel noite!
não senti neste momento
um som de portões de ferro
por baixo do pavimento?

Mas que som?... Talvez foi erro
pelo temor produzido.
No fundo desta capella
respirar não tenho ouvido?

E' a c'ruja que ressona.
Um tremor involuntario...
não sinto um vestido aéreo
correndo no sanctuario?

E' talvez um vento surdo
que na folhagem murmura...
saiamos. Que luz! que vejo!...
aberta uma sepultura!

«Quem és tu, sombrio espectro?
«quem te deu o atroz direito
«de ousar presentar-te aos vivos,
«de sair do eterno leito?»

«E tu quem és, que insolente
«interrogas d'esta sorte
«o morador das ruinas,
«um dos vassallos da morte?»

«Homem sou.» «Porque vieste
«nas ruinas pernoitar?»
«Vim ao meio das ruinas
«recordações procurar.

«Este ermo habitado outr'ora
«pelas virgens do senhor,
«por ter sido a amor vedado
«é hoje o encanto de amor.»

«Amas?» «Sim.» «Amas?!...» «Adoro.»
«desgraçado! vem comigo
«tremer de meus fados negros
«no fundo deste jazigo.»

Entrámos na aberta campa;
a luz que na mão levava
pelas humidas escadas
os nossos passos guiava.

Lá em baixo, bronzeas portas,
que antes ouvíra soar,
á mão do espectro impellidas
se abriram de par em par.

Dentro em vasto subterraneo
nos achámos num momento;
montão de ossadas se eleva
no lageado pavimento.

Ferrea cruz alçada aos ares
sobre ferreo pedestal,
protege co'os longos braços
este despojo fatal.

Vós que em torno á minha lira
longo silencio guardando
estais com attento ouvido
horrivel scena esperando,

se alma piedosa vos coube,
poupai-me a atroz narração;
a lira se envolve em lucto,
o plectro me cáe da mão;

a lira em que vós sois numes,
Amor e Melancolia,
do assassino de uma esposa
a historia contar podia?

Na dextra do falso espectro
eu vi de sangue inda cheio
luzir o alfange homicida,
que abríra o mais terno seio.

Eu vi da rugosa fronte
cair-lhe um suor mortal;
ouvi-lhe os gritos inuteis
de seu remorso infernal.

Vi o pallido assassino
num frenetico transporte,
invocando a sombra inulta,
uivar na casa da morte,

rolar alagado em pranto
sobre os ossos alvejantes,
ferir co'as mãos indignadas
os tumulos circumstantes.

A lembrança d'esse dia,
d'esse dia atroz, nefando,
como um rochedo abrazado
lhe está sobre a alma pesando.

Em vão pela morte chama,
pragueja a vida teimosa,
foge a luz, procura as trevas
desta caverna horrorosa,

as trevas, que só lhe off'recem
do somno nas férreas horas,
ou nas compridas vigilias
apparições vingadoras.

Se vai sair d'estes sitios,
vem logo invisivel braço
repellil-o do universo,
reter-lhe o convulso passo.

D'entre os viventes expulso,
entre os mortos não acceito,
inda respira no mundo,
mas traz o inferno em seu peito.

Só ousa subir á terra
nas noites de tempestade,
bramar co'os trovões, co'os ventos,
dos raios á claridade.

E sua esposa entretanto
inda amante, inda fiel,
nos ceos o perdão supplica
do seu matador cruel;

agradece a punhalada
que a pôz num mundo melhor;
no injusto ciume encontra
menos injuria que amor.

As circumstancias tremendas...
Julia, Julia, não me atrevo!
negro veo se corra ao quadro,
aos olhos roubar-t'o devo.

Basta: eu chóro a desgraçada,
chóro o seu fim desastroso,
mas chora, chora tu mesma
o innocente criminoso.

Tremamos ambos, tremamos;
aprende o que esta alma sabe;
que onde cabe amor extremo,
extremo ciume cabe.

TENTATIVA ANACREONTICA

Odi et amo. Quare id faciàm fortassè requiris?
Nescio, sed fieri sentio, et excrucior.

CATULO.

A primavera renasce:
é tudo prazer e amores,
ceo e terra, montes, valles,
rebanhos, aves, pastores.

Toda a cadeia dos entes
de encanto electrico é cheia;
não sou eu tambem um élo,
um élo d'esta cadeia?

Pois que furia me separa
do alvoroço universal?
o genio do bem com todos,
comigo o genio do mal?!

Sempre cuidados no peito!
na mente sempre terror!
eu vi de fendida campa
brotar hoje humilde flor.

Melancolicas ruinas,
vós vos cobris de verdura,
pendentes festões vos ornam
onde aura leve murmura.

Bem: c'roemo-nos de rosas;
longe as nuvens da tristeza,
esqueçamo-nos de tudo,
gozemos da natureza.

Vem ó lira dos prazeres,
ó lira d'Anacreonte;
não tremas de um solitario,
de flores já cinjo a fronte.

Dai-me a taça transbordando;
pereça a tristeza odiosa;
não gorgeia o passarinho
depois que lhe morre a esposa?

Quero cantar livremente;
que me importa a enganadora?
accaso Julia no mundo
foi a primeira traidora?

Enchei-me segundo cópo,
cercai-me de novas flores,
riamos do seu perjurio
sem pena de seus amores.

Nunca mais o nome d'ella,
esse nome harmonioso
como o som de uma harpa eolia
numa noite de repouso!

Cantemos antes as Graças;
mais dignos objectos são;
as Graças em tudo a igualam,
excepto no coração.

Seu coração que me importa?...
não jaz minha'alma liberta?
mas se uma illusão... se um erro...
que digo? a perfidia é certa.

Bebamos. Ah! se ella agora,
co'o semblante em raiva acceso
podesse vêr em meus labios
este sorrir de despreso,

quanto seria humilhada!
sim: talvez que a confusão
até lhe chamasse aos olhos
o pranto da indignação.

Ella? Julia? ah! Julia agora
em vez de lembrar-se d'isto,
passeia rindo e cantando,
e nem lhe lembra que existo.

Vai-te, ó lira dos prazeres,
não sei teus sons modular;
quebrai-vos, taças inuteis,
vós, rosas, podeis murchar.

O SUICIDIO

La douleur est un siècle, et la mort un moment.

GRESSET.

Julia, Julia resolvi-me!
rasgo a minha negra sorte;
aos tormentos da existencia,
decidi, prefiro a morte.

Julia, adeus, adeus, ó Julia!
da vida o sonho agitado
cançou-me assaz; vês a campa?
quero dormir descançado.

Se eu podesse convidar-te,
feiticeira encantadora,
a um banquete entre nós ambos,
que só durasse uma hora!

uma tocha cor da noite,
que arderia sobre a mesa,
te mostraria em meu rosto
a pallidez da tristeza;

não me ouvíras uma falla,
mas dando-te um forte abraço,
á garrafa mais distante
veloz dirigíra o braço.

Tu me encherias o cópo
sem saber de que m'o enchias,
eu bebera resoluto,
e terminára os meus dias.

Arrancando os teus cabellos
tu me cobríras de pranto,
abraçáras meu cadaver
com ternura, horror, e espanto.

Teu coração lacerado...
deixemos desejos vãos,
a distancia... era impossivel,
não será por suas mãos.

Lê, Julia, o meu rogo extremo;
olha a lua; oh! como é bella!
ámanhã nascerá cheia;
ambos nós havemos vel-a.

Igual no dia segundo,
igual no terceiro dia,
mas ao quarto ha de eclipsar-se
deixando a terra sombria.

Nesse instante, nesse mesmo
sólta um grito de terror:
lá está luctando co'a morte
o teu ardente amador.

Sobre a margem de um caminho
raras vezes frequentado
murmura um carvalho antigo
do raio meio quebrado.

Pendente de um dos seus ramos
vou arrancar com violencia
de meu seio esta inimiga,
esta teimosa existencia.

Põe na lua attentos olhos;
as sombras darão signal:
quando a vires offuscada...
soou-me a hora fatal.

Acabei!... mãos compassivas
depois virão desligar-me,
e á sombra do meu carvalho
junto ao caminho enterrar-me.

O meu carvalho, e o caminho,
ficará sendo chamado:
A arvore negra da morte,
a vereda do finado.

Os que passarem no dia
por este logar horrendo,
irão pelo opposto lado
com leves passos correndo.

Mas de noite... ninguem ouse
chegar com pé temerario
a sitios onde vaguea
meu fantasma solitario.

Não queiram vêr meu semblante,
meus passos tardos e frouxos,
nem ouvir meus ais terriveis
atravez dos ais dos mochos.

Taes vão ser os meus destinos,
em quanto o dia não vem,
o dia tres vezes santo,
em que tu morras tambem.

Então meus gritos queixosos
minha infesta apparição,
no horror, na mudez da selva,
nunca mais se notarão.

Num thalamo subterraneo
juntos pelo amor ardente,
nossos espectros sorrindo
dormirão eternamente.

A ESPERANÇA

Veni de Libano, sponsa mea, veni
de Libano, veni; coronaberis.

CANTICO DOS CANTICOS.

Renasce o dia, e renasço
diverso do que hontem fôra;
meus pensamentos de morte
se perdem na luz da aurora.

Que genio, que amigo genio
me entornou com dextra mão
este balsamo propicio
nas chagas do coração?

Dos ceos agradavel filha,
pintora da natureza,
salve, ó luz, que de prodigios
derramas na redondeza!

Apenas tua presença
das sombras o horror desterra,
volve a fagueira esperança
a consolar toda a terra.

Se annoso tronco amanhece
todo copado de flores,
és tu, mimosa esperança,
que estás rindo entre os verdores.

Se a chuva cáe sobre o sólo
que as sementes escondeu,
és tu que em luzente aljofar
mudada baixas do ceo;

és tu que as aves conduzes
de clima em clima diverso,
flor dos bens, vida da vida,
alma de todo o universo.

Tu chegas sem que eu te chame;
filtras sem ser presentida;
de instaveis, aéreos quadros
tu me guarneces a vida.

Mas não tornes, cara esp'rança,
não tornes mais a deixar-me;
Julia! como era possivel
a amavel Julia enganar-me?!

Desterrou-vos de minha alma
de Julia um sorriso terno,
sonhos, calumnias, agoiros,
sumi-vos no patrio averno.

Um dia virá que aberta
a bronzea porta sagrada
deixará para o universo
volver a pomba encantada.

Do Libano opacos cedros,
de Iduméa altas palmeiras,
de Siloé solitaria
misteriosas ribeiras,

chorai vossa perda eterna!
ó terra exulta de gloria;
e vós acolhendo a pomba,
amores, bradai victoria.

Collinas, trajai de festa,
valles, enchei-vos de flores,
salve, penates campestres,
no dia dos meus amores.

Vossas arvores vos cubram
de uma abobada florída,
patente a modesta porta
ria de lirios cingida.

Brilhante de mocidade,
co'o rubor por novo encanto,
do Libano vos conduzo
a esposa esperada ha tanto.

Esquecei de Julia o nome
por tanta vez repetido;
longos ecos solitarios,
este nome era fingido.

Mulher, mulher, nossos astros
depois de tão largo giro
emfim se encontram, se tocam
sobre o ceo d'este retiro.

Para nós todos os dias
aqui nascerão doirados;
mas ai que os tempos melhores
são sempre os mais apressados!

Virá um dia em que rugas
e cabellos alvejantes
esfriarão nossos peitos,
mudarão nossos semblantes.

Os prestigios, os prazeres
desertam dos corações,
mas inda então, então mesmo
teremos recordações.

As nossas proprias saudades
nos virão enternecer
co'os aéreos simulacros
do já gozado prazer.

Eu te direi: «¿Não te lembras
«d'aquelle antigo segredo?
«d'aquella primeira falla?
«d'aquelle opaco arvoredo?

«D'aquella tarde em que juntos
«contemplavamos o mar?
«d'aquella manhã do estio?
«d'aquelle canto ao luar?»

Uma lagrima, um suspiro
tua resposta será;
mas nisto, sim, nisto mesmo
quanta doçura não ha!

Tal do Eden outr'ora expulsa
junto do Eden suspirava
essa primeira familia
á hora em que o sol baixava.

Apressemo-nos ao menos,
e já que este fio é breve,
quanto se póde, enrolal-o
em fuso d'oiro se deve.

Ao menos a mocidade
toda de amor se enfeitice,
e deixe em terno legado
saudades para a velhice.

FIM

A CHAVE DO ENIGMA

PARTE COMPLEMENTAR

A chave do enigma

Dezembro de 1861

Digam embora que me biographei; vou escrever uma pagina da minha vida.

Se mais ninguem a ler, lêl-a-hão os meus amigos. Ella tambem, êrma de interesses grandes, desenfeitada de estilo, e só attendivel, se o for, por verdade e affecto, aspira unicamente a captivar a attenção dos poucos para quem um murmurio de folhas num retiro de estio, e de vez em quando uns gorgeios ou pios de duas aves que se entre-reclamam embuscadas, supprem conversações, leituras, e até pensar.

Emfim, se nem para os meus intimos valer o que eu tenho de busquejar, muito saudoso de tem-

pos que lá vão, ficará sendo sr para mim, e para quem m'o inspirou; ah! quem m'o inspirou já m'o não póde ler, mas por ventura o ouve. Será um devaneio e um soliloquio; será uma folha solta de uma deliciosa arvore longinqua, hospedeira minha ha muitos dias; folha que uma viração despegou, volveu nos ares, me atirou á fronte, e me lançou aos pés, para ahi fenecer esquecida.

Não vale a pena de mais prologo. Nem tanto me está parecendo agora que fosse necessario.

Antes de tudo releva conhecer o individuo. Não é empenho muito facil, mas tentemos.

Levanta-se logo a primeira difficuldade d'este capitulo na averiguação da identidade.

Reflicta cada um comsigo mesmo neste grave ponto: ¿ a repetição de nome, a similhança das feições, a conservação, com mais ou menos mudanças, da indole primitiva, dos gostos, e das relações activas e passivas com as pessoas e coisas do mundo externo, bastarão para que, em boa philosophia, um homem qualquer se repute unidade constante, e unico indestructivel no meio da metamorphose universal? Embaraçoso problema!

O espirito immaterial e immorredoiro quer, por instincto, por egoismo, por fé, acredital-o; mas o estudo da natureza e a propria experiencia quoti-

diana, desmentem em boa parte essa presumpção. O individuo não é só a alma; o corpo que a reveste, a serve, e tantas vezes a domina, é mais que sujeito a continuas e espantosas variações; renova-se incessantemente, perecendo e renascendo a cada instante; a sua carne de hoje era ainda hontem vegetaes, ruminantes, aves, peixes, agua nas fontes, gazes na atmosphera, calorico no sol, terra debaixo dos pés, e electricidade sabe Deus por onde; congregaram-se essas meriadas de particulas... existiu; ámanhã partirão todas ellas destacadas para novas combinações e destinos, sem que o espirito lhes haja sentido a fuga, por que outras particulas accorridas do universo, terão vindo rendel-as sem estrondo nem abalo. Neste sentido cada individuo é simultaneamente filho, irmão, e pai, influidor e influido, conservador, destruidor, modificador, herdeiro, usufructuario e testador de quantos entes sensitivos, vegetativos, inorganicos, imperceptiveis, imponderaveis, são, como elle, parcellas componentes do planeta em que elle se proclama senhor e potentado.

Mas se esta desidentificação incessante do corpo escapa ás nossas percepções por não apresentar de hora para hora mudanças apreciaveis no ser, no sentir, e no pensar, já assim não é quando nos outros, e em nós mesmos, confrontamos a infancia com a

puericia, a puericia com a adolescencia, a adolescencia com a virilidade, a virilidade com a velhice, a velhice com a decrepidez; ou, supprimindo os graus intermedios para maior evidencia, a caducidade com a madureza, a madureza com o desabrochar no berço. Que ha ahi de commum?! Unicamente o nome, accidente impessoal, insignificativo, nullo. O corpo é manifestamente diversissimo, e em tudo outro, e com o corpo outro e tão diverso, outras e diversas igualmente são as faculdades intimas, outro e diverso o sentir, o querer, o recordar, o ambicionar. Não são epocas de uma vida; são vidas verdadeiramente distinctivas, talvez contrarias, que se encandeiaram por um trabalho simultaneo e occulto da natureza e da fortuna, dos successos e de nós mesmos.

É por isso que o louvor ou vituperio, a recompensa ou o castigo, conferidos tarde, contém sempre, mais ou menos, uma injustiça distributiva; e talvez duas: preteriram aquelle que fez, e já não existe, e vão-se dar ao que existe, mas não fez. Que de vezes se não haverá suppliciado um justo pelo malfeitor que annos atraz o precedera, e nada mais lhe legára que o seu nome e umas parecenças no semblante! A solidariedade do homem comsigo em remotos prasos da existencia, é pois tão infundada, como a de um individuo com outros, com quem

nenhuns vinculos o prendem, e que operam, independente cada um na sua esfera, como elle na sua propria.

D'aqui vem que sendo altamente suspeita de romance toda e qualquer historia que se escreva de um personagem, ou de um povo, ás vezes remotissimos em logar e tempo, sobre tudo quando o narrador pretenda assignar como causas aos successos o que se passou sem testemunha em tal ou tal coração, em tal ou tal espirito, pouco menos se eximirá de similhantes suspeições a noticia que o homem mais sincero pretenda transmittir-nos de si mesmo. «Escreve o seu preterito» — dirão os benevolos; mas escrever o seu preterito não é escrever já de outrem?

Demais: ¡quantas perplexidades! quantas conjecturas temerarias! quantas supposições de boa fé, mas erroneas, quando ao clarão interrupto de reminiscencias enfraquecidas pretender levantar do pó as flores, e os espinhos que nelle se converteram, reedificar edificios, sobre os quaes se levantaram edificios novos, insuflar vida a sombras, resuscitar o coração de outr'ora, e achar a harpa interior com todas as suas cordas e a mesmissima afinação!

São estas, para quem bem o pensar, umas difficuldades, e tambem uns desenganos, e umas tristezas muito grandes. Nunca tão claro o senti, como ao

reler agora este pobre livro. Forcejarei todavia por trazer á vossa intimidade, meus amigos, o autor d'elle, se ainda me for possivel, depois de tão apartados um do outro. Um bem que ha nesta desidentificação, neste apartamento dos dois *eus*, é que, se algum bem me for necessario dizer do que foi, já ao que é se não poderá carregar em conta de vaidade.

Presupposto, como bem é de razão, que a Providencia fada para um destino especial a cada um dos que vimos a este mundo, para que nasceria eleito, ou precito, um menino que ha hoje sessenta e um annos desabrochava em plena luz, e recebia um nome que havia de ser meu? Cuido não me enganar muito affirmando, que simples e exclusivamente para haver ahi lá para o diante mais um cantor de affectos.

Que aproveita ao Pai da natureza que haja mais um amante, mais um cantor? Nada sem duvida, pois lá tem em roda de si para o amarem, e cantarem, os seus anjos; mas no seu systema de harmonias, entraram tambem os gorgeios dos passaros cá em baixo, musica das florestas e do oceano, a voz suavissima da mulher, e os canticos do poeta.

Assim como nem tudo na terra são searas e fructos, nem tudo na humanidade lhe prouve a elle

que fosse laborioso e productivo no sentido grosseiro e restricto da palavra, como presumem economistas. Emquanto o cavallo peleja, o boi lavra, a ovelha elabora o leite e a lã, um insecto o mel, outro a seda, plantas a saude, minas os metaes, ha boninas que só alegram e perfumam; ha murmurios no ar, e visões coloridas no ceo, que só recreiam; ha pedrarias scintilantes que só adornam; ha balsamos que só rescendem; ha o rouxinol para idealisar os mysterios da noite; ha no eremita a oração muda que se exala para as alturas como aroma; ha na alma que sonha, miragens estereis, mas voluptuosas; e ha no sonhar perenne do poeta com que pague de sobra a seus irmãos as poucas espigas que rabusca das ceifas, os quatro palmos de solo em que se alberga, a agua da fonte commum em que se descedenta, e o ar de que aspira reclinado o seu quinhão, para o exhalar convertido em melodias.

Fadada vinha pois, segundo cuido, aquella criança só para poeta, e poeta unicamente de branduras. Para a realisação do horoscopo se entendeu a Fortuna com a Natureza, como para o diante vim a reconhecer, quando, passadas as angustias da preparação, que assaz foram desabridas e porventura insolitas, pude, chegado ao alto, abranger com um relance todos os pontos percorridos, vel-os, por

effeito da distancia, aproximados, e descubrir-lhes então finalmente o systema e a harmonia.

Foi a infancia do innocente, que eu ainda me recordo bem de ter conhecido, rosada, doirada, chilreada, alegrissima, como quasi todas as auroras. Mas os penates do seu berço haviam sido na cidade, e os passaros cantores não se criam e educam bem senão pelas amenidades tranquillas e scismadoras d'esses campos.

A ser verdade que a sciencia com a imposição das suas mãos escrutadoras sobre uma cabeça, pode prognosticar o que a organisação interior contem de germes intellectuaes e moraes, capazes de grande producção, se as circumstancias lhes favorecem o desenvolvimento, parece-me que, desde que essa previdente fada humana, — a sciencia — annunciasse uma indole poetica, a sociedade mesma deveria tomar á sua conta essa nova indole privilegiada; e a fim de a pôr no mais segura caminho para os seus destinos, fazel-a criar o mais que possivel fosse, no seio da natureza, sobre a terra larga que produz, ri, e canta, e debaixo do ceo que inspira, brilha, enamora, e enleva.

As forças do camponez, as graças de saude da camponeza, envergonham os enxames de frivolos e ephemeros dos grandes focos de população; e porque? A causa não deve ser outra senão que das

barreiras a fóra, longe do alcance do immenso carcere, se vive mais conchegado com a natureza, mais debaixo da mão invisivel, mas tepida e suave, do Creador.

Tudo na cidade é artificial (e de quão ruim e desentoada artificialidade as mais das vezes!) São prosaicas as occupações; prosaicos e arriscados os projectos e os desejos; apertadas, escuras, doentias, as vivendas; tolhidos os trajes; acanhadas as perspectivas. Se se escuta uma ave, é mais a queixar-se do captiveiro em que definha, do que a chamar pela companheira, que não tem, para fabricar berço a filhos, que nunca ha de ter. Se se vê uma planta, uma d'estas mudas filhas de Deus que tanto sabem e dizem, tão bem florescem e medram na sua pacifica republica, é infézada e triste na prisão de um vaso, debruçada para uma incruzilhada immunda lá em baixo, ou alando-se num saguão á espreita do sol quando elle atravessar fugindo lá por cima pela estreita fita de ceo, do ceo immenso em toda a parte, e aqui só aos retalhos e somiticamente repartido. Que é da viração balsamica por estas ruas? que é da madrugada com os seus descantes? o meio dia com os seus guarda-sóes verdes e movediços de trinta braças? o crepusculo com as suas despedidas saudosas? a noite com a sua orchestra suave tão grata ao amor, e

com que se dão tão bem os somnos, os sonhos, as vigilias? Tudo isto, e infinitamente mais, tudo quanto era natureza, desterrou-o a mão do homem quando desarreigou as arvores para plantar os seus estirados colmeiaes de pedra; desterrou as relvas, e as searas, para assentar as praças; calçou as ruas, que não despontasse olhinho verde; multiplicou as fabricas, o commercio, o estrondo, para que os harmoniosos filhos do ar só muito por alto, e fugindo, se aventurassem a atravessar tão desmedida e nevoenta cratera de prosa, de cuidados, de fadigas, e de desgostos.

Longe de mim negar puerilmente ás cidades suas vantagens sociaes; digo só que para a poesia se não fizeram ellas, e que, se nessa fragua algum engenho poetico resiste, se ahi canta, nunca ha de ser tanto, nem tão bom, nem tão innocente, nem tão perfumado, como sería sem duvida nos campos; e apostaria eu uma hora de vida aldeã, e até casaleira, contra dez annos bem medidos de um vegetar em corte (apostaria e ganhava) que tudo quanto mais deliciosamente cantaram poetas em cidades, se elles nol-o quizessem ou soubessem declarar, das suas reminiscencias ruraes, porventura remotas e meio apagadas, lhes proveio. De Virgilio só tiraria eu provas sobejas, irrefragaveis, se para coisa tão intuitiva fossem ellas necessarias; aquelle

Virgilio que florescia em Roma para corear de gloria Cesares e deuses, tinha as mais vivazes raizes do seu genio tão suavemente melancolico, longe é bem longe, onde ninguem lh'as enxergava: pelos comoros de murtas da aldêa de Andes, pelas margens do Mincio siciadas de canaviaes.

Redescendâmos de tamanho homem ao pequenino de quem iamos... historiar não, que lhe não sabemos historia, mas simplesmente conversar.

Importava que lhe chegasse com cedo a iniciação campestre. Com as impressões iniciaes se cunha a feição caracteristica de muita alma, se não for de quasi todas. Bem estreado aquelle a quem as primeiras idéas do mundo exterior, puras e amoraveis, advieram afinadas pelo instrumento que a Providencia lhe armára dentro. Isso ao menos teve elle em seu favor.

Uma queda, que por pouco lhe não destruiu a vida logo no começo, foi seguida de resultados assustadores: pallido, descarnado, abatido, pareceu que poucos passos mediria do berço á sepultura. Uma noite acorda suffocado; golfa sangue em torrentes; sobresalta-se a casa; acredita-se que já não tornará a amanhecer-lhe; acodem os medicos; resolve-se como ultimo e unico regresso fuga precipitada para o campo.

Ao rasgar do dia já transpunha as portas da ca-

pital, reclinado no regaço materno, rodando a carroagem tão vagarosa e precatada, que facil se adivinhava ir depositaria de uma existencia que ao minimo abalo se esvairia.

Tanta coisa proxima e de vulto se me tem desluzido da lembrança, e ainda aquella noite angustiosa, e aquella manhã suavissima, aquella morte tiranteada, e aquella resurreição de alleluia atravez de fragrancias, sombras verdes bordadas d'oiro pelo sol, e emboras dos passarinhos, me estão impressionando como presentes. Não sei, nem ha já quem me diga, a quantos, nem em que mez, nem em que anno, fôra aquillo; o que sei é que todas as copas estão folhudas, e muitas florídas; que tudo quanto vem vindo para nós por um e outro lado do caminho ri contente, como em domingo de festa: as casas de quinta com as suas varandas e vidraças illuminadas do sol novo, bosques ociosos debruçando a cabeça por cima de um muro amarello para nos espreitarem, a porta vermelha entreaberta de uma horta viçosissima, aqui piteiras esguias e silvas recortadas nos comoros, adiante estatuas, e vasos de marmore lavrados, um oiteiro com o seu rebanho a fluctuar, e lá no cimo um moinho bracejando e cantando no trabalho, emquanto o domno á janellinha escuta ocioso a viração de Deus que lhe está chovendo pão lá dentro.

Notava eu em meio d'este paraizo lagrimas nos olhos de minha mãi, e não as comprehendia; deviam ser de commoção. Minha mãi tinha alma poetica; (lá coração poetico todas as mãis o tem). Se a tivessem aparelhado com educação e instrucção apropriadas, poderia ter escripto deliciosamente; florejou sem cultura, e sem saber que florejava. Nos festins de familia, quando a saude dos seus, a presença de quantos lhe eram caros, e a prosperidade da casa, a exaltavam, improvisava versos faceis e melodiosos em que scintillavam faiscas de talento e certa graça natural; pareciam aquelles uns meros reflexos involuntarios do seu contentamento intimo, e eram; mas o contentamento intimo só tem resplendores taes num espirito de eleição. Meu pai, a quem a severidade da sciencia e a supremacia da razão não deixavam logar para ser poeta, que não tinha sequer nascido com a organisação propria para isso, mas que pelo complexo de outras suas qualidades eminentes era uma das pessoas mais proprias que eu nunca vi para reconhecer, aquilatar, criticar, e dirigir poetas; meu pai, costumava repetir que, se minha mãi não tivera sido obrigada a repartir todas as suas horas pelas occupações domesticas, e toda a sua poesia nativa pela educação dos filhos, se fosse uma cenobita, por exemplo, com poucos livros, muito re-

manso, e a natureza, por certo deixaria de si boa memoria para entre as escriptoras portuguezas.

Deviam ser logo aquellas preciosas lagrimas, com que minha mãi me rebaptisava renascido, menos causadas do manço alvoroço festival de terra e ceo em primavera, que da lucta em que lhe iam no coração, o temor e a esperança.

A immensa viagem, que não passou de uma legua, deveu lançar-me no espirito delicado e absorbente, os primeiros germes dos meus, já agora indestructiveis, amores, para com as lindezas do universo.

Conheceis para além do arvoredo do Campo Grande no retirado sitio do Paço do Lumiar, aquelle edificio, nobre sem fausto, que faz frente ao pequeno largo do poço, e que talvez communicou á povoação o seu nome aristocratico? Eis ahi o termo da piedosa peregrinação de minha mãi; eis ahi onde a reflorescencia me aguardava, e com ella novas e abundantes sensações, das que a minha indole ia absorver com avidez, e assimilar, para fructificar alguma poesia em vindo a quadra.

Recebeu-nos com alvoroço, e com affecto patriarchal nos hospedou, a familia ainda nossa parenta, a quem a vivenda pertencia, familia ainda mais ligada comnosco por laços de amisade, e de leal e não interrompida convivencia. Compu-

nha-se de mãi, uma filha entre doze e treze annos, e seu irmão pouco mais idoso.

Amalia (era o nome da minha pequena prima) possuia com o semblante mais vivo e sympathico a indole mais expansiva e carinhosa; os seus olhos, cujo extraordinario brilho eu estou ainda admirando, eram dotados d'um magnetismo precoce, e tal, que até os de uma criancinha, como eu, se pasciam nelles com delicias; mas não era ainda assim nos olhos que estava o seu maior feitiço; a sua voz tão suave, como nunca depois ouvi outra alguma, saía por uma bôca tão singularmente pequenina, que podéra quasi quasi haver tentação de a extranhar á primeira vista, se não parecesse, com o seu sorriso habitual, uma rosinha das mais pudibundas a entreabrir-se; era um ósculo perpetuo da innocencia.

Amalia, com a superioridade que lhe conferia sobre mim a differença dos annos, quiz tomar-me desde logo maternalmente sob a sua protecção, prohibindo-me, por interesse na minha saude, o participar dos brincos tumultuosos, para os quaes seu irmão me provocava. Meu primo era já então militar por genio; a barretina empennachada, o boldrié lustroso, a espada de madeira, as dragonas, e a banda de official, com que a si mesmo se despachára, faziam-no preferir aos passatempos se-

dentarios, mais conformes aos gostos de sua irmã e á minha fraqueza, o estrondo e o movimento.

D'ahi provinha que as mais das vezes, em quanto elle marchava a passo dobrado ao som de um tambor imaginario, esgrimia contra uma estatua, ou degollava alguma papoila tremula, Amalia e eu, pacificamente sentados muito mão por mão a uma sombra do jardim, toucavamos de minhonetes e amores-perfeitos as suas bonecas, emmolhavamos ramalhetinhos para nossas mãis, e interrompiamos a cada momento a esmerada tarefa, logo que uma abelha doirada, uma borboleta branca ou azul, ou um pio de ave escondida, como que por malicia, entre as folhas, vinham suscitar a minha curiosidade, e accender-me exclamações de maravilha e contentamento. Minha prima gosava-se da minha alegria, e tinha vaidositamente o ar de ser ella quem me estava fazendo as honras da primavera. Dissereis, se reparasseis como eu na complacencia com que ella contemplava, ora o seu jardim tão formoso, ora o seu priminho tão attento, que era uma poetisa desvanecida com o effeito do seu ultimo poema num ouvinte encantadissimo; e que tudo aquillo que eu amava no seu jardim, os arbustos infeitados, os ninhos palreiros, os insectos volteantes, as aguas harmoniosas, tudo ella tinha feito, ou pelo menos aconselhado e pedido a um anjo fei-

ticeiro, feiticeiro como ella. Eu quasi que assim o acreditava; se me tivessem dito que ao seu mando podiam rebentar das pedras lyrios e rosas, ia pedir-lhe esse prodigio como a coisa mais natural de todo o mundo.

Creio que nos amavamos; mais que no sentido da amisade; mais até que no sentido do amor; no sentido do paraizo terreal, quando a humanidade vinha despontando resplandecente de innocencia! Amavamos de certo; posso affirmal-o pela viveza e saudade com que estou, agora mesmo, sonhando tudo aquillo. Não sei se o coração me latejava; sei que me palpita agora com a maior força; sei que dera eu hoje o throno do celeste imperio, e todos os thronos do mundo, e até a gloria de Homero, e de todos os poetas, pelo revivimento para mim de tal primavera com todas suas circumstancias, embora com a certeza de vir eu proprio a murchar, e destruir-me com a sua ultima flor.

Todos os ridentes allegorisadores da antiguidade fallaram de um Cupido filho de Venus, armado de fogo e settas, cruel e suave ao mesmo tempo, incoersivel e fugitivo como os sonhos. Existe esse não ha duvida; mas ha outro amor, podera eu affirmar-lhes, que nasceu do casamento de uma açucena com o zephyro; que mesmo suspirando está a rir; que sobe em espiraes melodiosas para o

ceo até se perder de vista, mas não foge, reapparece, e redescende fiel ás mesmas amenidades donde levantara o vôo. Não fere, nem envenena, encanta. Não accende fogo para deixar cinzas, brilha na alma como sol. Não se rodeia de aves de agoiro, nem de sonhos temerosos. Não desvela as noites já com prazeres instantaneos, já com delirios, e arrependimentos contumazes, mas se imbebe na andorinha do beirado para nos acordar cada antemanhã com as alegrias puras que ella sabe. Não cura de ciumes, quizera que todos amassem como elle. Não é um amor concentrado, exclusivo, incompleto que só põe a mira num objecto caduco; é outro amor profundo e infinito como a criação com cujas maravilhas, maravilha elle proprio, se renova; a sua venda, se a tem, não escurece; é toda de brilhantes diaphanos e prismaticos, que redobram os prestigios do universo. É o primogenito de todos os amores, e o que a todos sobrevive. É o que serviram, adoraram, e nos ensinaram a adorar, sem nome, todos os grandes poetas, desde Orpheu até o *Thomaz dos passarinhos*. É o que a virgem mais ingenua está sonhando voluptuosa, quando absorta suspira, e parece triste. É o que á mente do religioso levanta escadas florídas para o Empyreo. E' o que annuncia, como boa nova, ao caduco, uma arregaçada de saudades, um chorão, um gorgeio es-

tivo, e prateados raios da lua para cima da cova. E' emsumma o que aos impotentes da infancia segreda tantas coisas ineffaveis que o alvoroçam, e de que o outro amor em chegando, ha de receber porventura muita herança. Tal era a mysteriosa divindade que presidia aos nossos passatempos, sem que eu então a adivinhasse.

Amavamos pois decididamente.

Vigiava-nos inquieta, suspeitosa, sollicita, a mãi de Amalia!.... Não riaes: o seu coração materno tinha razão; um coração materno tem razão sempre. Não era um impossivel o que ella temia; apavorava-a um perigo real, e quanto a ella, segundo todas as mostras, muito provavel; que perigo? O da communicação da minha doença a um ente a quem ella sentia vinculada a sua existencia, e sem o qual, ainda que o quizesse, não saberia já viver.

O sangue que eu perdêra, a minha debilidade, todo o meu exterior, induziam a crer que a infermidade que trabalhava tão activa por dentro em me destruir, era... nada menos que a phtysica! mal ainda então rarissimo, com que hoje pela generalidade se vive familiarisado, mas do qual no começo d'este seculo nem quasi se ousava proferir o nome senão em baixa voz. A familia, em cujo seio despontava tal phenomeno, forcejava pelo encubrir a todo o custo aos de fóra, como um casti-

go divino, e uma ignominia; e abria ella mesma uma area de respeitoso terror em cujo centro languecia, soccorrida, mas desamparada, a pobre victima. A roupa, os moveis, até a loiça do seu serviço, tinham marca, para que ninguem lhes tocasse. O confessor, o medico, o amigo, os filhos, a esposa, não chegavam ao alcance do seu halito; era o leproso; era quasi o damnado aquelle triste esqueleto vivo, envolto na sua pelle livida e ardente, e a quem, para luxo de desgraça, a natureza subtilisava a vista e o ouvido, conservando-lhe inteiras a memoria e a intelligencia até á ultima. Emfim, logo que o espelho apresentado aos labios por um braço estendido de longe e tremente, testemunhava com o seu cristal não empanado, que o ultimo bafo se esvaecêra, ainda a terra o não tinha recebido, quando já os seus vestidos, o seu leito, a sua cadeira de martyrio, o livro das suas derradeiras orações, tudo era entregue ás chammas, e as mais prolixas ceremonias de lustração, tanto religiosas como physicas, acudiam á poisada; acontecendo muitas vezes que nem depois de picadas e renovadas as paredes, havia temerario que se aventurasse a occupal-a.

Deus louvado, o tempo não tardou em mostrar pelas mais irrefragaveis provas que a minha enfermidade, com toda a sua carranca de profunda

e fatal, era passageira, e que d'aquella fragua poderia sair, como de feito saiu, uma constituição vigorosa e duradoira.

Aos nossos amores, tão bem correspondidos de parte a parte, nem sequer faltou pois o estimulo de uma quasi prohibição, e o sainete de terem de se andar recatando sobresaltados ao minimo rumor como verdadeiros criminosos. Se não fosse a presença de minha mãi, e o affecto e delicadeza com que sua prima a tratava, ter-nos-hiam, provavelmente separado, enclausurando na casa a amante, e deixando livres, mas desertos, para mim, o jardim e a quinta, largo e formoso banho dos ares balsamicos, de que eu então sobre tudo necessitava. Quem havia de lucrar com isso era João, meu primo; o que sua irmã perdia, ganhava-o elle; era um namorado de menos, e um soldado de mais para o seu regimento, em que até então era elle só a força e o commando, o porta-bandeira e o tambor.

Havia muitas horas entretanto em que a mãi de Amalia, com a razão, ou com o pretexto do estudo ou dos bordados de sua filha, a retinha no gineceu da casa; essas horas (bem o sabem todos os que amaram) deviam-me parecer eternidades; para as abreviar, ora ia sentar-me num banquinho ao pé do seu bastidor, enlevado em ver rebentar

flores debaixo dos seus dedos; e ouvindo os contos, que ainda hoje me lembram, da velha e gorda cosinheira Escolastica; ora me detinha encostado ao grande portão de grade de ferro no lado fronteiro do pateo, com os olhos pregados na janella do quarto de lavor; feliz quando detraz da vidraça me alvorecia a miudo saudando-me com um sorrizo, aquella pequena rosa que eu esperava, e que já de lá como que me estava ensaiando os beijos que eu d'ali a pouco havia de colher ás escondidas no caramanchão, especial asylo, e o mais seguro, dos nossos furtos,

É uma grande pena que não saibam as creanças escrever, e não registem, para depois as lerem, as suas memorias, e que a torrente caudalosa dos successos ulteriores lh'as desgaste e confunda quasi todas; a sua historia poderia ser muito mais gentil, muito mais elegante, muito mais instructiva, que as historias e novellas d'outrás idades. Á mingoa de taes documentos, que bem preciosos me seriam agora, fui hontem 19 de dezembro d'este 1861 visitar, ao cabo de tantos annos, logares tão queridos, e evocar nelles os fantasmas verdes dos arbustos do meu tempo, o fantasma candido d'aquella que eu tantas vezes arraiei como gentil maia á custa d'elles, e o meu proprio fantasma pequenino, alegre, buliçoso, tão puro, tão amante, e dian-

te do qual, como diante d'ella, eu me ajoelharia, se o encontrasse. Palpitava devéras ao aproximar-me, como sem falta deve acontecer a quem se acerca d'um logar de mysterios, ou a quem excava um solo, de que espera inthesoirar reliquias santas da antiguidade. Parecia-me que o mal transparente veo que tanto ha me collocou o mundo numa penumbra, de repente se levantaria por um milagre da vontade e do affecto, e que eu ia rever tudo tal como o levava no coração e na saudade. Ai ninho de tantas delicias! quem se atreveu a desfazer-te! De tudo que ali havia, e que era tantissimo, quasi que só eu resto! Não importa: profanados, perdidos mesmo, esses logares conservam, indelevel ainda para a minha alma, a sua primitiva sagração. Tornarei a visital-os na proxima primavera; talvez se me recordem então do que hontem só confusamente lhes lembrava; encontrarei porventura valverdes florídos, rainunculos matizados, quinquagessimos descendentes, e mais, dos que tão suavemente brilhavam no meu tempo; e esses alguma coisa saberão relatar-me de tão antiga historia. O portico viçoso, estrellado de jasmíns que bordava de sombras graciosas o vestido branco de Amalia, quando, abrigados ali num meio dia de verão, escutavamos as cigarras emboscadas, ha de por força com a sua fragrancia fallar-me d'ella e avivar-

me no espirito um cardume de sensações lyricas ineffaveis.

Por agora, que estou dictando a uma legua de distancia estas paginas, talvez indifferentes a todo o mundo, e frias como a estação em que nascem, que me acho diante de outras arvores nuas, que aguardam, saudosas como eu, dias de festa, o mais que posso dizer é que a primeira impressão photographica da bella natureza, toda esplendida e de uma admiravel nitidez, foi ali que a minha mente a recebeu. Um tal quadro que tinha de me ficar no sanctuario intimo para todo sempre inspirativo, fecundo, milagroso, e contendo a synthese da galeria do universo real e imaginario, mal podera haver tido tal perpetuidade e tal virtude, se lá m'o não collocassem uma fada e um genio, uma mulher e um amor; mulher recemcaida das estrellas, e ainda ignorante da sua destinação; amor puro como o dos anjos encarregados de enfeitar a natureza, e que terminada a tarefa dormitam entre os obeliscos que levantaram, e sonham ceo.

Assim, ao mesmo tempo que as minhas forças medravam a olhos vistas de dia para dia, e que os diversos receios das duas mãis diminuiam de manhã para manhã ao alegre florir do meu aspecto, se foi a minha indole compondo com duas religiões que a final se reduzem a uma só: o culto

das gemeas e eternas amantes universaes, — a natureza e a mulher.

De tão ameno passeio na alva da vida chego de repente á escarpa d'um precipicio, donde é inevitavel o despenho para um abysmo.

Encetava eu apenas a carreira do estudo, tão menino, tão menino, que o ouvirem-me já lêr, e verem-me formar caracteres, era (nunca a minha vaidade o esqueceu) um thema de admirações e de felizes prognosticos para os parentes e amigos da familia. De repente outra doença, mais terrivel que a primeira, e menos esconjuravel do que ella, não paga com martyrisar-me, não contente de balançar-me por um fio largos mezes entre a vida e a morte, me atira vivo para um sepulchro! Eu respirava; mas os bellos olhos, idolatras das flores e de Amalia, e vangloria de minha mãi, não sabiam se havia ainda no ceo o sol de Deus! E' impossivel recordar-me d'esse prazo, prazo de não sei quantas eternidades, sem que ainda agora o coração se me confranja.

Imaginai um homem á hora em que se fosse embarcar num bergantim doirado, por um mar de prata, com virações balsamicas dos vergeis da terra, cuidando já velejar horisonte em fóra para um mundo de delicias... e lançado de improviso no mais fundo subterraneo de uma torre! Esse homem tão desafortunado, e desafortunado tão sem

culpa, que nem ainda era homem, fui-o eu; e tanto mais sem ventura, quanto ninguem então, nem eu por conseguinte me julgava possivel a resurreição, e a soltura.

Convalesci; d'esta vez sem os soccorros do campo. Tinha as forças e a idade para folgar, tinha o desejo e a precisão do movimento, da convivencia, da fraternisação geral, da conquista, emfim, que pelos olhos se opéra de continuo nos inexauriveis dominios da natureza e da sociedade; não podia permanecer immovel; mas o meu carcere sem lanterna me seguia por toda a parte. A ave da poesia, que me pipilava dentro, debatia-se contra as grades, quando ouvia lá de fóra estrondear a vida festival, e pelo eco deshumano das suas vozes se lhe revelava o sem numero de bellas coisas que até os insectos e vermes senhoreavam pela vista.

Dera-me a Providencia entre meus irmãos, um, dois annos mais novo do que eu, cuja indole sympathica inteiramente com a minha, cujos gostos em admiravel harmonia com os meus, nos constituiam mais que irmãos, — duas metadas inseparaveis do mesmo todo. Ardia tambem nelle a faisca sagrada. Não era tudo o palpitar o coração de cada um dentro no peito do outro; os nossos espiritos se adivinhavam de parte a parte; a nossa conversação tinha... (como hei de dizer isto?) o que quer que

fosse d'um soliloquio, ou de um cantar ao eco. Levava-lhe eu a vantagem de vinte e quatro mezes mais, elle me levava a de mais um sentido. Havia equilibrio e compensação; cada um dava, e cada um recebia. Este mesmo interesse mutuo contribuia para a espontaneidade da nossa fuzão necessaria e suavissima.

Chegou a idade dos estudos. Era tempo de aparelhar com as chamadas humanidades para as sciencias. Que inveja e que tristeza, quando meus irmãos, ambos mais novos do que eu, sairam pela primeira vez deixando-me só para se irem inscrever na classe de latim! Permittiu-se-me accompanhal-os; attendi; devorei; li pelos ouvidos; corri aposta com os mais applicados. O preceptor, bom e honrado velho, que trinta annos havia professava com devoção o idioma de Cicero e Virgilio, observa a minha attenção; interroga-me curioso; reconhece e declara não ter discipulo que mais em cheio haja absorvido as suas doutrinas. D'essa hora em diante fui eu o filho adoptivo, o predilecto, o mimoso do seu enthusiastico romanismo. Não só erudito de amplos cabedaes; mas poeta, poeta elle mesmo, poeta *utriusque linguæ*, julgou reconhecer em mim, pelo modo como lhe eu traduzia as paginas inspiradas que elle me lia com fogo, e pela promptidão sobre tudo com que eu lhe restituia nos

versos originaes os trechos que elle para isso me recitava das Musas Cezareas reduzidos a proza portugueza, julgou, digo, reconhecer uma indole fadada para a poesia; e poz com generoso exforço peito a cultival-a.

Tratar as Musas, e em particular as latinas, é desenvolver a um tempo fantasia e sensibilidade:

..... *lecto carmine doctus amet.*

O poeta que assim cantara, logo ali se apossou de mim para toda a vida. O seu estudo, que eu nunca mais interrompi, que depois alarguei, e que a inda agora me é delicias, entrou pois como elemento energico, tanto como as amenidades do Paço do Lumiar, e os amores infantis de minha prima, na composição misteriosa e providencial do meu verdadeiro destino, que nunca foi desde o principio, nem já agora póde ser outro até ao fim, senão, repito, a poesia.

Meus irmãos passaram-me dentro em pouco de condiscipulos a discipulos, e o mais novo, Augusto, de discipulo a inseparavel. Que annos! que annos esses! Quem, tendo-os uma vez desfrutado, os esqueceria em nenhum tempo, em nenhuma fortuna?! Augusto e eu, que a final já eramos um só, fanatisados deveras com as grandiosidades heroicas, com as fabulas ridentes e florídas que nos surdiam de continuo ao excavarmos por aquelle

mundo fossil e classico, pode-se dizer que nos naturalisámos romanos antes de sermos portuguezes; fomos antiquarios enthusiastas na puericia: os cobres que os d'aquella idade desbaratam em doces e brinquedos, convertiamol-os nós em qualquer *alfarrabio* que no frontispicio nos trouxesse um dos nomes romanos immortaes, cuja ladainha sabiamos de cór, e recitavamos com veneração, desde o principio da *idade aurea* até ao cabo da *idade ferrea* e *lutea*, desde Livio Andronico até aos escriptores já chistãos, ultimas reliquias do imperio e da lingua a desfazerem-se. Devoravamos tudo aquillo sem guia, sem escolha, temerariamente, mas com uma perseverança, com um affecto, com um encantamento, inexplicaveis! Escusavamos, repelliamos qualquer outro passatempo; visitas, passeios, tudo nos era enfadonho, comparado com a delicia de vaguearmos pela Italia velha, de ouvirmos os seus heroes pela boca de Tito Livio, de entrarmos com Virgilio familiarmente no palacio rustico d'El-Rei Evandro, de nos espairecermos com elle, Calpurnio, e Nemeziano, por entre as amenidades campestres, e ouvirmos cantar Horacio num pomar da sua Tibur:

..... *ad aquæ lene caput sacræ*

coroando-nos como elle

..... *flore terræ quem ferunt solutæ*

ou de escutarmos suspiros e galanteios de Tibullo, Propercio, Gallo, Catullo e Ovidio. Ovidio mais que todos nos levava traz si as vontades. (Não prego moral; historio).

A poder de lidarmos com aquella gente, aformosentada pela distancia, e tão ideal vista de cá, tudo o que não era ella, o seu viver, o seu pensar, o seu idioma, as suas festas, nos parecia mesquinho, insipido, repugnante; sonhavamos acordados.

D'isso me adveiu, cuido eu, e não podia deixar de ser em idade tão branda para receber cunho, uma confirmação não pouco efficaz para a poesia.

E na verdade, já que estamos conversando de senfadados, sinceros, e sem armar a vanglorias, eu, por outra, já que me estou confessando dos meus peccados de poesia pratica, direi aqui (embora quebre o fio da narração, depois o atarei) que, estendendo a consideração por todo o longo e variado decurso de minha vida até hoje, não descortino em toda ella senão... (como direi isto que me não afronte em demazia!) senão um predominio constante da fantazia sobre a realidade; uma extranheza activa e passiva dos homens, successos, e coisas do mundo, em que vivo como que emprestado, semi pagão, semi classico, semi republicano dos Gracchos, semi conviva de Mecenas, semi Titiro, semi captivo das Corinnas e Delias, e, com tu-

do isto, a esvoaçar-me sempre da poesia que foi, ou que se nos figura lá traz, para outra que lá adiante ri aos santos amigos da humanidade, aos utopistas.

Sempre que o individuo de quem fallo, entrou, ou cuidou entrar, na politica (nesta parte, Deus louvado, já escrevo o necrologio) foi sempre levado do enthusiasmo, ignorante da historia contemporanea, e da mesma politica, não ajuramentado a bandeira de cor alguma, não adstricto a tal ou tal plano de estadista, curando pouco de nomes, e menos ainda de interesses proprios; foi campeão sem divisa de uma causa apenas prophetisada, vaga, confusa, remotissima, — a civilisação pela moral, pelo amor, pelo trabalho e pelo saber. Pueril e incorrigivelmente seduzido por miragens humanitarias e poeticas, nunca passou entre os politicos positivos de alvitrista chimerico, e homem para nada; pugnou com o ardor de quem reivindicasse algum morgado pingue, pugnou até vencer (vêde isto!) para que se fechasse aos tentados de suicidio a paragem vertiginosa que mais por seu contagio os attraía; empenhou sabios em procurarem remedio, se o houvesse, que diminuisse as duas pestes: — duello e infanticidio; incitou para o cultivoserio das lettras quantos talentos esperançosos descubriu; foi de todos amigo sem inveja, pregoeiro sem restricções;

propoz para os veteranos dos estudos e da póesia uma Runa gloriosa, abundante, e aprazivel, em vez do hospital que ainda não mandou queimar a enxerga de Camões á espera dos que poderão vir; pediu, e tambem debalde (debalde até isto!) um Campo Elyseo terrestre para os mortos memoraveis; suas effiges postas pelo publico agradecido nos passeios, e uma lamina commemorativa pregada pelo Municipio na frontaria de cada casa, testemunha do nascimento, dos trabalhos, ou do obito, de um benemerito; procurou e descubriu as reliquias do Cantor dos *Luziadas*, para que as desagravassem; forcejou com a persuasão para que se desse á agricultura o seu apreço, á imprensa o mais amplo favor, premios reaes aos talentos operosos e productivos, subsistencia e honra aos educadores, ensino liberal, christão e ameno á puericia; pela puericia, que é a nação de amanhã, fez mais, muito mais, quanto poude e mais do que podia: invocou por ella ceo e terra, throno e plebe, sabios e ignorantes, ricos e miseraveis, o clero e as mulheres; foi na vanguarda dos consociados para se promover a educação popular; fez-se, a expensas de tudo seu, mestre-escola de plebeus e descalços; evangelisou de terra em terra o novo ensino, o ensino racional, a centenares de professores honestos; pelejou na imprensa com o amor e com o odio

desde a supplica até á verrina, em prol dos calcados direitos da infancia, da maternidade, e da patria; e convencido, pela evidencia dos factos, resposta eloquente e premptoria aos negadores das vantagens da reforma, que riem, que riem da caridade, que riem da philosophia, que riem do progresso, que riem de seus filhos, que riem de si mesmos, deixou pendente a envelhecer por dez annos, desenfeitada e esquecida, a sua lyra (oh! milagre summo de uma fé verdadeira!), para andar sollicitando a redempção e o baptismo de luz dos captivosinhos de sete e menos annos; foi levar o beneficio espontanea e gratuitamente ao Brasil; ambicionou que lh'o acceitassem do mesmo modo na Hespanha e na Italia. Se nestes dois lustros de lidas obscuras, só pagas com desgostos, alguma hora se recordou de poetar, foi só para convidar com o exemplo e com o discurso talentos melhores que o seu a encetarem cantares de civilisação, a enxertarem nos loireiros estereis alguns ramos fructuosos; e não se levantou da cadeira de um ensino quasi ignobil aos olhos do mundo, senão para escrever livros sem vulto, mas necessarios ou uteis:— *Noções rudimentaes;* — *Guia Pratica de mestres;* —um *Tratado de Metrificação;*—*Tratado de Mnemonica;* — *Felicidade pela instrucção;*— *Felicidade pela agricultura;*—*Tentativas grammaticaes*

—um *Curso de lingua latina;*—e de envolta com tudo isso requerimentos reiterados e instantes aos poderosos, ás sociedades, ás academias, aos principes, aos tribunaes de instrucção para que o ajudassem.

Quando um Rei *amigo dos que trabalhavam*, e cheio elle mesmo de nobres ambições, convidava ao poeta d'outr'ora para ir colher fructos de oiro num ensino altamente litterario, ousou o poeta pedir-lhe commutação no serviço, offerecendo-se-lhe operario para a trasladação dos monumentos classicos romanos á lingua patria, por entender que ia nisso muito maior vantagem aos estudos e á poesia, ainda que para elle menos lucro e menos brilho.

Todos estes rasgos de loucura se provam e documentam d'aquelle pobre sonhador a quem, deneguem tudo mais, coração e muitissimo não lh'o podem contestar.

Que digo! ¿Esta mesma digressão aqui não é porventura uma sobreprova de quanto o amor, na sua mais vasta accepção, o amor que não suppre assim a poesia se não porque o é, constitue o caracter do pobre homem? Nem os desenganos o desenganam; nasceu affectivo; affectivo tem vindo caminhando pela vida fóra da primavera para o estio, do estio para o outono, que já se lhe desverdece, e nem os gêlos do inverno lograrão provavelmente resfrial-o.

Na festa da primavera, nesses dias do amor só sensual e egoista, bem que innocente, ¿que pedia elle aos amigos para quando já não existisse?

Deixai-me escutar num eco d'alma aquelles versos:

Depois que entre os abraços delirantes
de todos os que amei findar meus dias,
sepultae-me numa valle ignoto e fertil.
Para marcar da sepultura o sitio,
sobre o cadaver que vos foi tão caro
mangeronas plantae, cuja verdura
em roda fecham variados lirios.
Na raiz funda de soberba olaia
poise a minha cabeça, e o tronco amigo
sobre mim curve a copa florescente.
Mil piteiras unidas, ostentando
na hastea vaidosa as flores amarellas,
em quadrado não grande me defendam
das incursões das cabras roedoras.
Em meu tronco se escreva este epitafio:

Foi poeta amador da Natureza:
d'entre as sombras ancioso a procurava,
qual terno amante a bella fugitiva.

Sobre isto pendurae sonora flauta,
que se revolva á discrição do vento.

Não cerque os ossos meus, não m'os ensombre
nem teixo nem cipreste; arvores quatro
quizera só no meu jardim de morte.
Num canto a laranjeira graciosa,
que mescla util e doce, a flor e o fructo;
noutro a figueira sob as amplas folhas
modesta occulte seus nectareos mimos;
defronte um pecegueiro em fructos mostre
que amavel é pudor, quando enche faces
de pennugem subtil inda cobertas;
no ultimo canto... (a escolha me confunde)
plantae no ultimo canto uma ginjeira;
é a arvore da infancia, até na altura;
d'esta por sua mão colhe um menino
a mui ridente baga, e ri de ufano.
Alguns tempos depois que a fria terra
meus restos encerrar, á minha olaia
vós, meus amigos, vós dareis meu nome,
pois de mim se nutriu, e eu serei nella.

Dos guerreiros nos tumulos afiem
faminta espada os barbaros guerreiros;
no sepulchro do sabio o sabio estude;
e dos reis nos marmoreos monumentos
va sonhar a ambição grandeza e pompas;
vós soltos de freneticas loucuras
aqui vireis mil vezes vizitar-me,

na amizade pensar que nos unira,
e unir-nos deverá transposto o Lethes.
Por que me interrompeis com taes suspiros?
ah! deixae-me acabar. Quando sentados
em torno a mim na flórida alcatifa,
guardardes meditando alto silencio,
se dentre as mangeronas que me cobrem
saír acaso a borboleta errante,
¿não vereis nella o espirito do amigo
que vem gozar do sol a claridade?
quando o suave rouxinol de noite
da minha olaia gorgear nos ramos,
não pensareis, de sancto horror tranzidos,
que feito rouxinol, meus cantos sólto?
Sim, pensareis, e erguendo-se inspirado
algum lhe ha de bradar: «O' meu amigo!»
Responderão «O' meu amigo» os bosques;
e vós direis que o meu fantasma errante.
da argentea lua á muda claridade,
á conhecida voz d'alem responde,
e em tudo encontrareis a imagem minha.

Se inda então meus costumes vos lembrarem,
se vos lembrar meu coração piedoso,
velae que em meu retiro as bellas aves
de caçador cruel cantem seguras;
Amor, o leve Amor, com arco d'oiro,

só elle, e mais ninguem, logre atirar-lhes;
careço de amorosa melodia
que me poetize o somno derradeiro;
morto que nada tem, preciza d'estas
pobres delicias rusticas, se folga
que a namorada moça, o terno amante,
juntos, ou sós, a vizitál-o acudam.
Então ao som de languidos suspiros,
de alegres cantos, de amorosos versos,
de ternas queixas, de perdões suaves,
muitas vezes contente a minha sombra,
formando ao pôr do sol vermelha nuvem,
girará nestes ares revolvendo
da passada existencia almas lembranças.

Andaram tempos. Amores mais serios, mais vastos, mais duradoiros, mais uteis, ainda que menos entendidos das turbas a quem se referiam, inspiraram já outros desejos:

O' terra de Colombo, um navio de esmola
do abismo te evocou, e aurea brotaste á luz.
Por outra regia Heroina esmolada uma escola
vai transformar-te em ceos, terra de Santa-Cruz.

E eu, que já uma vez largando o patrio ninho,
romeiro do progresso em balde te busquei,

[illegible]

[illegible]

[illegible]

zendo, era que os filhinhos, e as mãis me acompanhariam, chorando, ao cemiterio. A esse côro de amor imaginava que até o cadaver se me alegraria. Não dava aquelle triumpho posthumo pelas torrentes de carroagens e salvas funebres dos magnates. Pois nem já com isso conto. Conseguiu esta gente, não sei se invejosa, se quê, diffundir tão copiosamente os seus preconceitos, escurecer em tanta maneira a luz do beneficio, que nem já espero aquillo. As mãis ver-me-hão passar, sem saberem quão grande amigo de seus filhos e netos ali vai, e d'estes só porventura me irão dar despedida os que nesta hora estão cantando e amando por essa meia duzia de escolas regeneradas.»

Saiâmos d'aqui a toda a pressa, leitores amigos, antes que nos degenere em paginas de santa mas feia indignação, um escripto que eu vos prometti e destinei todo pacifico e amoravel. Torno-me pois á minha Arcadia da mocidade, como o soldado mal ferido das guerras, e ainda mais dos menoscabos que dos golpes, se acolhe á quieta poisada em que se criou.

Apoz algumas tentativas incertas e incoherentes de lavor poetico, de que o publico se esqueceu, e eu quizera esquecer-me tambem, foi a fabula selvatica de Narciso e Echo a primeira producção que me rebentou nativa, e verdadeiramente con-

retomarei de novo o undivago caminho,
e irei juntar meu hymno ao seu triumpho; irei

pender na escola-templo os festões da poesia,
e, novo Simeão, findar a vida em paz.
Onde o homem que se humana affoito invoca o dia,
direi: — «A patria é esta, aqui viver me appraz;

«appraz-me aqui morrer, onde as mãis porventura
«co'os filhos pela mão me hão de vír visitar;
«saudades esparzir na minha sepultura
«e dizer: *Este sim, que soube o que era amar.*» —

Passaram tempos ainda, e até essa esperança consolativa se desfloriu. Ouvi o esmorecimento não já cantar, mas gemer, no seio da amizade. (*)

.....

«Depois vem a reparação, a rehabilitação, não ha duvida. Do sepulcro brota o loiro, e a posteridade amarra a elle os inimigos dos amigos dos homens, os areopagitas idolatras envenenadores dos Socrates crentes. Mas as cinzas não sentem; as estatuas não vêem nem ouvem.

«O premio que eu devaneava a principio, quando via tão ás claras a bondade da obra que estava fa-

* Carta ao Exm.° Sr. Casal Ribeiro datada em 1 de março de 1859, publicada pela Associação Promotora da Educação Popular.

zendo, era que os filhinhos, e as mãis me acompanhariam, chorando, ao cemiterio. A esse côro de amor imaginava que até o cadaver se me alegraria. Não dava aquelle triumpho posthumo pelas torrentes de carroagens e salvas funebres dos magnates. Pois nem já com isso conto. Conseguiu esta gente, não sei se invejosa, se quê, diffundir tão copiosamente os seus preconceitos, escurecer em tanta maneira a luz do beneficio, que nem já espero aquillo. As mãis ver-me-hão passar, sem saberem quão grande amigo de seus filhos e netos ali vai, e d'estes só porventura me irão dar despedida os que nesta hora estão cantando e amando por essa meia duzia de escolas regeneradas.»

Saiâmos d'aqui a toda a pressa, leitores amigos, antes que nos degenere em paginas de santa mas feia indignação, um escripto que eu vos prometti e destinei todo pacifico e amoravel. Torno-me pois á minha Arcadia da mocidade, como o soldado mal ferido das guerras, e ainda mais dos menoscabos que dos golpes, se acolhe á quieta poisada em que se criou.

Apoz algumas tentativas incertas e incoherentes de lavor poetico, de que o publico se esqueceu, e eu quizera esquecer-me tambem, foi a fabula selvatica de Narciso e Echo a primeira producção que me rebentou nativa, e verdadeiramente con-

genita áquella indole campestre e amoravel que os successos e os estudos me tinham andado a preparar desde o principio. Nunca jámais essas singelas *Heroides*, impetuosamente e quasi de improviso brotadas (posso hoje dizer isto sem jactancia, e sem que os entendidos m'o descreiam) ousaram esperar o extraordinario, o excessivo favor com que foram recebidas, multiplicadas em edições sobre edições em Portugal e no Brasil.

Ora, quem poderia jámais lembrar-se de que um livrinho assim, todo vão, todo fabuloso, uma especie de globo de espuma, nascido d'um sôpro para boiar nas virações por alguns instantes, espelhando os verdes da terra e o azul de cima, e apagar-se para sempre, filho do nada restituido ao nada, conteria o germen de uma historia muito real!

Pois foi assim: Das *Cartas d'Echo e Narciso* saiu, como de flor ephemera um fructo, o *Amor e Melancolia*; este *Amor e Melancolia*, que já não era só um devaneio e um canto, mas sim registo disfarçado de uma historia do coração: *lacrimæ rerum*.

Tres annos havia que tinham apparecido pela primeira vez as *Cartas d'Echo*; e dois, os poemetos da *Primavera*.

Residia então o autor de ambas estas bagatel-

las nos sitios mesmos, que, em harmonia com os vinte e quatro annos d'elle, lh'as haviam inspirado. Repousava, já fóra do estadio academico, nos ocios tão poeticos do seu Mondego. A casa da vivenda conheceil-a vós, desde que o mais poeta dos nossos prosadores (*) pela magia da sua penna, que é ao mesmo tempo varinha de condão, vol-a descubriu, vol-a franqueou, vos fez, queridos leitores meus, entrar nella a visitar-me. Pois bem: Era ali, ali naquella casa, ainda hoje lembrada do nosso nome, naquelle espaçoso e singular edificio, encostado, de uma parte á vertente de Subripas, de outra ao Arco moirisco de Almedina; dominando o rio convisinho e a margem ulterior, e dominado pelo castello de templarios, theatro do tragico fim de Maria Telles; era ali, naquella estancia, de aspecto meio senhoril, meio claustral, com seu pateo espaçoso, e escadarias de pedra, suas enormes laranjeiras enclausuradas, suas varandas ajardinadas, seus erguidos miradoiros; era ali, ali, para onde eu tantas vezes me recolho em espirito, ainda agora, a escutar os descendentes dos rouxinoes que festejavam, como nós, a *Lapa dos poetas*; ali, ali era, que os dias e as noites se nos

(*) J. M. Latino Coelho: Biographia de A. F. de Castilho na *Revista Contemporanea.*

devolviam, ao meu inseparavel e a mim, nas leituras amenas, nas conversações, mais amenas ainda, com os bons engenhos juvenis, que á tão hospedeiro retiro nos acudiam de bôa mente.

Era o setembro de 1824; um donoso setembro na verdade: estio em cheio e sombras á farta! Liamos os dois, isto é o um, por outra, recitavamos de cór pela centessima vez as elegias de Tibullo, á sombra de uma laranjeira merecedora de as ouvir, e muito bem capaz de as ter ditado, se fôra em Italia, e para tanto lhe desse a velhice, que todavia não era pouca. (Nenhuma circunstancia d'aquelle tempo se me desbotou ainda da memoria!) Chega uma carta! lettra desconhecida!... Abre-se, reza assim:

«Azurara, pelo correio de Villa do Conde, 27
«de setembro de 1824.—

«*Amar o mais perfeito é um dever:*
«*Virtudes tantas devem ser amadas.*

«Se vos apparecesse uma Echo, imitarieis vós o
«vosso Narciso?

«A desconhecida
«*Maria da Expectação Silva e Carvalho.*»

Que significava, que podia significar aquillo! Era uma pergunta candida? era um brinco malicioso? era masculina, era feminina, a mão que tal escrevêra? como responder? a quem responder? O coração, ou presago, ou desejoso, dizia uma coisa; a prudencia, outra. O Tibullo era do parecer do coração; todos os mais poetas votariam como o Tibullo. O sol que observa ha tantos mil annos coisas de todas as castas, e de certo não ignorava o segredo d'aquella, espreitava-nos e ria. A laranjeira, scismava calada; como aia e enfeitadeira de noivas, lá se inclinava para o sim; mas tambem, como velha, desconfiava. O Samsão de marmore do angulo do terrado, esse continuava a escachar pacificamente o seu leão, e não se intromettia na contenda.

Por muitas vezes se releu a carta á espera sempre de algum subito reflexo revelador; e o enigma cada vez mais fechado!

Era caso para pesquizas, pois de qualquer dos oppostos lados que a verdade estivesse, não faltava que fazer, e tinha-se de lhe acudir com resposta.

Armou-se uma verdadeira caçada; empenharam-se nella quantos visinhos e praticos de Villa do Conde e Azurara se puderam desencantar; e o misterio a cerrar-se cada vez mais! e a curiosida-

de, o interesse, a recrescerem-me na mesma proporção!

Respondi emfim ao meu phantasma: — «Que não ousava eu muito acreditar em apparições de Echos para quem não fosse Narciso; mas que, se por milagre houvesse uma, nunca eu seria tão insensato como o filho de Liriope.» —

Até aqui podia eu chegar com a resposta sem me comprometter; para diante fôra já arriscar-me. Partiu. Fiquei aguardando com certo dessocego pela réplica. Chegou, correio por correio. Era a mesma lettra sem disfarce, e a mesma assignatura supposta. Mas d'esta vez, em logar de linhas contrafeitas, paginas com todo o desartificio amavel e persuasivo, com toda aquella graça nativa feminil, que se não imita. Quasi com certeza andava ali mão e espirito de mulher. Era ella porém interprete solitaria de sentimentos proprios? ou consocia e agente de uma conjuraçãosinha zombeteira? Como descriminál-o? Não havia melhores razões para uma, que para outra supposição.

A substancia d'aquella carta, que eu não devo nem quero tirar do sacrario em que a enthesoiro como reliquia, reduzia-se a querer-me convencer de quanto eu era injusto para comigo, e de quão mal conhecia o sexo amoravel, se o julgava todo unicamente sensivel aos encantos dos *Narcisos*;

emfim: que o poeta que tão verdadeiros affectos suspirára por uma deusa ideal,—a primavera, merecia bem que uma mulher o procurasse para compôr a felicidade d'elle, e pela d'elle a sua propria.

Isto, e muito mais a este modo, expunha a carta; mas por uns termos tão obsequiosos, tão lisongeiros, e ao mesmo tempo tão naturaes, como os eu não saberia expôr aqui em traducção.

O inverosimil principiou ali a figurar-se-me provavel. Nas regiões imaginarias em que vivem os poetas, não ha estranhezas senão para o que é natural e corrente; o ordinario são os prodigios.

Sem me attrever a confessar a minha nascente, ou já nascida persuasão, senti ir-se-me levantando num recanto do animo um altarzinho todo verde e florído para uma divindade ainda invisivel, mas cuja aproximação já por um certo calor suave se me denunciava.

Diz que muitas leguas ao largo de Ceylão já o gageiro, embalado lá em cima no sol doirado do Mar Indico, percebe na fragrancia das virações tepidas as selvas de caneleiras da ilha, ainda occulta pela convexidade marinha, mas que vem correndo a encontrál-o. Assim me sentia eu levado para uma ilheta de amores, que, já aspirada, e ainda não descoberta, vinha por cima do seu mar de aljofares offertar-me, toda donosa e festiva, a hospedagem das suas sombras inebriativas. Um côro

de sereias a meio caminho nos revelava, nos annunciava de parte a parte; e assim como se vê tantas vezes no mar um navio pela acertada disposição das velas demandar a terra, com o mesmo vento que de lá sopra, a aura que me fallava do meu porto, a mesma era que para lá me conduzia.

«Não ha cubiça do que se não conhece,» dizia um antigo poeta; estranha sentença; e para de poeta, muito mais estranha! A mui veridica historia que vos narro, duas vezes a desmentiu: nem a que me buscava me conhecia, nem eu conhecia a que buscava.

E nem por isso é a coisa tão para espantos como de fóra e á primeira vista se representa. Que de consorcios se não têem celebrado, até com amor, entre ausentes, pela simples troca de retratos! Que mancebo se poderá gabar de não ter sonhado muitas vezes, dormindo e acordado, com a heroina de um romance, ou com o invento prestigioso de um pintor? Quem ha que não saiba o caso d'aquella moça franceza que se finou de paixão pelo seu Telemaco? Ninguem o prediria a Fénélon, quando, accezo no santo amor do genero humano, compunha para a eternidade o seu homerico poema social. Temperae de um pouco de poesia a qualquer coração (o nosso era temperado de muitissima) e vel-o-heis palpitar todo credulo por um phantasma.

Para uma Virginia, este phantasma será Paulo; para um Paulo, Virginia; para um astronomo, um planeta, que elle, em nome do seu calculo, intíma aos abismos celestes lhe apresentem; os phantasmas das religiosas, são os anjos; os dos cenobitas, virgens do empyreo; o dos artistas inspirados, a gloria na posteridade; o meu, tinha sido com effeito a primavera, continuava a sel-o, mas agora humanada em figura feminil.

Se eu me não temesse da gente em prosa, que só acredita no que se palpa, havia de dizer que a aspiração para o bello desconhecido, para a perfeição ideal, entresonhada onde quer que seja, e com qualquer dos milhões de fórmas em que ella se póde metamorphosear, tanto não é estranha á natureza, que não são unicamente os individuos privilegiados da nossa especie, os que a experimentam.

¿A rôla, a pomba, o rouxinol, a gemerem de saudade, a arrulharem de ternura, a gorgearem de immenso affecto, porque enlevam tanto, e tantas coisas ineffaveis dizem aos animos devaneadores, senão porque os seus gemidos, suspiros, e canticos, almejam coisa diversa dos deleites faceis que os rodeiam, e que já possuem?

E depois: o Pai Commum não é avaro de seus dons, e ha de folgar quando cada uma de suas minimas creaturas, alando-se quanto póde e sabe pela

esfera dos gosos puros, se aproxima cada vez mais a Elle, que é a Summa Belleza, o Summo Bem, de que todos os bens são emanações ou reflexos.

O rouxinol, a pomba, e a rôla!... mas os insectos mesmos, quem affirmará que não se pascem, como nós, ainda que muito longe de nós, á mesa infinita, perenne, e perennemente renovada, do amor ideal?

Quem sabe até o que irá de misterios nas flores e nas arvores! que idilios, que elegias, que divinos poemas não correrão nas florestas com o murmurinho dos ventos em estrophes de aromas, intelligiveis ás arvores congeneres, e ás flores da mesma especie!...

A carta, que d'algures levantára vôo para algum fim, a carta que eu tinha nas mãos, tão candida, tão vívida, tão palpitante e amoravel, tão segura e tão certa, podia ser portanto, e se o podia ser, era-o, uma especie de borboleta que saíra das flores de uma alma solitaria e longinqua, para vir fecundar as da minha com um polen ardente e inesperado. Os effeitos que ella em mim produzia (logica ordinaria dos desejos!) eram, á míngua de outras provas, uma vehemente presumpção de que o bom do papel vinha mensageiro leal, e não explorador perfido da minha credulidade; e entretanto mal sabia eu como lhe respondesse.

Deixar-me ir de vôo rasgado ao reclamo fôra temeridade indesculpavel; mas fôra tambem excesso de prudencia, repugnante a um sentir delicado, aventurar offensas, embora leves e disfarçadas, para rebatter um aggravo só possivel; queria-se o meio termo; e esse era difficilimo; e difficilimo sobretudo como eu o desejava, que era propendendo mais para o coração que para o espirito, para abraço que para duello. Meditei todo o dia. O que eu nas fallas gracejava por cautella, já no fôro intimo se me discutia como negocio. Empenhei todas as potencias da alma, como o poderia fazer o Edipo diante da Esphinge. Levei o serão e a noite a sós, no laranjal, a interrogar a lua, antiga confidente de namorados. A lua, ou nada sabia no caso, ou se o sabia não o quiz dizer. Mas a noite, grande terceira e fautora nisto de amores, segredava-me ao sabor do appetite, com umas taes razões, tão cheias de poesia, isto é, de verdade, que o genio fogoso dos meus vinte e quatro annos fez sair sem grandes evocações não sei se de algum tronco, se das nuvens, se d'entre as pedras e heras da varanda de D. Maria Telles, uma sombra de mulher, uma Fada, uma Sylphide, com quem eu tive ali horas ineffaveis de colloquio, desabroxando e enramalhetando futuros em commum. Tenho pena de não poder já copiar aquellas praticas, nem as

achar mesmo para mim bem inteiras na memoria. Se o leitor ou leitora tem a idade que eu tinha então, e é poeta, mas poeta verdadeiro, d'estes que não só lêem e escrevem a poesia, mas a vivem, lá rastreará por si aquella scena tão cheia, tão real, tão animada. Se bem a concebem, tenho-lhes inveja eu; digo como a Santa da lenda: — «Ai! que saudades me não comem do tempo em que eu era tão infeliz!» — ou, como a outra, toda delirante de ternura: — «Tenho dó dos demonios; pois se elles não amam!» — O meu Virgilio, tão poeta na voz, na alma, e no coração, exclamava saudoso: — «Oh! quem me dera nos campos, lá pelas ribas do Sperchio; pelos cumes do Taygete, bacchanalmente retoiçado das virgens lacedemonias! Ai! quem me pozera hoje nos valles, tão frescos, do Hemo, e com a sombra grande de suas ramarias me protegêra!» —

Que melhores Sperchio, Taygete, e Hemo, que melhores campos, delicias, e feitiços, que a adolescencia com o amor, e o amor com os seus extásis e raptos! Que de coisas se não descortinam e ouvem então, que depois se calam e desvanecem!.. engano-me: não se desvanecem, nem se calam; são vivazes e immortaes no seio da natureza; mas nós, é que transpomos a paragem bemdita de reconcavos e eminencias onde se recebem em ecos augmentativos todas aquellas vozes, donde se descor-

tinam em cheio todas aquellas vistas maravilhosas.

Oh! detende-vos ahi; detendo-vos; abraçae-vos aos troncos florídos o mais pertinazmente que puderdes, que em principiando a descida... adeus primavera! adeus amores! adeus sabedoria das loucuras! adeus miragens e musicas da vida! adeus de vós a vós mesmos! e adeus esperanças de reascenderdes nunca mais! Os leitos de rosas e as corôas de violetas, já lá estão hospedando a outros viajantes que vos expulsaram. Resignae-vos, se podeis, á peregrinação por sobre espinhos, e por entre saudades, cada vez mais espessas. Ah! de quantas e quantas não vou eu já carregado para o ciprestal que lá ao fundo me negreja! Tiremos d'elle os olhos, e deixemol-os ir ao que lá nos fica perdido, perdido para todo sempre.

Passeava eu pois com a minha apparição candida; sentava-a ao pé de mim; apertava-a nos meus braços; mostrava-a com uffania ao astro das noites, que não era mais puro, nem mais limpido; pedia-lhe, promettia-lhe uma ventura ainda não experimentada na terra; unificavamos pelas nossas confidencias o nosso passado; o nosso porvir entretecia-se num ser unico. O existir eu, era para mim, naquelles momentos extraordinarios, a mais solemne e convincente demonstração da existencia, da realidade, da indispensabilidade d'ella: ella exis-

tia, visto que eu existia. Não riais: eu amava perfeitamente. «A um espectro!» não: a uma mulher, a uma mulher, de quem só o corpo, talvez, ali faltava, e cuja entidade moral e espiritual, me pertencia, me acompanhava, me velava. ¿Não me sentia eu repassado do calor das suas azas invisiveis? não tirava a cada momento de cima do coração palpitante, para a rebeijar, a carta por onde tinham girado os seus olhos, em que poisára a sua mão, que aspirára tão de perto as exhalações do seu seio, do seu coração e da sua alma? Aquella carta exercia incontestavelmente em mim um influxo magnetico, dominador, prestigioso; eu não sabia, nem tentava explicál-o; mas negál-o por um scepticismo ingrato e mal philosóphico, muito menos o podia, muito menos ainda o desejava. Sentia-me tão bem sob aquella dominação absoluta, era tão bom permanecer assim, que o meu voto summo seria que nunca mais amanhecesse, se as falsas alegrias da madrugada me haviam de dissipar tão afortunado Elysio!

Misterios intimos da grande Isis, religião do amor, infeliz quem vos não conhece! mais infeliz quem chegou a conhecer-vos e vos perdeu! Esse é como o tronco sêcco: vicejou, florejou cem annos, cantou com todas as aves debaixo do ceo, mimoso da terra, familiar com o sol, confidente das estrellas, abrigo aos amantes, depositario dos seus no-

mes e votos, suspirando suave com elles, inebriando-os com suas exhalações, promettendo-lhes, e promettendo-se, primaveras sem numero e sem fim; depois, murchou; cortaram-no; caiu; fizeram d'elle, se o não deixaram apodrecer, ou o não queimaram, um instrumento grosseiro para revolver o solo, um barco para transportar mercadorias; ou, quando mais bem livrado, um satyro tosco de quem riem os passageiros, ou uma apparencia de bemaventurado para um altar. Oh! como aquelle arado, se podesse pensar, trocaria com alvoroço o seu prestimo, aquelle barco os seus serviços, aquelle satyro o seu arremedo de riso, aquelle santo a sua alampada e os incensos, por uma só das horas frivolas e sem historia, da arvore, que vivia, que amava, e que era amada!

A minha visão, a minha mulher sem nome, nem fórma determinada, prestes para receber qualquer fórma, e qualquer nome, era, se me podem bem entender isto, uma cifra, um simbolo, e o ideal da feminidade. No seu ser se epilogavam para mim todas as perfeições, todos os encantos dispartidos por quantas existem, existiram, ou poderão jamais existir; por isso a minha ternura para com ella era sem limites; era um amor que naquellas horas de enthusiasmo abrangia todos os amores, passados, presentes e futuros. Oh! o amor! o amor!

se ha neste mundo coisa que nos possa dar idéa da grandeza da alma, da profundeza da adoração, do infinito da bemaventurança, é o amor. Contam que uma só noite de terror e angustia já cobríra de cãs e rugas a um mancebo; uma só noite como esta no meu pomar de estio, abraçado, confundido com a minha invisivel, remoçaria a um Nestor. Que seriam todos os gosos materiaes comparados com aquella religiosa voluptuosidade? Onde ha ahi alcova de noivos, estreada apoz dez annos de suspiros, onde ha ahi harém de houris circassianas sobre rosas ao som dos epithalamios dos rouxinoes do Bosphoro, que se não trocasse por este noivado mistico, tão sem rumor, tão puramente celebrado debaixo do ceo e no seio da natureza estiva pela poesia e pelo amor?

Em quanto assim me corriam ali horas de feitiço, onde estava e que fazia realmente ella? Só muito depois o vim a saber: pela sympathia inexplicavel que nos attraía mutuamente, sentia-me tambem comsigo na sua soledade. Eu era lá o seu phantasma carinhoso, como ella cá o meu; a lua que de cá e de lá contemplavamos em commum, observava lá e cá as mesmas scenas tão parecidas, tão eguaes, que a duplicidade lhes não tirava a identidade. Supprimam os accidentes de logar; era no mesmo ponto do oceano dos tempos um só ni-

nho de duas alcíones que, embaladas mollemente no seu bemquerer, ignoravam que houvesse mundo para fóra da esfera dos seus affectos. Assim não eram já imaginarios os abraços que dava, os abraços que recebia cada um de nós; as nossas declarações, juras, e protestos, entravam nos ouvidos, desciam ao coração a que se dirigiam. O amor, a quem os milagres são naturalissimos, triumphava já da distancia, como havia de triumphar do tempo e da fortuna.

O sol e o movimento mundano e prosaico do dia seguinte, enfraqueceram seu tanto as impressões do drama nocturno e íntimo. Encerrei-me no meu quarto; fechei as janellas para revocar no remanso de trevas artificiaes a sombra magica; reappareceu-me, porém não já a mesma; faltava-lhe a animação que a vehemencia da minha fé lhe prestára; de tão real que tinha sido, tornava-se de novo problematica. As objecções da razão gelada e desabrida, oppunham-se outra vez á prophecia da vontade. A linguagem nativa e sincera da carta, era um protesto eloquente e energico da innocencia e do amor contra as suspeitas; mas as suspeitas murmuravam sempre; a vaidade (quem a não tem!) a vaidade, similhante áquelles réthoricos subtis das escolas antigas, sustentava alternativamente o pró e o contra: ora pretendia se acreditasse

num affecto que ennobreceria a quem lhe servia de objecto; ora repulsava uma crença, que, a sair burlada, redundaria em vergonha muito grande e muito certa.

Nestas alternativas passaram dias e noites; dias penosos, estirados, e ermos; noites acompanhadas, festivas, instantaneas. Só quando repousava tudo, velava e vivia eu. Os meus pensamentos e as minhas alegrias, com as flores nocturnas se abriam, com as flores nocturnas se fechavam. Só as estrellas se podiam mirar nelles, nelles que tanto se lhes assimilhavam no brilho e na pureza.

Quando, apagadas em casa as ultimas luzes, e reinando já profundo silencio ao longe por toda a cidade, cêrca de meia noite, eu entrava com pé furtivo e o coração pulando, no aprazado arvoredo dos meus amores, já ali encontrava á minha espera a figura branca. Com mil beijos soffregos nos saudavamos, vingando-nos em minutos da eternidade do sol. Pedia-lhe de joelhos perdão de a ter renegado, de ter duvidado da sua existencia, durante as horas insipidamente allumiadas. Com um abraço restauravamos as pazes. Sentava-a ao meu lado, num banco rustico, afôfado para ella por minha mão com mangeronas, que as havia em grande espessura á sombra da laranjeira mais alta. Reclinava ella a sua cabeça languida para cima do meu

hombro, ou eu a minha face ardente sobre o seu seio, a escutar-lhe e a interrogar-lhe o coração. Repetiamos os nossos incendidos dialogos da vespera como novos. Misturavamos lagrimas de ternura e felicidade. Reviviamos antecipados os mais bellos futuros. A qualquer tenue rumor, d'estes com que a noite, maliciosa amiga dos namorados, se diverte a assustál-os, estremeciamos como dois culpados colhidos em flagrante; ella, forcejava por fugir; eu, escondia-a, rindo, com os meus braços contra o meu peito; guardava-a ali muito tempo como filha; embalava-a, adormecia-a, inspirava-lhe com beijos os sonhos que havia de sonhar, insinuava-me nelles, e lhe repetia em voz baixinha as mais suaves coisas d'este mundo. Se um grillo cantava então, se um ramo ciciava lá por cima, impacientava-me de que m'a acordassem; perguntava-lhe ao ouvido pelo seu nome, pela sua familia, pela terra da sua vivenda; não respondia. Inquiria-lhe em tom ainda mais leve se já porventura em algum tempo outro amor lhe sobresaltára o coração; levantava-se de repente, grande, sublime, aggravada da suspeita, prestes a desapparecer para sempre, e fal-o-hia, se ambos os meus braços a não retivessem pela cintura: — «Se eu não tivesse um coração ainda virgem, como ousaria offerecer-t'o! offerecer-t'o espontanea! a ti! ao meu poeta!» — dizia ella com

uma vóz que não saberia mentir por mais que fizesse. Pedia-lhe outra vez perdão, agradecendo-lhe a ineffavel certeza que me dava da minha felicidade tambem no passado; outorgava-m'o generosa; mas impunha-me, como penitencia, que lhe improvisasse poesia. Era a poesia o que a fascinára, o que a attraíra para junto a mim; e eu (bemditos os vinte e quatro annos!) derramava, inspirado só por ella, poesia nova e fervente, por entre aquelles troncos mudos, como as Philomelas no seu enthusiasmo a esperdiçam pelos choupaes do seu Mondego. Como a das aves, se perdeu a minha; mas nunca a exhalei tão de dentro, nem tão para a alma, como então.

Agora caio eu de repente em mim, e me envergonho de tudo que tenho estado doidejando. Tinha eu direito, ou necessidade, de fazer em público similhantes confissões? Não deixarei ahi violados dois pudores: um meu, outro alheio e mais que meu? Haverá indulgencia que baste para devaneios tão frivolos e pueris? Não me desdenharão até, como ficções inverosimeis, absurdas, impertinentes, estes idilios elegiacos, tão verdadeiros todavia? são verdadeiros, e eu prometti historiar; eis aqui a minha unica deffensa. Demais: eu confio em que os leitores, aliás benevolos, se não esqueceram do que se ponderou no principio d'este escripto; a

saber: — que, nem em bem nem em mal, se póde carregar á minha conta o que fazia ha trinta e oito annos um que tinha o nome que eu hoje tenho; e que esse nascêra e se creára unica simples e exclusivamente para poeta, e poeta de amores e delicias. Presupposto isso, continuemos o pobre romancinho, que nunca o houve mais historico; e tornemo-nos á carta, que, tantos dias ha, espera uma resposta.

Ignorava eu pois, e de nenhum modo podia conjecturar, donde procedêra, e que mão a havia escripto; mas propendia, por não sei que vaga revelação, para crer que não era senão mulher, poetisa, enthusiasta, e muito superior ao vulgar pelo talento, quem assim me desafiava o coração enamorando-me o espirito.

Reflectistes alguma vez no que seja aquelle bichinho de Deus, que pelas noites de verão está scintillando do fundo de um relvado, sua immensa floresta? Pois aquillo é uma namorada. O seu resplendor, que allumia as ervas até á enorme distancia d'um palmo em redondo, é a manifestação esplendida do vago e poetico amor em que ali se consome solitaira; é uma Hero, mais sublime, chamando e attraindo com o seu facho um individuo da sua especie que ella nunca viu, mas que adivinha ter-lhe sido predestinado pela natureza. Deixae-o andar

a elle saltitando inconstante pelo labyrintho dos silvados nas coréas aereas e loucas dos seus iguaes, como um cardume de pequenas faiscas intermitentes; deixae-o volitar tão altivo da sua liberdade, que a energia do luzeiro lá em baixo, tão formoso e mais vívido que o seu, o arrebatará em vindo a hora, e no leito de seda d'uma florinha, sob o docel d'uma folha verde, o amor e o hymeneu accenderão os seus fachos áquella duplice chamma confundida numa só.

Tal se me affigurava a minha ingenua correspondente, irradiando d'aquelle modo até a mim lá do interior do seu pacifico retiro o poetico brilho dos seus affectos innocentes.

Na carta refulgia com effeito um amor. Era como um carbunculo, que trazido para o escuro continúa a expedir os raios de que o impregnou o sol.

Respondi finalmente. Foi heroica a determinação; foi o salto fatal de Leucade; foi dar de cabeça para baixo na voragem, que, ou me havia de atirar affogado e desconhecivel para cima do lodo, ou restituir-me ao dia, feliz, glorioso, coroado dos myrthos de Paphos pelas sereias.

Entretanto, no meio da minha allucinação vaidosa, nunca me desamparou de todo o previdente instincto da dignidade; as minhas paginas confessavam, sim, o amor; amor profundo, amor immen-

so; mas este amor immenso e profundo, qual eu o emprestára á ninfa aerea dos montes, qual eu proprio o tributára á deidade phantastica da primavera, e qual-mulher nenhuma deixaria de o colher com avidez, se o encontrasse, apparecia aqui como um rico fructo do paraizo, ainda pendente no ramo, já maduro, já proximo a despegar-se, baloiçando-se a um lado e a outro, indeciso para onde haveria de cair; era na realidade, como fôra na fabula o ramo de oiro, passaporte para os campos ditosos d'além mundo, misterioso ramo que ninguem por força, nem por fraude, esgalharia da arvore, mas que por si se deixava tomar da mão chamada pelos destinos para o haver. Tal foi, mas em frase chã, e sem atavios de estilo, a substancia da minha resposta: enigma contra enigma, oraculo contra oraculo.

Neste vago de que um e outro, por motivos differentes, mas com igual cautella, evitavamos deslisar para o positivo, se foi continuando, cada vez mais frequente, mais ampla, mais amigavel, mais sincera, e mais interessante, a nossa correspondencia.

Se quem escrevia era aquillo que eu desejava, devia estar contente de mim; se era outro, e mal-benevolo, o empenho que dirigia aquella penna, esquivava-lhe eu escrupulosamente os azos para triumphos.

Eu por minha parte estava satisfeito de mim, e encantado com tudo quanto se me ia de novo de dia a dia descubrindo de perfeições na minha Galathéa, que, ao exemplo da de Virgilio, me atirára a maçã refugiando-se para os salgueiros; entrevia-a eu por entre as ramas; não a chegava ainda a conhecer de todo, mas differençava já com evidencia, que não era satyro travesso, mas sim ninfa, namorada e negaceadora como os passaros:

.....*lasciva puella.*

Não descontinuavam no entanto diligencias para se descobrir o esconderijo em que se homisiava sempre que se presumia ir-lhe já lançar a mão á ponta do veo. Com a obstinação do misterio, recrescia o affinco das pesquizas.

Apparece um fio no labyrintho: as minhas cartas vão por Villa do Conde para Azurara; mas quem as toma em Azurara? Espia-se, colhem-se: é uma servente do proximo convento de Vairão. Está pois a caçada circumscrita a um pequeno recinto, donde já não ha fuga possivel para a pobre corça: agora é deixar-se tomar ás mãos rendida e envergonhada.

É Vairão um nobre mosteiro de donas da ordem Benedictina; está situado quatro leguas ao norte do Porto, na terra da Maya (Palencia dos antigos) entre Douro e Minho; corre-lhe perto o formoso

rio Ave, que por entre as Villas do Conde e de Azurara entra, grosso de caudaes, e já senhoril, no mar. As convisinhanças do edificio o tornam grave e meditabundo: a uma parte, serranias altas e solitarias; a outra, o oceano que rumoreja resguardado da vista por immensidade de pinheiraes.

É tão fidalga a antiguidade de Vairão, que ninguem, ha já muito, nem elle proprio, lhe conhece a origem. Fundal-o-hia, segundo uns, em 1148, D. Touris; segundo outros, na muito mais apartada era de 485 certa senhora nobre, Marispala, de quem se delettreia ainda o nome numa incompleta loisa grande, como campa de sepultura. Fôra, resam memorias, convento *duplex* de monjes e monjas da regra de S. Bento, que debaixo dos mesmos tectos tinham estremadas as clausuras, e communs no templo os exercicios religiosos. Exhala-se ainda agora d'aquellas paredes um grande e bonissimo cheiro poetico de seculos e santidade.

Ali pois vivia desde a meninice, secular e educanda, a minha desconhecida. Não foi difficil adivinhál-a d'entre as companheiras; de sobejo a denunciavam a notoria superioridade da sua instrucção e talento, e as suas tendencias todas litterarias e poeticas, herdadas no sangue e nos exemplos domesticos.

Constava por tradição ter sido uma das illustra-

ções longinquas da familia o classico Doutor Antonio Ferreira, autor da primeira tragedia de Ignez de Castro, e particular amigo de Antonio de Castilho. O não menos classico Nicolau Tolentino de Almeida fôra irmão da avó da nossa educanda, senhora de virtudes tão iguaes aos seus altos espiritos, que o grande satyrico usava dizer que só se casaria, se o casamento com irmã fôra permittido.

Desappareceu a mascara: Maria da Expectação Silva e Carvalho, é já, descoberta e confessa, D. Maria Isabel de Baenna Coimbra Portugal. O meu romancinho devia terminar naquelle ponto, ou proseguir transformado em historia; estava escripto que proseguiria. Tal era tambem, e tal fôra desde a primeira hora, a tenção resoluta e inabalavel da que viera dispertar-me para a festa do coração. Assenti; deixei-me por ella conduzir, indifferente a calculos, adverso por natureza a previdencias; tão poeta no real, como no imaginario o tinha sido, e como o hei de já agora ser até ao fim; em summa verdadeiro crente na Providencia.

Parecia que eu e Maria tinhamos ouvido da propria boca do Salvador o admiravel sermão da montanha; tanto nos estava profundamente impressa dentro a sua doutrina. Eram com effeito evangelicas, ou de boa nova, estas palavras de Christo:

—«Não hajaes cuidado do vosso viver, donde

comereis, donde bebereis, ou donde vos heis de vestir.

«Olhae-me para as avesinhas do ceo; vede lá se ellas semeiam, ou ceifam, ou encelleiram coisa alguma; quem as mantém é o vosso Pai Celeste. Pois vós sois para elle muito mais que as avesinhas do ceo.

«Vestido!... A què vem o dessocegar-se por elle? Reparae no como crescem os lyrios dos valles: não trabalham, nem fiam.

«E mas vos digo em verdade que o proprio Salomão nunca trajou galas como qualquer d'elles.

«Ora: se Deus assim reveste umas hervas do campo, hoje viçosas, amanhã queimadas no forno, não vos revestirá de muito melhor grado a vós, creaturas de apoucada fé?

«Portanto nada de vos inquietardes dizendo:— Que havemos de comer, que havemos de beber, que havemos de vestir?

«Que se desvelem com isso os pagãos; o vosso Pai Celeste bem sabe que todas essas coisas vos são mister.

«Não vos atormenteis pelo amanhã; o amanhã lá curará do que lhe pertence: bem bastam a cada dia as suas penas.»—

Não sei, nem nos importava saber, se Thomaz Roberto Malthus, o economista algoz dos casamen-

tos pobres, approvaria, ou não, esta nossa fé tão commoda, e que a mesma Providencia tomou depois a si o justificar. Se quereis verdade ainda mais em cheio, e sem disfarces, nenhum de nós ambos se lembrava de pensar no futuro por esse lado; entre nós e o porvir material, mettia-se uma seve de affectos tão espessa, tão alta, e tão florída, que não nol-o deixava perceber. Era como o pinhal a cortinar o oceano revolto d'ante a vista do conventinho descançado.

Olhae que eu não vos prego o sermão da montanha para que nos imiteis, mancebos e donzellas na febre aguda do amor, vós para quem uma cabana, uma fontinha, quatro raizes do monte, e para postre amoras de silva, e as glandes do filho prodigo assadas numa fogueirinha de gravetos se figuram banquete em palacio, sobrando-lhe para salsas o bemquerer; não, Robinsons do affecto e da adolescencia descuidosa e credula: o que só faço é relatar-vos, sem apologias nem recommendações, o que por nós passou nuns tempos de loucura, que (ainda mal!) não podem já voltar. Lede muito nas boas horas, como nós a reliamos, a consolativa prégação dos passarinhos e dos lyrios; mas, se vos parecer, não deixeis de folhear tambem um poucoxinho os economistas; não será mau. Os corvos da Thebaida acudiam, verdade seja, aos santos eremi-

tas á hora do jantar com pães tomados sabe Deus donde; mas não ha muitos d'esses hoje em dia, cá pelas cidades. Corvos que vos empolguem o vosso pão da mesa, e até da mão, isso mais depressa.

Maria conhecia-me pelos meus livros e pelas minhas cartas; alguma coisa era; mas os meus escrupulos melindrosos, pediam mais: enviei-lhe o meu retrato, uma expressiva miniatura em marfim. A mão engenhosa do pintor, não paga de me reproduzir, enchêra d'um rosal florescente o fundo do seu painelinho; era o poeta da *Primavera*, rodeado dos seus preteritos amores. Guardo-o como preciosidade e reliquia; se andou tanto tempo occulto no seio com que eu sonhava!... A carta em que ella me agradecia este pequeno penhor, repousa, outra reliquia, no mesmo cofre junto d'elle; seria profanação o publicál-a. Fique ali a sonhar eternamente a immensa ternura de que a repassou a melhor, a mais carinhosa mão de quantas jámais pegaram na penna para revelar a uma alma a formosura de outra.

É a este segundo periodo das nossas relações, começado ao desfazer-se a nuvem da divindade, deixando apparecer a mais sympathica das mulheres, que pertence inteiro o livro sobre que emprehendi derramar agora alguma luz.

Lestes sem duvida a historia de Pygmalião; en-

tão sabeis como aquelle phantasioso esculptor, com a arte no coração, e a fé na alma, lavrou uma estatua, se enamorou e endoideceu por ella.

O sol da Grecia, que tantos portentos allumiou, nunca vira coisa assim formosa.

O real estatuario, pois era soberano, esqueceu por ella mais quo o seu throno de oiro e os seus estados que o adoravam: esqueceu todas as beldades d'umas regiões como aquellas, digno berço de Venus e das Graças; e onde os lacteos marmores e as ceras coloradas, para copiarem aos olhos as formosas do Olympo, e povoarem os templos com Hebes e Junos, Dianas e Minervas, de mais não precisavam que retratar os bandos vivos e buliçosos das filhas da terra. A todas offuscava para elle, para elle Jupiter do cinzel, a Pallas brotada da sua cabeça poetica e fogosa; assim a lua cheia, ao levantar-se de traz dos cumes selvaticos dos Dáctyles desterra o scintillante cardume das estrellas.

Não contente de a ver todo o dia, vinte vezes se levantava cada noite para tornar a vel-a, e de cada vez lhe descobria gentilezas novas. Com a alampada trémula na mão, erguendo-a, abaixando-a, ora de longe, ora de perto, a rodeava, scismando, palpitando, sorrindo, figurando-se-lhe vel-a corresponder com a expressão do aspecto ás blandicias com que elle, mais poeta que Anacreonte, a affa-

gava. Oh! que não daria elle por ter a lyra de Orpheu e de Amphião, cujos sons escutados pelas pedras as animavam!

Ás plantas nuas da sua Galathéa, mil vezes rebeijadas, tomava as suas refeições, offerecendo-lhe sempre com suave convite as primicias de Baccho e Ceres, os mais perfeitos favos de Hybla e do Hymetto, e os mais delicados dons de Pomona, que em canastreis de vimes de prata lhe vinham pôr diante virgens, por quem o Pai dos numes se metamorphosearia vinte vezes.

Cochichavam ellas entre si, e riam doidinhas á socapa os mais tentadores risos que sabiam, sem nunca lograrem que os olhos fitos nos da estatua se abaixassem, nem por descuido, para os d'ellas. Retirada a mesa, fechava o Principe as portas eburneas do aposento, incendia-se com segundas libações rituaes de Naxos e Chios; exhalava o seu fogo tresdobrado em abraços e beijos; cingia de perolas e diamantes o colo e os pulsos da effigie; banhava-a com essencias de nardo e dictamo; engrinaldava-lhe a fronte com as rosas mais frescas das emmolhadas em vasos aureos esculpidos, coroando-se com as restantes a si mesmo; tornava a encarál-a, e o reflexo das flores de Amathunta, que Sapho algum dia havia de proclamar rainhas de todas as flores, e a que a Mãi de Cupido fadára as

mais estranhas seducções, quando as viu retintas com o sangue do seu Adonis, aquelle reflexo purpurino no alvor das faces lhe parecia no seu estatico enlevo uns assomos do pudor virginal sobresaltado com a desnudez propria, com a solidão e voluptuoso desamparo do sitio, com o olhar a um tempo supplicante e audaz do adorador.

Era então que delirante, perdido de desejos impossiveis, elle se lhe pendia amorosamente ao pescoço, forcejava por animál-a com osculos; e reconhecendo quanto eram baldados os seus desejos, imbebia o rosto ardente entre os arfantes seios, frios, de marmore, e os aljofrava com um chuveiro de lagrimas. Nestas porfias, sem victoria nem derrota, se lhe exhauriam as forças; deixava-se cair esmorecido para cima do tapete de purpura de Tyro, cerrava os olhos, e um somno transparente, um meio sonho, dando-lhe por momentos a posse da sua beldade, ouvindo-a, sentindo-lhe palpitar o coração, repassando-se do seu calor, o restaurava para se tornar com mais vehemencia em acordando á sua adoração perpétua, ás suas cubiças insensatas.

A deusa dos mil amores que prescruta até ao intimo os corações dos mancebos, podia bem ter ciumes d'aquella pobre e insensivel beldade tão amada; mas foi generosa; generosa... não: antes muito justa. ¿Não era aquelle o mais solemne culto, o

culto mais sincero e desinteressado que jamais se rendêra á sua divindade?

Não odiou a Galathéa; sorriu-lhe como para uma irmã mais nova; mirou-se nella complacente como num espelho. A filha das ondas do Egeu foi benigna para a filha dos marmores de Paros.

—«¿O amor que nasceu de mim—dizia ella—não me tem a mim propria ferido e felicitado tantas vezes? Porque não farei eu que esse amor, não menos maravilhoso, que nasceu d'aquella, lhe dê tambem um quinhão nos ceos que eu disfructo sem limite?»—

Pygmalião, o rei artista, havia affeiçoado para muitos altares os mais perfeitos, os mais adoraveis simulacros da immortal; e se não se inflammára por elles, como agora por este de Galathéa, era só por que a santa magestade do ser divino lh'o prohibíra; mas os templos em que os milagres d'essa arte crente e inspirada resplandeciam alvejantes, eram sempre os mais frequentados, os mais servidos com offertas, sacrificios, e grinaldas. A officina mesma em que avultava entre um povo de outras estatuas e grupos a estatua da sua rival em fascinações, era sympathica aos olhos da Omnipotente, e sollicitava o seu favor: as pombas, que a ella lhe vogam o carro aereo jungidas com festões de murta, tinham ali entrada livre. Dos loireiros rosiflores e das grutas dos

jardins do palacio, esvoaçavam-se familiares até os peitoris das janellas, sempre francas ás inspirações dos ceos diaphanos, do cicío das auras pela folhagem, e do estrepito das fontes, melodias como de flautas migdoneas. D'ali observavam, conversando umas com outras, a profusão que lá dentro ia, de coisas tão brancas, tão suaves: tanta ninfa! umas, trajadas como para coréas! outras, despidas como para o banho! e entre todas, e sobresaindo a todas, o vulto da propria deusa, tão sua conhecida, e o de Galathéa, não menos celeste, candida como ellas, e, a julgar pelo sorriso, como ellas affectuosa! Alguma das espreitadeiras aladas dizia então lá pela sua lingua ás companheiras: — «Olhae olhae como está em ambas enlevado! os escravos chamam-lhe rei, mas não é tal: é, como nós, um captivo do amor; e de quão benigna condição!... é reparar-lhe no ar, nos movimentos. ¿Não vêdes como olha para nós, tão benevolo, e quasi invejoso, quando nos beijâmos? entremos sem medo, que nos não ha de fazer mal. Mal aquelle!... Apostaria eu que já foi pomba, antes de ser gente. Chova-lhe a nossa rainha, como sobre nós, amores sem espinhos, e delicias renovadas de hora a hora.» —

A estancia era então invadida pelo bando festivo. Pygmalião exultava, tomando por feliz agoiro ver as conductoras do coche de Dióne arraiarem-

lhe a casa toda com os reflexos argenteos das suas azas irrequietas, e cobrirem de ternura, de voluptuosidade, de poesia, como um veo alvo, roto, e esvoaçado, as estatuas dos dois idolos do seu coração.

¡Não era tudo isto mais que bastante para merecer á mãi do amor um prodigio sem exemplo, e que a ficasse glorificando nas liras namoradas de todo o mundo!...

Acabava um dia o Principe de queimar aos pés de Venus, segundo o seu costume de todas as manhãs, uma copiosa oblação do mais puro incenso. Tinha regado o fogo, em que elle fumava numa amphora de bronze, com vinho amadurecido havia cem annos pelos oiteiros pampinosos de Chypre, e reservado em talhas de barro para sacrificios aos Deuses Maximos. Tomada respeitosamente venia da Immortal, transporta por suas mãos o vaso depositario do fogo para diante de Galathéa. Quer offerecer-lhe, ainda que em segundo logar, porção igual, tanto da rescendente massa, orgulho da Arabia, como do liquido generoso. Enganou-se-lhe a mão no incenso, e lançou nas brazas porção avantajada. Venus sorriu, e não se agastou. As distracções do amor, ninguem melhor do que ella as conhece por experiencia.

Emquanto o veo alvacento do inebriante fumo,

elevando-se d'ante o pedestal da ninfa, a envolvia toda, e tornava a sua presença mais celestial, Pygmalião, acompanhando-se com a lira de sete cordas, cantava de joelhos um hymno que as pombas escutavam num silencio religioso; pareciam querer decorál-o para o repetirem á sua raínha quando ella se jazesse em amoroso ocio reclinada sobre as violetas em algum secreto pavilhão de rosaes da sua Paphos:

—« Tu, que exhalas de ti, qual vérte a rosa aromas,
effluvios de prazer, universal ternura,
Mãi das Graças e Amor, deusa da formosura,
que envolves a nudez co'o veo das aureas comas,

Venus: pois que são teus os ceos, a terra, os mares,
e até ás sombras do Orco abrange o teu poder,
lança um propício olhar, Venus, aos meus pezares;
do teu jugo me sólta, ou dá-me emfim morrer.

Com tão cruel supplicio, ignoto á humanidade,
ria teu filho em vão; tu, deusa, és mais piedosa.
Ardo por uma pedra em chamma vergonhosa,
perdi a paz e a glória, o siso e a liberdade.

Qualquer ente alardeia ufano os seus amores:
a ave, piando; o peixe, aos pulos pelo mar;

o rebanho, mugindo; em cantos os pastores;
e eu, Venus, só a ti ouso este ardor mostrar.

Quão menos insensato o moço do Cephíso
se finou por si mesmo ao pé do espelho aquoso!
Suppoz a sombra ninfa; espera ser ditoso;
cai no engano; perece; apiadas-te, é Narciso;

e eu, eu sei que a beldade, iman d'est'alma ardente,
só a mim deve o ser; nasceu de minha mão;
não me ouve, não me vê, não se condoe, não sente;
não lhe pude formar lá dentro um coração.

Ó Venus: se ha mulher que eu possa crer retrato
do immenso que sonhei compondo a Galathéa,
revela-me onde habita a amavel Semidéa;
assim teu filho Amor jamais te offenda ingrato.

Seja embora pastora, obscura, humilde, escrava;
terá por choça um throno, e por captivo um rei;
e eu, já salvo da insania, eu, que a teus pés chorava,
a ti uma hecatomba alegre immolarei.»—

Ainda bem não findára a prece, quando lhe pareceu notar nos labios da immortal um sorriso auspicioso. O Cupido, que junto d'ella estava em pé, e que era tambem obra de suas mãos, agitou as

azas de marmore, soprou as labaredas petrificadas do facho, que instantaneamente coruscaram, e rompendo por entre a cortina do incenso, que ainda envolvia a ninfa, lhe lustrou com o milagroso calor a fronte, os olhos, as faces, a boca, o seio, o coração. Ao fogo d'este segundo e divino Prometheu, a estatua estremece; a pallida brancura se tinge da cor da vida; o peito palpita; os olhos se voltam para o ceo da Grecia que logo os embebe do seu mais brilhante azul; baixam sobre Venus, parecem attonitos! descem, encontram-se com os de Pygmalião! duas rosas subitas se abrem nas faces; o sorriso, aurora de uma existencia de amores, alvorece em labios nacarados.

—«Filha dos meus sonhos! Galathea!»—exclama o artista delirante, correndo a tomál-a em braços, ao vel-a descer do pedestal. «Galathéa, filha dos meus sonhos: se é esta uma nova illusão que Morpheu me envia, compassivo, mas cruel, possa eu não acordar jamais!»—

¿Vistes vós alguma vez rasgar um dia magnifico depois de uma noite profunda? ¿Notastes como então saíam do nada as amenidades das terras e dos rios, a animação e o movimento dos campos e das cidades, as côres, os cantares e as esperanças? assim repassada a subitas de calor e luz pelo sol dos espiritos, pelo amor, a alma recemnascida de Galathéa

adivinhou para logo a adoração de que era alvo. Comprehendeu a turbação que inspirava, pela que sentia. Viu nas profundezas interiores do seu ser, diaphanas como um lago limpido, a sua pureza virginal, a sua magica branca, a sua suavidade irresistivel, o seu destino de ser feliz felicitando.

A turbação instinctiva de um pudor que a si proprio se ignorava, cubriu o rosto de Galathéa do mais amavel escarlata; abaixou a vista sobre si mesma, e não sabendo para onde se refugiar, mariposa attraída da luz, voou para os braços do amante, escondendo o seio no peito d'elle, fechando os olhos para não ser vista. Neste momento a Philomela, occulta na folhagem d'um platano visinho, entoou um brilhante epithalamio, e o hymeneu fechou as cortinas purpureas do aposento.

Despidos os accessorios esplendidos e sobrenaturaes, a fabula de Pygmalião, reproduziu-se na minha história; o simulacro que eu incensára e servíra, o simulacro filho da minha imaginação, era emfim mulher; mulher amante, capaz de bemaventurar-me, e desejosa de o fazer. Só a Philomela do Platano, e o hymeneu, andavam ainda tão longe e tão emboscados nas brenhas do futuro, que eu mesmo não ousava crer-lhes bem deveras na existencia. Entretanto, como a encarnação e os sentimentos do meu idolo para comigo eram innegaveis,

começou logo a haver entre nós uma especie de semi-consorcio tacito; era já a communidade dos corações, se não era ainda a dos somnos, visto que o bom Ducis, chamou ao casamento

Douce communauté de cœurs et de sommeils.

As nossas mutuas confidencias passaram a ser por minha parte, o que por parte d'ella desde o principio tinham sido: reservadas inteiramente d'ouvidos estranhos e curiosos. Com isso lucraram muito maior afoiteza, e um novo encanto, que nos concitou a ampliál-as de dia a dia.

Quanto é dado a auzentes conhecerem-se, conhecemo-nos. Pelas mutuas e circunstanciadas descripções que trocámos das nossas vivendas, dos nossos gôstos, do emprêgo das nossas horas, e de todos os nossos pensamentos, podémos, como Sylpho e Sylphide, visitar-nos de contínuo. Estavamos simultaneamente: eu, junto d'ella, no seu mosteiro; ella comigo, no meu castello. Já não havia lá nem cá ladrilho de pavimento, nem abobada, accidentes de luz ou sombra, movel ou planta, que nos não fosse familiar. Via ella gostosa ao meu lado o irmão inseparavel que me excitava a querer-lhe, a amál-a, com a mesma espontaneidade com que me acompanhava nas outras excursões poeticas; eu, achava ao

pé d'ella a religiosa sua íntima, que a vira crescer, que a estremecia como a filha e irmã, que a ajudava com os seus conselhos, a protegia como Anjo da guarda, se revia na sua bondade e no seu talento, e que, apesar de não saber como viveria se a pêrdesse, nem por isso apressava menos com os seus votos o momento de m'a entregar.

Assim mesmo, grande era na verdade a minha solidão! mas tenho que a de Maria era ainda mais profunda, poetica e enamorada.

Ha uma natural propensão que nos leva sempre o desejo do que possuimos, para o que não temos, para o que muitas vezes não poderemos alcançar; a imagem de um ermo attrae o mundano; a do mundo dessocega ao eremita. São palpitações e adejos da alma captiva para o ideal. Somos assim. Se o não fôramos, onde estariam os horisontes luminosos da alma? Onde, como, e de que podéra crear-se poesia?

Eu, que tinha em redor de mim uma cidade, e a liberdade de me expandir para toda a parte, punha as minhas mais cordeaes delicias em me ir encerrar, não presentido, nem presumivel, naquella remota clausura. Maria, costumada a ella, sem quasi conhecer outra coisa, e devendo estremecer, só ao pensamento de trocar o seu pacifico viveiro pelas estranhezas e perigos do ar pleno e sem limi-

tes, Maria, compunha agora lá os seus melhores devaneios no phantasiar outro viver, outro sentir, outros deleites, e de todos os deleites o maior, dizia ella, o de gastar a sua existencia em amenisar outra; ambição verdadeiramente feminil: a abnegação absoluta! Se viessem no futuro a citál-a como a socia, a guia, a auxiliar, a afinadora da lira do poeta, e a serva ministra das suas festas, sería isso para ella um triumpho (mil vezes m'o repetiu). Mas embora o seu nome viesse a esquecer de todo (acrescentava com uma effuzão de ternura encantadora), a certeza de haver obscuramente cumprido todo esse encargo, já lhe bastava para não trocar a sua dita pela de outra alguma.

As abobadas de um claustro encobrem thesoiros de sensibilidade inapreciaveis, inexauriveis, e bem mal avaliados dos profanos.

Cada um considera aquelles encerros misticos á luz dos seus proprios preconceitos: um espiritual, vê ali um alfôbre de plantas para o ceo, uma terra de Gessen allumiada de cima pelo sol no meio de um Egypto ennoitecido, um paraizo passageiro sotoposto ao Paraizo perennal com a mais curta e directa serventia de um para outro; ao incredulo, figura-se um pantano antigo de fanatismo e superstições; um economista, lhe chama desperdicio anachronico de riquezas, de forças productivas, e

de população; um naturalista, execra, em nome da natureza, que se ousem e se permittam votos de a renunciar; e, propheta de infortunio, commina, em nome d'ella, como infalliveis penas do desacato, as tristezas, as enfermidades moraes e phisicas, as allucinações, os delirios, o defecamento, o envelhecimento no incompleto dos annos, a morte prematura; finalmente, um romancista licencioso sonha, e se arroja a escrever os seus sonhos como historia, que o amor, banido em vão d'aquelles recintos, em parte nenhuma é tão déspota, tão insensato e monstruoso como lá. Segundo esses moralistas de abominação, os misterios vergonhosos da deusa Bona, ter-se-hiam perpetuado ao abrigo e no seguro inviolavel dos nossos asilos religiosos.

Desprêso a tantos exageradores systematicos Se um mosteiro não é ceo, porque o não ha nem cabe na terra, é um santo e bemdito refugio, onde muitas penas se atalham e muitas se adormentam.

¿O caracter de contranatural, que acintosamente se exprobra ao mosteiro, existirá porventura, como se comprazem de declamar os seus antagonistas? Não de certo; no mosteiro feminil principalmente.

Se a felicidade terrestre, por outra, o contentamento, é o unico alvo racional a que tendem por diversas vias todos os esforços humanos, quem affirmará com a mão na consciencia, que a mulher

do nobre no seu solar, a do burguez na sua casa, a do artifice no seu sotão, a do rustico na sua cabana, a do pescador na sua choça, para não fallarmos de tantas outras mulheres sem poisada certa, sem familia, e sem sociedade, desfructam maior quinhão de ventura que as religiosas? ¿Será tudo, será mesmo o essencial para a felicidade, o ter um esposo e ter filhos, esses dois bens, essas duas ufanias tantas vezes descontadas pelos mais pungentes cuidados, pelos mais amargos desgostos, e não raro pelo encurtamento da existencia?

«Possuem-a liberdade,» dirão elles; a liberdade!... que liberdade? interrogae-as a uma e uma; não ousarão responder-vos; mas um involuntario sorriso triste vos responderá por ellas. ¿Quantas são das forçadas que remam nesta galé mundana as que não terão muita vez pensado com inveja no viver manso e sem estrondo d'aquellas solitarias, sem os cuidados do amanhã, sem as fadigas improbas do hoje, sem os arrependimentos e os pesares do hontem?...

Cada uma d'estas diversas operarias do futuro, colhe, é verdade, aqui ou alem, mais ou menos abundante, mais ou menos imperfeito, algum deleite que o mundo nega ás cenobitas; mas quanto não compra ella caro esses deleites, essas escaças compensações dos seus pobres destinos, que vós,

philosophos exclusivos da população e da riqueza pública, chamarieis naturaes, se vos attrevesseis?

A eremita, pelo contrário, privada d'estes gosos passageiros, está livre das sollicitudes que tantas vezes os precedem, os envolvem, os seguem, os descontam, os aniquilam.

As faculdades amantes de que se compõe essencialmente o ser feminino, não se anihilaram entrando para o ermo; exaltar-se-hiam porventura, e se lhes faltasse emprêgo e alimento, devorariam afinal miseravelmente e com medonha rapidez as miseras depositarias d'esses dons celestes. Felizmente não succede assim. Ellas amam tambem.— «Amam?!» Oh! e quanto! e quão bem! e quão satisfeitas! «Ellas?!!» Sem nenhuma dúvida. Os seus amores são melhores que paixões: são simplices affectos.

Uma cultura especial, e o influxo dos ares que respiram, operaram nellas, sem as destruir, uma curiosa transformação: tinham nascido flores singelas para fructificarem vulgarmente; uma jardinagem milagrosa as converteu a pouco e pouco em flores dobradas, mais fragrantes, mais para cubiças. Do que originariamente havia de servir para a reproducção, fez petalas; fez viço; fez flor de flor: monstruosidade embora para o botanico e para o naturalista, mas ufania para a terra, e orgulho

para a arte, que, sem destruir a natureza, logrou apresentál-a com aspecto mais formoso. D'estas flores viventes póde coroar-se a religião, que são dignas d'ella; póde inspirar-se a poesia, que em nenhuma outra parte as encontrará tão celestiaes; e póde a moral mesma comprazer-se, que tem nellas modelos perfeitos de virtudes, sempre raras, e cada vez mais recommendaveis.

Mas teimais em perguntar que é o que realmente amam estas mulheres? Tenho medo de que não chegueis a entendêl-o bem, porque eu mesmo, grosseiro, carnal, mundano como vós, não cheguei ainda bem a explicar-m'o. Para isto, falta-nos a nós todos um sentido, sentido sem nome, que descobre mil coisas subtis no mundo moral; a metade mais delicada da nossa especie, é que o possue; as mulheres é que o saberiam explanar.

Se em espirito devassâmos a furto uma clausura, que é com effeito o que descubrimos naquelle mundo tepido, tão suave, melodioso, e perfumado por dentro, como triste, áspero, e mudo parece cá de fóra? A alteza dos muros, e as grades de ferro, têem razão: não estão ali para evitar a fuga; estão porventura para disfarçar a seducção do retiro, que, a ser conhecido, fascinava excessivamente; estão sobre tudo para rebatter audacias de desejos impuros, que a pureza mesma attrairia, como o balir

manso das ovelhas no aprisco está innocentemente chamando os lobos em seu damno.

Por traz d'aquellas gradarias severas, d'aquellas muralhas ameaçadoras, está uma cidadinha toda feminina, sempre em paz e em festa; paz talvez com leves quebras, para melhor se apreciar; festa sem tumulto nem estrondo, sem custosos preparos nem recordações afflictivas.

Os dormitorios são bellas ruas direitas, calçadas de lageas polidas, e onde o silencio, amigo da meditação, se casa harmoniosamente com a sombra fresca, e deixa perceber o som dos proprios passos que vem da extremidade opposta, como se até o andar tivesse ali a sua reflexão.

Por ambos os lados d'estas ruas, abobadadas como hoje as de Herculanum, e condecoradas cada uma com o gracioso nome de uma santa, se enfileiram os modestos palacios das habitantes. As portas sem chave, á primeira saudação affectiva, ao minimo toque, se descerram. Descobre-se no interior a riqueza da desambição; um sorriso hospedeiro, que illumina tudo como sol, o leito alvo para os alvos sonhos, os paineis meditabundos, que a musa da lenda explica, ora em idilios, ora em phantasticos romances, ora em tragedias gloriosas. Sobre a mesa sem espelho, a jarra de flores entre duas velas de cera alvissima, e alguns livros, d'es-

tes cuja leitura se interrompe a scismar, e se continúa mentalmente por uns mundos nunca vistos, em que tudo são maravilhas. Um pintasilgo saltitando e scismando tambem nalguma coisa do passado, do futuro, ou do possivel, alterna suspiros e cantares, pendente do tecto na sua thebaidasinha d'arames, enfeitada de ramos frescos; vê de um lado a arqueta do seu pão sempre cheia, do outro a sua cisterna de vidro, em que se mira como Narciso, em que bebe como a Samaritana, ou se banha na sésta como Odalisca; cá em baixo vê a sua providencia, que em fórma de boa amiga o considera, lhe falla e interrompe os seus lavores, ou orações para lhe atirar beijos. Emfim: a janella completa as magnificencias do palacete, juntando-lhe, como dominios contiguos, o vergel proximo, e o ceo, que pouco mais distante se figura.

Nas casas d'esta singular cidade, que o mundo não vê, e muito d'elle não quer ver, para mais a seu salvo a poder negar, ajuntam-se frequentemente assembléas, em que se não gosa por certo á moda de nós outros, mas se gosa não menos, e talvez mais, á moda do ermo: são conversações entre espiritos. Se as paixões vehementes as quizessem invadir, resvalavam-lhes pela superficie. Os affectos sim que as povoam, e constituem a sua essencia; é um papear como dos passarinhos num bosque ao

principio e ao fim do dia; porque naquellas vozes meigas, ora transpiram os influxos d'um crepusculo que apoz as trevas se abre para um dia grande, ora os de outro crepusculo que se vai a pouco e pouco fechando sobre as alegrias para acabar na escuridão; mas quer um, quer outro, todo o crepusculo tem rosas, todas as rosas têem amores.

Não se discutem ali nem as novidades do periodico, jornal das modas dos politicos, nem os caprichos dos enfeites, politica das mulheres. Os ecos dos espectaculos, dos motins, dos escandalos, das heroicidades, das demolições e das edificações das outras cidades, das grandes, das Babylonias, ou não chegam até esta povoação, ou lhe entram tão amortecidos e como de coisa tão estranha, que nada ou pouco desconcertam a immutabilidade do pensar, e nada absolutamente a do viver.

O amor sensual é da natureza, não ha duvida, e não entra ali; afugentam-no, exorcizam-no, como o demonio do meio dia e da meia noite; debalde o pobresinho se faz Protheu para as captar: agora cantando-lhes convites d'entre a copa de uma arvore, agora passando como viração que vem de ver namorados, e vai correndo por cima das hervas trémulas a espreitar outros; uma vez é som de flauta longinqua que disperta suspiros por onde passa; outras, um nome de homem proferido ao aca-

so, palavra sem virtude, onde elles abundam, mas ali occasionadora de devaneios; reveste a fórma de alguma coisa, de alguma pessoa, de algum sitio, de alguma scena, que se viu em quanto se andava lá por fóra, em que se ficou pensando, e que ainda na memoria do coração se não apagou. Sim, sim; não ha negál-o: o Amor, ladeado das Graças, deve espreitar bem a miudo, trepado nas grades exteriores para o que vai lá dentro, como os passeantes num jardim devoram com os olhos as flores e moveis de uma estufa, ou como as pombas de Pygmalião lhe consideravam as frias e ridentes estatuas da officina. Mas que mal faz isso? tambem as Amazonas haviam de ser salteadas, não raro, por vagas tentações voluptuosas. Todavia a gloria de lhes resistirem, junta ás occupações que lhes enchiam a vida, as mantinha satisfeitas umas das outras, e ufanas do seu forçado celibato. Toda a differença é: que as heroinas do Thermedonte, cortando o seio direito para melhor pelejarem, como que despediam de si metade da sua féminidade, e endurecidas com a prática das guerras, se indemnisavam com a alegria de vencer a inimigos, dos deleites de serem vencidas por amantes; ao mesmo passo que estas amazonas pacificas da religião, conservando inteira toda a sua sensibilidade, a enganam, dispartindo-a, furtada aos impetos da natureza carnal,

por um cardume de objectos qual a qual mais consentaneo á sua indole delicada: é o tacto das flores, que são suas irmãs; é a creação dos passarinhos, que são, voadores do ceo, os irmãos de suas almas; é o canto, exercicio d'anjos; é a caridade, enlevo do Creador; são as miragens infinitas da esperança; são as perdoaveis altivezes de um estoicismo temperado; são tambem os entretenimentos manuaes: ora de vestir e ataviar a santa imagem predilecta, que para o coração supre uma filha, ora de coser o enchoval branco para a creança que está para nascer na cabana visinha, ora tambem de seroar na grinalda de flores de laranja com que se ha de enfeitar no seu dia grande uma noiva muito amiga.

Que são os presentes que saem continuos d'aquellas portas, senão coisas todas formosas e suaves como a cêra e o mel das colmeias? laminas devotas e scintillantes, doces de mil gostos, de mil côres, de mil fórmas; flores e fructos artificiaes, com que as abelhas se enganariam; aromas para toucadores e festas; cartas, mensagens, e convites quasi pueris na simpleza, e sempre rescendendo á innocencia mais sympathica e mais alegre. O segredo de tantas e tamanhas branduras, por si mesmo se descobre: a mulher no trafego do mundo, se infiltra suavidade para o sexo

forte, com quem convive, recebe d'elle em troca o que quer que seja de mais grave, que não quero dizer de menos extremoso; é uma beneficiação mutua e perenne que a Providencia ideou quando partiu em duas metades a nossa especie; mas a mulher na convivencia exclusiva do seu sexo, mantem inteiras, completas, e no mais perfeito estado de graça original, todas as suas disposições nativas; é como a violeta, que emboscadinha á sombra conserva o cheiro subtil e o frescor virginal, que as mãos e o sol lhe estragariam.

A mulher aqui não é esposa nem mãi, porém não deixa de ser mulher, senão que o é em muito maior auge.

¿Não vos basta? deplorais a encantada cidadinha por estar carecente de praças, de passeios, de espectaculos? outro engano; outro engano manifesto: pois não são donosas praças aquellas crastas arborisadas, com suas sonorosas fontes de repuxo no centro, e á volta magestosas arcarias á romana? claustros guarnecidos de baixo a cima com azulejos de biblica erudição, não recordam os Porticos em que os antigos senhores do mundo se espaireciam das calmas por entre estátuas e pinturas de suas fabulas? não são passeios publicos, e mais apraziveis por libertos de constrangimentos, os jardins, os pomares, as frescas hortas da cêrca? theatro de espectaculos

augustos não o será o templo aos olhos da fé e da piedade? não se representam ali em seus dias prefixos todos os lances da vida do Salvador, desde o Presepio até ao Calvario, desde o Calvario até á Ascenção? todos os passos da Rainha das Virgens, desde a sua Natividade até á sua Assumpção? todas as glorias dos principaes bemaventurados? Não é ali, no magnifico santuario, que entre a profusão de marmores, luzes, oiros, sedas, flores, incenso, resoam em musicas solemnes, que só o orgão é digno de acompanhar, os mais graves e poeticos pensamentos dos Prophetas, dos Apostolos e dos Doutores? e que inspirando-se de todos elles, a eloquencia sagrada derrama a doutrina para a ignorancia, a esperança para os afflictos, os desenganos para os vaidosos; aos pobres annuncia thesoiros, thronos aos conculcados, festins eternos aos famintos, sobrecorôa os santos, invoca luz perpétua para os finados, e vôa, como o Dante, por uma espiral infinita do fundo dos abismos até ao cume do firmamento?

Cada festividade é precedida de longe pela ancia de a ver chegar, e deixa apoz si recordações para muitos dias.

As donzellas dos salões que revolvam e troquem entre si memorias das contradanças, do valsador infatigavel, do discreto que as entreteve, dos tra-

jes e penteados que se distinguiram, do novo duetto que se executou, do romance ou das poesias que se annunciaram de autor querido, de uma inclinação encuberta de que já todos segredavam, do baile estrondoso que se ia ter, de uma regata, de um duello, de um passeio a Cintra, de uma lua de mel ou de uma exposição de bellas-artes. As virgens do que se cuida solidão, não acham para si menor nem menos attractivo assumpto o revolverem na conversação, o repastarem no espirito, as circunstancias, os minimos accidentes de que se acompanhou o dia festivo do seu templo: os enfeites e a elegancia de cada altar, o inesperado primor d'esta ou d'aquella cantora, a maviosidade com que o orgão gemeu na adoração, o como a ponto acudiram de fóra o repique e a girandula, o rasgo de pintura ou de affecto com que o orador maravilhou o auditorio, a multidão e a variedade de vestidos que affluiram á egreja, as largas distancias donde accorreu povo a ella, a satisfação com que todos saíram, e o bello e saudoso effeito que fazia aquella torrente ondeante de cabeças ao engolfar-se e desapparecer da nave para o terreiro por baixo do côro, como um rio fogaz por baixo de uma ponte inabalavel.

Direis que ha um travo particular de tristeza em tudo isto. ¿E quaes são os prazeres do seculo em

que esse resaibo se não mistura? denunciae-me um unico, se o descubristes.

Murmurais que em tudo isto é sempre mais ou menos a contemplação inerte e passiva, e que a vida fraudada de todo o movimento proprio e espontaneo não é vida.

¡Mas então não sabeis que naquelle povoado ha tambem, a seu modo, uma Paschoa de flores, estreas de anno bom, fogueiras de S. João, dias duplices para regosijos, banquetes e alegrias de abadessados, visitas ao locutorio, quanto mais raras tanto mais bemvindas, e em que o ermo e o mundo se confrontam de perto, e não é por certo o ermo o que mais se pode queixar do seu quinhão!

Que dirieis vós da monja que negasse existirem passatempos nas nossas cidades, só porque os não via, e descriptos os não imaginava? Pois outro tanto podia ella dizer, se o não diz, de vós outros, que descredes da bemaventurança da sua cidadinha.

O cenobio, tal como o esboçâmos aqui, existe em realidade; e contra os d'esta especie não aventâmos que séria objecção possa pôr a philosophia humanitaria. São refugios para corações feridos, que em nenhuma outra parte o encontrariam; são asilos para muito desamparo da fortuna; são taboa de salvação para muito naufragio; repouso para muito cançaço; gruta misteriosa para muito ani-

mo poetico; seguro para muita innocencia; e se a liberdade os não pode proscrever sem contradicção, sem a si propria se annullar, a philosophia, mãi, filha e socia da mesma liberdade, o que só pode contra taes mosteiros, ou antes em favor d'elles, é exigir que os severos votos, aliás licitos em si mesmos, sejam soluveis, e se desatem apenas finde a vontade que os dictou; e que a prepotencia, a ambição barbara, calculos ou vinganças, não atirem para os pés do altar victimas consternadas, em vez de sacerdotisas radiosas.

Franca a entrada, franca a saída, o mosteiro não ficará sendo senão a séde do contentamento, da virtude, da perfeição, e até da liberdade mais ampla, mais inoffensiva, mais formosa, mais completa.

Apressemo-nos em confessar que nem todas as clausuras se assimelham a esta que entrevimos, de que já existe metade, e de que a outra metade ha de vir por certo, quando resentimentos politicos emmudecerem, e a razão dos povos, desassombrada de todo o genero de preconceitos, for adulta e governar.

Não; nem todas as clausuras são assim; e contra as que assim não são, pouco nos magôa que a philosophia troveje, e que a liberdade se levante. O convento que amâmos e defendemos, o convento que o bom senso applaude, que a natureza ap-

prova, que a cidade deve acarinhar, e o ceo cobrir com benção de prosperidades, está equidistante do convento fanatico, suicida, e assassino, e do convento relaxado, vicioso, onde impera, em odio aos ceos e á terra, o monstro execrado sob o titulo de *crasta* na linguagem mesma das chronicas monasticas.

Estes ultimos (ainda bem!) dissolve-os a podridão interna; passam, e a sua memoria só fica subsistindo nos contos asquerosos da escola de Bocaccio e La-Fontaine; mas a vida d'aquelles, mais dura, mais resequida, mais resguardada, não se gasta senão muito lentamente. A religião e a humanidade caminham sorrindo uma para a-outra; logo que se encontrem num abraço estreito de irmãs para nunca mais se dividirem, aquelles institutos, que nem uma nem outra reconhecem por seus, ou hão de desapparecer com todas as suas sevicias, como desappareceu a Inquisição, ou se hão de converter á natureza, cujas branduras licitas e bonissimas regeitavam. Nunca mais uma triste mãi sentirá estalar-se-lhe o coração a fibra e fibra, vendo sumir-se-lhe para a catacumba de um claustro a filha mimosa das suas entranhas, criada com o seu leite, crescida entre os seus affagos, ufania dos seus olhos, bordão florído para a sua velhice. Velhice!... Que mãi, verdadeira mãi, poderia chegar

até lá, dizendo-se a cada hora do dia:—«Nunca mais a posso ver! nunca mais a hei de ouvir, se não fôr por sonhos! quando eu acabar de morrer, dir-se-ha no meio da communidade, silenciosa como espectros pallidos, e tremulos todos: *Resemos pela alma da mãi de uma de nossas irmãs;* e nada mais, senão chorarem todas, suppondo-se todas orphãs na orphandade que só é de uma.»—Á mesa, onde não vê sua filha, salgará com lagrimas o pão, porque a sua innocente, defecada da penitencia e dos jejuns, não terá para matar a fome, no seu canto escuro e solitario, senão um pedaço de pão negro e duro, que o mendigo e o cão esfaimado de tres dias recusariam. Não poderá encarar com donzella alheia coberta de galas, e trocando risos de alma com toda a natureza, sem logo se atirar de mãos postas e debulhada em lagrimas aos pés da imagem da sua ingrata, coberta de burel sêcco e mordente nas calmas do estio, descalça, apertada num cilício, cortada das disciplinas, entregue aos misteres mais trabalhosos e obscuros, definhando-se de semana para semana, com o coração já morto, com a alma já meio morta a pezar dentro na fronte pendida e despojada que não ha reconhecel-a! e os olhos sempre no chão, á procura do sepulcro que assim tarda! Como dormirá a mãi, quando, encarnada pelo amor na pessoa da filha, cogitar (e

cogita sempre) que a pobresinha nem tem, como a ovelha, um feno em que descance, mas pernoita vestida, ora numa taboa nua com uma pedra por cabeceira, ora prostrada em oração sobre as lageas regeladas do pavimento!

Arredemos d'ali os olhos; mas isto existe. O proprio Martyr Sublime, não n-o póde ver sem pena do alto da sua cruz; Elle que proclamou que o seu jugo era suave, e que fez do amar a pai e mãi o primeiro dos seus mandamentos em relação ao proximo.

Vairão era de antigos tempos uma das casas religiosas da especie média entre os dois extremos, uma das poucas em que as familias piedosas e discretas punham confiadamente suas filhas a educar, para depois as reconduzirem ao mundo graves sem fanatismo, puras sem mingua na sensibilidade, mulheres emfim, quanto mulheres o podem ser, anjos perfumados em paraizo.

Havia em Vairão outras educandas e seculares. Todas ellas, assim como as religiosas, davam a Maria a preferencia do seu affecto, sem que uma unica pensasse em lh'o invejar. É porque a doçura da sua indole fazia esquecer a superioridade do seu espirito.

Ás prendas manuaes, em que primava, reunia o gôsto da leitura, até algum tanto o do estudo, e a

meditação reflexiva, que extrema em cada escripto, como em cada conversação, o verdadeiro do supposto, e o proficuo do prejudicial:

Florigeros ut apes per saltus.....

Entretanto, dotada de um tacto verdadeiramente feminino, possuia a grande e difficil arte de se mostrar ao nivel do commum do seu sexo, quando mesmo as idéas que expunha desciam o vôo de mais alta esfera. Um veo de modestia, que ás vezes chegava a parecer timidez e acanhamento, temperava, por assim dizer, o brilho do seu saber, da sua imaginação, e do seu juizo, para não offender a miopía dos espiritos vulgares. Era-lhe até facil e usual o calar-se, simulando ignorar as coisas que melhor sabia, quando se arreceiava de humilhar a vaidade de quem quer que fosse; o que não tolhia que até as mais idosas a tomassem por conselheira, convencidas pela experiencia de que ninguem calculava com mais acerto do que ella, de que ninguem poderia guiar por mais seguro caminho a um alvo honesto e proveitoso.

O melhor da herança de sua avó e de seu tio, o poeta, reduzira-se a uma boa porção de livros, francezes, hespanhoes, e italianos, quasi todos escolhidos e de substancia, e classicos portuguezes. Devorára,

relêra tudo, comparando, assignalando o que tinha por mais ou menos bom, e enthesoirando o optimo em volumosos cadernos de excerptos, que, folheados por um litterato de lei, para logo lhe revelariam o apurado gôsto da collectora. O francez, o italiano e o hespanhol, se lhe tornaram d'esta sorte familiares. Quanto á lingua patria, essa, tradição e gloria de sua familia, foi a que sempre lhe attraiu particulares desvelos; e em verdade que ninguem a conhecia mais por dentro; ninguem a tratava com mais acerto, graça e facilidade. Não é lôuvor pequeno este, mesmo para dama, e dama em provincia; em nossos dias sobre tudo.

Sem pejo declararia eu aqui, se tal noticia podesse a alguem interessar, que do meu trato com ella é que principalmente se originou o meu empenho, não digo de classicismo, mas de vernaculidade em todo o caso. Não ha estudo nem mais apetitoso, nem mais aproveitado, que o da falla da nossa terra, quando se tem por mestra uma mulher a quem se ama.

Ahi me ia eu agora desviando por um atalho que não convem. Tornemo-nos á educanda de Vairão.

Cuido que não haverá ledor que não tenha lá o seu livro predilecto, para o qual de todos os outros se aparte por natural tendencia. O escriptor mais do nosso peito pode variar, e varía, com as trans-

formações da edade, da saude, da fortuna, das circunstancias; mas ha sempre um, com quem melhor nos entendemos, com quem nos parece conversarmos, com quem permutâmos o nosso espirito, porque nos entende, e o entendemos, porque nos parece vivo e presente, e o qual por derradeiro chega a encarnar-se em nós, e a influir nos nossos actos e na nossa vida.

A preferencia de Maria para as suas leituras, começadas numa pagina, e continuadas quasi sempre nos espaços imaginarios, não acertava porém numa só obra: pendia indecisa entre Petrarca e Santa Thereza de Jesus. Eram dois caudaes brilhantes, ainda que tristes, que iam, patentes ao ceo um e outro, parar ambos num mar de affecto.

Que alma houve jámais tão namorada como a da formosa de Burgos, a não ter sido a do cisne de Arezzo? ou que espirito se haveria de equiparar na doce melancolia da adoração ao segundo Dante, mais sympathico, se menos collossal, ao poeta, não já do *Inferno*, mas do *Purgatorio* e do *Ceo* do amor, ao bom Petrarca emfim, se a Hespanha, est'outra Italia das graças e das paixões, se esquecesse de procrear a Matriarcha das carmelitas?

Que espantosa similhança entre ella e elle!

São dois corações desmedidamente grandes, a quem não basta para os encher qualquer affeição

terrestre e vulgar, e que só em flores e fructos de paraizo poderão achar confôrto.

Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo. Lævà ejus sub capite meo, et dextera illius amplexabitur me. (*)

O cantor tão religioso, e a religiosa tão cantora, como que só têem de corpo e sentidos quanto baste para os reter na terra dos deleites ephemeros, e retardar a sua fuga para regiões de affectos sem limite.

Um e outro amam no íntimo, pela delicia do amar, pela necessidade de amar, e sem pedirem mercê nem recompensa.

Um e outro fabricam da sua ternura religiões attractivas, dominadoras, perduraveis: elle, a dos trovadores misticos e fervorosos; ella, a das noivas para a eternidade.

Petrarca tinha-se criado com as poesias voluptuarias da Roma classica; mas de amavel pagão, que o estudo o podéra ter feito, se converteu em eremita namorado.

Thereza, segundo ella mesmo se nos historía, seduzida nos primeiros annos pelos feitiços do mundo, dominada da turbulencia da phantasia, e escandecida pelos fogos da juventude, só muito a po-

(*) Cant. dos cant. cap. II.

der de esforços, só depois de muito bafejada pela Graça, logrou desenlear-se das vaidades, pegar, e lançar raizes no retiro.

Ella e elle podem exclamar como S. Bernardo: —*O beata solitudo! o sola beatitudo!*—porque para um e para a outra o ermo é igualmente povoado por um phantasma luminoso: lá, pela imagem de Laura; cá, pela de Jesus; dois verdadeiros ideaes dos amores ao mesmo tempo mais ferventes e mais castos.

Petrarca sabe que não ha de gosar Laura em toda a vida; espera e anceia, como Thereza, pelas bodas celestes.

Thereza, desafoga a sua impaciencia, como Petrarca, em jaculatorias tão mimosas, que a Esposa dos cantares se deteria para lh'as ouvir.

O POETA

Tennemi Amor'anni ventuno ardendo
Lieto nel foco, e nel duol pien di speme:
Poi che Madonna, e'l mio cor seco insieme
Saliro al Ciel, dieci altri anni piangendo.

Omai son stanco, e mia vita riprendo
Di tanto error; che di virtute il seme

Ha quasi spento: e le mie parti estreme,
Alto Dio, a te divotamente rendo

Pentito e tristo de' miei si spesi anni;
Che spender si deveano in miglior'uso,
In cercar pace, ed in fuggir'affani

Signor; che 'n questo carcer m' hai rinchiuso;
Trammene salvo dagli eterni danni:
Ch'i 'conosco 'l mio fallo, e non lo scuso.

A RELIGIOSA

Ay! que larga es esta vida:
que duros estos destierros!
esta carcel, y estos hierros,
en que està el alma metida!
solo esperar la salida
me causa un dolor tan fiero,
que muero porque no muero.

Acaba yà de dexarme
vida, no me seas molesta:
porque muriendo, que resta,
sino vivir, y gozarme?
No dexes de consolarme

muerte, que assi te requiero,
que muero porque no muero.

O POETA

I' vo piangendo i miei passati tempi,
I quai posi in amar cosa mortale
Senza levarmi a volo, avend' io l' ale,
Per dar forse di me non bassi esempi.

Tu, che vedi i miei mali indegni, ed empi,
Re del Cielo invisibile, immortale;
Soccorri all'alma disviata, e frale,
E'l suo difetto di tua grazia adempi.

Sicchè, s' io vissi in guerra, ed in tempesta,
Mora in pace, ed in porto; e se la stanza
Fu vana, almen sia la partita onesta.

A quel poco di viver che m' avanza,
Ed al morir degni esser tua man presta:
Tu sai ben, che 'n altrui non ho speranza.

A RELIGIOSA

Ay! que vida tan amarga
dò no se goza el Señor!
Y si es dulce el amor,

no lo es la esperança la:rga
quiteme Dios esta carga,
mas pesada que de azero,
que muero porque no muero.

Solo con la confiança
vivo de que he de morir:
porque muriendo el vivir
me assegura mi esperança.
Muerte, dò el vivir se alcança,
no te tardes, que te espero,
que muero porque no muero.

¿Não parecem duas rôlas melancolicas respondendo-se lá do fundo de suas apartadas espessuras? E ainda neste momento foi mais o cançaço da vida que lhes escutastes, do que verdadeiramente o impetó dos seus amores; esse é tal, que a muitos periodos da prosa da Hespanhola só falta mudar-se o nome de Jesus no de Saint-Preux, por exemplo, para se imaginar que se está ouvindo Julia de Wolmar; ao mesmo passo que muitos sonetos e canções do italiano, trocado o nome de Laura no da Rainha dos Anjos, e encorporando-se num horario, muitos olhos devotos os regariam com lagrimas.

Valchiusa, ou, como dizem, *Voclusa*, onde Petrarca passa tantos annos sonhando com o espec-

tro, primeiro de uma viva, que não vive para elle, e depois, de uma defunta que nunca para elle morrerá, Valchiusa é para todos brenha alpestre, cavernosa, brava, despovoada, mas é vergel e universo para elle, e o casebre do seu refugio, palacio oriental.

Outro tanto se figuram aos olhos de Thereza o escuro, o desconforto, a austeridade do seu mosteiro e da sua cella.

Aos ecos da voz italiana saida d'aquelle escondrijo, como de um vaso rustico um perfume precioso, todos os espiritos poeticos se inebriam, e lhe respondem, imitando-a; o Camões cá no Tejo é um d'elles. Ás melodias da castelhana, cardumes de almas suspiram de toda a parte, e vão procurar nos cenobios as voluptuosidades da penitencia.

Ambos ficam sendo mythos: um, da perfeita idolatria tributada á mulher; a outra, da adoração perfeita, offerecida ao Salvador.

Petrarca emfim apparece á nossa imaginação, qual Roma o applaudiu em realidade, cingido no Capitolio com triplice coroa, *ter geminis honoribus:* a coroa de hera, como poeta; a de loiro, como triumphador; a de murta, como amante.

Santa Thereza tambem a não concebemos senão tres vezes coroada: como escriptora e poetisa, pelos estudiosos; como virgem, pela Rainha das Virgens; como santa, pela Egreja romana.

Não maravilha que a leitura assidua de taes obras, e então nuns sitios e edificio tão moldados para as fazerem resoar em cheio, elevasse a alma poetica de Maria até ao enthusiasmo. Não admiraria mesmo se tivesse feito d'ella uma fanatica. Felizmente não succedeu assim, porque a absorpção ascetica da bemaventurada diluiu o que tinha de excessivo e perigoso nas tendencias mais suaves e humanas do visionario de *Laureta*.

A secular amava o convento pacifico onde se criára, e que era, porque assim o digamos, a sua patria, e o seu mundo; amava-o sim, mas nem por isso deixava de se inclinar insensivelmente para outro viver mais liberto e amplo, sobre tudo mais natural, mais completo para o coração, mais conforme aos instinctos femininos. De tudo isto é que resultou o enamorar-se, sem saber como, de um phantasma de poeta, que se lhe revelára como dotado de uma grande faculdade de amar, e cujos gostos amenos, e facilimos de preencher, tanto com os seus se harmonisavam.

D. Anna Lucinda, a sua inseparavel e confidente (repisemos embora isto que ha pouco tocáramos) não se animou a contrariar-lhe a inclinação. Era freira, mas de grande juizo casado com grande virtude; não se assimilhava ás que parecem querer vingar-se do seu captiveiro, retendo nelle, e at-

traindo para elle com seducções de todo o genero, a incautas; portanto secundava, senão com exhortações, ao menos com o benevolo sorriso de amiga desinteressada, as visões mundanas de Maria. Autorisara-lhe a primeira carta; felicitara-a pelo exito que lhe ella sortíra; deixara-a progredir; e fôra vendo com satisfação, ainda que não sem alguns longes de cuidado pelas incertezas do futuro, os progressos de um primeiro affecto que de dia para dia se foi activando, até que chegou a verdadeiro amor, apaixonado e invencivel.

Ora, em quanto Maria, de quem eu por então ignorava quasi todos estes pormenores, vivia, sem que as outras lh'a suspeitassem, vida tão romantica no seu mosteiro, outro tanto, pouco mais ou menos, acontecia ao que tinha a gloria de lhe occupar os pensamentos. Se ella se havia comprazido de criar nos dominios da phantasia uma especie de Ossian sem cãs na fronte nem rugas no coração, e desfructava o nobre prazer de ser apontada como a sua companheira, a sua guia até aos cumes de Morven, a aurora da sua alma, a interprete da natureza para com elle, e d'elle para com os homens; eu da minha parte queria-lhe como á minha Malvina, e não dava já um passo na existencia sem me acompanhar do meu phantasma candido.

Nunca então pensei em que d'esses meus sonhos

acordados se podesse jámais fazer um livro, e muito menos que o houvesse eu em tempo algum de explicar, como agora estou fazendo.

Onde, quando, e como o compuz? ao acaso, por toda a parte, e sem me sentir. Não o poetei, trovei-o; menos ainda que isso: trovou-se-me elle, e eu colhi-o.

Em realidade, e em mais de um sentido, reconheço eu ao presente que estes versos se aparentam muito menos com obra de poeta que de trovador.

Que eram com effeito, e que faziam, esses filhos prodigos do undecimo, duodecimo e decimo terceiro seculo a que chamâmos trovadores?

Era o trovador pelo commum um moço de phantasia e arrojados espiritos, nascido as mais das vezes numa choupana entre a floresta e o castello feudal. Ainda no berço uma cigana lhe lêra *buena-dicha* em que ninguem creu.

O unico livro em que solettrou foi á natureza. O rouxinol, veiu de proposito, mandado por Deus, um mez em cada anno para lhe ensinar o canto; e quando elle repetia mais ou menos imperfeitamente essas lições selvaticas, a andorinha do seu beirado debruçava a cabeça fóra do ninho para o ouvir, e o animava a ir por diante; de cantigas de ternura, entende a andorinha como ninguem.

Depois, a fonte prateada nas noites de luar o instruia nas sonatas argentinas da mandora; e as virações, depois de se terem detido no cimo dos carvalhos a escutar-lh'as, proseguiam o seu caminho aereo, comprazendo-se de as diffundir. Isto nos annos a crescer, mas ainda mancebinho, e ainda não trovador.

Trovador, sagrava-o de repente um dia a dama do castello, sem attentar nelle, nem lhe saber da existencia. Foi elle que do fundo da sua humildade a enxergou na capella á missa por manhã cedo, ou na caça, montada no seu palafrem branco, ou á tardinha entre as aias no vergel. Desde essa hora perdeu liberdade e alegria; fez voto de não querer a alguma outra; pediu á fortuna, a todos os santos e á Virgem, não que lhe obtivessem mercê de correspondencia, que fôra temeridade e loucura o esperál-a, mas unicamente o fazer-se d'ella conhecido por seus cantares nas *côrtes de amor*, quando já não fosse por seu denodó contra inimigos. Este voto secreto, sem testemunhas na terra, ignorado d'aquella mesma a quem se referia, improvisava algumas vezes um heroe; mas quasi sempre um poeta, em quem o fogo da paixão suppria a sciencia e a arte, duas coisas que faltavam ambas naquelles Orpheus da Provença, obscuros fundadores da poesia de toda a Europa.

O eco dos applausos que lá em baixo no burgo animavam a nova musa elegiaca, pouco tardava que penetrasse até ao salão onde cavalleiros e damas se reuniam.

O castellão desejava conhecer o talento seu vassallo que algum dia porventura lhe immortalisaria as proezas; o villão, não sem pasmo seu e inveja dos visinhos, era chamado para vir com a sua mandora entreter uma hora do serão de inverno; na enorme chaminé, estralava a fogueira; de seus espáldares lavrados, as nobres o consideravam curiosas; quem poderia dizer a cada uma d'ellas se lhe não estava destinado um papel na historia, ainda sem titulo, que por acaso se ia abrir?

O mancebo, em pé, de olhos baixos, na postura de um peregrino devoto perante um mausoleu de esculturas nobiliarias, sob uma abobada de cathedral, começava a sua primeira recitação; se o effeito correspondia nos ouvintes á espectativa, o serão seguinte já lhe dava assento num escabello; tão insigne favor, redobrava-lhe posses ao talento; excedia os prestigios da vespera.

Ao terceiro dia abria-se-lhe inesperadamente o Capitolio; era proclamado pelo marido, pagem, ou escudeiro da senhora, que muitas vezes era ella propria trovadora tambem, como Azalais Porcairagues.

D'ahi ávante progrediam as coisas pelo seu alveo natural. A senhora era sensivel; a proximidade, tentadora; a poesia e uma gloria a nascer, mais tentadoras ainda que a proximidade. O pagem a principio contemplára com terror o abismo que separava as duas situações. Voar da profundeza do seu valle natal até á altura vertiginosa em que se via, fôra um milagre; mas pára se despenhar, sobrava a minima imprudencia. Era-lhe mister cantar o amor, sem denunciar a amada, nem a ella mesma. Mais e peior: era-lhe forçoso dizer muito, calando tudo; desconcertar ou prevenir suspeitas de rivaes, de invejosos, de cortezãos, e de soberbos; arrastar cadeias de bronze, como quem passeasse solto e alegre pelo relvado de um parque; ter a mira interior num ponto fixo, e a pontaria da bésta sempre noutro.

Tão desinteressado, tão heroico servir, não escapava á perspicacia de quem o inspirára. É a gratidão uma ternura que sem custo fermenta e se faz amor. Um dia, não sei em que estação... talvez no estio, que é fogo; talvez no inverno, que é frio; no outono, que é melancolia; ou na primavera, que é amores; numa certa hora, d'aquellas em que uma estrella cai do ceo sem se entender como, um olhar da castellã baixava sobre o pagem, e lhe revelava a sua dita. D'ahi ávante, eram

dois segredos para esconder, em logar de um; eram dois infortunios occultos, fundidos numa felicidade ainda mais occulta. Occulta! Nem sempre. Que de tragedias, como a de Faiel, se não misturam com as festivas delicias na historia dos trovadores! laudas de sangue por entre paginas doiradas!

Alguma vez, ainda que rara, era a dama que tomava nestas difficeis declarações a iniciativa: Margarida, mulher de Raymundo, senhor do Castello de Roussillon, fez a primeira proposta ao trovador, seu pagem, Guilherme de Cabestaing.

¿A que vem sorrisos de estranheza? a dama era tanto, e o servo tão pouco, na estimativa da sociedade de então, e a natureza tendia tanto por todos os modos, pela magia do amor sobretudo, para a realisação do seu bemdito sonho da igualdade humana, que onde ao villão falleciam azas de atrevimento para se remontar até á esfera da castellã, emprestava o amor as suas á castellã para ella baixar até á cabana do trovador. D'ali subiam juntos á felicidade. A abelha rainha da colmeia, e o insecto que ella escolhe d'entre os seus adoradores, vão, dizem os naturalistas, consummar nos ares, longe do alcance d'olhos, o misterio por onde o enxame se regenera.

Assim se ajudava com estas mui frequentes des-

cidas das aristocratas a fusão das castas, e a restauração da dignidade humana. Talvez se possa presumir sem temeridade, que as fraquezas das grandes senhoras para com os seus subditos mais distinctos por gentileza, valentia ou talentos, não concorreriam menos para a demolição do feudalismo, que os monstruosos direitos dos senhores, ás primicias nos casamentos das villãs suas vassallas.

Deixemos porém philosophias tamanhas que não cabem em tão pequena historia, e tornemo-nos a ella. Só digo que a humilde consciencia que eu tinha de mim, nunca me haveria permittido abalançar vôo até á eminencia moral onde habitava Maria; e que, se a minha alma era, como talvez fosse, a que Deus talhára para a sua, muito bem fez ella em vir provocar o seu trovador.

Trovador, repito, e não cuido haver presumpção, nem modestia, senão verdade muito chã e muito clara, em appellidar assim o autor d'esta collecção; quando não, consideremol-a, se val a pena, e comparemos.

¿Que era com effeito o nativo e desartificioso trovar da edade média? fallo do trovar namorado, e não do guerreiro, nem do satirico; fallo do que se comprehendia sob a denominação de *gaia sciencia*, e que dava assumpto ás discussões e sentenças das famigeradas *côrtes de amor:* era um verdadeiro

trovar; uma caçada á ventura, sem guia nem itinerario, pelos campos da phantasia e do sentimento.

A elegia dos gregos e dos romanos, começára chorosa, e passára, sem mudar de nome, a interpretar igualmente os desejos bem succedidos, e as festas do coração. A *gaia*, ou folgasã, *sciencia*, pelo contrario, tendo devido começar, como o seu nome o inculca, por celebrar as boas fortunas, foi por natural pendor descaindo a pouco e pouco para a tristeza, para a saudade, para a desesperança, que vieram por derradeiro a constituir o habito e principal caracter da poesia da edade média.

O cantor apaixonado era o proprio heroe dos seus cantos. A historia que celebrava, em termos vagos, misteriosos, sem referencia a nomes certos de pessoas nem logares, não era d'estas que podem ser vistas em quanto se operam; não se compunha de actos exteriores; corria toda no mundo dos espiritos; entrevia-se apenas sob um veo de misticismo, muito similhante áquelle com que a linguagem theologica obumbrava os misterios da religião; percebia-se sempre pelo fundo da scena ir e vir uma figura de mulher, encarregada de algum papel singular. Mas quem era ella? Ninguem o affirmaria. Amava? sabia-se que era adorada, sabia-se que o merecia; nada mais.

O espirito do adorador attraído, mas ao mesmo tempo intimidado pela aureola, esvoaçava-se-lhe em roda, ora mais perto, ora mais longe, esperando e desesperando, impondo silencio aos sentidos, e cilicio aos appetites, sem de todo os poder domar; feliz como um anjo, infeliz como um demonio; invejando toda a especie de glorias para merecer, invejando a paz dos mortos para descançar; maldizendo e apertando os laços; misturando, como as crianças, o riso com as lagrimas; e não admittindo para confidente senão as arvores e o vento, os rios, as flores e as estrellas.

Tal foi o trovar nas eras juvenis dos enthusiasmós, quando os homens que não eram cavalleiros eram poetas, os que não eram poetas eram menestreis; quando a mulher na Europa tinha um altar, e Christo na Asia um sepulcro, e a devoção d'aquelle sepulcro e a d'este altar traziam em fluxo e refluxo contínuo as povoações. Extraordinarios tempos, em que a heroicidade era lirica e as fraquezas heroicas! tempos extraordinarios, resumidos em dois versos pelo seu chronista epico o Ariosto:

Le donne, i cavalier, l'arme, gl'amori,
Le cortesie, l'audaci imprese io canto.

Abstraí do que se referia ás guerras dos logares

santos; recordae só os cantares de galanteio ascetico, e sincera paixão do fim do seculo undecimo, do duodecimo e do principio do decimo terceiro, se porventura os lestes; sentireis isto mesmo que eu vos confesso: que toda a presente poesia não parece senão um eco tardio do cantar nativo e ainda inculto dos provençaes. Não os conhecia eu ainda quando a compuz, nem me parece que se os conhecesse os tomaria para exemplares; mas o certo é que os meus amores se assimilhavam aos de muitos d'elles em mais de um ponto, e portanto, sendo eu sincero, como elles o tinham sido, era impossivel que a lira em que eu improvisava, não gemesse, sem o cuidar, no estilo da mandora, da mandora pendurada ha mais de seiscentos annos no cemiterio das litteraturas.

Maria continuava a ser portanto para mim, ainda depois de convencida de existir, a minha nobre dama encantada no seu solar remoto e inaccessivel; e eu, o servo seu poeta, cantando-a só pelo gosto e pela necessidade de a cantar.

A maior parte dos meus versos não lhe chegava ás mãos, nem mesmo apparecia ao publico ou se revelava aos amigos. Recatava-os a ella, parte, porque os sentia inferiores ás continuas, tão gentis e tão admiraveis paginas das suas cartas; parte, porque aqui ou acolá desdiziam d'aquella vir-

ginal e santa pureza, de que a minha imaginação e a sombra do mosteiro m'a revestiam, e que realmente era. e foi sempre, um dos seus maiores attractivos: então aos olhos estranhos sonegava-os, e mesmo aos ouvidos dos intimos, porque me repugnava poder outrem espreitar para dentro do ninho das nossas almas. Amava só para mim; poetava só para mim; e poetava como amava: sem premeditação, sem esforço, sem reconsiderações, e sem emendas.

¿Bons tempos, que tão verdadeiros fostes, como vos desvanecestes? como passastes vós, eternidades voluptuosas?

Compunha eu tudo isto como as arvores ora murmuram, ora rugem, ora gemem varrendo o pó com as ramas, segundo passam por ellas os zephyros ou os furacões. Toda a differença era, que a mim, as bonanças e as tempestades não me vinham de fóra; formavam-se umas e outras inesperadamente na phantasia.

Aqui uma voz imperiosa da consciencia me intíma que não demore por mais tempo uma solemne reparação. Faço-a de joelhos abraçado a um cipreste. Concluida ella, espero que me levantarei da terra alliviado.

Os ciumes que obscurecem a ultima parte d'estes cantos, existiram sim;

.....quis enim securus amavit?

mas causa, mas pretexto, mas sombra de pretexto para as suspeitas, nunca jámais a encontrei no pobre anjo que eu flagellava. Mentia eu pois? Calumniava para ser algoz? Longe tão infame supposição!

Houve delirios na minha alma, e reproduziram-se nos meus versos. Eis ahi tudo.

O meu amor era verdadeiro; e todo o verdadeiro amor é visionario, é supersticioso, é pessimista; e, similhante áquelles enfermos que preferem aos alimentos sãos e agradaveis, substancias amargas e nocivas, procura por uma tendencia irresistivel, desencanta, cria para si tormentos reaes, e com aquillo mesmo que o devêra destruir se vai cevando.

Se eu ouvia o caso de uma infiel, de uma enganadora qualquer, de que tantas se nos deparam nas historias, nos romances, nos poemas, nos dramas e na vida contemporanea, perguntava-me logo com terror, quem me affiançava a lealdade de Maria; ninguem, senão as suas cartas. Então, esquecendo que a assiduidade, e sobretudo o estilo d'ellas, excluiam toda a razão de desconfiança, a poder de meditar no possivel, convertia-o em provavel, e do provavel me abortava o certo. ¿A paixão com que eu me lisongeára nas horas desanuveadas e alegres,

merecia-a eu porventura? Sabía que não. Logo, que insensatez no contar com ella! depois, a distancia! depois, as sugestões da solidão, mais tentadora ás vezes que o povoado! depois, annos preteritos que podiam ter semeado tanta coisa! por ultimo, uma indole tão manifestamente inflammavel! Tudo, até as suas cartas mais ardentes, até a sua insolita deliberação de se me offerecer, tudo então depunha conteste contra ella no tribunal tumultuoso da minha alma. Os sonhos se me tingiam na cor dos pensamentos lugubres de todo o dia; e eu, carecente de noticias reaes e positivas com que os rebatter, acceitava os seus embustes como revelações vindas, fosse donde fosse, mandadas não sabia por quem nem para que, mas nem por isso menos attendiveis.

Sonhos, acceitos como prophecias, e meditações extravagantes como os sonhos, ahi tendes as unicas fontes donde rebentaram essas elegias tormentosas, que eu haveria queimado quando acordei e volvi a mim, se já então se não tivessem derramado por esse mundo.

Desabafei-me de um peccado horrendo; levantome e prosigo.

O mais do volume dimanou puro e sereno do coração namorado, mas em paz. A essa procedencia é que eu lhe attribuo, conforme toquei no prologo, a boa fortuna que logrou; que outros merecimen-

tos não lh'os posso descobrir, por mais que lh'os procure. Como eram taes affectos os que nelle predominavam, por isso levou, e conserva, o titulo de *Amor e Melancolia*; *Melancolia* não ha separal-a do *Amor*. Affirma a Baroneza de Staël, com razão, que amor verdadeiro e alegre não cabe neste mundo; aos que levianamente a contradissessem, responderiamos com palavras tambem d'ella:—que ha mais gente habilitada para entender Newton que para tratar a fundo d'esta paixão. Eu por mim cuido ter sido do escaço numero: o amor pareceu-me sempre um prado florescente de primavera, mas coberto de um ceo triste. O mesmo se representava a Maria, e isso explica a variante do titulo da obra *Novissima Heloisa*, designação que nestas alturas já dispensa outros commentarios.

O mais d'esta poesia e muita outra a este modo, que depois se desaproveitou, *(trovas, tenções, solaus*, ou como melhor se lhe possa chamar) germinou com intervallos, ás vezes largos; que não foram tão poucos os annos que duraram estas relações. Ao longo d'elles, confesso que a intensidade do meu fogo não foi sempre a mesma. Não pode haver amor platonico sem um certo esforço da vontade; e esforços têem sempre isso comsigo: que o fragil da nossa natureza os obriga a remittirem a sua energia de vez em quando. Confessarei até

que, se a minha vestal invisivel não fosse tão assidua em me velar a chamma, e alimental-a quando a presentia enfraquecer-se, já pode ser que tivesse alguma vez chegado a apagar-se-me.

Emquanto o coração estava em ferias, emmudecia a musa; mal que elle a um suave toque despertava em sobresalto, recomeçava ella os seus cantares; e o amor nestas resurreições não era menos vehemente do que a principio o tinha sido. Quem não dissimulou aquelle vicio, adquiriu algum jus a gloriar-se d'este pequeno merito.

Os arredores tão poeticos da minha Coimbra conspiraram com o amor para se me florirem estes improvisos. O Penedo da Saudade, a Lapa dos Poetas, a Fonte das Lagrimas, o O' da Ponte, os cinceiraes do Mondego, tudo sabia dos meus segredos; tudo, em me vendo chegar, me perguntava por ella, e m'a pedia. Mas era especialmente o real cenobio de Santa Cruz o meu grande manancial.

Quantos domingos de verão não voava eu sosinho para ali a gosar curtas horas, mas tantas, que ás vezes se mettiam pela noite, tendo começado antes do meio dia! parecia-me que era para mim que D. Affonso, o Conquistador, e D. Sancho, o Povoador, que lá dormem como em casa sua, tinham edificado aquelle refugio; para mim só, e não para os conegos regrantes, que D. Manuel e

D. João III o engrandeceram e aformosentaram com tão regia, com tão prodiga bizarria.

Ainda hoje, como no meu tempo (ainda no meu tempo, como em seculos atraz) pombas, pardaes, e outros passarinhos, se aninham, contubernaes e familiares com os carcomidos santos de pedra, pelos nichos da alterosa frontaria exterior, como em poisadas tambem proprias e muito suas, e amollecem com a sua presença amante e festiva a austeridade do monumento; emquanto os orgãos gemiam lá dentro, cantavam elles cá por fóra. Quando as rezas matutinas começavam a espertar ecos pelos desvãos das abobadas sobre as campas de marmore brunido, já elles tinham dado as alvoradas ás virações do Mondego seu visinho. O rebentar estrondoso das horas na torre proxima, não os assustava: os sinos eram para elles aves de outra especie, inoffensivas tambem, só com a differença de se estarem captivas numa gaiola alta e cantarem mais elevadas coisas, e para mais longe, pela terra fóra e pelos ares acima, caminho do ceo. Na lirica dos antigos poetas mesclava-se commummente com o folgar de festins e amores, quanto bastava do pensamento da brevidade da vida para mais avidamente se colherem as rosas ephemeras das voluptuosidades; aqui o fundo do poema era pelo contrario a melancolia saudavel,

e as delicias mimosas da natureza o seu accessorio.

Isto que em breve sigla se lia no rosto do convento dos quatro reis, ia depois encontrar-se em copiosissima profuzão no interior e nos vastos dominios campestres da vivenda. É assim que num esmerado volume biblico, paciente lavor de algum obscuro Raphael da edade media, o frontispicio floreteado e doirado annuncia logo as maravilhosas paginas em que o texto devoto irá manando todo por entre um perpetuo paraizo de primaveras, animaes, sonhos e devaneios. É assim tambem que no sorrir de um bom velho se resumem os castos alvoroços que lhe abundam pelo animo.

Num festim opiparo toma cada um d'entre as iguarias e licores o que mais lhe desafia o paladar; a mim não me chamavam para Santa Cruz nem o templo, que deu brado em S. Pedro de Roma, e que Paulo III cubiçou conhecer, nem o santuario, orgulhoso museu de reliquias, nem a bibliotheca, assoberbada de sciencias sacras e profanas: ia girar á toa e inebriar-me, sem ninguem saber, no dormitorio do *Silencio;* depois no da *Manga*, aviventado do estrepito de cascatas, que um sultão de Granada cubiçaria para os pateos da Alhambra; d'ali escadarias de marmore, bem minhas conhecidas, me subiam para o meu passeio de predilecção: era o dormitorio de Nossa Senhora do Pilar.

Pintae na idéa um corredor immenso, largo, alto, abobadado, pavimento de lagedo, paredes alvas, luz copiosa por zimborios no tecto e janellas amplas ao comprido de um dos lados; do lado fronteiro, enfileirae portas de cellas; ponde num dos extremos uma grandiosa sala vaga; no outro, rasgae um portão bipatente que dê sem subida nem descida para um terreiro ajardinado; postae á direita do portão, como porteira obsequiosa, uma agigantada magnolia a emborcar das suas enormes urnas de prata reviradas, olores americanos, que Marco Antonio pagaria por um milhão de sestercios para a sua Cleópatra; moldae todo o terreiro, á direita com arvores, á esquerda com um extenso e levantado viveiro gradeado, compartido em republicas de aves de toda a especie: ahi tendes o passeio amores dos meus amores; ahi tendes o foco mais activo das minhas inspirações.

Eram as cellas habitadas; mas o corredor permanecia quasi sempre deserto e mudo, o que deixava as minhas phantasias em completa liberdade. Por mais de uma vez se me deu occasião de travar conhecimento com algum dos religiosos; esquivei-a sempre. Que tinha eu com elles, ou elles comigo? pelo contrario: necessitava de que nada me recordasse que elles existiam. Todos os seus cubiculos os tinha eu melhor empregado noutras tantas vir-

gens do Senhor. Num dos mais centraes, fronteiro a uma janella de assentos, habitava Maria; D. Anna Lucinda, á direita, no immediato. Voltado de costas para a janella, ou passeando por diante d'aquellas portas, distinguia, ora numa, ora noutra cella, as práticas de ambas; ouvia as suas conversações em voz baixa; deliciava-me com a doçura das suas fallas, que eu não conhecia.

Das innumeraveis cartas de ambas que eu sabía de cor, me raiavam para dentro da alma as intuições de tudo que estavam de parte a parte pensando, sentindo, dizendo. Era o meu nome o centro fixo, em tôrno do qual volteavam todas as suas idéas, como um turbilhão de planetas de Venus, scintillantes, mas celestialmente immaculados. Tinham-me comsigo, como eu as tinha comigo. Maria e a sua satellite se animavam do meu fogo, e m'o reflectiam virginisado; irradiação argentina e misteriosa de que se formam sonhos candidos, transpirações de um coração que se coagulam em rosas, sobre as quaes logo outro se reclina.

Eram estas visões tão claras, e estes extasis tão reaes, que bem provavam haver no mundo, como diz Shakespeare, alguma coisa mais do que os philosophos presumem; havia por força uma corrente e contracorrente de affectos sympathicos e harmonicos d'ella para mim, e de mim para ella; fluidos

ethereos e celestes, que a sciencia ainda não descobriu, mas que pelos effeitos se manifestam. Dizem que entre o Mediterraneo e o Atlantico, por baixo das aguas que passam contínuas pelo estreito, repassam incobertas outras tantas; são oppostas as direcções; mas os impetos caudalosos são iguaes, e não se contrariam. Cada mar toma quanto enviára, e restitue quanto recebêra. As columnas do *non plus ultra* ficam desmentidas. Os dois mares, graças a esta corrente e subcorrente, não são mais do que um só com dois alveos e duas denominações.

¿Estava Maria naquelle quarto? ou noutro, bem, bem longe? Que importava esse accidente fortuito e impessoal? Longe ou perto, ali ou noutra parte, estavamos, e sentiamos estar, em communicação directa. A corrente superior e clara, era para ella a dos meus transportes; para mim, a dos transportes d'ella; mas ella e eu percebiamos não menos que enviavamos affagos, e que elles chegavam onde se dirigiam.

Ai hora incendida e imperiosa de um meio dia de verão! hora em que os passaros se calam a dormitar a sesta debaixo das folhas mais espessas, e as cortinas das alcovas se fecham! via-a eu estar-se recreando num cristalino banho de affectos, que eu mesmo lhe andára enchendo, que a sua amiga

lhe toldára de confidentes sombras, e onde a vigilancia de ambas não deixava penetrar olhos estranhos. Aquelle deleite, de que eu era tambem autor, me indeusava.

Estava fóra de mim, sem saber onde. Por uma d'essas incoherencias que tão frequentes são nos sonhos, o logar era muitos logares ao mesmo tempo: era Vairão; era a capital; agora, uma sala entre uma bibliotheca e um jardim; logo, um refúgio campestre; e os moradores de cada um d'estes paraizos, sempre os mesmos dois, e mais ninguem. O fantasma das primeiras noites do laranjal de Almedina, era agora uma verdadeira donzella, vivente como eu, incontestavel como eu, que me fallava, que me respondia em voz humana, a quem eu apertava e beijava com fogo a mão elastica e macia.

Se algum som inesperado me quebrava a allucinação, e eu, reconhecendo o dormitorio, advertia na imprudencia de permanecer tão pertinazmente no mesmo pequeno espaço, retomava triste o meu passeio longo e solitario da porta do terreiro até á da sala vaga, e d'esta até á magnolia.

A pouco e pouco me revertiam as fugidas illusões; as duas cellas tornavam a ser o meu sacrario, o meu palacio, a minha Cithera. Mais cautelloso então o somnambulo, em vez de parar, afrou-

xava e emmudecia, quanto lhe era possivel, o passo por diante do asilo dos seus misterios; applicava o ouvido da alma, e tornava a perceber, em termos sempre novos, e com circunstancias sempre diversas, as mesmas confidencias que o enlevavam.

Mais de uma vez aconteceu abrir-se inopinadamente uma porta no corredor, e sair... um religioso! Áquella apparição mal agoirada, dissipava-se todo o mundo fantastico; era como se um abutre se tivesse precipitado sobre um bando de pombas! as sombras de Maria e Anna recebiam um suspiro saudoso já a vinte leguas de distancia; e eu saía pelo terrado dos viveiros, subia o arvoredo da quinta, e ia procurar junto ao Lago dos Cedros refrigerio contra os ardores da febre, que indubitavelmente me abrazava.

O Lago dos Cedros de Santa Cruz de Coimbra era, não sei se o será ainda hoje, uma das mais donosas curiosidades de Portugal. Parece impossivel que o riscassem assim para conegos regrantes de Santo Agostinho, para successores de S. Theotonio. Que o traçasse D. João V para uma cêrca de freiras de Odivellas, ou Luiz o grande de França para se estar com Racine ou Molière, ou com as gentis collaboradoras dos seus romances, nada mais natural.

Era no cimo de um suave oiteiro, uma explanada

espaçosa, toda em derredor cerrada de uma alta muralha de cedros, tão a prumo, tão massiça e de tão renteada superficie, que não parecia senão muro solido pintado de verdenegro por algum Cinatti. Portas arqueadas, rotas na muralha a distancias iguaes, mettiam para allamedas seculares, que, descendo, e dispartindo-se, todas enoitecidas, murmurantes, gorgeadas, cheirosas e ermas, iam buscar por outros pontos da cêrca novas amenidades, ou taboleiros de flores, ou fontes e repuxos, ou obéliscos de murta, ou estatuas devotas, ou inscripções meditabundas. Aos pés da muralha dos cedros corre um canapé rustico de porta a porta. O chão, atapetado de fina relva, abre-se no meio em um lago amplo e redondo, com sua ilheta ao centro, toucada de laranjeiras viçosissimas, a namorarem-se com toda a razão, verdes e doiradas, como o ceo azul, nas aguas cristalinas. Duas bateiras sem dono, mas que o amor e o prazer podíam com iguaes direitos reivindicar, são a flotilha d'este pequeno mediterraneo, donde, por mais que faça a circunfusa mistica do ermo, não logra desterrar umas não sei que lembranças e saudades da ilha de Chypre, e das ninfas que a imaginação grega enxergava por entre as ondas do Egeu. Ali ao menos é que eu ideára o *Banho das Graças*, descripto por Narciso numa das suas cartas; e ali é que eu devaneei o

Barquinho do lago encantado que vós lestes neste livro.

Nos assentos de cortiça, ou no velludo do relvado, folgava de me estirar a sós com o coração ainda agitado das scenas do dormitorio do Pilar. A taciturnidade do sitio, todavia tão melodiosa, vinha tão de molde aos soliloquios da musa interior! Eu não pensava: borboleteava; deixava-me boiar na viração pelos dominios infinitos da alma, ora tocando num espinho e fugindo, ora poisando num jasmim e adormecendo.

Ha horas d'estas em que a gente senhorcia o planeta, e não é d'elle; em que tudo quanto é solido, isto é, duro,—fixo, isto é, estorvo,—temido, isto é, tyrania,—elementos de que se nos compõe a vida real a todos quantos somos, se afunde a pouco e pouco e desapparece, e um relampago de bemaventurança nos envolve com a sua luz visionaria. Nestas horas em que nos vingamos dos positivistas, recambiando-lhes o titulo de doidos com que elles nos calumniavam, forçamos nós o destino a servir-nos, como escravo docil aos nossos minimos desejos.

Fundia eu o possivel e o impossivel; corporificava-os; desfructava-os. Dos raios do sol fabricava palacios de oiro para Maria; das balsamicas exhalações dos cedros, mocidade perpétua para ambos

nós. Conversavamos com os nossos irmãos passaros, perguntando-lhes se os seus ninhos continham tanta ternura como os nossos berços.

E haver quem deplore a vida como breve, quando nella cabem d'estas immensidades! Grande ingratidão! profundissimo desconhecimento!

«Delicias são, mas delicias que passam» vocifera um incontentavel! Oh, que não passam! quando se cuidam idas, nol-as vem restituir a saudade. As proprias lagrimas com que então as acolhemos nol-as reverdecem; outra vez as gozamos, porventura mais formosas que no seu primeiro ser; e mais formosas e mais queridas sempre de apparição em reapparição.—Negue-o quem quizer; não se lhe inveja a philosophia. Eu por mim sei que tudo isto é muito verdade.

Nesta propria hora, já tão remota, me estou eu ainda saboreando como presente nos feitiços do meu Lago dos Cedros; sou um espelho que embebeu a visão, e já não a perde. *O meu Lago*, disse eu! e porque não? se eu possuí a pleno tudo aquillo, o possuo, e não ha força nem jurisprudencia que de tal me possam despojar! Imaginavam os bons dos conegos regrantes que eram elles os senhores d'aquelles dominios, *mea regna*... e um sopro que se levantou da parte do seculo, lhes sumiu todos os titulos de propriedade. Os meus não se escreveram

em pergaminhos, e existem; e estão-se rindo de revoluções do mundo: *mea regna*. Sabeis porque? porque a mim foi a natureza, e seu filho o amor, quem me fez a doação; e a elles, tinha-lh'a feito um chimerico direito regio sobre todo o solo, bens e futuros de nossa terra.

No dia em que os despediram, como illegitimos detentores de uma propriedade commum, perderam um gôzo material; e nada mais perderam; porque posse espiritual, comparavel á minha, nunca elles a chegaram a tomar. Não era para elles que as aves cantavam contentamentos, que as arvores viçejavam esperanças, que as fontes murmuravam nomes de ausentes, que as virações calidas exhalavam filtros, que os effluvios das flores namoravam, e que a solidão era povoada; tudo istô, quem o desfructava era o poeta, que o está ainda desfructando.

Que grande erro social, que nefando peccado de prosa, não foi: que na hora audaz, em que se arrancaram do solo os troncos seculares carcomidos e sêccos das ordens religiosas, se não mettessem logo para o logar d'elles plantações novas, de optima qualidade, que tão bem haveriam pegado! Extirpavam um preterito que insombrava e assombrava; bem era; mas quantos queixumes e clamores se não teriam afogado á nascença, se logo semeassem ali mesmo futuros apropriados ás neces-

sidades já conhecidas da presente edade, e das edades ulteriores!

¿Estes conventos-palacios, estas cêrcas-principados e paraizos, estas grossas rendas, porque se não applicaram a abrigar e manter, isto é, a salvar, recompensar, e aproveitar, poetas, artistas, e sabios, que são, cada um a seu modo, outros tantos solitarios por vocação, e que do fundo dos seus ermos encantam o mundo com prodigios? Não ha religiosos que mais deveras honrem e manifestem a potencia creadora. Como a convivencia quotidiana, de todas as horas, diurna e nocturna, com tantos engenhos e talentos variadissimos, fecundaria a cada um com o polen de todos! Como o pintor influiria no poeta, o poeta no musico, o musico no estatuario, o estatuario no historiador, o historiador no philosopho, o philosopho no moralista! Como os bisonhos reaqueceriam com o seu fogo aos veteranos! e os invalidos, se os lá houvesse, encaminhariam com a sua experiencia ás aguias no seu primeiro adejar á borda do ninho!

Então sim, que todo este maravilhoso poema de Deus, chamado creação, no qual todas as artes se travam e permutam em harmoniosa competencia, seria lido e traduzido em voz alta ás multidões; e em quanto o mundo physico se dilatasse em riquezas e commodidades palpaveis, haveria aqui e

acolá grupos seriamente religiosos, que lhe estariam elaborando ares mais respiraveis para o espirito.

Não é, não é utopia; que o digam, e infinitamente *a fortiori*, os caudaes litterarios e scientificos de que foi matriz a ordem Benedictina.

Depois de caído o colosso monacal, sepultado no desprêso, quasi no esquecimento, e recoberto com montanhas de odios como o Typheu sob os promontorios da Sicilia, fôra valentia covarde hoje em dia, zêlo superfluo, e actividade ociosa e ridicula, restaurar o processo condemnatorio das ordens religiosas, já trancado. Permitta-se-nos entretanto ponderar em proveito da idea que aventavamos: quão inuteis, comparados com estas congregações de sabios, de artistas, de poetas, não eram, por exemplo, aquelles reclusos de Santa Cruz de Coimbra! Que beneficios lhes deveu o mundo em tantos seculos? que vestigio deixaram da sua existencia? que tradição ao menos de santidade? Alcançámos nós ali algum successor de S. Theotonio, ou de Santo Antonio, d'este sympathico e popular Santo Antonio, que experimentou Santa Cruz e a refugiu por mal conforme ao seu espirito humilde e penitente? De todo em todo, nada.

Estava sendo um feixe de homens absolutamente negativos:—nem illustrados, nem ignaros; nem

aristocratas, nem democratas; nem beneficos, nem maleficios; nem do povoado, nem do ermo; nem desconsolados, nem contentes; nem escandalosos, nem edificativos. Apenas tinham de vida quanto bastava para não serem enterrados. O seu prior subia uma vez por anno á Universidade a abrir como Cancellario a sala dos exames privados, e voltava para a hybernação. Mostravam a sua livraria, como os tumulos dos dois monarchas: sem tomarem d'elles, nem d'ella, coisa alguma; mostravam o seu santuario, como a espada de D. Affonso I: tudo reliquias sem virtude excitativa; mostravam ás suas quintas com desvanecimento, mas bocejando. As imagens de pedra lá fóra, na frontaria da egreja, geladas e immoveis entre ninhos e hervinhas floridas, não eram menos insensiveis do que elles neste banho da natureza tão viva e voluptuosa. Tanto lhes diziam já a elles as harpas eólias das ramadas, como os vultos de marmore dos quatro Evangelistas, ou das tres virtudes theologaes, o do seu patriarcha Santo Agostinho, ou os conceitos misticos estampados pelos azulejos. Indifferença para o ceo, indifferença para a terra.—Viver tal não valia a pena.

Quando o anjo da espada de fogo os poz fóra do eden, só puderam levar saudades do ocio descuidoso e farto que se lhes acabava; mas que dei-

xasse nenhum vacuo a sua ausencia... não deixou de certo. Não houve perda; mas podéra ter havido lucro, se, como vinhamos conversando, áquelle solipsismo de todo o ponto esteril, tivera succedido uma congregação nova:—a dos crentes no bello, a dos devotos das artes, das sciencias, da poesia; a dos que tecem coroas de luz para a civilisação.

Mas que digo eu *não houve perda?* assim mesmo a houve, e, se bem se considerar, não tão pequena.

Estes dominios arrancados ás ordens religiosas, que lhes mantinham o seu cunho de perpetuidade, e os facultavam ao usofructo de toda a gente, passaram, pelo engôdo de quatros cobres, com que nem a pedra dos alicerces se pagaria, para a mão de um particular qualquer: um Silva, um Guimarães, ou um Viana, que apeteceu palacio, hortas, e parque para a sua familia. Desde logo, trancados os portões a poetas, a amantes, a meditativos, dispersos os livros e os quadros, o espirito burguez começou por dentro a desfigurar tudo, a compartir, a amesquinhar, á sua imagem e similhança. Os Evangelistas que escreviam tão attentos os seus livros havia tantos seculos, no estio á sombra das copas, no inverno á dos troncos, foram talvez dormir para algum recanto. O arvoredo, que só produzia meditações, produziu taboado ou carvão, e

deixou livre a terra para criar mais algum moio de milho; o maio levou tambem d'ali os seus ermitães, os rouxinoes, para onde houvesse menos especuladores e mais sombras, menos estrondo e mais natureza, menos mundanidades e mais ninho.

Inuteis por inuteis, escusados por escusados, antes aquelles semimortos, a quem acabámos de matar, do que estes taes vivos; e antes mil vezes que todos elles, a nossa ideal republica de talentos e de genios.

Dá gôsto a quem sabe dizer, como Christo ao Diabo, que o homem não vive só de pão, phantasiar o que haviam de dar de si estas novas colmeias, estes mixtos de gymnasios de exercitação, e Runas de repouso! os favos que ali se espessariam de poemas, de operas, de musicas populares, de romances, de historias, de philosophia, de sciencias, de tudo quanto ha de mais saboroso e nutritivo para a alma! Como o soldado dos *Lusiadas* sería feliz, e quão mais copioso testamento de versos de oiro houvera deixado, a ter existido no seu tempo um tal refugio! Poupava-se ao amigo Jao o trabalho de mendigar para elle, e á velha Barbara o vexame de lhe esmolar da sua pobreza.

E de Camões para cá, quantos até hòje da sua familia poetica, que morreram á nascença, ou se ex-

traviaram e perderam, não estariam agora por cima das nossas cabeças a resplandecer!

A terra e o ar a criarem-nos sempre nesta região de benção, e nós sempre nesta plaga de maldição a desperdiçarmos! Só tres seculos depois de mortos advertimos em que ainda não morreram, e nos lembrâmos de lhes ir buscar uma pedra para monumento. A honra aos ossos, essa que espere mais dois seculos; não tem pressa; agora descança-se.

Pobre Camões! se a tua Santa Cruz, esse torrão inspirativo, onde tu mesmo havias poetado tambem nos dias da tua mocidade, fosse já então isto que lhe eu cubiçava nos meus entresonhos á beira do Lago dos Cedros, e te hospedasse com orgulho nas suas sombras, abastado, seguro, escutado, e applaudido de outros cisnes, não saberias ter suspirado no teu ultimo canto aquelle triste verso

o gôsto de escrever que vou perdendo,

nem aquella estancia que ainda nos faz corar por nos s bisavós:

Vão os annos descendo, e já do estio
lia pouco que passar até o outono:
a fortuna me faz o engenho frio,

do qual já me não jacto, nem me abono:
os desgostos me vão levando ao rio
do negro esquecimento, e eterno sono:
mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
das Musas, co'o que quero á Nação minha.

O que tu pedias á Rainha fabulosa das Musas, haver-t'o-hia liberalisado, sem rogos, a esclarecida previdencia da nação, então devéras tua, e de todos os que, como tu, se desvelam pela engrandecer.

Assaz e de sobra tenho sonhado; levantemo-nos, que são horas de nos irmos chegando ao fim da nossa jornada.

Alem de Santa Cruz outros muitos sitios, onde o acaso me levou pelos arredores de Coimbra, e mais longe, vieram entretecer na tela do meu permanente affecto os bordados das suas peculiares inspirações. As *Ruinas do Mosteiro*, por exemplo, nasceram da contemplação melancolica dos restos do convento de Santa Clara, á beira do Mondego (*), e de uma visita de passagem aos destroços de um cenobio de monjas, não sei já de que ordem,

(*) Pode-se ler a interessante descripção do que resta d'esta casa tão religiosa como historica no formoso livro *Bellezas de Coimbra*, impresso naquella mesma cidade em 1831 pelo sr. Antonio Moniz Barreto Corte Real.

em Moimenta da Beira. As *Duas Palmeiras*, colhi-as numa excursão á magnifica mata do Bussaco. A *Rega dos pomares*, deu-m'a ao descair de um dia de verão a quinta suburbana das Sete Fontes. A *Noite do estio*, passou-se-me tal em realidade na quinta de Santa Margarida, num cedral que lá havia nesse tempo, e já não ha, bem ao réz do Mondego. Era a noite (se podiam esquecer coisas d'estas!) era a classica noite da romaria annual do Senhor da Serra, quando bandos de peregrinos e peregrinas de longe, de muito longe, trajados de gala á moda de suas terras, enramados de verde, seguindo as violas, e alternando nas cantigas a devoção e os amores, vem pernoitar na cidade, pelas varzeas, pela ponte, pelas quintas, para seguirem juntos para a serra em começando o primeiro desmaiar de estrella na antemanhã.

Até a *Feiticeira* (quem o crêra! crel-o-hão agora, porque de vergonhas ficticias ninguem se jacta) a *Feiticeira* mesma teve, sob os enfeites ou disfarces da poesia, o seu fundo de realidade. Morava a boa da velha num casebre escuro da rua da Figueirinha; tinha fama nesse tempo de ser uma das sibillas que melhor atinavam com os futuros, e com mais certeira mão pescavam o perdido nos abismos do passado. Rira-me eu sempre de gente d'esse lote, e espanto-me hoje de quem se não ri

d'ella; mas poeta, criado com os supersticiosos romanos, amante, e com tão poucas certezas fixas a que me apegar, disse um dia entre mim:

..... *quid tentasse nocebit?*

e dirigi-me para a nova Cumas, como podera ter ido átôa para outro qualquer passeio. Colhi prognosticos ruins; não lhes dei fé, mas saí triste. O tempo (bem haja elle) os desmentiu de todo o ponto.

Abraçára meu irmão, por muito livre e muito reflectida escolha sua, o estado ecclesiastico. Pelos meus gostos imaginais os seus; o parochiar nos campos, bem vedes se lhe não seria incentivo de ambições. Não ha viver mais poetico para um espirito amante do remanso, e do estudo, e avido de bemquerenças, nem mais talhado para dar largas a uma actividade bemfazejà; diziam-lhe que era enterrar o seu talento e saber; respondia que antes era pol-os, se porventura os possuia, onde, embora entre humildes, melhor poderiam resplandecer; e que, assim como uma egreja entre matos e casaes era mais egreja, que cercada de ruas e trafego, tambem a eloquencia podia ser impunemente mais viva, mais caudalosa, mais remontada e mais pathetica, e sobre mais formosa mais efficaz, e mais eloquencia em todo o caso, entre os singelos filhos dos campos,

do que entre os zombeteiros moradores das cidades. A todas estas razões lhe acrescia outra, que elle não declarava, mas que eu bem sabia ser-lhe a principal: num presbiterio rustico, se o conseguisse, se nos devolveriam em commum dias á feição d'aquelles que a leitura dos nossos poetas nos havia costumado a cubiçar.

Cumpriram-se-lhe os votos. A Senhora Infanta Regente D. Isabel Maria o proveu no priorado de S. Mamede da Castanheira do Vouga.

A 23 de outubro de 1826 entravamos com o alvoroço da novidade, e cheios de vagos projectos não pequenos, pela alpestre região ás abas da Serra do Caramulo. Nada mais avesso ás amenidades que nos ficavam em Coimbra! solo magro, ondado, matagoso, ermo, roto de quebradas e algares, selvoso por intervallos, salpicado a longe e longe d'alguma escaça póvoa recoberta de loisas ou de feno, e retalhado de rios e ribeiros profundos e pedregosos! No descampado um passal, antiga quinta das Limeiras dos Condes da Feira, que ali se iam pelos verões montear javardos! ao centro do passal, e á beira da via publica, o templo de S. Mamede com seu adro arrelvado cingido de cerejeiras, platanos e nogueiras! por de traz do templo, emboscada a residencia parochial! Por de traz d'ella despenhadeiros até um rio, que o sol não avista em

cada dia por mais de uma hora! Repicavam os sinos dando as boas vindas ao novo pastor.

—«Onde está a freguezia?» perguntavamos nós maravilhados:

Qui teneant (nam inculta videt) hominesne, feræne.

—«Dispersa, escondida pelos oiteiros, a uma parte e a outra, distancias muito largas.»—

O unico visinho proximo da egreja e do presbiterio era, lá para a orla do passal, S. Sebastião na capellinha branca, como que posto de guarda á sua profusa e rumorosa mata de sobreiros.

Solidão silvestre mais caracterisada, não quero que a haja. A poesia e as festas da serra (quena da ha tão desamparado que não tenha suas festas e poesia) só depois e com o tempo é que tinham de nos vir apparecendo.

Entrança tão desabrida infundiu-me tristeza; e o alvoroço em que o movimento e variedade da jornada nos trouxera, breve me degenerou em esmorecimento. Se me vinham tão frescas e presentes as memorias, não só da cidade do Mondego, senão tambem da minha Lisboa natal, donde tão poucas semanas havia que eu saíra! Vermo-nos agora de improviso sequestrados de todo o trato humano, em paragem na qual não havia porquê nem para

quê numerar as horas, e onde a carranca dos sitios tinha um cunho tão profundo de immutabilidade, que o espirito se confrangia, e se gelava o coração! Pela primeira vez ali o namorado da natureza se amuou, e teve com ella os seus arrufos.

Se o permittis, ouvir-lhe-heis versos em que procurou desabafar:

A PRIMEIRA NOITE NA SERRA

. . . . . ibi hæc incondita solus
Montibus et silvis studio jactabat inani.

Vélo? Sonho? Deliro?! Em solitario monte
que se espanta de ver-me, e cuja austera fronte
nada avistou jamais no amplissimo horisonte
do mundo a tumultuar, de cidades a rir...
neste ermo ignaro, frio, mudo...
aqui... (deliro? ou sonho?) aqui meu lar, meu tudo,
o meu presente e o meu porvir!

Genio invisivel da montanha,
d'astros, de sol, o ceo te banha;
o mar de longe te acompanha
no livre cantico sem fim.

Escada de Jacob da terra ao firmamento,
a mansão tua é monumento
da potencia, do amor, das glorias d'Eloim.

Emquanto em derredòr do solio teu sublime
a baixa terra vil que a instavel sorte opprime,
se volve, se transforma, e sua angustia exprime
num contínuo anhelar, num confuso clamor;
a variedades sobranceiro,
mantens-te qual surgiste, e do cahos primeiro,
e do diluvio assolador.

Silencio e paz comtigo habita;
o ermo é como o eremita,
loucas vaidades não cogita,
ama o seu rustico trajar;
em apparente inercia ama que ferva òcculto
de seus affectos o tumulto,
seus extasis, seus ais, seus gostos, seu orar.

Sim, genio da montanha, archanjo de poesia:
eu creio em ti; eu creio em que alma ingenua, pia,
pode ouvir de tua harpa a casta melodia,
e abrazar-se de amor e indoidecer por ti;
sim; mas eu, frivolo, profano,
á solidão estranho, affeito ao mundo insano,
que hei de esperar? que tenho aqui?

Toda a minh'alma se entristece,
e se confrange, e se ennoitece,
ao ver que a sorte lhe destece
d'um sopro os aureos sonhos seus:
Sonhava applausos, gloria... em desterro desperto!
sonhava mundo... acho um deserto!
sonhava inda illusões... e escuto-lhes o adeus!

Náufrago, perco a lira em meio da viagem.
Desço vivo ao sepulcro! Em ti, fatal paragem,
quem me resurgirá! Dos montes a linguagem...
oiço... escuto... medito... e em vão quero entender;
é como uns sons d'ignota falla;
qual ás penhas o mar, me inunda e me resvala,
sem me abalar, nem me embeber.

Oh! á minh'alma taciturna
que importa, ó montanha soturna,
que de perfumes sejas urna
da terra erguida sobre o altar?
que o ceo te ria azul, mais amplo e mais de perto,
que o sol doirado, ao teu deserto
mais cedo suba, e á tarde o desça com pesar?

Vir mais tardia a noite, a aurora vir mais cedo,
que me aproveita? Inerte entre o immovel fraguedo,
só ouvindo os tufões e os corvos no arvoredo,

bramirei:—«Cresce o tempo! oh! supplicio cruel!
são mais pesares, mais saudades,
mais estro a arder em vão, mais visões de cidades,
mais tentações a dar-me fel!...»—

Ai! mundo! ai! ecos seductores!
Tanto vate a ceifar louvores!...
Tanto moço a colher amores!...
Tantos loireiros e rosaes...
E eu nesta solidão a torcer-me arraigado,
qual roble que geme indignado,
vendo ao longe no oceano os lenhos triumphaes!

Assim ruge, baldão de vingativo nume,
esse que a argila outr'ora encheu de ethereo lume;
assim nos gelos sua, agrilhoado ao cume
do caucaseo alcantil, seu cadafalso atroz.
Só o abutre de eterna fome,
que o grande coração algoz sem fim lhe come,
responde em ais á sua voz.

Fenece o dia. Hora jocunda,
que eu tanto amava! hora fecunda
dos cantos meus! porque me inunda
nova amargura o coração?
Sino crepuscular, tôas funereo dobre?
a serra em luto se me encobre;
a nocturna mudez duplica a solidão.

Nenhuma luz scintilla; humana voz não sôa.
D'estrellas a accender-se o Empyreo se povôa;
tal a fada Coimbra, a senhoril Lisboa,
nest'hora a quem as olha, entram no escuro a abrir
de luzeiros um labyrintho.
Ceos! Não oiço eu troar... seus coches!... O que sinto
é vento em selvas a rugir.

Calae, fugi, ventos agrestes;
sumi-vos, lampadas celestes;
num seio a delirios já prestes
não susciteis mais tentações.
Ou antes... aturdi-me, Euros bravos; ou antes...
vós, astros, cifras de diamantes,
o arcano me aclarae lá d'essas regiões.

Oh! se á minha razão, contraditoria, altiva,
que ás trevas sente horror, e á clara fé se esquiva,
de vós, faroes do ceo, baixasse a crença viva,
que aos moradores do ermo inspira a vossa luz!...
se me volvesseis as ditosas
esp'ranças que hei perdido, alvas, ethereas rosas,
com que se enfeita e esconde a cruz!...

tornar-se-me-hiam de improviso
a solidão, em paraizo;

a magua, em perenne sorriso;
em alto cantico, a mudez;
a malograda lira, o não colhido loiro,
em harpa augusta, em palmas d'oiro;
e o monte, solio então, veria o mundo aos pés.

Delirios sempre vãos, fugi d'um peito enfermo;
tu, só tu, negra morte, has de ao meu mal pôr termo;
ermo para ambições, é inferno, e não ermo;
para a humilde piedade é que elle espelha o ceo.
Gentis fantasmas de cidades,
vinde, escondei-me o ermo em vossas claridades,
como um esquife em aureo veo.

Vinde, cercae-me, endoidecei-me,
(embora em saudades me eu queime)!
O somno, as vigilias enchei-me
da vossa esplendida vizão.
Val o riso choroso as festas da loucura?
vinde, guiae-me á sepultura,
crente no amor, na gloria, e rindo á solidão.

Eu blasfemo, eu desvairo! Aos encontrados votos,
nem eco respondeu nestes covões ignotos.
Não, cumes glaciaes, tão outros, tão remotos
dos sitios que eu amava, e em que esperei morrer;
não, no silvestre seio vosso,

nem de amenas ficções apascentar-me posso,
nem menos as posso esquecer.

Valor! valor! Quem do futuro
sondou jamais o abismo escuro!
Apenas chego e já murmuro!
O de que tremo acaso sei?
Esperemos: talvez que inglorios, mas doirados,
aqui me aguardem, recatados,
dias d'estro e de paz, quaes nunca desfructei.

Se alem, no presbiterio, humillima choupana,
(Vaticano, e Queluz da pobre grei serrana)
mais que fraterno amor sollícito se afana
em me afôfar o ninho, a vida em m'inflorar;
se num retiro verde e mudo,
por elle tenho o leito, a mesa, o doce estudo,
sombras no estio, o inverno ao lar;

se a solidão que me apavora,
sómente o for vista de fóra;
se em seus reconcavos demora
gente feliz, povo de irmãos;
se do antigo viver, das crenças d'outra edade,
vestigios guarda a soledade;
se poesia se vive entre estes aldeãos;

se a alegria, serena, isenta de pesares,
como a fresca saude, habita os puros ares;
se em toda a parte ha Deus, em ceos, em terra, em mares,
se Deus em toda a parte á natureza ri...
coração meu, não desanimes,
gozos que não prevês, e cantos mais sublimes
encontrarás talvez aqui.

Ah! sendo assim, que importa a fama!
Tambem filomela derrama
sua harmonia ás selvas que ama
longe de ouvintes e do sol.
Cantarei. ¿Meu cantar mais ambições teria
que a viva a lustrosa poesia,
de perolas que afluz borbota o rouxinol?

Sete annos se nos gastaram por ali, menos estranhos em verdade, menos difficeis e arrastados, do que o eu temêra ao trocar, tão a subitas, cidades e amenidades por brenhas alpestres, tão desconversaveis á primeira vista. Tivemos tempo de sobra para nos irmos aclimando e afazendo, e haurindo poesia mesmo dos penedos, e estilas de mel mesmo dos urzaes. Mas tudo isso pertence a outro livro, onde algum dia folgarei de hospedar os meus leitores; chama-se por signal *O Presbiterio da Montanha*.

Tem a solidão isto de commum com o silencio e a escuridade: espanta e aturde a quem nella cai; mas logo que o ouvido, desadormentado dos sons fortes, aprende a conversar com a mudez; tanto que os olhos, desoffuscados dos luzeiros intensos, se exercitam em caçar espectros de raios, phosphorescencias indecisas, que são como que os infusorios das trevas, descerrou-se o negrume em brilhantismo; a calada aviventou-se de dialogos; a solidão, que parecia o nada, é o theatro com o seu drama; é um mundo novo com um systema completo de existencias imprevistas e apropriadas.

Que admira! A solidão medita, e a meditação cria.

Os sentidos pastam só no que lhes offerecem a natureza, a fortuna, o acaso; a divindade interior, a alma, tem commercios ineffaveis com o intimo e o ignorado; S. João entre os nevoeiros de Pathmos, divisa uma Jerusalem celeste; nas cogitações de Socrates, apparece o Omnipotente; nos extasis de Platão, reflexos da Trindade; nos calculos taciturnos de Galileu, firma-se o sol, volteiam os planetas; Colombo, faz surgir do fundo dos mares a America; Leverrier, mais globos no espaço; Fulton, o hypogripho, o pegaso do vapor, magia, poesia, potencia escrava do homem, e dominadorá, primeiro dos oceanos, depois dos continentes, e

amanhã talvez dos ares; a solidão scismadora, dá a Eneida a Virgilio; mostra a Linneu os amores e o somno das plantas; a Dante, o inferno; a Fourrier, o paraizo terrestre; a Newton e a Laplace, o codigo dos astros; a Daguerre, os talentos artisticos do sol; ao Gama, o caminho do oriente; ao soldado Camões, o da immortalidade; põe na mão de Guttemberg a chave do cofre das sciencias; na de Vicente de Paulo, a da caridade; na de Say, a da riqueza publica; na de Pestalozzi e Frœbel, a da escola seria e fecunda.

Assim como na associação está a potencia do effectuar, está na solidão a potencia do descobrir, e a idéa germen do facto. Na solidão, a meditação; a acção, na sociedade. O progresso e a vida do mundo dependem da cooperação d'estes dois elementos antagonistas, como da attracção e repulsão a marcha das esferas; e tão fanatico é o fanatico do ermo, Brâmene, Esseno, ou Monje, que cifra tudo no espirito, como o fanatico da actividade material, que tudo cifra na materia. Este ultimo é elemento visivel e palpavel; aquelle, elemento imponderavel dos destinos humanos; e tão imponderavel e subtil, que muitos lhe contestam de boa fé a existencia, os influxos, a importancia.

Archimedes, a sós com a natureza e com o seu genio, descobre os meios de destruir e incendiar a

frota romana. Absorto em suas reflexões criadoras, no seu gabinete, como num antro, não sente o estrondo da cidade, já senhoreada dos inimigos; não acorda á voz do soldado de Marcello, que, de espada em punho, lhe ordena que o siga; sem o sentir é degolado. Cai a grande cabeça, irmã entre irmãs, no meio das esferas celestes que está architectando. Só de tão extraordinaria concentração podiam brotar os seus tão extraordinarios inventos e descobrimentos.

¿Lavoisier, outro dos martirisados pelo materialismo descrente e brutal, depois de haver testado ao mundo a mais opulenta herança scientifica, condemnado ingrata e cegamente á guilhotina, que é o que pede aos verdugos revolucionarios seus juizes? uma dilação de quinze dias. Só uma dilação! só de quinze dias! para quê? para concluir trabalhos uteis á humanidade, que neste momento o desconhece; rematados elles, já não terá pena de morrer! Recusam-lh'a; então caminha sereno a depor no cadafalso uma cabeça maior talvez que a de Archimedes, e ainda na vespera coroada de loiros pelo Lyceu.

Tanto a actividade fecundante, recolhida por instincto para os penetraes mais sagrados do animo, donde se conversa em extasis com Deus e com a natureza, com o Pai Omnipotente e com a Filha

Formosissima, nossa irmã, fica inaccessivel aos maiores cataclismos externos, ás catastrophes das Syracusas, ao cahos, providencial porém medonho, de uma revolução franceza.

O homem que nasce pertencente á escaça familia d'este naturalista pai da chymica, e d'aquelle geometra pai da mechanica, mesmo com os braços cruzados sobre o peito, mesmo com os olhos fechados, mesmo dormindo e sonhando, está servindo como operario; mas abaixo d'elle ha ainda, não menos veneraveis, os prestigiosos scismadores do mundo da arte, mundo não menor, nem talvez em ultima analyse menos util que o da sciencia.

André Chénier, especie de Lavoisier da poesia, convocado tambem para o festim da morte, não é dos prazeres ephemeros da existencia que leva saudades;—batte apaixonadamente raivoso na fronte, porque sente se lhe estava ali dentro formando, como em cerebro olympico, uma nova musa gentilissima. Quem lh'a revelára? A meditação solitaria que sabe tudo, e tudo prophetisa.

Bonissima solidão! Tu és para a sociedade, o que as tuas montanhas são para os valles: nas tuas entranhas se filtram, dos teus reconcavos rebentam os genios possantes e profundos que vão derramar por longe a fertilidade. Mas tu não és só mãi ás torrentes caudaes; uma fontinha entre lapas, des-

conhecida, não se goza menos do teu favor. Sobre o pouco liberalisas dons, como sobre o muito; próvida para o immenso, próvida para o limitado! Solidão, Egeria das almas eleitas! solidão, buscada por Christo, abraçada por Jocelyn, adorada por Petrarca, explorada em tuas minas de oiro por Zimmermann; inspiradora de Volney, de Rousseau, do Infante de Sagres, de todos os videntes, de todos os descobridores, de todos os inventores, de todos os Baptistas! solidão, ninho das rolas como das aguias, perdoa, se eu não sabia ainda apreciar-te.

Só agora, depois de arrancado d'ella ha tantos annos que já a pudéra ter esquecido, só agora é que decifro (se porventura não é miragem do amor proprio) que a seriedade austera e o sorrir melancolico da montanha vieram tão de proposito entermear-se na minha vida poetica e amoravel, como a primavera do Paço do Lumiar e as do Mondego.

Os meus sete annos de serra, só de longe a longe interrompidos por algumas breves excursões a Coimbra, e uma a Lisboa, contiveram forçados e sobejos ocios para eu pensar em alguma coisa mais duradoira e menos egoista que as rosas e os amores; direi melhor:—iniciaram-me um tanto nos segredos d'outra esfera menos baixa, na qual ha flores tambem, mas que não murcham; ha tambem ternuras, mas que abraçam o genero humano.

O presbiterio com a nossa bibliotheca semi-pagã, homiziava-se á sombra do templo do pastorinho S. Mamede. O campanario só chamava para a oração e para festas um povo que se não via, e que aos ecos d'aquelles repiques parecia rebentar da terra. Relogio, não o tinha; contentava-se de pregoar a saudação angelica nos dois crepusculos e ao meio dia. As horas, que são do tempo, desdenhava-as como alheias ao pensamento da immortalidade. O silencio era profundo e geral; seria sem quebra, se o não interrompessem as musicas da natureza no ermo: os passarinhos por fóra das duas portas abertas da egreja, as cigarras nas oliveiras do passal regaladas no seu banho de sol, as rôlas e os cucos no sobreiral de S. Sebastião, as aves domesticas no nosso pateo espaçoso, os grillos pelos silvados, os álertas dos gallos, os uivos dos lobos, os pios dos mochos pelas noites, o frémito do vento pelos pincaros do pomar, enclausurado e protegido com o tugurio no recinto de muros altos e ás vezes tambem nos temporaes, pela montanha de heras de que se toucava entre platanos o portão hospitaleiro da vivenda.

Neste intermundio o que passava lá ao longe pelo reino era quasi tão desconhecido como as occupações dos moradores dos outros planetas. Das raias da serra a fóra só tres nomes nos constavam ao certo,

porque nol-os dava a colecta da missa: de um papa, de um bispo, de um rei; os parochianos que não sabiam o latim, nem a tanto chegavam, cuido eu; o que lhes não vedava serem muito boa gente, muito bons christãos e amigos da patria, em que lhes constava achar-se encravada a sua montanha.

Povos de tão benigna condição, facil era, e gostoso, pastoreál-os. Homens tão montesinhos e sáfaros, mas ao mesmo tempo doceis, intelligentes e activos, grande obrigação era, alem de dever civico, humano, e religioso, arroteál-os para um pouco de civilisação, ou para muito se possivel fosse.

Agras e agerrimas são de si as entreprêzas d'este genero; mas por isso mesmo é que alliciam almas generosas.

Grande era, e excellente, a alma do mancebo parocho!

Novas leituras, novos estudos, em razão do seu officio, se houveram de enxertar nos nossos anteriores conhecimentos, só poeticos pelo de mais. Pegaram ás mil maravilhas; ganharam extraordinaria força em razão da seiba que já encontraram prevenida.

Pelas suavidades da litteratura vai bom caminho e muito direito para a philosophia e para a moral; por isso não sem razão lhe chamaram estudos hu-

manos ou humanidades. Devorámos com avidez de poetas as eloquencias de Bossuet, de Bourdaloue, e de Massillon; as obras dos santos padres, e á mistura as de quantos escriptores sociaes, civilisadores, iniciadores, e alvitristas sinceros nos occorreram. Uma vez lançado o espirito por este caminho, não pára; nascem-lhe as cubiças umas de outras; ambiciona e parece-lhe que ha de abarcar infinitos:

Jam modo non possum contentus vivere parvo.

Que poesia deliciosa não ha de ser a que referve na cabeça e no peito de um colonisador humano: Cadmo, Amphião, Dido, Romulo ou Cabet! Que sonhos magnificos não havia de sonhar toda essa gente! Pois um Fenelon a planejar Salentos! Pois um Voltaire a fazer homens dos seus serranos do Jurá! Pois um Goldsmith a conviver com o seu vigario de Wakefield! Pois um Daniel de Foé a trabalhar com o seu *Robinson Crusoé* e um Wyss com o seu ainda mais util *Robinson suisso!* Pois o *Medico da aldeia*, o *Vigario das Ardennas* e o *Cura campestre* de Balzac! Pois Bernardin de Saint Pierre com a sua *Arcadia* e a sua républica de felizes! Pois os jesuitas domesticando os selvagens do Paraguay! Pois um Henrique IV a scismar com a gallinha na panella de todos os seus subditos! Pois Olivier de

Serres a transformar com as amoreiras a selvajeria do Vivaret em vergel de afortunados! Pois a parochia de Jocelyn! e muito mais e melhor que a parochia de Jocelyn, o bispado do nosso D. Francisco Gomes do Avellar!

Meu irmão sonhou tambem, e eu com elle por conseguinte, na procura da felicidade alheia; e parece-me que o nosso affinco perseverado em certos projectos competentemente amadurecidos, e de prestimo indubitavel, alguns effeitos plausiveis haveria dado de si; porque lá naquellas terras ainda hoje é grande a autoridade moral e a força persuasiva de um parocho, sobretudo quando sabem e sentem que é bom homem; ser bom homem é em seu conceito a primeira das sabedorias.

Entraram-se porém dentro em pouco os tempos a cerrar; cresceram desconfianças no futuro; vieram-se avisinhando temporaes que por derradeiro nos arrancaram tambem a nós, depois de dispersas pelos ares as nossas utopias.

Uma d'ellas, que de certo se teria realisado, sem contradicções nem bulha, era: que nenhum morador da serra,—menino, nem velho, nem adulto, nem lavradora, nem ovelheira, deixaria de aprender as primeiras lettras; para o que lh'as iriamos levar ás suas proprias aldeias em cursos nómadas e temporarios, concertados com as estações, e em

harmonia com as lidas agrarias. Instruida a primeira camada, facil era, ou facil nos parecia a nós que seria, colher d'entre ella mestres e mestras que pela modica recompensa de alguns punhados de grãos, uns arméos de linho, ou um tudo-nada de cobres, continuassem o ensino em suas terras.

¿O saber ler de que serviria, faltando que se lesse, e que valesse a pena de ser lido? Tinha-se assentado portanto em escolhermos, resumirmos, traduzirmos, simplificarmos, humanarmos, e, se tanto fosse necessario, compormos, opusculos destinados a darem aos nossos neophitos da religião da luz noções claras e exactas das coisas mais importantes da natureza physica, da religião, da moral e deveres mutuos; quanto bastasse de historia, e o mais que possivel fosse de carta de guia para cada uma das culturas, para cada um dos misteres já por ali empyricamente costumados, ou dos que se podessem com a boa vontade introduzir.

Uma typographia modesta, de um só prelo bastava, e com um só compositor, que podia até ser um clerigo, para se não distrairem os trabalhadores, facilitaria esta sementeira de industria e civilisação. Os pisões dos bureis, as mós dos moinhos, as galgas do azeite e os fuzos dos lagares do vinho, lá poderiam estranhar nos primeiros dias verem levantar-se por entre elles um engenho que não dei-

tava nem comida, nem bebida, nem vestido; mas não tardaria que descubrissem como tudo isso, e muito mais, dimanava milagrosamente da bemdita machina, a mais serviçal amiga de todas as machinas, de todas as artes, de todas as sciencias, de todos os melhoramentos, de todos os progressos, de todas as alegrias, de todas as verdades, de todas as consolações, de todas as glorias, de todos os arroteamentos, de todos os aperfeiçoamentos, de todas as conquistas.

A imprensa no ermo, a imprensa na Residencia parochial, especie de cabana desfarçada com limeiras e rosas, não podia dèixar de ser uma imprensa util, séria, e dadivosa; e lembrasse-se ella de o não ser! Gostava eu de ver como se avinha para isso com o pastorinho S. Mamede, seu visinho paredes meias, com a pia dos baptisados tão limpida, com a matá alem tão inoffensiva, com as sepulturâs aos pés a exhalarem paz e bom conselho, com os passarinhos a cantarem festa, com o sol franco por cima da cabeça a proclamar: Vivei e amae; vede o mundo que eu vos mostro como é formoso; aproveitae-o, e glorificae ao nosso Creador.

Os livrinhos de tal officina talvez não alongassem vôo até ás cidades (flores d'urze e amoras de silva não se levam ao mercado); mas abundariam gratuitos, inspirativos, e bemquistos, por todas as casi-

nhas da parochia: por baixo dos tectos de palha ou lageas, como por baixo da riqueza das telhas rubras de valladío, ou da opulencia fabulosa dos tres ou quatro telhados moiriscados.

A estante do ecclesiastico hospedaria fraternalmente entre os breviarios, o *Flos Sanctorum*, e as folhinhas de reza, estes opusculos do seculo. Os pais de familias os depositariam, depois de lidos, para so tornarem muitas vezes a reler, na papeleira por baixo do seu oratorio. O pastor os folhearia, ruminando elle tambem nos campos do espirito, no meio do rebanho mais bem tratado. O operario na sua officina mostraria com satisfação entre a sua ferramenta, estes instrumentos novos, aperfeiçoadores dos artefactos e do artifice. As séstas de verão, os serões do inverno, ganhariam encantos com as leituras em commum; nos testamentos figurariam como verba, a par com maiores haveres, os volumes, que assim se iriam accumulando multiplicados pelos filhos e netos pelos tempos fóra.

Depois, os domingos, os dias santos, e os tempos mortos para a lavoira, quão bem se não empregariam na cosinha, na sala da Residencia, ou na sacristia, por mais espaçosa, explicando á boa gente, já avida de saber, e que affluiria a esses passatempos, como ás romarias, o que elles não tivessem podido por si mesmos explicar-se; que para

isso ali estava á mão como auxiliar, ao pé do prelo uma livraria copiosa, e continuamente acrescentada.

Aos ambiciosos do latim, do francez, da historia, das viagens, das noticias do mundo, ou mesmo da poesia, ali se dariam tambem com a melhor vontade lições, livros, conselhos.

Quem sabe o que em trinta, quarenta, ou cincoenta annos se não criaria por ali, onde tão pouco em tantos seculos se adiantára! Que novas e prosperrimas culturas pelos valles e cabeços escalvados! que fabricas, talvez, servidas por aquelles rios, por em quanto ociosos! que augmento nos haveres, na população, na civilidade, na convivencia! que festas novas entre estes montanhezes! Quantas á imitação d'aquell'outras da Suissa em honra da velhice, da virtude, e dos serviços prestados á communidade pelos corações bons, pelos espiritos eleitos!

O nosso amor proprio, tanto como a nossa consciencia, aspirava a peito cheio virações de Eden calculando e preparando tantas venturas e tão faceis de si, quando deveras se desejam. Até já previamos, como consequencia summamente provavel de toda esta excitação, que umas terras assim, de que nunca se ouvíra soar um unico nome distincto para alem do seu ultimo tojal, viriam a contribuir como as outras para o lustre futuro da patria, com

talentos aproveitados em sciencias, em artes, em litteratura, em poesia.

Dilatei-me agora nisto, porque me pareceu que não fazia mal ficar para ahi este pequeno rebate aos curas d'almas, que para a civilisação podem mais e muito mais do que se imagina, e do que presumem elles proprios. Assim se tratasse de os criar bem, de os instruir muito, de os escolher com escrupulo, e distribuil-os com acerto pelas parochias fóra de mão, em que tudo ou quasi tudo jaz ainda por tentar (*).

Ora pois: estas meditações sociaes, a que só falleceu o tempo indispensavel para fructificarem em obras exteriores, que ainda que não viessem a ser muitas, sempre seriam algumas, produziram todavia seu effeito benefico em nós mesmos. Tão boa coisa é de si a caridade, que, mesmo não aproveitando para fóra, unge e fortalece a alma em que se hospéda.

Aqui está como a brenha contribuiu tambem para me temperar com amores novos a indole poetica originaria; d'ali é que me tomaram raizes as temerarias resoluções que muitos annos depois se haviam de manifestar na criação de um methodo humano

(*) Pode-se ver na *Felicidade pela Agricultura* o artigo intitulado—*O Clero e as Mulheres.*

d'ensino elementar, e nos esforços para o diffundir e estabelecer.

Em summa: todas quantas aspirações benevolas eu vim a patentear nos dois livrinhos que ainda hoje amo—*Felicidade pela Agricultura*, e *Felicidade pela Instrucção*,—não foram talvez senão reminiscencias d'aquelle prazo da minha vida.

Ora eu, como os leitores sabem, não vim com este escripto representar de grande homem, que ninguem o é menos do que eu, nem menos do que eu o podia ser; o meu unico intuito foi expôr lisamente e com verdade os factos, de que a mim me parece poder-se concluir com verosimilhança: que a fortuna e a natureza andaram concordes em sequestrarem da multidão, para o deixaram só e exclusivamente poeta e amante, o individuo de quem eu fui herdeiro, e de que agora em parte sou biographo desapaixonado; por isso declaro com igual sinceridade:—que a par com estas utopias beneficas e civilisadoras, a que o espirito de meu irmão se dava todo, cá no meu nunca deixaram de vicejar os outros generos de poesia menos alta e mais egoista, de que a indole e o costume me tinham feito necessidade.

A esses annos da serra pertencem pois, como já noutras partes declarei, as traducções das *Metamorphoses* e dos *Amores* de Ovidio, muitas das baga-

tellas encorporadas nas *Excavações Poeticas*, a *Noite do Castello*, e os *Ciumes do Bardo*, ciumes que, dil-o-hei agora de passagem, nada tiveram absolutamente que ver com os ideaes amores de que venho conversando.

D'esses annos a primeira parte permittia ainda largos horisontes de esperanças, que depois se apoucaram e denegriram com as vicissitudes politicas, as guerras civis, e as perseguições que lá mesmo nos alcançaram.

Meu irmão, tão devaneador de venturas para estranhos, e que para algumas logrou de feito contribuir, claro está que da minha se não descuidaria. Assim como elle o era para mim, era eu para elle transparente. Ainda que algum de nós pretendesse jamais ter para o outro uma sombra de segredo, baldaria todo o seu empenho. Sabia elle pois, tão bem como eu, e sem eu lh'o dizer, que o meu espirito poetico no meio de tantas poesias anciava ainda por outra mais especial que volteava á superficie de todas, como a mariposa que vai e vem de flores para flores, e, mostrando-se contente de as possuir, deixa todavia suspeitar que ainda não encontrou aquella em cujo seio ha de cerrar as azas, aninhar-se, e permanecer.

Uma tarde de verão, que me eu estava acompanhado só de minhas cogitações, no que chamavam

meu *Templo das Musas*, veiu elle ter comigo, trazendo com alegria uma carta recemchegada de Vairão.

Era o meu afamado *Templo das Musas* uma barraca engenhada de canas, vimes e feno, quadrada, alta que se podia estar em pé, ampla que se cabia reclinado ao comprido nos bancos de cortiça que por tres lados lhe guarneciam o interior; ao meio de cada uma das tres paredes, uma janella de um só vidro, e outra igual na porta, davam entrada ao dia, á lua, ás virações frescas, e aos rumores proximos ou longinquos da vasta natureza exterior. Pompeava esta solitaria e magestosa fabrica junto a um alto denominado da *Pedra Branca*, fóra do passal, e á beira do sobreiral de S. Sebastião; desafrontado posto, donde se descortinavam terras de quatro bispados, com horisontes até onde olhos de aguia podiam ir. Era miradoiro e era escuta tudo junto. Quantas vezes d'ali não captavamos nós, poucos annos depois, o rolar dos trovões da artilheria na acção da Ponte do Marnel, e lá muito mais a longe, no cerco do Porto! sons lugubres que vinham resaltando de cabeço em cabeço encher de enigmas e sustos a nossa descuidosa solidão!

Apesar de tudo conservo saudades da boa da palhoça! não havendo guerras civis, conversava sim tristezas, mas tristezas todas mansas, e com seus

furta-cores de deleites e alegrias; estava-se bem ali; e se occorria desejar-se por entre sonhos alguma outra coisa, era antes para que ella viesse enfeitar o deserto, do que não para se ir procurál-a fóra d'elle.

Tempos! tempos! Tornei-me lá vinte annos depois; faz agora oito; mudanças até nas brenhas! Existia a mata e a capellinha; existia a Igreja e a Residencia; mas do meu *Templo das Musas*, nem vestigio! os invernos e os estios tinham-lhe devorado até o minimo colmo! Onde eu dormia ou scismava deleites, dominando do meu castello rosado pela aurora, doirado pelo sol, prateado pela lua, espaços infinitos... estavam outra vez as queirozes em pacifica posse do seu torrão, a vangloriarem-se talvez com as abelhas, de terem afinal triumphado de quem as desterrára; — e as ovelhas, vigessimas descendentes d'um rebanho que pastava á roda de mim sem me ver, nem idéa vaga tinham já de tal edificação; sumia-se-lhe na noite dos tempos. Antonita, a pastorinha que o guardava, já por ali não era. Que linda voz que não tinha, aquella prima dona dos oiteiros! que poesia d'anjo que não desperdiçava só para a sua roca, e para os carvalhos! que a mim não me via ella, ainda que tão de perto me rondava o tugurio, nem eu me denunciava, com medo de intimidar o rouxinol; o mais que fa-

zia era entreabrir subtilmente a vidracinha da parte onde ella cantava, para lhe estar por ali furtando melodias para os meus devaneios.

Perguntei por ella; quando cresceu, cresceram-lhe ambições, deixou o mato e as ovelhas; fez-se tecedeira; ao tear, cantava ainda tão alegre e innocente, como tinha cantado á sua roca de lã nos descampados; depois, um bello dia, convidou-a o seu anjo para ir cantar no ceo, e desappareceu.

De todo aquelle idilio tão vivo, só eu resto. Guardadora, choça, rebanho, passou tudo!... Mal ficou este pequeno reflexo mortiço na pagina que estou ditando, e que tambem, ella mesma, d'aqui a alguns annos se ha de apagar.

Leu-se a carta; era um suave queixume pela quebra já mui longa da nossa correspondencia; e era em tudo uma confirmação evidente de que Maria não deslisava apice da que se manifestára e fôra desde todo o principio; e encerrava realmente no seu complexo todos os requisitos para a felicidade de um homem, que, possuindo paz e amores, já não cançaria o ceo com grandes votos.

—«Vamos—exclamou meu irmão, abraçando-me;—«tenho promovido tantos casamentos por estes arredores, e regala-me sempre tanto administrar o setimo sacramento, folgasão preambulo dos baptisados, que desejo e mereço ver tambem alegrias

d'essas na Residencia. Venha a tua solitaria amenisar emfim a nossa Thebaida. Havemos de fazer um jardim de proposito para ella por baixo da fonte do passal, com bastantes narcisos, que lhe recordem a primeira revelação que te ella fez da sua ternura.

«Quando as obrigações do meu ministerio me demorarem por fóra (a sua merecida fama de prégador começava a não lhe deixar dia nem hora livre; não havia festa grande nos quatro bispados para que não fosse rogado) quando os meus especiaes estudos me privarem de cultivar comtigo a nossa cara poesia, terás uma leitora e secretária que te coadjuve, e ao mesmo tempo te exalte a inspiração; a sua voz, tornar-te-ha a poesia mais poetica; os versos ditados para mão tão delicada, sair-te-hão mais bem nascidos.

«Podiamos edificar aqui desde já uma casinha aprazivel, um verdadeiro ninho de andorinhas para o novo casal; mas possivel é, bem sabes, que não seja esta a terra que nos ha de comer os ossos; e nesse caso, o havermos lançado aqui raizes mais fundas, teria sido tornarmo-nos mais doloroso o arrancamento. Para gente sobria e simples, como nós, é de sobra o presbiterio; bastará guarnecermol-o de mais roseiras, abrirmos-lhe no meio do pateo o luxo de um tanque para espelho, e para

pompa erigirmos ao fundo das laranjeiras o elegante pombal candido que projectavamos, e de cujas moradoras ha de ella ser a providencia e a alegria, como de toda a vivenda.

«Em summa; os nossos haveres permittem-nos, sem taxa de temeridade, a realisação d'esta encantadora utopia, que talvez nos abra passo á realisação das tantas outras que planejâmos! Para obras de beneficencia, de humanidade e de civilisação, nunca é de mais uma conselheira, e então de tão alto juizo, de coração tão amante, e amadurecida pelos livros e pela solidão!»—

Era musica celestial tudo isto que lhe eu escutava; apertál-o bem apertado ao peito, foi toda a minha resposta de assentimento.

Verdade verdade:—está-me vexando, apesar do que estabeleci no começo d'estas confidencias, tão difuso fallar sobre tão apoucado sujeito, que por mais que eu diga, saiba e sinta, não ser eu, sempre hão de tomar por mim; e portanto, dobrada censura: sobre importuno, immodesto. Paciencia. Os mal affeiçoados muito ha já que hão de ter dado a sua curiosidade por satisfeita, e cerrado o livro; os outros, que vieram comigo até aqui, são mais soffridos de genio, e são amigos; hão-de-me acompanhar já agora com indulgencia até ao fim; e se a esses mesmos enfado, fique o restante da narração

como soliloquio d'um saudoso, ou dialogo de memorias tristes entre um vivo e dois finados.

Tinha-me a real munificencia do Sr. D. João VI já em 1819 collocado em posição de fortuna para entre poetas, e poetas portuguezes,—muito invejavel: dera-me a propriedade sem onus de um dos mais pingues officios de justiça na Correição de Coímbra. Com essa renda vitalicia, que ainda hoje durára, se não fossem as uteis reformas introduzidas no foro depois de 34, podia eu ter folgadamente realisado desde todo o principio o meu consorcio com Maria; mas eu tinha feito voto anterior de mim para mim, e não queria quebrál-o, de deixar sempre na casa paterna, integral e incondicionado, o usufructo d'aquelle rendimento. Não era generosidade; era simples dever. Tendo pois como se não tivesse, facilmente se imagina como eu ficaria por dentro com este raiar subito da Providencia, da Providencia encarnada em amor fraterno! A chave d'oiro do meu paraizo tinha-a eu posto donde a não podia retomar; meu irmão acabava de me entregar outra; e com tal melindre de affecto, como tudo que d'elle vinha para mim, que recusar-lh'a eu, fôra magoál-o mais a elle, do que a mim proprio.

A casinha parecia-me transfigurada em albergue de fadas.

Respondeu-se ali mesmo á carta. Antonita estava cantando uma cantiga de amores a vinte passos de distancia; a alegria e a amizade cantava no coração de Augusto; no meu, cantavam o alvoroço, o enternecimento, a amizade. Era uma hora d'aquellas de que o ceo não empresta mais de uma ás existencias afortunadas.

A carta que eu então dictei para mensageira de tão boa nova, e a que tres dias depois se lia misteriosamente no mesmo logar aos ultimos raios d'um sol magnifico, existem ainda hoje, mas não podem ser relidas; doer-me-hiam excessivamente; hão de ser pelo contrario queimadas com todas as outras d'este romance íntimo e sagrado, logo que eu tenha concluido o presente escripto. Se alguem não comprehender por si este melindre, paciencia; eu é que me não attrevo a explicar-lh'o.

A elegia *Ermitagem da montanha*, tinha sido poucos dias antes phantasiada ali mesmo. Junto ao convento havia tambem serras, como já vos disse:

Sola eris, et solos spectabis Cynthia montes.

¿Na desesperança, ou, quando menos, incerteza de conseguirmos jamais posse real um do outro, não eram bem naturaes aquelles desejos, aquellas visões do poeta solitario no meio dos seus bosques,

pensando na poetisa solitaria á sombra do seu mosteiro? Que amante deixou de sonhar alguma vez que a felicidade o aguardava numa caverna sonegada aos olhos de todo o mundo?

A mutação maravilhosa que se me acabava de operar nas perspectivas da alma, fez rebentar o meu ultimo canto—*A Esperança.*

Ah! a esperança! quem, não sendo amante, ou louco, póde fiar-se nos sorrisos de tal fantasma? Os gozos, que tão proximos se me antolhavam, ainda vinham longe. Ha tantas illusões d'estas na vida! teem-se os olhos fitos numa ventura que já se vê e se ouve tão perto, que se figura alcançavel com dois passos... e não se repara em que entre ella e nós póde haver duas ribanceiras escarpadas, e até de permeio um rio sem ponte, profundo, vertiginoso, mortifero!

Em 1828 saía pela primeira vez á luz, mais por desejos de meu irmão que meus, o *Amor e Melancolia.*

Aos que já então o tomassem por historia poetisada, como agora se vê que era, figurou-se de certo, como a mim proprio, que estava ella chegada ao seu desenlace ultimo. Era miragem de deserto; o verdadeiro lago para a sede, jazia ainda bem remoto.

Vieram-se carregando cada vez mais as trevas

do horisonte politico; os receios e os sobresaltos, os perigos mui reaes a crescerem e a amiudarem-se! o presbiterio queria ser arca de salvação; mas até elle, em tamanha altura, fluctuava já, e estremecia sobre o diluvio. Se se mandava fóra ave exploradora, voltava atemorisada sem nos trazer folhinha de oliveira. Recerrava-se o postigo, e ficava-se inerte á espera de melhores dias. Entretanto os trovões, ora mais ora menos longinquos, não despegavam, e os relampagos espreitavam ferozes por todas as fendas.

Foram tempos bem tristes! nem o viver benefico de um bom parocho, nem o viver innocente de um poeta, nem o concentrado de ambos nuns reconcavos silvestres só vistos de cima pelo que vê tudo, nos aproveitaram para immunidade. Que de refeições interrompidas por uma noticia de denuncia, e de encarceração meditada, proxima, infallivel! que de noites mal dormidas, ou veladas pelos matos, ou por poisadas alheias! que sumir de livros nos vãos dos altares! que enterrar os objectos preciosos! que abrazar papeis! que vigiar do alto do campanario! que fugir a subitas do ninho, para regressar a elle palpitando, e refugir de novo! e tudo isto por quão longo tempo! até que, levantado já quasi o cerco do Porto, atterrados com o ultimo e inevitavel perigo de sermos monteados e perdi-

dos, commettemos á desesperação o salvamento, e atravessando ainda por entre os cercadores numa ante manhã escura e chuvosa, lográmos acolher-nos á cidade eterna.

Já se vê, se um passaro assim combatido dos temporaes podia lembrar-se de construir e pendurar em ramos que todos rangiam e estalavam, cestinha de amores para onde chamasse companheira. Não podia ser, por mais temerario, por mais imprevidente que elle fosse.

Estes mesmos trabalhos e trances que então me pareciam encobrir a Providencia, como as nuvens encobrem ao sol, pode ser que me viessem mandados tambem por ella a trazer-me germes que ainda me faltassem, de poesia affectuosa. Isso têem de seu, se me não engano, as perseguições revolucionarias: assolam, para fecundar; chovem odios, que em se evaporando terão feito desabrolhar bemquerenças. Alma que padeceu, condoe-se:

Non ignara mali.....

Só de longe é que isto se conhece bem, e como tudo no mundo é por melhor. Agora nem áquella quadra tormentosa quero mal.

Ella tambem, se hei de dizer toda a verdade, posto que me retardasse projectos mui queridos, não

me foi tão completamente negra como se poderia imaginar pelo que deixo exposto. O animo, pelo menos o dos poetas, pelo menos o meu, tem não sei que elasticidade com que resiste ás quedas e ás durezas mais asperas dos precipicios: torce-se, e não quebra; cae, e resurge; comprimem-no adversidades, e logo depois, elle por si mesmo, se dilata. Apenas tinha passado um sobresalto, um terror, um homizío, ou uma fuga, e os ares se reserenavam um tanto, voltava a bemdita imprevidencia, e com ella o contentamento, e com elle o viver semi-fabuloso com todo o seu cortejo de visões poeticas, accorridas de todos os pontos do horisonte, de todos os recantos do coração, de todos os escondrijos da memoria, de todas as grutas amenas da vontade, de todas as profundezas do discurso; como ao reaparecer do sol depois da trovoada voltam á festa duplex da natureza os insectos, as aves, os rebanhos, os pastores, o viço, a musica, o alvoroço.

Que de versos não devi eu a esses luminosos intervalos! Foi num d'elles que meu irmão e eu plantámos no pateo da Residencia um cedro, que eu mesmo trouxera recemnascido da mata do Bussaco, e que, ha já annos, cobre com a sua sombra balsamica o telhado hervoso da casinha, pradaria das pombas domesticas, e alem do telhado boa metade do terreno.

Oito primaveras se teem devolvido desde que o visitei pela ultima vez.

Deve ser hoje a mais fastosa arvore da cercania!

Sentae-vos em espirito debaixo da sua copa, se vos apraz, e ouvireis o que lhe eu cantava ao firmarmol-o tenrinho naquella terra benta. Adverti porém desde já, em que não ides escutar maravilhas de poeta. São versos faceis e descuidados, como os eu então fazia para matar o tempo, e esquecido de que havia mundo. Podéra agora tel-os retocado; mas para quê? e que é do valor para estar desconcertando por mera vaidade litteraria umas saudades d'estas? Hão de ir e hão de ficar já agora singelos e montesinhos como nasceram.—Ouvida a primeira duzia d'elles, quem lhe parecer, que deixe os outros.

Ó cedro, ó joven principe dos bosques,
eis-te já no teu novo domicilio;
eis-te vaidoso em pé do sol á espera!
Gente do presbiterio, afervorae-vos,
entrançae danças, coroae-vos todos,
cantae-lhe bençãos, tumultuae-lhe em roda.

Gloria a Deus! Como o dia vem formoso!
Anjos que protejeis a natureza
vossa amavel irmã filha do Eterno,

que entre vós repartistes as montanhas,
o arvoredo das Driades palreiras,
e a urna fresca das occultas Naiades,
vinde, adoptae no seu primeiro dia
do filho de David a arvore antiga.
D'entre os ramosos tufos elevado
seu cume se remonte á patria vossa,
e aponte os ceos ao pensamento humilde.
Praza o carvalho a Jove; o loiro a Phebo;
a vós o cedro; o cedro inda saudoso
e altivo do seu Líbano, inda cheio
das lembranças da Biblia, inda soberbo
de hospedar em jardins, palacios, templos,
Adonai, o Rei Sabio, o Povo Eleito.
Assim glorioso e mistico, o bom cedro,
o cedro rei, viu supplice prostrar-se
Israel ora a Deus, ora á fortuna,
aos ceos e ao mundo, á eternidade e ao tempo.

Oh! venerando! oh! cresce em nossa terra!
co'a verdenegra copa não desdenhes
acoitar o singelo presbiterio.
Premeia o generoso desint'resse
do plantador que desce todo á campa.
Sagradas são as dividas do affecto;
os cuidados que assiduos te protegem,
invoca o tempo de os pagar co'as sombras.

Dias virão nos teus crescentes dias,
em que nobre ante a porta da virtude
com ternura e respeito hão de saudar-te
os montanhezes descobrindo a fronte.
Lembrarás os antigos patriarchas
que ao pé da movel tenda no deserto
pertenciam aos ceos pela esperança,
e ao patrio mundo pelo amor dos homens.
—Ali—dirão—na sésta reclinado
o pobre ancião, pastor d'estas aldeias,
ao circulo inquieto dos meninos
ensina a amar a Deus, a si, aos outros,
ás lettras, ao saber, á patria, á gloria;
e, abraçando-os risonho á despedida,
distribue co'a mão tremula aos melhores
em premio doce disputados fructos.—
—Ali—dirão tambem—sentou-se um dia,
e gabou a frescura das ramadas,
um bispo antigo e santo; ali tomava
o seu café, rezando o breviario;
meu avô, bem que rustico e indigente,
fallou-lhe ali, beijou-lhe o annel e ouviu-o.
Que apostolo! que amor! que urbanidade!
essa arvore o cobriu, ficou sagrada.—

Hospede e amigo do adoptado albergue,
firma-te ao solo com raizes promptas;

exalça a fronte aerea, alto, gigante,
abre os cem braços co'os tufões em lucta.
Piedoso Briarêo, não temas raio;
o raio atrôe as serras, cegue, abrase
o altivo topo ás arvores soberbas;
tu, não tremas; eu quero no futuro
que um novo talisman te adorne e ampare,
possante contra furias de elementos,
contra o machado algoz, contra demonios:

Se dos teus annos na madura força
a mão que ora te planta inda for viva,
essa mesma, já tremula e inda amiga,
inda meiga ao seu cedro, e já caduca,
no tronco te abrirá com tardo esforço
graciosa capellinha, onde sorria
um S. João, o santo alegre do ermo:
trajo de pelles, juvenil frescura,
olhos nos ceos, aos pés cordeiro branco.

Nessa noite poetica e devota,
em que o prazer, centuplicando aspectos,
povôa, anima, encanta o mundo inteiro;
agua e terra, ar e ceo, tudo é macio;
em que a velhice, a mocidade, a infancia,
sympathisam no vago da alegria;
em que n'alma insaciavel de delicias

se juntam com mistura inexplicavel
o saudoso passado, os bens presentes
ao contente futuro ebrio d'esp'ranças;
em que num laço mistico se aggregam
da vida e eternidade os pensamentos,
gozos, superstições, fraquezas, cultos,
como um ramo de rosas e ciprestes
na caprichosa mão das feiticeiras;
nessa noite das noites invejada,
té dos casaes lá do ultimo horisonte
a ti concorrerão por toda a parte
dançantes bandos que a viola impéra.
Verás girar seus bailes rebatidos
em redor das estridulas fogueiras;
ouvirás os seus canticos em coro
devoto e namorado; a bomba foge,
zune fugindo, e solapada estoira;
o buscapé no ar caracolando
morde num, morde noutro, ameaça a todos,
dispersa os grupos, gasta-se raivando,
e entre os risos rebenta atroando os ares;
aqui, circula em vortice perenne
a roda leve espadanando incendios,
chovendo oiro luzente e estrellas alvas;
ali, floreia o fulgido valverde,
volcão sonoro que arremette ás nuvens;
voa, remonta impaciente aos astros

o ignivomo fóguete estrepitoso;
e a musica entretanto! e as doces fallas!
e os segredos d'amor! e a prece occulta!
e essa mão dada a furto, e a furto acceita!
e êsse olhar fallador! e essas virtudes
da meia noite em ponto! e a flor crestada!
e as sortes, que a fortuna extrae ás vezes,
e muitas mais a próvida malicia!
e a fonte, que amanhece entre descantes,
e pasma rindo de se ver c'roada
de festões verdes e enlaçadas flores!...
Que noite! que prazeres! que triumphos
te aguardam no porvir, me estão na mente!

Mas se ao neto do Líbano silvestre,
se á arvore do templo, ao cedro antigo,
mais contenta sublime austeridade,
religioso é o chão que te sustenta,
santa e severa a muda visinhança:

D'esse lado, essa relva avelludada
foi chão d'egreja outr'ora, e esconde os mortos;
onde a oliveira está, surgia a torre;
bradava aos ecos dos remotos cumes
o sino da oração, lá onde agora
está cantando o melro; e pasce a ovelha,
balando o seu amor ao filho ausente,

onde a moça aldeana ajoelhada
em noite do natal, ante o presepio
acalentava em côro o Deus menino.
Nem portas, nem degraus, nem muros restam!
Um saxeo altar! por tecto, uma parreira!
e um S. Jorge musgoso entre silvados!
D'aqui, filho do antigo, o novo templo
te alveja em face. Em fundo de sepulcros
por ossos vãos enredarás raizes.

Que vezes para o ceo voarão juntos
o perfume do incenso e o teu perfume,
o teu susurro e os canticos da Biblia!
Escutarás por baixo do teu cume
os misterios, a supplica chorosa,
as lições da moral, do Eterno as glorias,
o voto humilde, a gratidão serena,
o tom pesado dos funereos psalmos,
a infancia d'entre as aguas renascida,
os protestos do amor que acceita e córa;
e o mais que o mal previne e o mal espia,
gera, vigora o bem e o bem premeia,
suavisa as dores, o prazer modera,
adoça a vida, aperfeiçoa os homens,
e por c'roa da paz a paz promette.

Assim, quasi debaixo de teus ramos,

juntarás o que a mil faria illustres:
a raça que milita, e a que triumpha;
os cultos da saudade, e os cultos vivos.

Cresce pois outra vez, cem vezes cresce.
Alto, em frente do humilde presbiterio,
torna-te a sentinella das montanhas.

Se o peregrino, attonito, espantado,
errar nos cumes alongando os olhos;
se vires muito ao longe os passos frouxos,
o curvo dorso, o pallido semblante,
e as cãs sem honra do ancião mendigo,
indica-lhes a senda hospitaleira,
mostra-lhes em teu lar os seus penates;
e dize ao peregrino:—Eis-a pousada—
e ao mendigo:—Bom velho, andas perdido;
reconhece o teu fumo, a tua porta,
teu leito, os teus irmãos, teu pão, teus filhos.—

Oh! que viver, que almo viver te aguarda!
beneficencia, paz, respeito, gozos,
quantos bens! e esses bens quão longas eras!
Mas nós... ah! nossos dias fugitivos
seculos são se á rosa se comparam,
mas passam como a rosa a par dos cedros.
Para ti, de anno em anno a primavera

virá com pompa nova e novas galas;
para nós, menos flores de anno em anno
lhe virão no regaço; menos fogo
nos olhos, nó sorrir menos ternura.
Eu, que outr'ora a cantei, que ardi por ella,
para quem toda a alegre natureza
era animada, meiga, inspiradora;
que doce delirava entre as violetas,
entendia o favonio e a voz das fontes,
entrava co'a andorinha em seus prazeres,
co'o rouxinol em seus segredos ternos;
que do meu estro nas visões formosas
arvoredos, óiteiros, grutas, rios,
povoava das priscas divindades
e num mundo só meu, vivia todo...
hoje, quão frouxa pela mente nua
sinto raiar a inspiração que imploro!
Do genio a seiba, a primavera da alma,
langue; raro floresce a longe a longe.

Como! tão novo ainda, é já forçoso
que a grinalda poetica se esfolhe!
Lira que apenas entoou preludios,
já desafina, e jazerá sem honra!
Serão estes os canticos do cisne!

Ó meus delirios, nuncios meus de gloria,

mentieis vós? ir-se-hiam para sempre
lagrimas, illusões, ternura, cantos?!
Ah! sentir-se morrer, que acerba morte!

E tu tambem, tu morrerás um dia.
Às raizes cançadas de nutrir-te
não pedirão mais succo á larga terra.
Adeus ninhos d'outr'ora! adeus frescura,
sombras, susurro ameno e cheiro alegre!
A copa verde que hospedava as nuvens,
ludíbrio d'auras, arida esvoaça.
Mas ao menos feliz impresciencia,
dom melhor que mil dons, te coube em sorte.
Dominas vastamente o ar e a terra,
sobes vaidoso aos ceos, á Estyge afundas,
e baqueias sonhando eternidades.

Ó arvore, alevanta-te! desata
em nossos dias tua umbrosa pompa!
Emquanto a raça ephemera dos homens
vai e vem, faz, desfáz, se eleva, desce,
tu fixa, tu do sabio exemplo inutil,
medra pelo descanço; igual hospéda,
sorrindo sempre, as estações oppostas;
presta-te aos soes e ás luas, que sem conto
volverão sobre ti; sê caro asilo
ao favonio que em braços te adormeça,

e ás aves que em teu seio se aninharem,
e sofre ou goza o teu destino immenso.

Ai, nunca de teus ares dominando
pela terra de Luso oiças ou vejas
da civil guerra as armas fratricidas!
Inda agora nos ecos d'estes montes
os seus trovões sacrilegos retroam.
Inda em nossos ouvidos estremecem
quadrupedante estrepito, relinchos,
retinir d'armas, rufos de tambores,
rolar de carros, vozear de chefes,
e os gritos do clarim, pregões da morte.
Que esposas inda agora estão carpindo!
que mãis, filhas, e irmãs, inda hoje em lucto!
Do sangue a cor maldita inda denigre
esses campos de horror; e as sepulturas
dos sem numero extinctos nos combates,
não florirão inda esta primavera.
Do raio o fumo a Lusitania assombra.

Ó paz, filha do ceo, mãi da abundancia,
da innocencia e do amor irmã e amiga,
alma paz, volve a nós, que assaz é tempo.
De opulentos avós mesquinhos netos,
já não pedimos bens: aos descendentes
do povo infesto a Roma e Rei do mundo,

basta um pouco de pão em paz comido.
Sobre os antigos loiros desfolhados
caiba-lhe ao menos respirar dormindo.
Que idéa tão inhospita e gelada!...

Aguas! aguas! reguemos o bom cedro!
lá se vai pôr o sol! cá nasce a lua!
ó lua, vem propicia á joven planta;
e tu, doirado sol, propicio volta.

Quem bate?... parabens! dançae, folguemos;
eis o pobre! eil-o! é Deus que a nós o envia!
sim! da parte de Deus vem sempre o pobre!
Entrou á rega; é fausto o agoiro! é fausto!
enchei-lhe a taça, beberemos todos.

Conduziram-no ao lar; da farta ceia
leval-o-hão consolado á fofa cama.
Agora, que estou só, que apenas oiço
o mui longe cantar das fiandeiras
na aldeia d'alem rio, oh! vem... sentemo-nos
ao pé do que algum dia ha de abrigar-nos,
candida imagem de Maria ausente!
segredarás áquella de que és sombra
que para ella está guardada a gloria
de casar algum dia uma roseira
ao já seguro tronco. Ai, doce emblema
da quêda e florea vida, enlevo de ambos!

Versos a este modo, e até somenos, brotaram por ali muitos nas temporadas luminosas, ou menos escuras; e em quasi todos elles brilhava, ou se entrevia, a estrellinha polar, para onde apontava o meu coração magnetisado. Podéra não! Todo o solitario tem lá sua visão de que se não desapega por mais que faça. O poeta das tristezas não sonhava senão Roma no Ponto Euxino. S. Jeronimo, na sua cova, batia com a pedra nos peitos a ver se matava lá dentro seductores fantasmas de mulheres. Eremitas na Thebaida, invocando anjos do ceo, eram tentados de demonios terrestres formosissimos. Petrarca em Valchiusa, tinha Laura morta engrinaldada sobre um altar a escutál-o. Camões na Gruta de Macau não estava sem Natercia. Maria, nos fraguedos do Caramulo, não podia deixar de raiar-me a cada passo, como a lua que entre fagueira e melancolica se encobre e descobre de contínuo ao que transita por moitas e bosques; e, ou elle vá, ou pare, ou retroceda, o acompanha sempre, e lhe dá a sentir com enternecido agradecimento que não vai só.

O mais e o melhor da minha poesia inculta dirigida a ella, não era porém o que se escrevia; era sim o que se me ia

de noite em leves sonhos que mentiam,
de dia em pensamentos que voavam;

lirica interior, que todos, cuido eu, conhecerão, ou conheceriam alguma vez; bafagens que vem direitas do paraizo á alma, e da alma se tornam para donde vieram, sem deixarem cá em baixo vestigio, mais que um frémito voluptuoso no coração, que de fóra se não percebe. Vêem-se manar lagrimas sem dor, errar pelos labios uns sorrisos não alegres, mudar cores o semblante, despegar-se dos seios um suspiro, as mãos estenderem-se á procura do que quer que seja; vê-se tudo isto, e diz-se: — É um visionario, ou está sonhando; — e não é senão um poeta que está lendo em si o mais celestial poema que nunca houve, mas que nem elle tornará a abrir, nem outrem jámais adivinhará. D'esses poemas fiz eu e perdi, innumeraveis. Fazia-os ao pendurar ritualmente no crepusculo da tarde de cada sabbado uma capella de murtas nos ramos do meu cedro, consagrado a ella, e que me parecia tão desejoso de festejál-a como eu proprio; fazia-os deitado nos poyaes de tijolo de S. Sebastião ao ramalhar das carvalheiras pelas séstas; fazia-os regando o jardinsinho de narcisos, gradeado de canas, por baixo da fonte do passal; fazia-os encostado sosinho a deshoras pela noite velha á janella do meu quarto, que deitava para a banda do horisonte, onde devia ficar o d'ella; fazia-os ouvindo ler versos apaixonados, que todos no espirito se me traduziam e se

combinavam na minha historia, muito mais apaixonada que elles todos; fazia-os escutando lá d'um oiteiro o sino das Ave Marias, ao cessarem os trabalhos da terra, na hora em que o ceo accende, como lampada para infinitos amores, a estrella magnifica de Venus; mas sobre tudo os fazia fechado por dentro na minha Villa Viçosa de palha, junto á *Pedra Branca*, ao abrigo das chuvas e frios, do sol e dos ventos, de rumores e distracções, livre d'olhos, d'ouvidos e de pensamentos estranhos, só por só com a minha ausente. Para ella renovava as flores e a agua na urna de barro sobre a mesa entre os sophás de cortiça. Ouvia-a cantar ao som da sua viola franceza; dizia-lhe extremos de brandura, que nenhuma linguagem humana traduzíra; perdia-me pelos misteriosos labyrinthos da sua sensibilidade, nunca d'antes franqueados; escutava o meu nome tornado musica pelos seus labios; recostava-a num coxim de rosmaninho; ajoelhava-lhe aos pés em adoração; voava-lhe aos braços, e anciava morrer ali e assim, porém com ella, que eu sou o irmão mais novo de Propercio:

Tunc ego, sed tecum, mortuus esse velim.

Nada me inspirava tanto como a boa da casinha, tão depressa e tão sem custo edificada, que

parecêra improviso de Sylphides e Sylphos, e na qual se dissera terem elles ficado; que assim era prestigiosa!

Fôra sempre a minha ambição mais levantada, e algumas vezes me chegou a ser esperança tambem, o possuir vivenda minha em torrão meu, por mim delineada, feita aos meus gostos, sem visinhos mas respirando hospitalidade; solitaria, mas ridente; sem fausto, mas abundante em commodidades, em graças profusissima. Aquillo de poder um homem dizer que tem a sua cama, a sua mesa, a sua lareira, e os seus livros entre paredes e debaixo de telhas muito suas; que vive e pernoita com raizes no solo; que emfim é dono, para fruir e testar, d'uma porção do terceiro planeta vindo do sol, ainda que não sejam senão poucas braças; e que o Imperador de França não é mais senhor, nem porventura tanto, das suas Tulherias... deve ser umas delicias muito grandes. Nunca as experimentei, nem experimentarei já agora, mas imagino-as; e pode-se dizer que as sonhei, sem dormir, no meu aureo salãosinho de feno.

Como eu ampliava tudo aquillo com a varinha de condão da phantasia! a um lado, a alcova nupcial, com suas janellas cortinadas de verde pela frondosidade do pomar contiguo; a outra parte, a saleta do fogão para o inverno, dominado dos bus-

tos de Sapho, e Anacreonte a olharem para as estatuas de Homero e de Virgilio; aqui, a livraria com a mesa para a escripta, e dois espaldares de braços; a casa de jantar com sua fonte e viveiro de aves, e a porta larga e envidraçada aberta para a horta ajardinada; e a voz de Maria, a presença de Maria, a musica do seu vestido, o calor da sua bondade alegre e vigilante por toda a parte.

Basta, basta já de pisar folhas d'outomno que murmuravam viçosas e rescendentes por cima e em derredor, e agora me estalam pallidas e seccas por baixo de cada passo.

Ahi fica entregue ao publico da minha terra, pelo ter em conta de amigo, a Chave do meu Enigma, assim como se põe nas mãos do melhor e mais proximo parente a do caixão doirado e funebre que desappareceu.

Como d'hoje ávante nunca mais havemos de tornar a este assumpto, acrecentarei ainda algumas palavras, e as derradeiras, destinadas a aclarar outro supposto misterio com que as trevas d'este se duplicavam.

O immortal autor da *Epopeia naval portugueza*, o meu bom e velho amigo Joaquim Pedro Celestino Soares, fazendo-me a honra de me dedicar este seu recente monumento de glorias portuguezas, mostra-se maravilhado de que eu pinte, sem os ver, tantos quadros da natureza. Muitas pessoas antes d'elle tinham manifestado igual admiração, para mim obsequiosa; e mais que obsequiosa — lisonjeira.

Suppondo que as minhas descripções d'objectos visiveis, desde as *Cartas d'Echo*, *Primavera*, *Amor e Melancolia*, até ás presentes paginas, contêem algum longe d'esse merito que tão benevolamente se lhes attribue, aqui está a explicação que eu posso dar d'esse phenomeno simplicissimo.

Teve a nossa criança, em quanto o foi, e segundo já vos disse, uns olhos de formoso brilho, vividos, buliçosos perscrutadores insaciaveis, e de um alcance desmedido. Mais de uma vez ouviu dizer a sua mãi, que pareciam duas espaçosas janellas armadas de festa, onde a alma vinha toda contente lá de dentro espairecer mirando-se no universo.

Por volta dos seis annos, a segunda enfermidade, de que já vos fallei, enfermidade peior que a imaginaria phtysica, fechou inopinadamente aquellas janellas, deixando passar apenas atravez, uns reflexos duvidosos de claridade, frios, desvestidos de

cores, desertos, importunos; clarões, que, em vez de trazerem alimento a percepções e alegrias, só occasionavam pelo contrario dores physicas no orgão, por então só vivo para padecer. Este mesmo inutil e violento crepusculo, foi portanto necessario repulsál-o; um veo de seda negro foi lançado sobre a innocente cabeça; fecharam-se-lhe profundissimas as trevas; a victima, o meio morto, descançou; ouvia chorar, não sabia porquê.

Se um cadaver no sepulcro podesse pensar, sobre que pensaria? Sem duvida sobre o anterior viver que se lhe acabára; revolveria, combinaria de mil maneiras as idéas do preterito, como um avaro, debruçado sobre o thesoiro, mergulha os braços até aos cotovelos, e o coração até ás auriculas no seu charco inutil de oiro e prata. A pobre criança ruminava ás escuras as visões em que se pascêra na claridade; ia-as convertendo de vagar em substancia propria. Como por fóra fazia noite, illuminava-se por dentro com quantas luzes se lhe tinham prevenido a tempo, e que elle instinctivamente espertava de contínuo. O seu espirito era como a lamina photographica, ainda não inventada: recebêra as imagens; fechara-se-lhe depois a camara obscura; agora estava-as fixando em si proprio por uma chymica natural; fôra espelho, era estampa.

Passaram annos; levantou-se o veo negro; Deus

apiedado tinha outra vez dito: «Faça-se a luz.» Reappareceu o dia.

Reappareceu? não; veiu novo, diverso, de natureza estranha; uma especie de dia crepuscular; entre ledo e saudoso; mixto de realidades, verosimilhanças, conjecturas, sonhos; comparavel porventura, sem grande impropriedade, ao que são algumas das phantasticas noites de lua cheia no estio, ou ao alvor espalhado no Elysio pelos poetas.

Pensando bem nisto, não posso deixar de render graças á Providencia, e de descobrir nesta sua liberalidade, e mesmo nos precedentes rigores, novas inducções para acreditar entre mim que toda a minha predestinação era, como desde o principio me aventurei a dizer-vol-o, que não fosse eu jamais outra coisa senão cantor, e não fosse cantor senão de ternuras.

Vós que ledes pelos vossos proprios olhos isto que vos eu escrevo por mão alheia, vós que desfructaes, sem a apreciardes assaz, a dita de possuirdes uma excellente vista, sentireis porventura alguma difficuldade em conceber aqui o fundo do meu pensamento. Ora vejâmos se vol-o decifro.

Com ser a luz uma communhão universal do Amor Divino, mesa infinita em que os soes aos milhares ministram aos planetas sem conto, e aos entes sem limite de que os povoou o Omnipotente,

é comtudo certo, que assim como vão desiguaes os quinhões de luz de cada sol aos planetas e satellites que a distancias entre si diversas o rodeiam, assim tambem na esfera que habitâmos por exemplo, a luz vem medida aos sitios, ás estações e ás horas, ás especies, aos individuos, ás idades e ás circumstancias, em proporções diversissimas, todas calculadas, todas certas, e todas em harmonia com as complicadas precisões de um systema geral e perfeitissimo.

Comparae a claridade das cinco zonas; em cada zona, a das quatro estações; em cada estação, a das montanhas, dos valles, dos bosques, e das cavèrnas; a da manhã, do meio dia, da tarde e da noite. Depois, em cada logar e á mesma hora, considerae no como a luz, banhando e tingindo unicamente a superficie dos corpos inorganicos, incapazes de a sentir, vai abraçar com as suas caricias os entes organisados que nella, e no calor seu companheiro, parecem aspirar a vida, o amor, a alegria; a adoração, como sectarios de Zoroastro. Os vegetaes, sem olhos, a bebem, se inebriam, riem-lhe em flores, com murmurios lhe fallam, com fragrancias a lisonjeiam; brincam-lhe com os raios, decompondo-os na folhagem buliçosa, resortindo-os; alvoroçam-se com a aurora, pendem-se e fecham-se ao escurecer; despem galas no inverno, na pri-

mavera retoucam-se e amam, no estio pompeiam e triumpham. Mas nesta mesma generalidade que differenças, e quasi excepções! Para todos a luz é condição do ser e felicidade; mas o musgo que prospéra na penumbra da Islandia, pereceria fulminado como Semelle, se o ardente sol dos tropicos o visitasse; as plantas magnificas dos tropicos, nas nossas latitudes só temperadas, morreriam cegas á mingua de esplendores. Uma herva ala-se do fundo do fojo para o celeste amante, a quem o girasol no seu jardim vai tambem seguindo com a larga fronte doirada, que parece um retrato ephemero do bello astro, explica a fabula de Clície, e dá razão aos dois versos do Camões:

Transforma-se o amador na coisa amada
por virtude do muito imaginar.

Entretanto as grutas e os subterraneos lá têem não menos seus jardins umbratiles, onde mil especies vegetaes, com uma só gota de luz diluida nas trevas, alimentam e aditam a existencia.

Os animaes, se exceptuarmos algumas raras especies mais baixas na gerarchia, que parecem não ver, dado se voltem para a luz como as plantas, os animaes absorvem-na com delicias.

Os seus olhos são os vasos de gemmas finissimas

por onde os seus espiritos a bebem; mas nestes vasos sem conto, que differenças nos tamanhos, nos feitios, nas cores, nas propriedades! Todos se enchem á immensa cascata de luz que jorra inexhaurivel: quaes em golfadas copiosas, quaes em estilas diminutas; estes, sombria, que fôra trevas para aquelles; aquelles tão luxuosa, que cegaria a estes. A aguia devassa do alto os pormenores da campina; o insecto perscruta, com inveja dos sabios, o ignorado mundo dos infinitamente pequenos; e eximindo-se por sua tenuidade á perspicacia humana, é ainda porventura condor, elephante, e lince para universos vivos, nem por nós sonhados, e de mil vezes mais espantosa exiguidade. Ha olhos telescopios, ha olhos microscopios, olhos que aproximam, olhos que afastam, olhos que alternativamente afastam e aproximam, olhos que se fitam rectos num só ponto, olhos que miram para todas as partes ao mesmo tempo, olhos para o dia, olhos para a noite, olhos unicos, olhos multiplices, olhos em summa que só a sabedoria de quem os ideou e perfez poderia descriminar e abranger em descripção ou cómputo.

No meio d'estas myriades de orgãos destinados a pascer-se nas lindezas e magnificencias exteriores da natureza, foi ao homem, seu filho predilecto, que ella deu com a razão e o engenho os mais admiraveis de todos os olhos: emquanto os dos outros

viventes, afinados pelas precisões circunscriptas dos que os possuem, não transpõem limites relativos e determinados, os do homem, pelos milagres da arte, tornam-se mais que de aguia no alcance longinquo; rivalisam com os dos insectos, mergulhando profundamente pelos abismos da pequenez; vão buscar para o dominio da sciencia astros sumidos nas profundezas do espaço, arcanos d'anatomia nos vermes imperceptiveis, nos globulos do polen das florinhas mais tenues, nos atomos da poeira impalpavel; e dominadores da luz, pelos instrumentos com que se completam, a refrangem á vontade, e a decompõem, como a divina Iris no firmamento.

Entretanto a vista humana, assim mesmo dotada, quão pobre não é para saciar o animo curioso! e então no seu estado natural, que miopia! que imperfeição! que fallibilidade! Aquelles mesmos objectos que pelo seu volume e proximidade mais parecem estar em relação activa, passiva, necessaria, quotidiana, com o espectador, não passam de uns mascarados e uns fingidos, que, divertindo-o e ajudando-o, zombam d'elle continuamente.

Que é ver uma rosa, uma arvore, um edificio, um monte, o oceano, mesmo com os olhos mais perspicazes e attentos? É receber de cada coisa d'estas uma idéa vaga, superficial, imperfeita, diminutissima, falsa. Quando não, acuda a lente a ave-

riguar uma só pétala da rosa, uma só folha da arvore, uma só polegada do edificio, um só grão da terra do monte, uma só gota do oceano; (mas ainda a lente não diz tudo) para logo se reconhece com espanto que isso que se chamára ver, não passava de illusão; era um andar palpando em grosso e ás cegas alguns vultos grandes; nada mais. Se o mundo moral e intellectual nos estão inçados de misterios, erros e ignorancias, os aspectos do mundo physico não são menos enganosos; representa-se a comedia da vida num theatro já para ella de proposito armado pela natureza, com o mais ficticio de todos os scenarios: *Mundum tradidit Deus disputationi hominum.*

Neste cahos universal de enigmas e chimeras, o instincto de saber impacienta-se, agita-se, barafusta, sonda, investiga, conjectura; adivinha ás vezes; aspira a matar a grande esphinge, que se ri d'elle, e que não morre.

O instincto da arte, menos ambicioso, mais pacato e mais philosophico a seu modo que o ardor scientifico, contenta-se com as brilhantes apparencias; estuda-as, sem pensar em as dissecar; e como de todas lhe resultam harmonias, todas fallam ao espirito e ao coração, sobre todas paira o ideal, de todas se reflecte o amor e a sabedoria, não precisa, nem pede mais, posto o deseje, e o

aproveite quando a sciencia o desencanta e lh'o ministra.

Reflectindo nas verdades incontestaveis e vulgares que deixâmos indicadas, tem-se logo de reconhecer que os poetas, na sua qualidade de pintores, só reproduzem apparencias, perseguem sombras; e, combinando-as e variando-as ao sabor da phantasia e do gosto, aquecendo-as de affecto, e arraiando-as de idealidade, criam para a alma, dentro num mundo phantastico, outro mundo ainda mais phantastico. Não é assim?

Ora pois: a criança tão nossa conhecida recebêra, nos annos das primeiras e fortissimas impressões, as idéas, como vós em igual idade as recebestes, e as continuaes a receber, dos objectos que aos olhos se offerecem em multidão; depois, fechado a sós com essas idéas, não as destruiu: fortaleceu-as, confirmou-as; depois finalmente, quando entre elle e o espectaculo se ergueu de novo o panno, e a scena lhe appareceu transfigurada, isto é, quando reviu menos vividos e distinctos os mesmos objectos, tirou das suas reminiscencias com que os completar.

—Mas como é—insistem—que, distinguindo apenas, e a curta distancia, os vultos grandes e as cores, consegue descrever, não sem alguma verdade, quadros da natureza vastos e minuciosos, cu-

jos originaes sem duvida lhe escapam?—Do mesmo modo, pouco mais ou menos, como qualquer leitor por uma descripção poetica debucha no seu espirito um objecto, cujo total nunca viu, mas cujas partes componentes a uma e uma lhe são todas familiares. Variando os elementos que possuo, vou compondo os quadros a meu gosto.

Mas o que sobre isto vos poderia amiudar, já versos meus o disseram, agradecendo a um pintor amigo, a Sendim, o ter-me retratado. Se os lestes, saltae as seguintes paginas; se os não lestes, e vos interessa tal investigação, aqui os tendes. A mim apraz-me reproduzil-os; são já hoje saudades de vinte e tantos annos.

Já desde Homero, em tráficos do Pindo,
amigo meu Sendim, não roda o oiro.
Versos, bustos, paineis, primor das graças,
pague-os sêcco bretão por sommas brutas,
se muito ha que do autor deu cabo a fome,
Lisonja em metro, em marmores, em côres,
incommende-a o mimoso da fortuna;
pague com seus dobrões a glória alheia.
Nós que, longe da terra, ao vulgo estranhos,
vivemos facil vida anachoreta
por solidões de imaginario mundo;
que os loiros para nós por nós plantados

ouvimos susurrar por sobre o colmo
da ermidinha onde as musas nos visitam;
nós, nós, a quem deu alma a natureza,
não terrea, não mortal, não simples alma,
de instinctos animaes fugaz composto,
mas generosa, esplendida, sublime,
mixto da etherea luz, do olor das rosas,
do gorgeio do cisne, e do profundo
bramir do oceano, e do beijar das rolas,
e do albôr melancolico da lua,
e da calma do estio, e das sonoras
bafagens tuas, Héspero, e do lume
trémulo e scismador dos longes astros,
não pomos preço vil ao que é sem preço.

Como lá noutra idade, entre homens simplices,
colono, pescador, monteiro, artifice,
de mão a mão seus commodos trocavam,
tal dura e durará commercio nosso.
Irmãs, e não rivaes, as artes-bellas
apertem mais e mais seus mutuos laços;
sua origem commum, seus fins os mesmos,
impõe-lhes lei de amar-se, unir esforços,
umas ás outras realçar o incanto.
Mais, muito mais que irmãs, são todas uma;
em nome, em fórma vária é uma a essencia:
a belleza, a verdade, anceiam todas.

Pinta o Meónio, poetisa Apelles,
Phidias derrama em marmore a harmonia,
Orpheu nos magos sons esculpe os deuses.
Não ha mais que um só deus, uma verdade,
uma belleza só; mostrál-a em côres,
em figuras, em sons, em frases pódes;
são cultos de um só nume em linguas várias.
A amendoeira em flor é primavera,
primavera é como ella o ceo macio,
primavera a violeta, os ninhos novos.
Unica e pura a interna luz do ingenho
dos sentidos no prisma se refrange,
e sai cambiada em fulgidos matizes.
Como as côres são luz, são estro as artes.

De nossa industria os fructos permutemos.
O mago teu pincel doou-me aos evos;
se os versos meus aos evos resistirem,
nos versos meus reflorirá teu nome.

Ah! não poder eu mais!... qual tu meu todo
á estampadora pedra o confiaste,
capaz de confundir maternos olhos,
não poder eu tambem pintar no metro
genio, vida, expressão, physionomia
de quadros, onde a mente aos olhos falla!
Desigual foi comnosco a natureza:

amante seu feliz tu gozas d'ella,
abráçal-a com extasi, sorri-te,
descobre-te um a um seus mil incantos;
e como se um tal bem não fosse immenso,
diz-te: — «Eis-me aqui, retrata-me, ó ditoso;
donde os gostos extraes, extrae a gloria.» —
Não assim eu: eu busco-a... ella se occulta;
chamo-a, invoco.... ou não vem, ou só de longe
fugaz e esquiva se entremostra, e passa;
como visão por sonhos vaporosos;
como scena confusa e namorada
de já perdido livro; como idéa
da mui longinqua infancia, que inda a medo
por sob as cãs revôa ao pé das urnas;
ou como o astro da noite em selva umbrosa;
ou como as vozes de um serão do estio,
quando da aldeia as virações as levam
soltas e vagas ao curioso ouvido
de erradio viandante; ou como o vulto
de ingrata amada em vão, que evita encontros,
leve atravez das arvores refoge,
sem deixar mais de si que a viva imagem
d'alva roupa esvoaçada e gostos idos!
Realiso as que a Grecia fabulára
impaciencias do Alpheu, quando entre as nevoas,
dôido de amor, frenetico, debalde
a vedada Arethusa andou buscando:

«Ninfa, vi-te—clamava—ai! quero ver-te!»
e o *ai*, com que ás florestas apiedava,
não apiedava o coração da isenta.
Á beira de suas aguas fugitivas
depois cançado e triste ia encostar-se,
a procurar pelo animo saudoso
que feições inxergou, quaes poderiam
ser as mais que não viu; compunha-a toda,
linda sim, mas phantastica; e por ella
com longo affecto os ecos entretinha.

Por isso ninguem peça inteiro canto
na harpa quebrada! A voz de outros poetas
que o solte; não me assombra: a solfa inteira
perante os olhos seus se desenrola.
Minha harpa incerta em solidões por noite,
não apontados sons pendente exhala,
a capricho de um zephyro que adeja.
De Achilles, dos Jardins, do Eden os vates,
e dos Bardos o Bardo, Ossian, o altivo,
(pelo seu estro o juro; immensa jura!)
taes não subiram, se ás geladas trevas
desde a infancia atro genio os condemnára.

Manhã da alma existencia, oh! como alegre
me alvoreceste! oh! plena luz, inlêvo
de que o minimo insecto ignaro goza,

riqueza de que é rico o mundo todo,
luz, com pródiga mão dos ceos lançada,
vida, belleza, luz! palavra etherea,
a unica de um deus no grão momento,
em que ao formado mundo erguia o pano...
luz! luz! eu te gozei na infancia minha!
gozei?... quem te possue goza-te acaso?
não; pródigo, indiff'rente, como todos,
vi-te, desperdicei-te. Ah! quem me dera
d'essas horas doiradas um minuto,
uma só gota d'essas fontes amplas
por este areal tão sêcco! Oh! com que sêde
num só momento me vingára de annos!
que joias no poetico thesoiro
avido para um seculo ajuntára!
como ás imagens pallidas, que á força
te arranco, ó natureza, como arranca
o oiro entre fezes duro escravo á mina,
como a tantas imagens desbotadas,
rico legado do menino ao homem,
revivêra o matiz, o fogo, o lustre!
Então, para pintar florestas, mares,
não precisára de espreitar confuso
um ramo a folha e folha, ou já no copo,
agil movido, o rutilar da limpha.
Se ouvisse descrever a magestade
de um rosto varonil, de uma formosa

o incanto, de um menino as graças lindas,
tudo isso o variára a mente facil.
O aspecto do varão nem sempre fôra
a paterna presença. Alem de Amalia,
de meus brincos pueris ligeira socia,
mais formosas houvera, e mais formosos
anjos mortaes que o meu gentil do espelho,
de olhos tão vivos, tão córado aspecto,
riso tão doce, e que eu amava tanto!
Saudades vãs! desejos vãos e acerbos!
Se o mar, se o ceo, se os campos se me esquivam,
róla a mente em seu mundo infindos mares,
campos lhe alastra de opulencia estranha,
circumvolve-o de ceos fervendo em astros.
Tal de Agenor o filho a patria perde;
mas se lei deshumana o lança em fuga,
oraculo phebêo condul-o a thronos;
por Tyro que perdeu lá funda Thebas,
a de cem portas nos canoros muros.
Mas a patria... era a patria, aquella Tyro...
era a Tyro da infancia; o solio, Thebas,
o Elysio, o Olympo mesmo, a não valeram.

Feliz o para quem da vida as portas
já se abriram sem luz! Só tem metade
do humano apêgo ao mundo e horror á morte:
não viu, chupando o leite, o seio amigo,

o sorrir brando, os olhos, e nos olhos
o coração materno; as irmãs suas,
não foram mais que uns sons; a rosa, um cheiro;
movimento, o passeio; o sol, quentura;
um monte, a estiva noite; as Graças... nada.
Longe outra vez, e para sempre longe,
saudades vãs, desejos vãos e acerbos!
Que me importam canções?! que outrem descreva
com mais proprio matiz do mundo os quadros?
que tenha ou não mais azas para um vôo?
que importa que um volume de poesia
seja um thesoiro para mim sem chave?
e que dos seios do animo rebentem
meus versos caudalosos, sem que eu possa
co'a propria dextra abrir-lhes a passagem,
por onde ávidas paginas inundem?
Não me rege inda a luz os cautos passos?
não me tinge inda ao perto as várias fórmas?
livros... pluma... olhos meus e dextra minha
quando jamais noutro eu me falleceram?
noutro eu, onde os amei e os amo em dôbro?
Graças a amor! á natureza graças!
logrei constante, e lograrei perpétuo
nos laços fraternaes consorcio d'almas,
nos de hymeneo fraternidade nova;
meu ente nestes entes se completa,
já bardo sou tambem... saí, meus versos!

pura mão, dom dos ceos que eu pago em beijos,
solicita vos abre ao mundo estrada;
saí, voae! da gratidão fervente
aos olhos de Sendim levae meus votos!

Completemos estas explicações melancolicas.

Aquelles em quem o amor entrou só, ou principalmente, pelos olhos, acham custo em comprehender, como desservido da vista se possa na alma accender este fogo maravilhoso. A sua mesma ventura é que os torna assim pouco philosophos.

Examinemos.

Reuniu Deus para compôr a mulher—remate, corôa e epilogo da criação—a quinta essencia de tudo quanto derramára de melhor no paraizo, onde a collocou, e do qual, ainda depois de perdido, as descendentes de Eva ficariam avivando recordações. Quiz Elle, o Summo Factor, fundir-lhe o espirito brilhante e suave de um raio d'oiro do sol, e d'um raio prateado da lua. Deu-lhe a pureza da cecem, a alvura do lirio, o pudor e a graça da rosa, a modestia da violeta; accendeu-lhe no olhar brilho de estrellas; descerrou-lhe auroras de carmim e perolas no sorrir; para falla, concentrou todas as melodias, balbuciadas no frémito das virações, no murmurinho das fontes, e nos canticos das aves; modelou-lhe a estatura pela dos arbustos mais esbel-

tos e mimosos; arredondou-lhe as fórmas, que lembrassem os fructos mais gentis e apetecidos; diffundiu-lhe os cabellos como as ramas pendentes e movediças do salgueiro aquatico; impregnou-lh'os de electricidade; embebeu-os de um aroma que falla, revestiu-os de brilhantismo; tão esmerado e prodigo os dotou, que o oiro e as perolas, as pedrarias, os perfumes, as sedas e as flores, ambicionando realçál-os, recebessem d'elles novo preço.

Este ente, meio positivo, meio aereo, meio terrestre, meio ceo, que volteia por entre nós como anjo desterrado, saudoso, mas contente, tendo por falla um canto, a sujeição e a humildade por imperio; em que a fraqueza é graça, e a graça omnipotencia; cujo encargo é mais que eternisar a especie,—é intertecêl-a, domesticál-a, refinar-lhe o gosto, os instinctos do bello, os arrojos para o bom e para o sublime; a mulher em summa, fadada de alguma sorte a ser mãi e mestra, guia, arrimo, lampada, conselheira, prophetisa, esforçadora, modelo e premio, não só de seus filhos, mas de seus irmãos tambem, de seu consorte, de seu proprio pai, de todos que de perto ou de longe lhe podessem receber directas ou reflexas as influições; a mulher, a mulher—da qual, depois de tantos mil volumes de panegyrico, depois de uma idolatria universal de seis mil annos, ainda se não exhauriram os lou-

vores, nem jámais se hão de exhaurir—não seria á viceprovidencia, que devia ser, e que é, no meio da sociedade, se não possuisse este complexo inefavel de seducções para toda a especie de indoles, de espiritos, de gostos; um laço infallivel para cada sentido; um milagre para cada incredulidade; para cada infortunio, seu balsamo; para cada edade, seu ramalhete; sua estrella para cada noite; mão inesperada e macia para cada desamparo; para cada fronte que se despedaçaria ao cair, a almofada subita de um braço todo extremos, d'um seio todo suspiros, de um coração todo divindade.

Parece que está aqui o animo a nadar á sombra de uma sagrada Paphos num pego verde e azul, aureo e argentino, embalado pelos mais ridentes genios das ficções; e não está senão folheando, ebrio de gratidão, o Genesis ineffavel da creatura em quem mais evidentes se revelam as perfeições do Creador. O que pareceria um hymno, é, para quem o souber meditar, uma succinta e desinfeitada pagina de historia natural.

Ao homem grosseiro, pervertido, gasto, embrutecido, represente-se muito embora que a mulher, brotada para seus prazeres ephemeros, como as flores, não póde penetrar dentro em nós senão pelos olhos; feche-os, e escute: lá está ainda ella com a sua magia. Furte-lhe tambem os ouvidos, como

Ulysses ás sereias; não a destruiu; o calor, os abraços e os beijos, lhe revelarão completos os seus encantos. Não ouse ou não possa tocál-a; um halito, uma fragrancia subtil, que não é de flores, mas de vida,—que é mais que de vida, pois é do amor,—lhe dirá: aqui está o fructo para a tua avidez e para a tua sêde.

É porque a mulher, communhão perfeita do affecto, é toda para todos, e toda para cada um. Triumpha na luz, como numa aureola; enleva nos sons, como num cantico; insinua-se por cada sentido; enfiltra-se por cada póro; não ha porta na alma que se lhe não franqueie. É a chamma electrica para a qual não ha resistencia nem muralhas. Fugi-lhe; esquivae-vos; sumi-vos nas entranhas da terra; lá mesmo sereis d'ella; vel-a-heis sorrir-vos, aquecer o vosso jazigo, bafejar cubiças ao vosso coração, fazer do vosso nada um universo, reerguer-vos para o ceo, de que blasphemaveis.

Pelo que pertence em particular ao homem da nossa historia, eis aqui chãmente o que eu sei, e que não é muito.

Comprehendestes, cuido eu, como a grande Isis, a natureza, a qual para nenhum de vós se despe de todos seus veos, quiz ser ainda mais esquiva, mais recatada, mais avara para com elle, para com elle seu fervoroso adorador. Não se lhe furtou de

todo; não apagou entre si e elle o sol, como já fizera com o seu Homero; mas anuveou-lh'o como para a solemnidade de um misterio magico; e, mesclando trevas com luz, benigna e ainda mãi no seu rigor, lhe ensinou a adivinhal-a, a completar-lhe as lacunas das realidades com as phantasias, a estudar a um e um os seus pontos mais frisantes, e de inducção em inducção, de analogia em analogia, de probabilidade em probabilidade a recompol-a, ou a criál-a, não verdadeira nem falsa, chimera organisada de certezas, hipothetica nos accessorios, incontestavel no essencial; retrato seu, imperfeito, mas reconhecivel, mas formoso, mas sympathico, mas inspirativo, mas sufficiente e sobejo para idolatrias.

Qual a natureza lhe apparece e lhe poisa para modêlo diante da lira, tal lhe assoma diante do coração esta florída cifra da Mãi Universal, o archetypo das perfeições, a mulher.

Mancebo, que me has de ler curioso e condoído: conheces tu porventura aquella que te embelleza e te fascina? não te pergunto pelos arcanos do seu interior, que ella propria não decifra; fallo só do que só porventura te seduziu; fallo da sua fórma externa; fallo mesmo d'aquella porção exclusivamente que a arte não some em nuvens de tecidos preciosos, em auroras de mil cores, em espumas de rendas, em cas-

catas de oiro, de aljofares, de diamantes, cabos esplendido que sonega um mundo de gentilezas á attrair-te e a repulsar-te; fallo unicamente do semblante; do semblante que emerje livre, dominador e risonho, por cima de tamanha cerração de enigmas: vês tu em realidade esse rosto que te encara com tão seductora franqueza? que para ti se banha nu em ondas de luz sob os lustres e sob o sol? Pobre illudido! Se o vidro augmentativo t'o averiguasse, talvez recuarias de espanto! a tez mimosa e córada, a tez que ambicionavas beijar tão lisa e tão perfeita, reconhecêral-a vasto mappa de cavernas e montanhas, de torrentes mal cobertas, de espessuras, homizio e pastagens de viventes para quem mais que para ti foram fabricadas aquellas regiões incognitas. Com a apparição d'esse mundo de lindezas microscopicas, evocadas por um cristalsinho convexo, desappareceria a beldade que a natureza, benignamente enganadora, te inculcava; o que a tua sciencia ganhava, o enthusiasmo do teu amor o perdia sem remedio. Decomposta em mil fôrmosuras, aniquilára-se a formosura que só á providencial, á calculada imperfeição dos teus orgãos tinha devido a existencia.

Bemdita sempre e em tudo a bondade infinita do Creador! Que philosopho insensato se afoitaria a tomar-lhe contas para o censurar! Nem eu, nem eu

proprio, tenho que murmurar de ser menor que o d'outros muitos convivas o quinhão que o Pai da luz me concedeu no seu festim.

Cada qual vê a mulher pelo seu prisma, prismas todos differentes e todos illusorios. O meu, fundido de um cristal mais turvo, decifra-a, individua-a muito menos, é verdade; mas em compensação permitte-me á phantasia o completál-a com todos quantos primores sabe, que são infinitos.

Querereis dizer-me que são ficticios, que não são ella, esses primores? ficticios, embora o sejam na origem; mas tornam-se d'ella, são ella mesma perante a alma e o coração que lh'os prestaram; é a mulher sem senão, a mulher idealisada, a mulher só assim ascendida a grau de divindade, mulher exterior mais parecida porventura com o espirito gentilissimo que lhe mora dentro, que o bando de máscaras femininas, mais ou menos imperfeitas, que enxameiam por esse mundo á procura sempre de homenagens convictas e duradoiras.

Logo que eu, alchimista combinador e attento, senti uma voz suave em que outros distraidos co'o olhar não attentariam, e que me desceu do ouvido ao seio, destilo d'ella ao brando calor do sangue quanto succo ella continha de imaginação ou de juizo, de melancolia, de prazer, de bondade, de innocencia, de sentimento. O perfume que d'ali se exha-

la, já annuncia a deusa. Intervejo-a; branquejou-me o rosto, donde saíra tanta melodia e tanta alma. Doto-o, fado-o, opulento-o como pudéra fazer o Oberon mais carinhoso, ou a Titania mais amante. O phantasma, já meio filho da minha adopção, passa por diante e perto de mim; reconheço-lhe, ou attribuo-lhe, como Virgilio á Divina Mãi de Enêas, a estatura, o movimento, o andar, que para ser adorada se lhe não dispensa:

Et vera incessu patuit dea.....

e não accrescento, porque o não penso:

.....tu quoque falsis
Ludis imaginibus.....

Beldade assim composta não é só perfeita,—é inaccessivel aos estragos do tempo, é rosa que poderá morrer, mas não murcha, não desmaia, não se desfolha; quando por fatalidade desapparece, desapparece toda de uma vez.

O commum das mulheres produz o commum dos amores: fogos-fatuos fluctuantes, frouxos, passageiros; para a minha, arde o fogo de Vesta.

A par d'esta vantagem, que sem duvida o é para

a poesia namorada, um terrivel desconto se apresenta logo:

Os olhos fazem mais que descortinar a formosura: dizem aos d'ella o effeito que ella produziu; supplicam, exhoram, convencem, triumpham; possuem uma linguagem innata e universal, instantanea e completa, electrica, divina, intraduzivel em sons humanos. Carecer d'esta inefavel faculdade, gozando-se embora da luz para desfructar e amar a vida, é vagar surdo-mudo pelo crepusculo numa região verde e florída, sem tratar com os moradores.

Grande e horrorosa verdade! Mas outra vez acudiu aqui maternal a Providencia. Assim como outorgára á phantasia uma intuição especial, concedeu á linguagem da poesia, encarregada de supprir a do olhar, um accrescimo de viveza, uma força de convicção e de sentimento, de lealdade, que podesse aspirar a persuadir.

Os olhos commerceiam o amor, como opulentos, em moedas do mais fino oiro, ou em lettras que as sommam e as cifram num relance. A falla, embora poetica, mais pobre e mais humilde, vai contando os pagamentos do coração a real e real, em cobres gastos do uso, em pratas suspeitas de liga e falso cunho; moedas de baixo preço, que mil vezes se lhe recusam; mas afinal tambem salda a sua conta.

Não me afoito a dizer, nem quasi a pensar, que a diminuição do primeiro sentido fosse cabalmente compensada com um accrescimo proporcional na faculdade de exprimir pela palavra o sentimento; creio todavia que alguma coisa com isso parecida se deu em realidade, com o que já póde ser que o peculio poetico se augmentaria; nova e suprema prova do que assentáramos como fundamento no principio d'este escripto, a saber:—Que a natureza e a fortuna andaram concertadas em preparar por todos os meios, com os favores e com as sevicias, um cantor, embora inutil para tudo mais.

Sobre o livro e sua historia, nada me resta para accrescentar; narrei tudo como o tinha na lembrança; forcejei pelo explicar sem vaidade nem modestia. É um pobre escripto, que as almas de bem hão de tomar á boa parte. Presumpções litterarias, não as tem. Quem, obedecendo a instinctos maus, exercesse nelle critica malevola, e até por facilima não muito nobre, juro-lhe eu sobre minha honra e vida que perpetraria uma feia acção. Deixem aos chacaes o revolverem sepulturas, e cevarem-se em ossos.

Sei que ha indoles hostis que ao tomarem um livro novo, levam já o fito em dilacerál-o; e a essas por demais seria o requerer-lhes misericordia.

Permittam-me comtudo rogar-lhes que esperem

para entrarem na censura d'este, que o autor haja tambem desapparecido como o assumpto da obra. No intervallo, que não poderá já ser muito longo, aggridam, vulnerem, destruam muito embora qualquer outro dos seus escriptos, e todos; não lhes exceptua nem um só, a não ser o livrinho do ensino primario pelo amor, por que esse não é d'elle; é propriedade inauferivel da puericia, da patria e da posteridade.

A collecção de mais de setecentas cartas, de que saiu como summario a *Chave do Enigma*, existia completa ha poucos momentos ainda; daria tres volumes que poderiam interessar, senão como historia, como romance íntimo certamente; ardeu até ao minimo fragmento, ali, debaixo das arvores do meu jardim; eu proprio lhe puz o fogo, velei a pira em quanto se não extinguiu, enterrei as cinzas; davam na torre do Palacio das Necessidades as quatro da tarde d'este dia 25 d'agosto de 1862.

As razões que me induziram a este sacrificio, rastreiam-nas todos; o que nelle soffri, tambem o calo, que não importa a pessoa alguma.

A pedra que o ha de ficar commemorando, e que

algum poeta ou alguma poetisa lá para o futuro em estio ou outono de amores folgará porventura de visitar com este livrinho na mão, dir-lhe-ha isto:

AQUI JAZEM AS CINZAS
DA CORRESPONDENCIA
DE
D. M. I. DE BAENNA
COIMBRA PORTUGAL
E
A. F. DE CASTILHO
QUEIMADA NESTE MESMO LOGAR
AOS 25 DE AGOSTO
DE 1862.

Mais uma ou duas paginas para responder já agora ás ultimas curiosidades.

A 29 de novembro de 1834, na parochial Igreja do Salvador do Mosteiro de Vairão, recebia eu em-

fim por minha legitima esposa a D. Maria Isabel de Baenna Coimbra Portugal. O orgão cantava não sei que jubilos tristes; as religiosas choravam a perda da sua mais espirituosa, mais suave, e mais amavel companheira de tantos annos. A mão d'ella, tremia na minha; o alvoroço do seu interior, exhalava-se baixinho em monosyllabos humidos de lagrimas; eu padecia e gozava como homem que ia fugir com um thesoiro furtado. A boa D. Anna Lucinda não podéra assistir á ceremonia; tanto a desejára em quanto só a vira no futuro! e agora... desamparavam-na as forças para a encarar; jazia doente na sua cella deserta. Maria tomou-o por agoiro. Nunca ceo sem nuvem sobre alegrias humanas!

Dois annos, pouco mais, durou a nossa união sempre harmoniosa e íntima; sempre tal, qual m'a haviam promettido os meus devaneios poeticos tão ambiciosos.

Ao longo d'esse breve praso, de que nunca me poderei esquecer, foi sempre Maria a melhor metade da minha alma; os olhos e voz para a minha leitura; a mão para a minha escripta; a inspiradora para os meus versos; a conselheira nas minhas incertezas; a vestal para o fogo das minhas pequenas ambições; a socia, a luz, a explicação dos meus passeios; o calor, a fragrancia e a musica da minha poisada; um encherto da arvore da vida no

meu teixo; o eco do meu coração; o meu estro fóra de mim a mostrar-se-me, a abraçar-me, a não me perder hora nem minuto de dia nem de noite; ella, ufana de mim como de uma gloria; eu, d'ella encantado como de uma felicidade.

Filhos são nós que apertam os vinculos naturaes entre o homem e a mulher. Teve o ceo por superfluo dar-nos filhos; estreitar-nos mais era impossivel. Grande misericordia foi aquella! a pobre assim, levou para o Ceo uma saudade unica.

Uma enfermidade longa, durante a qual a sensibilidade de Maria, como clarão da lampada que se quer extinguir, me pareceu ainda mais viva, a pouco e pouco a arrastou até á borda dos desenganos, desenganos para ella e para todos; para mim não, que, por instincto de vida, repulso constantemente, e até á ultima, o crer na desgraça, o admittir-lhe mesmo a possibilidade.

Num dos dias de janeiro do anno de 1837 (os que hoje contam menos de vinte e cinco annos não eram ainda nascidos) Lisboa toda branquejava amortalhada em neve profundamente (as memorias meteorologicas poderão dizer a quantos foi; eu esqueci-o, ou nunca o soube) sei que nem os velhos se lembravam de ter jámais visto por aqui espectaculo assim alpestre; nem de então para cá se renovou. Era um dia pallido e lugubre, que gelava o cora-

ção e as esperanças, — um d'aquelles dias, não sei se amigos se adversos, não sei se verdadeiros se mentirosos, mas bons para se fecharem os olhos e se expirar com mais desapego da terra.

O quarto da resignada e valorosa victima, que repartia, sorrindo, esperanças que ella mesma para si já não queria, tinha a janella fechada ás tristezas de fóra; as do interior lhe sobejavam; uma lamparina aos pés da imagem em vulto da *Senhora Mãi dos Homens*, — madrinha de Maria, e objecto da sua devoção de toda a vida, — attraía, como um reflexo precursor da luz perpetua, a vista perturbada da paciente indo e vindo da imagem, que parecia chamál-a, para o amante, que, recostada a fronte sobre o seu travesseiro, e apertando-lhe a mão, lhe supplicava mudamente o não deixasse.

Reconcentrou emfim, por um supremo esfôrço feminil, os remanescentes do seu vigor exhausto; e mandando chamar meu irmão, que na proxima sala chorava por ambos nós, nos disse: que sentia já a sua existencia na vasante, e era tempo de aparelhar a alma para as bodas eternas; em quanto lhe restava entendimento e falla, queria dirigir a cada um de nós um rogo que de proposito reservára para aquelle momento em que nada se recusa.

Cada um jurou cumpril-o, fosse qual fosse. «Tenho pena de ti, meu pobre poeta — proseguiu ella

apoz alguns momentos de concentração — sei que deixo um grande vasio na tua vida. Se Anna Lucinda não fosse freira, essa conhecia-te como eu, amava-te quasi tanto como eu; podia continuar como tua esposa a obra da tua felicitação, que eu deixo incompleta. Se jamais a ventura te deparar outra mulher de alma, e capaz de comprehender a tua, instruida, amante, superior ao vulgo dos espiritos, apta emfim para te servir e consolar, offerece-lhe o logar que eu deixo ermo nos teus destinos; eu mesma abençoarei lá de cima a vossa união.»

Vim a cumprir-lhe o seu desejo testamentario; ella desempenhou-se da promessa.

Então, voltando-se para o nosso querido irmão, e depois de lhe agradecer todas as melindrosas manifestações de affecto, que tantos annos havia nos liberalisára sem cançaço nem quebra, lhe supplicou, doce e graciosa como um anjo, cujas azas de prata já começavam a despontar, lhe outorgasse emfim a casinha candida com que tantas vezes lhe fizera sonhar; agora para a erigir bastava uma só pedra; que lhe puzesse uma inscripção, na qual ao nome d'ella se ajuntasse o dos seus tres poetas: o meu, e o dos seus gloriosos parentes — Ferreira e Tolentino.

A bella alma partiu.

No cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres o tumúlo N.º 48, convisinho á ermida da Virgem, deixa ler este epitaphio:

MONUMENTO
DE PERPETUA SAUDADE,
CONSAGRADO POR
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO
A
SUA MULHER
D. MARIA IZABEL DE BAÊNA
COIMBRA PORTUGAL,
DIGNA SOBRINHA DE
NICOLÁO TOLENTINO DE ALMEIDA,
E
DESCENDENTE DO ANTIGO
POETA ANTONIO FERREIRA.
NASCÊO NO PORTO A 2 DE JULHO
DE
1796
E FALLECÊO EM LISBOA A 1 DE FEVEREIRO
DE
1837.

CAZ TILHO

INDICE

Advertencia da primeira edição..... 7
Carta a *** reproduzida da primeira edição.... 9
Advertencia d'esta nova edição..... 13

PARTE PRIMEIRA

Introducção—A musa melancolica..... 19
A visão..... 24
A visita imaginaria..... 31
A imaginação e a razão..... 36
O pensamento temerario..... 41
A sésta..... 45
A rega dos pomares..... 47
A noite do cemiterio..... 52
Desejo inutil..... 64
Convite para a felicidade..... 66
O amor perfeito..... 70

O barquinho do lago encantado 73
A mascarada..... 84
A ermitagem da montanha..... 90
O S. João 97
As duas palmeiras 104
Uma noite do estio..... 112

PARTE SEGUNDA

O travesseiro..... 123
O sobresalto 131
A feiticeira..... 137
O berço e o punhal 139
As ruinas do mosteiro..... 147
Tentativa Anacreontica..... 165
O suicidio..... 168
A esperança 172

PARTE COMPLEMENTAR

A chave do enigma 177

EMENDA

DE ALGUNS ERROS PRINCIPAES

Pag.	Lin.	Erro	Emenda
27	1	c'o	co'o
60	16	mestes	neste
63	16	noite	noites
66	11	esp'erança	esp'rança
79	15	que as goza	que os goza
131	3	fizestes	fizeste
137	14	offerendas	offrendas
142	19	deserto	desertos
143	16	passa	passe
156	28	e terna	terna
160	5	ooro	côro
167	6	minha'alma	minh'alma
180	1	sr	só
183	13	distinctivas	distinctas
183	14	encandeiaram	encadeiaram
186	17	descedenta	dessedenta

Pag.	Lin.	Erro	Emenda
187	19	segura	seguro
191	8	tiranteada	pranteada
191	26	domno	dono
209	14	eu	ou
210	25	cultivoserio	cultivo serio
231	2	detendo-vos	detende-ves
260	23	prescruta	perscruta
252	1	os	aos
272	24	fogaz	fugaz
319	23	lia	ha
324	13	(quena da	que nada
359	27	terreno	terreiro

Pag.	Lin.	Erro	Emenda
187	19	segura	seguro
191	8	tiranteada	pranteada
191	26	domno	dono
209	14	eu	ou
210	25	cultivoserio	cultivo serio
231	2	detendo-vos	detende-vos
260	23	prescruta	perscruta
252	1	os	aos
272	24	fogaz	fugaz
319	23	lia	ha
324	13	(quena da	que nada
359	27	terreno	terreiro